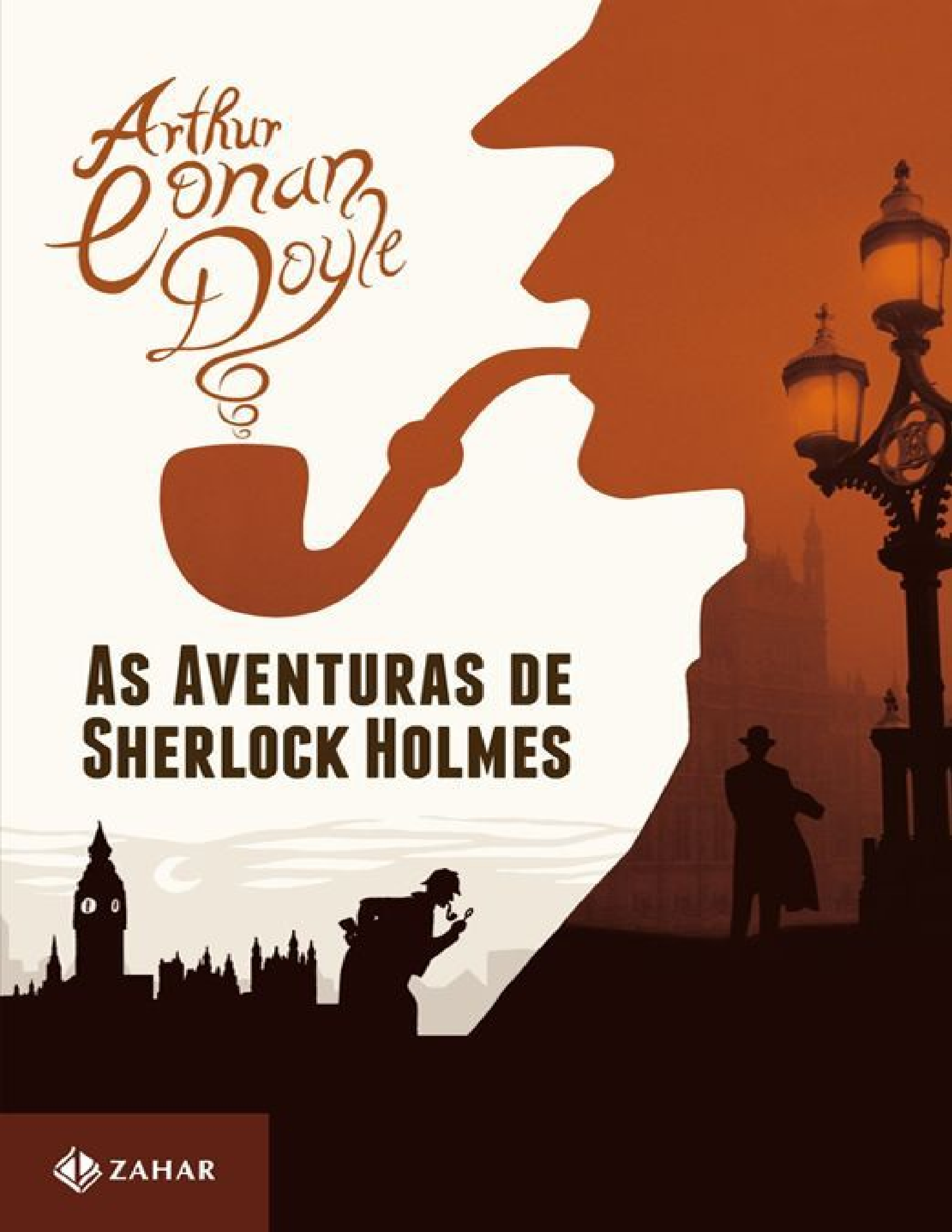
Arthur Conan Doyle

As Aventuras de Sherlock Holmes



ZAHAR

Arthur Conan Doyle

AS AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges



SUMÁRIO

Escândalo na Boêmia
A Liga dos Cabeças Vermelhas
Um Caso de Identidade
O Mistério do Vale Boscombe
As Cinco Sementes de Laranja
O Homem da Boca Torta
O Carbúnculo Azul
A Banda Malhada
O Polegar do Engenheiro
O Nobre Solteirão
O Diadema de Berilos
As Faias Acobreadas

Fonte
Sobre o autor

ESCÂNDALO NA BOÊMIA

· I ·

PARA SHERLOCK HOLMES, ela é sempre *a* mulher. Raras vezes o ouvi mencioná-la sob qualquer outro nome. A seus olhos, ela eclipsa e domina todo o sexo feminino. Não que ele sentisse por Irene Adler qualquer emoção do gênero do amor. Todas as emoções, e essa em particular, eram detestáveis à sua mente fria, precisa, mas admiravelmente equilibrada. Ele era, na minha opinião, a mais perfeita e observadora máquina de raciocinar que o mundo já viu; como amante, porém, teria metido os pés pelas mãos. Nunca falou das paixões mais ternas senão com certa zombaria e um sorriso de desdém. Esses sentimentos eram admiráveis para o observador — excelentes para revelar os motivos e as ações dos homens. Para o homem de raciocínio treinado, porém, admitir tais interferências em seu temperamento sensível, sutilmente equilibrado, era introduzir um fator de perturbação capaz de abalar todos os seus julgamentos. Areia num instrumento sensível, ou uma rachadura em suas potentes lupas, não causaria mais estorvo que uma emoção forte numa natureza como a sua. Apesar de tudo, para ele só existia uma mulher, e essa mulher era a falecida Irene Adler, de duvidosa e questionável memória.

Nos últimos tempos eu pouco vira Holmes. Meu casamento nos afastara. Minha felicidade completa e os interesses domésticos que envolvem o homem que pela primeira vez se vê senhor de sua casa eram suficientes para absorver toda a minha atenção. Enquanto isso, Holmes, que detestava toda forma de sociedade, com sua alma inteiramente boêmia, continuava lá, em nossos aposentos em Baker Street, enterrado entre seus livros antigos, e alternando, semana a semana, a cocaína com a ambição, o torpor da droga com a energia impetuosa de sua personalidade intensa. Continuava, como sempre, profundamente atraído pelo estudo do crime e dedicava suas portentosas faculdades e seus extraordinários poderes de observação a seguir

pistas e desvendar mistérios abandonados como insolúveis pela polícia oficial. Vez por outra chegavam-me notícias vagas de seus feitos: do chamado que recebera para ir a Odessa no caso do assassinato de Trepoff, da solução que dera à singular tragédia dos irmãos Atkinson em Trincomalee e, por fim, da missão que levara a cabo de maneira tão delicada e bem-sucedida para a família reinante da Holanda. Mas, além dessas vagas notícias de sua atividade, que eu simplesmente partilhava com todos os leitores da imprensa diária, eu pouco sabia do meu velho amigo e companheiro.

Uma noite — foi no dia 20 de março de 1888 —, eu voltava de uma visita a um paciente (pois nessa altura já voltara a praticar a medicina privada), quando meu caminho me levou a percorrer Baker Street. Ao passar pela porta de que me lembrava tão bem, e que estará para sempre associada em minha mente à época de meu namoro e aos lúgubres incidentes do *Um estudo em vermelho*, fui tomado por um intenso desejo de rever Holmes e saber como andava empregando seus extraordinários poderes. Seus aposentos estavam iluminados, e, ao olhar para cima, cheguei a ver sua figura alta, esguia, passar duas vezes numa silhueta escura contra a cortina. Ele andava de um lado para outro da sala, rápida e ansiosamente, a cabeça caída sobre o peito, as mãos cerradas às costas. Para mim, que conhecia todos os seus hábitos e suas disposições de ânimo, aquela atitude e maneira falavam por si mesmas. Ele voltara a trabalhar. Despertara de seus sonhos induzidos pela droga e farejava algum problema novo. Toquei a campainha e fui levado à sala que outrora fora em parte minha.

Suas maneiras não foram efusivas. Raramente eram, mas acho que ele ficou satisfeito em me ver. Sem dizer praticamente palavra, mas com um olhar afável, apontou-me uma poltrona, jogou-me sua caixa de charutos e indicou o *spirit case* e o sifão num canto. Em seguida postou-se diante da lareira e examinou-me meticulosamente, à sua singular maneira introspectiva.

“A vida conjugal lhe faz bem”, observou. “Acredito, Watson, que você ganhou uns três quilos e meio desde que o vi pela última vez.”

“Três”, respondi.

“Realmente, eu devia ter pensado um pouco mais. Só um pouquinho mais, acho eu, Watson. E pelo que observo, voltou a clinicar. Não me contou que pretendia voltar ao trabalho.”

“Então como sabe?”

“Vejo, deduzo isso. Como sei que você tem se molhado muito

ultimamente e que tem uma criada das mais ineptas e desleixadas?”

“Meu caro Holmes”, exclamei, “isto é demais. Não tenho dúvida de que você teria ido parar na fogueira se tivesse vivido alguns séculos atrás. É verdade que andei pelo campo quinta-feira e voltei imundo para casa. Mas, como troquei de roupa, não posso atinar como deduziu isso. Quanto a Mary Jane, ela é incorrigível e minha mulher já a despediu. Mas também nesse caso não entendo como descobriu.”

Ele riu de si para si, esfregando as mãos longas e nervosas:

“É a própria simplicidade. Meus olhos me dizem que no lado interno do seu sapato esquerdo, exatamente onde a luz do fogo incide, o couro está riscado por seis cortes quase paralelos. Obviamente foram causados por alguém que, com muito desleixo, raspou as bordas das solas para remover lama seca. Daí, como vê, minha dupla dedução de que você andara por aí sob um temporal dos diabos e tinha em casa um espécime particularmente incapaz de borra-botas da criadagem londrina. Quanto à clínica, se um cavalheiro entra pela minha sala adentro cheirando a iodofórmio, com uma mancha preta de nitrato de prata no indicador da mão direita e uma protuberância de um lado da cartola para mostrar onde escondeu o estetoscópio, eu teria de ser realmente um palerma se não o identificasse como um membro ativo da profissão médica.”

Não pude deixar de rir da facilidade com que explicava seu método de dedução. “Quando o ouço expor suas razões”, observei, “a coisa sempre me parece tão ridiculamente simples que tenho a impressão de que eu próprio seria capaz de fazer o mesmo; mas o fato é que, a cada raciocínio seu, fico perplexo até você explicar seu procedimento. Apesar disso, acho que tenho olhos tão bons quanto os seus.”

“Naturalmente”, respondeu, acendendo um cigarro e jogando-se numa poltrona. “Você vê, mas não observa. A distinção é clara. Por exemplo, você viu muitas vezes os degraus que trazem do vestíbulo a esta sala.”

“Muitas.”

“Quantas?”

“Ora, algumas centenas de vezes.”

“Então quantos degraus são?”

“Quantos? Não sei.”

“É claro! Você não observou. Apesar de ter visto. Este é o xis da

questão. Pois bem, eu sei que há dezessete degraus porque tanto vi quanto observei. A propósito, já que se interessa por esses probleminhas, e já que teve a gentileza de ser o cronista de uma ou duas de minhas insignificantes experiências, talvez se interesse por isto."

Jogou-me uma folha de papel de carta espessa, rosada, que estava aberta sobre a mesa. "Chegou pelo último correio", disse. "Leia em voz alta."

O bilhete não era datado, não tinha assinatura nem endereço.

> Hoje à noite, às quinze para as oito [dizia], irá à sua casa um cavalheiro que deseja consultá-lo sobre assunto da mais profunda importância. Os recentes serviços que o senhor prestou a uma das Casas Reais da Europa mostraram que é uma pessoa a quem se podem confiar matérias cuja relevância dificilmente poderia ser exagerada. Esta avaliação do senhor de várias fontes recebemos. Esteja portanto em seus aposentos àquela hora e não leve a mal caso seu visitante esteja usando uma máscara.

"É mesmo um mistério", observei. "Que imagina que significa?"

"Por ora não tenho nenhum dado. É um erro capital teorizar antes de ter dados. Insensivelmente, começa-se a distorcer fatos para ajustá-los a teorias, em vez de teorias para que se ajustem a fatos. Mas e o bilhete? Que deduz dele?"

Examinei cuidadosamente a letra e o papel em que estava escrito.

"O homem que a escreveu é presumivelmente abastado", comentei, esforçando-me por imitar os métodos de meu companheiro. "Um papel como este não pode ter custado menos de meia coroa o maço. É peculiarmente forte e encorpado."

"Peculiar… é a palavra exata", observou Holmes. "Não se trata em absoluto de um papel inglês. Segure-o contra a luz."

Obedecendo, vi um *E* grande com um *g* pequeno, um *P*, e um *G* grande com um *t* pequeno filigranados no papel.

"Isso lhe diz alguma coisa?" perguntou Holmes.

"O nome do fabricante, sem dúvida; ou, quem sabe, seu monograma."

"Nada disso. O *G* com o *t* pequeno significam '*Gesellschaft'*, a palavra alemã para 'Companhia'. É uma abreviatura usual, como o nosso 'Cia.'. O *P*, é claro, significa '*Papier'*. Resta o *Eg.* Vejamos o que diz nosso *Continental Gazetteer*." Tirou da estante um pesado volume marrom. "Eglow, Eglonitz…

achei, Egria. É uma região de língua alemã… na Boêmia, perto de Carlsbad. ‘Notável por ter sido o local da morte de Wallenstein e por suas muitas fábricas de vidro e de papel.’ Ha, ha, meu amigo, que lhe parece?” Com os olhos faiscando, exalou uma grande e triunfante nuvem azul de fumaça.

“O papel foi fabricado na Boêmia”, disse eu.

“Precisamente. E o homem que escreveu a carta é um alemão. Você notou a construção de frase peculiar: ‘Esta avaliação do senhor de várias fontes recebemos’? Um francês ou um russo não poderia ter escrito isso. É o alemão que é assim tão descortês com seus verbos. Resta apenas, portanto, descobrir que deseja esse alemão que escreve em papel boêmio e prefere usar uma máscara a mostrar o rosto. E, se não me engano, aí vem ele para desfazer todas as nossas dúvidas.”

Enquanto Holmes falava, ouviram o som vibrante de cascos de cavalo e o ruído de rodas raspando contra o meio-fio, seguidos por vigoroso puxão na campainha. Holmes deu um assobio.

“Uma parelha, pelo som”, disse. “Sim”, continuou, olhando pela janela. “Um elegante *brougham* e duas belezas de cavalos. Cento e cinquenta guinéus por cabeça. Há dinheiro neste caso, Watson, se não houver mais nada.”

“É melhor eu ir andando, Holmes.”

“Nada disso, doutor. Fique onde está. Sinto-me perdido sem meu Boswell. E isto promete ser interessante. Seria pena que perdesse.”

“Mas seu cliente…”

“Não se preocupe com ele. Posso querer sua ajuda, e ele também. Está chegando. Sente-se naquela poltrona, doutor, e dê-nos o melhor de sua atenção.”

Um passo lento e pesado, que se fizera ouvir na escada e no corredor, estancou rente à porta. Seguiu-se uma batida forte e autoritária.

“Entre!” disse Holmes.

Entrou um homem que dificilmente teria menos de um metro e 97 de altura, com o peito e os braços de um Hércules. Suas roupas eram luxuosas, de um luxo que, na Inglaterra, seria visto como beirando o mau gosto. Grossas faixas de astracã enfeitavam as mangas e as lapelas do seu jaquetão, e o manto azul-escuro que trazia jogado sobre os ombros era forrado de seda cor de fogo e preso ao pescoço com um broche feito de um único e

flamejante berilo. Botas que lhe chegavam à metade das panturrilhas, e cujos canos eram arrematados com espessa pele marrom, completavam a impressão de opulência bárbara que toda a sua aparência sugeria. Segurava um chapéu da abas largas e trazia na parte superior do rosto, descendo até abaixo das maçãs, uma máscara negra; parecia ter acabado de ajustá-la, pois a mão ainda estava erguida quando entrou. A julgar pela parte inferior do rosto, era um homem de caráter forte; o lábio inferior era grosso e caído e o queixo longo e reto sugeria mais que determinação, teimosia mesmo.

"Recebeu minha carta?" perguntou numa voz grave e áspera, com carregado sotaque alemão. "Eu lhe comuniquei que viria." Seu olhar passeava de um para outro de nós, como se não soubesse ao certo a quem se dirigir.

"Por favor, sente-se", disse Holmes. "Este é o meu amigo e colega Dr. Watson, que ocasionalmente tem a bondade de me ajudar em meus casos. Com quem tenho a honra de falar?"



"Entrou um homem."
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

"Pode me chamar de conde von Kramm, um nobre da Boêmia. Suponho

que este cavalheiro, seu amigo, é homem honrado e discreto, a quem posso confiar uma questão da mais extrema importância. Do contrário, preferiria conversar a sós com o senhor."

Levantei-me para sair, mas Holmes agarrou-me pelo pulso e empurrou-me de volta na minha poltrona. "Nós dois ou ninguém", disse. "Pode dizer diante deste cavalheiro tudo que tem a me dizer."

O conde sacudiu os ombros largos. "Nesse caso", disse, "devo começar pedindo a ambos sigilo absoluto durante dois anos; ao fim desse prazo o assunto terá perdido a importância. No momento, não é exagero dizer que ele é de tal gravidade que pode ter influência sobre a história europeia."

"Prometo", disse Holmes.

"Eu também."

"Desculpem esta máscara", continuou o nosso estranho visitante. "A augusta pessoa que represento deseja que não saibam quem é seu agente, e posso confessar desde logo que o título que há pouco me atribuí não é exatamente meu."

"Eu sabia", atalhou Holmes secamente.

"As circunstâncias são de extrema delicadeza, e é preciso tomar todas as precauções para abafar o que poderia assumir as proporções de um imenso escândalo e comprometer gravemente uma das famílias reinantes da Europa. Para falar sem rodeios, a questão envolve a grande Casa de Ormstein, reis hereditários da Boêmia."

"Sabia disso também", murmurou Holmes, refestelando-se em sua poltrona e fechando os olhos.

Nosso visitante lançou um olhar em que havia uma clara ponta de surpresa para a figura lânguida e relaxada do homem que por certo lhe fora descrito como o detetive de raciocínio mais incisivo e de maior energia da Europa. Holmes reabriu lentamente os olhos e fitou com impaciência seu gigantesco cliente.

"Se Vossa Majestade condescendesse em expor o seu caso", observou, "eu estaria mais apto a aconselhá-lo."

O homem deu um pulo da cadeira e passou a andar de um lado para outro da sala em incontrolável agitação. Depois, com um gesto de desespero, arrancou a máscara do rosto e jogou-a no chão. "Está certo", exclamou. "Eu sou o rei. Por que haveria de tentar esconder isso?"

“De fato, por quê?” murmurou Holmes. “Antes que Vossa Majestade abrisse a boca eu já sabia que estava falando com Wilhelm Gottsreich Sigismond von Ormstein, grão-duque de Cassel-Felstein e rei hereditário da Boêmia.”

“O senhor pode entender”, disse nosso estranho visitante, voltando a se sentar e passando a mão pela fronte alta e branca, “pode entender que não estou acostumado a tratar de assuntos como este pessoalmente. Mas a questão era tão delicada que eu não podia confiá-la a nenhum agente sem me pôr nas mãos dele. Vim incógnito de Praga com o objetivo de consultá-lo.”

“Então, por favor, consulte-me”, disse Holmes, voltando a cerrar os olhos.

“Em resumo, os fatos são estes: há cinco anos, durante uma longa visita a Varsóvia, conheci a famosa aventureira Irene Adler. O nome certamente lhe é familiar.”

“Por favor, procure-a no meu índice, doutor”, murmurou Holmes sem abrir os olhos. Ele adotara, havia muitos anos, um sistema de fichar notícias e informações sobre pessoas e coisas, de tal modo que era difícil mencionar um assunto ou alguém sobre o qual não pudesse dispor de informação imediata. Nesse caso, encontrei a biografia desejada espremida entre a de um rabino e a de um chefe de estado-maior que escrevera uma monografia sobre peixes de águas profundas.

“Vejamos”, disse Holmes. “Hum! Nasceu em Nova Jersey no ano de 1858. Contralto… hum! La Scala, hum! Prima-dona da Ópera Imperial de Varsóvia… Sim! Abandonou o palco operístico. Ah! Mora em Londres… é claro! Pelo que percebo, Vossa Majestade envolveu-se com essa jovem, escreveu-lhe algumas cartas comprometedoras e agora deseja reavê-las.”

“Exatamente isso. Mas como…”

“Houve um casamento secreto?”

“Em absoluto.”

“Papéis ou certidões legais?”

“Em absoluto.”

“Então não o entendo, Majestade. Se essa jovem viesse a mostrar suas cartas para fins de chantagem ou outros, como poderia provar a autenticidade delas?”

“Há a caligrafia.”

“Ora! Falsificada.”

“Meu papel de cartas privado.”

“Roubado.”

“Meu próprio sinete.”

“Imitado.”

“Minha fotografia.”

“Comprada.”

“Estamos os dois no retrato.”

“Ah não! Isso é muito ruim! Vossa Majestade realmente cometeu uma indiscrição.”

“Eu estava louco… insano.”

“Comprometeu-se gravemente.”

“Na época eu era apenas príncipe herdeiro. Era jovem. Tenho só trinta anos agora.”

“É preciso recuperá-la.”

“Tentamos e fracassamos.”

“Vossa Majestade tem de pagar. É preciso comprá-la.”

“Ela não a venderá.”

“Então é preciso roubá-la.”

“Foram feitas cinco tentativas. Ladrões a meu soldo vasculharam a casa dela duas vezes. Desviamos a sua bagagem quando ela viajava uma vez. Foi assaltada duas vezes. Tudo em vão.” “Nem sinal da fotografia?”

“Absolutamente nenhum.”

“É um probleminha atraente”, comentou Holmes, rindo.

“Mas muito sério para mim”, retrucou o rei em tom de censura.

“Muito, realmente. E que pretende ela fazer com a fotografia?”

“Arruinar-me.”

“Mas como?”

“Vou me casar em breve.”

“Foi o que ouvi dizer.”

“Com Clotilde Lothman von Saxe-Meningen, segunda filha do rei da Escandinávia. Talvez conheça os princípios rigorosos dessa família. Ela mesma é a delicadeza em pessoa. Uma sombra de dúvida com relação à

minha conduta poderia representar o fim de tudo.”

“E Irene Adler?”

“Ameaça mandar-lhes a fotografia. E o fará. Sei que o fará. O senhor não a conhece, mas sua têmpera é de aço. Tem o rosto da mais bela das mulheres e a mente do mais resoluto dos homens. Para que eu não me case com outra mulher, seria capaz de tudo… de tudo.”

“Tem certeza de que ela ainda não mandou o retrato?”

“Absoluta.”

“Por quê?”

“Porque disse que o mandaria no dia em que o noivado fosse anunciado publicamente. Isso acontecerá na próxima segunda-feira.”

“Ah, então ainda temos três dias”, disse Holmes, com um bocejo. “É uma sorte, porque no momento tenho um ou dois problemas importantes para examinar. Vossa Majestade ficará em Londres estes dias, não é?”

“É claro. O senhor me encontrará no Langham, sob o nome de conde von Kramm.”

“Então lhe escreverei, mantendo-o a par de nossos progressos.”

“Por favor. Aguardarei ansioso.”

“Bem, e quanto a dinheiro?”

“Tem carta branca.”

“Totalmente?”

“Ouça, eu daria uma província do meu reino para ter aquela fotografia de volta.”

“E para despesas correntes?”

O rei tirou um pesado saco de camurça de sob o manto e depositou-o sobre a mesa.

“Aqui há trezentas libras em ouro e setecentas em dinheiro.”

Holmes rabiscou um recibo numa folha de sua agenda e entregou-o ao rei.

“E o endereço de *Mademoiselle*?”

“É Briony Lodge, Serpentine Avenue, St. John’s Wood.”

Holmes anotou-o. “Mais uma pergunta”, disse. “Era uma fotografia de bom tamanho?”

“Era.”

“Então, boa noite, Majestade. Acredito que logo teremos boas notícias para lhe dar. E boa noite, Watson”, acrescentou, quando as rodas do *brougham* real se afastaram rua abaixo. “Se puder me fazer o favor de vir aqui amanhã à tarde, às três horas, gostaria de conversar com você sobre este probleminha.”

· II ·

ÀS TRÊS HORAS EM PONTO eu estava em Baker Street, mas Holmes ainda não voltara. A senhoria informou-me de que ele saíra pouco depois das oito da manhã. Sentei-me junto à lareira, com a intenção de esperá-lo, por mais que demorasse. Já estava profundamente interessado naquela investigação, pois, embora ela não estivesse cercada por nenhuma das soturnas e estranhas características associadas aos dois crimes que narrei em outro lugar, a natureza do caso e a elevada posição do cliente conferiam-lhe um caráter peculiar. Na verdade, qualquer que fosse a natureza da investigação que meu amigo empreendia, havia, na mestria com que dominava a situação e em seu raciocínio aguçado, incisivo, algo que tornava um prazer para mim estudar seu sistema de trabalho e acompanhar os métodos rápidos, sutis, com que desvendava os mais inextricáveis mistérios. Eu estava tão acostumado a seu invariável sucesso que a possibilidade de ele vir a fracassar nem me passava mais pela cabeça.

Já eram quase quatro horas quando a porta se abriu e um cavalariço mal-ajambrado, despenteado, com suíças, o rosto afogueado e aparentemente bêbado entrou na sala. Apesar de habituado ao assombroso talento de meu amigo no uso de disfarces, precisei olhar três vezes antes de ter certeza de que era realmente ele. Com um aceno de cabeça, desapareceu no quarto, de onde voltou em cinco minutos metido num terno de *tweed* e respeitável como nos velhos tempos. Enfiando as mãos nos bolsos, esticou as pernas compridas diante do fogo e riu às bandeiras despregadas durante alguns minutos.

“Ora, realmente!” exclamou, engasgando-se em seguida; e caiu de novo no riso até que foi obrigado a se recostar na poltrona, bambo e exausto.

“Que foi?”

“É engraçado demais. Tenho certeza de que você nunca conseguiria

adivinhar como passei a manhã, ou o que acabei fazendo.”

“Não faço a menor ideia. Suponho que andou observando os hábitos, e talvez a casa, de Miss Irene Adler.”

“É claro, mas a consequência foi das mais insólitas. Vou lhe contar. Saí um pouco depois das oito horas esta manhã, vestido de cavalariço desempregado. Há uma maravilhosa solidariedade e espírito de corpo entre tratadores de cavalos. Se você for um deles, ficará sabendo de tudo que há para saber. Encontrei logo Briony Lodge. É uma casa *bijou*, com um terreno nos fundos, mas construída junto à rua, e de dois andares. Fechadura Chubb na porta. Ampla sala de estar do lado direito, bem-mobiliada, com janelões que chegam quase ao piso, e aquelas ridículas trancas de janela inglesas que até uma criança consegue abrir. Atrás não havia nada digno de nota, exceto que uma janela do corredor podia ser alcançada de cima da cocheira. Rodeei a casa, examinando-a atentamente de todos os pontos de vista, mas não notei mais nada de interesse.

“Em seguida perambulei pela rua, e descobri, como esperava, que havia estrebarias numa ruela que corre rente a um muro do quintal. Dei uma mão aos tratadores, escovando seus cavalos, e em troca ganhei dois *pence*, um copo de *half-and-half*, dois punhados de tabaco ordinário e todas as informações que poderia desejar sobre Miss Adler, para não falar de meia dúzia de outras pessoas da vizinhança pelas quais não tinha o menor interesse, mas cujas biografias fui obrigado a ouvir.”

“E Irene Adler?”

“Ah, ela virou a cabeça de todos os homens das redondezas. É a coisa mais linda que já se viu no planeta… é voz geral nas estrebarias de Serpentine. Vive discretamente, dá concertos de canto, sai de coche todos os dias às cinco e volta às sete em ponto para jantar. Raramente sai em outras horas, exceto quando canta. Tem um único visitante do sexo masculino, mas este é notavelmente assíduo. É moreno, elegante, vistoso; nunca a visita menos de uma vez por dia, e com frequência duas. É um certo Mr. Godfrey Norton, advogado. Veja as vantagens de ficar íntimo de cocheiros. Eles o haviam levado das estrebarias de Serpentine para casa dezenas de vezes, sabiam tudo sobre ele. Depois de ouvir todas as histórias que tinham para contar, voltei a andar para cima e para baixo diante de Briony Lodge, pensando em meu plano de campanha.

“Esse Godfrey Norton era, evidentemente, um fator importante na

questão. Era advogado. Isso soava agourento. Que relação haveria entre os dois e qual seria o objetivo de suas repetidas visitas? Seria ela sua cliente, amiga ou amante? Na primeira hipótese, provavelmente transferira a fotografia para a guarda dele. Na última, isso era menos provável. Eu precisava tirar isso a limpo para saber se devia levar adiante meu trabalho em Briony Lodge ou voltar minha atenção para os escritórios desse senhor no Temple. Era um problema delicado, e ampliava o campo de minha investigação. Temo estar aborrecendo você com estes detalhes, mas preciso lhe mostrar minhas pequenas dificuldades, para que compreenda a situação."

"Sou todo ouvidos."

"Eu continuava ponderando o problema quando um *hansom* parou diante de Briony Lodge e um cavalheiro desceu. Era um homem particularmente bonito, de cabelo escuro, nariz aquilino e bigodes… evidentemente, o sujeito de quem eu ouvira falar. Parecendo muito apressado, gritou para o cocheiro que esperasse, passou pela criada que abriu a porta sem lhe falar, com ar de quem está em casa.

"Ficou lá cerca de meia hora. Pude vislumbrá-lo algumas vezes, pelas janelas da sala de estar, a andar de um lado para outro, falando e gesticulando nervosamente. Nela, não pus os olhos. Pouco depois ele saiu, parecendo mais afobado que antes. Ao subir no carro, tirou um relógio de ouro do bolso e consultou-o, preocupado. 'Vá voando', gritou, 'primeiro para a Gross & Hankey, em Regent Street, depois para a igreja de St. Monica em Edgware Road. Meio guinéu se fizer isso em vinte minutos!'

"Lá se foram, e, exatamente quando eu pensava se não era o caso de segui-los, apareceu na rua um pequeno e elegante landau, o cocheiro tinha o casaco meio desabotoado e a gravata desatada, e todos os arreios estavam desafivelados. O carro mal havia parado quando ela saiu correndo porta afora e enfiou-se nele. Só a vi de relance, mas era uma mulher deliciosa, com um palmo de rosto capaz de levar um homem à morte.

"'Para a igreja de St. Monica, John!' gritou, 'e meia libra se chegar lá em vinte minutos.'

"Como perder isso, Watson? Eu estava justamente considerando se era o caso de sair correndo ou de me pendurar na traseira do landau quando surgiu um tílburi na rua. O cocheiro olhou duas vezes o andrajoso freguês, mas entrei antes que ele pudesse fazer objeção. 'Igreja de St. Monica, e meio soberano se chegar lá em vinte minutos', disse-lhe. Faltavam vinte e cinco

minutos para o meio-dia e, naturalmente, estava bastante claro o que iria acontecer.

“Meu cocheiro foi a toda. Acho que nunca fiz uma corrida mais rápida na vida, mas os outros chegaram antes. Ao chegar, vi o tílburi e o landau parados diante da porta da igreja, seus cavalos fumegando. Paguei o homem e entrei correndo. Não havia vivalma lá dentro, a não ser os dois que eu seguira e um pastor de sobrepeliz, que parecia estar zangando com eles. Formavam um grupinho diante do altar. Avancei pela nave lateral como um desocupado qualquer entrando numa igreja. De repente, para minha surpresa, os três lá junto do altar se voltaram para mim e Godfrey Norton veio desabalado na minha direção.

“‘Graças a Deus!’ exclamou. ‘Você serve! Venha! Venha!’

“‘Como assim?’ perguntei.

“‘Venha, homem, venha, mais três minutos e não será legal.’

“Praticamente me arrastou para o altar, e antes que eu desse por mim vi-me engrolando respostas que me eram cochichadas ao ouvido, testemunhando coisas de que nada sabia e participando do firme enlace de Irene Adler, solteira, com Godfrey Norton, solteiro. Tudo aconteceu num átimo, e lá estava o cavalheiro agradecendo-me de um lado e a dama do outro, enquanto o pastor me sorria em frente. Foi a posição mais absurda em que já me vi em toda a minha vida, e foi lembrar disso que me fez gargalhar há pouco. Parece que havia alguma irregularidade na licença de casamento deles, que o pastor se recusou terminantemente a casá-los sem uma testemunha, e que minha feliz aparição salvou o noivo de ter de sair pela rua à procura de um padrinho. A noiva deu-me um soberano, que pretendo pendurar na corrente do meu relógio como lembrança da ocasião.”

“Foi realmente um desfecho inesperado”, comentei; “e depois?”

“Bem, vi meus planos seriamente ameaçados. Como parecia que o casal poderia partir imediatamente, medidas muito rápidas e enérgicas eram exigidas de mim. Na porta da igreja, no entanto, os dois se separaram: o noivo foi para o Temple e a noiva para casa. ‘Passearei pelo Parque às cinco horas, como de hábito’, disse ela ao deixá-lo. Não ouvi mais nada. Seus carros partiram em direções diferentes e eu fui tomar as minhas providências.”

“Que providências?”

“Um pouco de carne fria e um copo de cerveja”, respondeu Holmes,

tocando a campainha. “Andei ocupado demais para pensar em comida, e provavelmente estarei mais ocupado ainda esta noite. Por falar nisso, doutor, vou precisar da sua cooperação.”

“Com o maior prazer.”

“Não se importa de infringir a lei?”

“Nem um pouco.”

“Nem se corresse o risco de ser preso?”

“Não, se fosse por uma boa causa.”

“Ah, a causa é excelente!”

“Então estou à sua disposição.”

“Tinha certeza de que poderia contar com você.”

“Mas o que quer?”

“Depois que Mrs. Turner tiver trazido a bandeja eu lhe explicarei…

“Mas”, disse, voltando-se com ar faminto para a refeição simples que a senhoria lhe trouxera, “terei de falar enquanto como, pois não disponho de muito tempo. São quase cinco horas. Dentro de duas horas deveremos estar em cena. Miss Irene, ou melhor, Mrs. Norton, retorna de seu passeio às sete. Temos de estar em Briony Lodge para encontrá-la.”

“E aí?”

“Deixe por minha conta. Já providenciei tudo. Há apenas um ponto em que preciso insistir. Você não deve interferir, aconteça o que acontecer. Compreende?”

“Devo permanecer neutro?”

“Não fazer absolutamente nada. Provavelmente haverá uma ou outra coisa ligeiramente desagradável. Fique fora de tudo. No final, serei levado para dentro da casa. Quatro ou cinco minutos depois, a janela da sala de estar será aberta. Você deve se plantar perto dessa janela aberta.”

“Certo.”

“Deve ficar me olhando, porque estarei no seu campo de visão.” “Sim.”

“E quando eu levantar a mão… assim… jogará dentro da sala o que vou lhe dar e, ao mesmo tempo, gritará ‘fogo!’. Entendeu bem?”

“Perfeitamente.”

“Não é nada de muito extraordinário”, acrescentou, tirando do bolso um tubo em forma de charuto. “É um foguete de fumaça comum de bombeiro,

com uma cápsula em cada extremidade, para que acenda por si mesmo. Sua tarefa limita-se a isso. Quando você der o grito de incêndio, ele será repetido por grande número de pessoas. Depois pode andar até o fim da rua, e eu estarei com você dentro de dez minutos. Terei sido claro?"

"Devo permanecer neutro, aproximar-me da janela, observá-lo e, ao seu sinal, jogar este objeto dentro da sala; ato contínuo, devo gritar 'fogo' e ir esperá-lo na esquina."

"Exatamente."

"Nesse caso, pode confiar totalmente em mim."

"Excelente. Acho que talvez já esteja na hora de eu me preparar para o novo *rôle* que devo desempenhar."

Entrou no quarto e voltou poucos minutos depois, caracterizado como um amável e simplório pastor não conformista. O chapéu preto de abas largas, as calças folgadas, a gravata branca, o sorriso compassivo e o ar geral de indagadora e benevolente sede de saber eram tais que apenas Mr. John Hare poderia ter igualado. Não se tratara de uma mera troca de roupa. A expressão de Holmes, suas maneiras, até sua alma pareciam se transformar a cada novo papel que assumia. O palco perdeu um excelente ator, assim como a ciência perdeu um cérebro afiado, quando ele se tornou um especialista em crimes.

Eram seis e quinze quando saímos de Baker Street, e ainda faltavam dez minutos para as sete quando chegamos à Serpentine Avenue. Anoitecia, e as lâmpadas foram acesas enquanto andávamos de lá para cá em frente a Briony Lodge, esperando a chegada de sua moradora. A casa era exatamente como eu imaginara pela descrição sucinta de Sherlock Holmes, mas o lugar me pareceu menos tranquilo do que eu esperava. Pelo contrário, para uma rua pequena num bairro sossegado, era bem animada. Havia um grupo de homens malvestidos fumando e rindo numa esquina, um amolador de tesouras com sua roda, dois guardas flertando com uma babá e vários rapazes bem-vestidos a flanar de um lado para outro, charutos na boca.



Um simplório pastor.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“Sabe, esse casamento simplifica muito as coisas”, observou Holmes enquanto íamos e vínhamos em frente à casa. “A fotografia agora é uma arma de dois gumes. É provável que Irene tenha tão pouco desejo de que Mr. Godfrey Norton a veja quanto nosso cliente de que ela seja vista por sua princesa. Mas o problema é: onde encontraremos a fotografia?”

“De fato, onde?”

“É pouco provável que ela a tenha consigo. É um retrato grande. Grande demais para ser escondido nas roupas de uma mulher. Ela sabe que o rei é capaz de sequestrá-la e revistá-la. Duas tentativas do gênero já foram feitas. Podemos admitir, portanto, que ela não anda com a fotografia.”

“Onde estaria, então?”

“Com seu banqueiro ou seu advogado. Há essas duas possibilidades. Não me inclino, porém, a admitir nem uma nem outra. As mulheres são naturalmente propensas ao segredo, e gostam de preservá-lo elas mesmas. Por que daria a fotografia para outra pessoa? Ela pode confiar em sua própria guarda, ao passo que não seria capaz de prever as influências indiretas ou políticas que poderiam ser exercidas sobre um homem de negócios. Ademais, lembre-se de que estava decidida a usar o retrato dentro de poucos dias. Deve

estar num lugar de fácil acesso. Deve estar na casa dela.”

“Mas a casa foi assaltada e vasculhada duas vezes.”

“Ora! Não souberam procurar.”

“E você, pretende procurar como?”

“Não vou procurar.”

“Hã?”

“Farei com que ela me mostre onde está.”

“Mas ela se recusará.”

“Não será capaz. Mas ouço um ruído de rodas. É a carruagem dela. Agora, cumpra minhas ordens ao pé da letra.”

Enquanto ele falava, o brilho das lanternas laterais de uma carruagem despontou na curva da avenida. Era um pequeno e elegante landau que seguiu com estrépito até a porta de Briony Lodge. Quando freava, um dos vagabundos que estavam na esquina acorreu para abrir a porta na esperança de ganhar um cobre, mas foi empurrado por outro vagabundo que também chegara com a mesma intenção. Irrompeu uma briga feroz, reforçada pelos dois guardas, que tomaram partido de um dos vadios, e pelo amolador de tesouras, que aderiu com igual ardor ao outro lado. Um soco foi dado, e num instante a senhora, que descera de sua carruagem, estava no centro de um grupo de homens enraivecidos que se agrediam ferozmente uns aos outros com punhos e cassetetes. Holmes correu para o meio do grupo para proteger a dama; no instante em que chegou junto dela, porém, deu um grito e caiu ao chão… sangue lhe escorria pelo rosto. Diante dessa queda, os guardas fugiram numa direção e os vagabundos em outra, enquanto várias pessoas mais bem-vestidas, que haviam observado o tumulto sem dele participar, correram para acudir a dama e cuidar do ferido. Irene Adler, como ainda a chamo, apressara-se em subir os degraus da casa; mas parou no alto, com a sua soberba silhueta delineada contra as luzes do vestíbulo, olhando para a rua, atrás de si.



“Deu um grito e caiu ao chão.” [Sidney Paget, *Strand Magazine,* 1891] 31

“Esse pobre cavalheiro está muito machucado?” perguntou.

“Está morto”, gritaram várias vozes.

“Não, não, ainda está vivo”, gritou uma outra. “Mas estará morto antes que se possa levá-lo para o hospital.”

“É um sujeito corajoso”, disse uma mulher. “Se não tivesse sido por ele, teriam roubado a bolsa e o relógio da senhora. Era uma quadrilha, e das violentas. Ah, está respirando agora.”

“Não pode ficar deitado na rua. Podemos levá-lo para dentro, minha senhora?”

“Certamente. Levem-no para a sala de estar. Há um sofá confortável. Por aqui, por favor!”

Lenta e solenemente, Holmes foi carregado para Briony Lodge e deitado na sala principal, enquanto eu continuava observando o curso dos acontecimentos de meu posto, junto à janela. Como as lâmpadas haviam sido acesas e as persianas não haviam sido cerradas, eu podia ver Holmes deitado no sofá. Não sei se a consciência lhe doía naquele momento em virtude do papelão que estava fazendo, mas sei que nunca me senti mais sinceramente envergonhado em toda a minha vida que ao ver a bela criatura contra a qual eu conspirava, ou a boa vontade e a delicadeza com que cuidava do ferido. Apesar disso, seria a mais torpe traição a Holmes abandonar naquele

momento o papel que me confiara. Endureci meu coração e tirei o foguete de fumaça de dentro do meu *ulster*. Afinal, pensei, não estamos fazendo mal a ela. Estamos apenas impedindo-a de fazer mal a alguém.

Holmes sentara-se no sofá, e vi que se mexia como quem sente falta de ar. Uma criada correu para abrir a janela. No mesmo instante eu o vi erguer a mão, e a esse sinal arremessei meu foguete dentro da sala, gritando:

"Fogo!"

Assim que pronunciei essa palavra a multidão de espectadores, bem e malvestidos — cavalheiros, cavalariços e criadas — a ecoou, numa grita geral de "fogo!". Espessas nuvens de fumaça espiralaram pela sala e saíram pela janela aberta. Vislumbrei figuras que corriam, e no momento seguinte chegou-me a voz de Holmes, lá de dentro, assegurando-lhes que era um alarme falso. Infiltrando-me furtivamente pela multidão que gritava, dirigi-me até a esquina da rua e, dez minutos depois, tive a alegria de sentir o braço do meu amigo no meu e de escapar daquele tumulto. Ele andou depressa e em silêncio por alguns minutos, até tomarmos uma das ruas calmas que levam a Edgware Road. "Saiu-se muito bem, doutor", ele comentou. "Não poderia ter sido melhor. Está tudo bem."

"Conseguiu a fotografia!"

"Sei onde está."

"Como descobriu?"

"Ela me mostrou, como eu lhe disse que faria."

"Continuo sem entender."

"Não quero fazer mistério", disse ele, rindo. "A coisa era absolutamente simples. Você percebeu, é claro, que todos que estavam na rua eram cúmplices. Todos haviam sido contratados para esta noite."

"Até aí, consegui chegar.

"Quando a briga começou, eu tinha um pouco de tinta vermelha úmida na palma da mão. Corri para a confusão, caí, passei a mão no rosto e me transformei num espetáculo lastimável. É um truque antigo."

"Pude adivinhar isso também."

"Em seguida me carregaram. Ela tinha de me receber. Que outra coisa poderia fazer? E na sala de estar, exatamente o local em que recaíam minhas suspeitas. O retrato estava ali ou no quarto de dormir, e eu estava decidido a descobrir em qual. Deitaram-me num sofá, mexi-me pedindo ar; foram

obrigados a abrir a janela e você teve a sua chance.”

“Como isso o ajudou?”

“Foi de importância capital. Quando uma mulher pensa que sua casa está pegando fogo, seu instinto é correr imediatamente para aquilo a que dá maior valor. É um impulso inteiramente irresistível, de que já tirei partido mais de uma vez. No caso do Escândalo da Substituição de Darlington, isso me foi útil, e também na questão do Castelo de Arnsworth. Uma mulher casada agarra o filho… uma solteira, sua caixa de joias. Ora, estava claro para mim que nossa dama de hoje não tinha em casa nada mais precioso do que a fotografia que procuramos. Ela correria para protegê-la. O alarme de incêndio foi admiravelmente bem dado. A fumaça e a gritaria foram suficientes para abalar nervos de aço. Ela reagiu como esperado. O retrato estava numa reentrância atrás de um painel deslizante, logo acima da corda da campainha, à direita. Ela correu para lá, e pude entrever a fotografia quando ela a puxou em parte. Quando gritei que era um alarme falso, ela a recolocou no lugar, deu uma olhada no foguete, saiu correndo da sala e não a vi mais. Levantei-me e, pedindo desculpas, escapei da casa. Cheguei a pensar se devia tentar apoderar-me do retrato imediatamente; mas como o cocheiro havia entrado e me observava com atenção, pareceu-me mais seguro esperar. Um pequeno excesso de precipitação podia arruinar tudo.”

“E agora?”

“Nossa busca está praticamente encerrada. Eu a visitarei com o rei amanhã, e com você também, se quiser nos acompanhar. Seremos conduzidos à sala para esperar a senhora, mas é provável que, ao chegar, ela não encontre nem a nós, nem à fotografia. Poderá ser um prazer para Sua Majestade recuperá-la com as próprias mãos.”

“Quando fará essa visita?”

“Às oito horas da manhã. Como ela ainda não terá se levantado, teremos campo livre. Além disso, devemos agir prontamente, porque esse casamento pode significar uma completa alteração na vida e nos hábitos dela. Tenho de telegrafar ao rei sem demora.”

Chegáramos a Baker Street e havíamos parado à porta. Sherlock Holmes procurava as chaves no bolso quando um passante lhe dirigiu a palavra:

“Boa noite, Mr. Sherlock Holmes.” Havia várias pessoas na calçada naquele momento, mas o cumprimento parecia ter vindo de um jovem esguio, protegido por um *ulster*, que passara por nós rapidamente.

“Já ouvi essa voz”, disse Holmes, os olhos fixos na rua mal-iluminada. “Quem diabos poderia ser?”

· III ·

DORMI EM BAKER STREET aquela noite, e estávamos às voltas com nosso café com torradas quando o rei da Boêmia entrou afobado na sala.

“O senhor realmente conseguiu!” exclamou, agarrando Sherlock Holmes pelos dois ombros e encarando-o ansiosamente.

“Ainda não.”

“Mas tem esperança?”

“Tenho esperança.”

“Então vamos. Não vejo a hora de ir.”

“Precisamos de um tílburi.”

“Não, meu *brougham* está esperando.

“Isso simplificará as coisas.” Descemos e partimos mais uma vez para Briony Lodge.

“Irene Adler está casada”, declarou Holmes.

“Casada? Quando?”

“Ontem.”

“Mas com quem?”

“Com um advogado inglês chamado Norton.”

“Mas com certeza não o ama!”

“Espero que ame.”

“Por quê?”

“Porque isso pouparia a Vossa Majestade qualquer receio de aborrecimentos futuros. Se a dama ama o marido, não ama Vossa Majestade. Se não ama Vossa Majestade, não há razão para que interfira nos seus planos.”

“É verdade. Mesmo assim…! Bem! Gostaria que ela tivesse uma posição como a minha. Que rainha teria sido!” Recaiu num silêncio melancólico, que não foi quebrado até pararmos em Serpentine Avenue. A

porta de Briony Lodge estava aberta e havia uma senhora idosa postada nos degraus. Lançou-nos um olhar sardônico quando apeávamos do *brougham*.

"Mr. Sherlock Holmes, suponho?" perguntou.

"Sou Mr. Holmes", respondeu meu companheiro, dirigindo-lhe um olhar indagativo e bastante surpreso.

"Realmente! A senhora me disse que o senhor provavelmente viria. Ela partiu esta manhã com o marido, pelo trem das 5h15 de Charing Cross para o Continente."

"Quê?" Sherlock Holmes cambaleou, lívido de desconcerto e surpresa. "Quer dizer que deixou a Inglaterra?"

"Para sempre."

"E os papéis?" perguntou o rei com voz cava. "Está tudo perdido."

"Veremos." Empurrando a criada, avançou para a sala de estar, seguido pelo rei e por mim. Os móveis estavam espalhados a esmo, com prateleiras desmontadas e gavetas abertas, como se a dama as tivesse vasculhado às pressas antes de fugir. Holmes correu para a corrente da campainha, abriu uma portinhola deslizante e, enfiando a mão, tirou uma fotografia e uma carta. A fotografia era da própria Irene Adler num vestido de noite, a carta era endereçada a "Mr. Sherlock Holmes, Esq. Guardar até que venha buscar". Meu amigo rasgou o envelope e nós três a lemos juntos. Era datada da meia-noite anterior e dizia:

> MEU CARO MR. SHERLOCK HOLMES,
>
> O senhor realmente fez tudo muito bem-feito. Enganou-me totalmente. Até o momento do alarme de incêndio, não desconfiei de nada. Mas em seguida, quando percebi que eu havia me traído, comecei a pensar. Haviam me advertido contra o senhor vários meses atrás. Disseram-me que, se o rei empregasse um agente, seria certamente o senhor. E haviam me dado seu endereço. Mesmo assim, com tudo isso, o senhor me fez revelar o que queria saber. Pareceu-me difícil fazer mau juízo de um sacerdote velhinho, tão estimável e bondoso. Mas, como sabe, também tenho formação de atriz. Trajes masculinos não são novidade para mim. Muitas vezes tiro partido da liberdade que proporcionam. Mandei John, o cocheiro, vigiá-lo e corri ao andar de cima, vesti minhas roupas de caminhar, como as chamo, e desci no instante em que o senhor partia.
>
> Bem, segui-o até a sua porta, e assim certifiquei-me de que eu era de

fato objeto do interesse do célebre Mr. Sherlock Holmes. Depois, com certa imprudência, desejei-lhe boa-noite e dirigi-me para o Temple para ter com meu marido.

Pareceu-nos a ambos que o melhor recurso, ao sermos perseguidos por tão temível antagonista, era fugir. Por isso encontrará o ninho vazio quando vier amanhã. Quanto à fotografia, seu cliente pode ficar tranquilo. Amo e sou amada por um homem melhor do que ele. O rei pode fazer o que quiser sem ser importunado por alguém com quem foi cruelmente injusto. Conservo-a apenas para me proteger e preservar uma arma que sempre me porá a salvo de quaisquer medidas que ele possa vir a tomar no futuro. Deixo-lhe um outro retrato meu que talvez queira possuir. Muito atenciosamente,

IRENE NORTON, *née* ADLER

"Que mulher, ah, que mulher!" exclamou o rei da Boêmia depois que havíamos os três lido essa missiva. "Não lhes disse como era rápida e decidida? Não teria sido uma rainha admirável? Não é uma pena que não fosse do meu nível?"

"Pelo que vi da dama, ela parece realmente estar num nível muito diferente do de Vossa Majestade", disse Holmes friamente. "Lamento não ter conseguido levar sua questão a um desfecho melhor."

"Pelo contrário, meu caro senhor", exclamou o rei. "Nada poderia ter sido melhor. Sei que a palavra dela é inquebrantável. Aquela fotografia está tão segura quanto estaria se queimada."

"Fico satisfeito em ouvir isso de Vossa Majestade."

"Sou-lhe imensamente grato. Por favor, diga-me de que maneira posso recompensá-lo. Este anel…" O rei tirou do dedo um anel de esmeralda, em forma de cobra, e o estendeu na palma da mão.

"Vossa Majestade tem algo a que eu atribuiria ainda maior valor", disse Holmes.

"Basta dizer o quê."

"Esse retrato!"



“Esse retrato!”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

O rei fitou-o, espantado.

“A fotografia!” exclamou. “Certamente, se a deseja.”

“Agradeço a Vossa Majestade. Agora acredito que o assunto está encerrado. Tenho a honra de lhe desejar muito bom dia.” Curvou-se e, virando-se sem tomar conhecimento da mão que o rei lhe estendia, voltou a meu lado para seus aposentos.

Foi assim que um grande escândalo ameaçou o reino da Boêmia, e que os melhores planos de Mr. Sherlock Holmes foram frustrados pela sagacidade de uma mulher. Ele costumava zombar da inteligência das mulheres, mas a partir desse dia nunca mais o vi fazê-lo. E quando fala em Irene Adler, ou quando se refere a seu retrato, é sempre com o título honorífico de *a* mulher.

A LIGA DOS CABEÇAS VERMELHAS

UM DIA, NO OUTONO DO ANO PASSADO, ao fazer uma visita a meu amigo Mr. Sherlock Holmes, encontrei-o entretido numa conversa com um cavalheiro de certa idade, muito gordo, rosto vermelho e uma cabeleira cor de fogo. Pedindo desculpas pela intromissão, já me retirava quando Holmes me puxou abruptamente para a sala e fechou a porta atrás de mim.

"Não poderia ter chegado em melhor hora, meu caro Watson", disse cordialmente.

"Receei que estivesse ocupado."

"De fato, estou. E muito."

"Nesse caso, posso esperar na outra sala."

"De maneira alguma. Mr. Wilson, este cavalheiro tem sido meu assistente e colaborador em muitos dos meus casos mais bem-sucedidos, não tenho dúvidas de que me será de grande valia também no seu."

O gordo cavalheiro soergueu-se ligeiramente e fez-me um cumprimento de cabeça, lançando-me uma olhadela inquisitiva com seus olhinhos empapuçados.

"Acomode-se no canapé", disse-me Holmes, voltando a refestelar-se em sua poltrona e unindo as pontas dos dedos, como era seu costume quando imerso em reflexão. "Sei, meu caro Watson, que você partilha do meu gosto por tudo que é extravagante, que escapa das convenções e da pasmaceira do dia a dia. Mostrou seu gosto por essas coisas com o entusiasmo com que se dispôs a relatar, e, se me permite dizê-lo, a embelezar um pouco, tantas de minhas pequenas aventuras."

"Seus casos realmente foram do maior interesse para mim."

"Talvez lembre que comentei outro dia, pouco antes de enfrentarmos aquele problema muito simples apresentado por Miss Mary Sutherland, que, se quisermos encontrar efeitos estranhos e combinações extraordinárias,

devemos procurar na própria vida, que vai sempre muito mais longe do que qualquer esforço da imaginação."

"Uma proposição que tomei a liberdade de pôr em dúvida."

"De fato, doutor, mas terá de acabar concordando comigo, pois do contrário continuarei lhe impingindo fato sobre fato, até que sua razão desabe sob o peso deles e reconheça que estou certo. Pois bem, Mr. Jabez Wilson, aqui, teve a bondade de recorrer a mim esta manhã e iniciar uma narrativa que promete ser das mais singulares que ouço nos últimos tempos. Você já me ouviu observar que as coisas mais estranhas e insólitas estão muitas vezes associadas não aos maiores, mas aos menores crimes, e às vezes mesmo a casos em que há margem para se duvidar se algum crime propriamente dito foi cometido. Pelo que ouvi até agora não me é possível dizer se o presente caso configura ou não um crime, mas o curso dos acontecimentos está sem dúvida entre os mais incomuns de que já tive notícia. Talvez pudesse fazer a grande gentileza, Mr. Wilson, de recomeçar sua narrativa. Peço-o não apenas porque meu amigo, o Dr. Watson, não ouviu o início, mas também porque a natureza peculiar da história deixa-me ansioso por ouvir dos seus lábios todos os detalhes possíveis. Em regra, depois de ouvir uma ligeira indicação do curso dos eventos, sou capaz de me orientar com base nos milhares de outros casos semelhantes que me acorrem à memória. Na presente situação, porém, sou obrigado a admitir, em sã consciência, que os fatos parecem inauditos."

O corpulento cliente estufou o peito, revelando uma ponta de orgulho, e puxou do bolso interno do paletó um jornal sujo e amassado. Enquanto ele passava os olhos pela coluna de anúncios, a cabeça espichada e o jornal alisado sobre os joelhos, dei-lhe uma boa espiada, esforçando-me por detectar, ao estilo de meu companheiro, os indícios que seu traje ou sua aparência poderiam conter.

Mas minha inspeção não me revelou grande coisa. Nosso visitante tinha todas as características do comerciante britânico banal e mediano; era gordo, presunçoso e bronco. Usava calças bem largas de lã cinza quadriculada, uma sobrecasaca preta cuja limpeza deixava a desejar, desabotoada, e um colete pardacento sobre o qual brilhava uma grossa corrente Albert de latão, de que pendia, como um berloque, uma peça de metal quadrada e furada. Em cima de uma cadeira, a seu lado, via-se um desbotado sobretudo marrom, a gola de veludo amassada. No conjunto, por mais que eu olhasse, nada havia de notável no homem, exceto seu cabelo de um ruivo chamejante e uma

expressão de extrema consternação e contrariedade estampada no rosto.

O olhar arguto de Sherlock Holmes percebeu rapidamente do que eu me ocupava, e, sacudindo a cabeça com um sorriso ao notar meu exame atento, comentou: “Além das evidências de que ele trabalhou como operário em alguma época, cheira rapé, é maçom, esteve na China e tem escrito muito ultimamente, não consigo deduzir mais nada.”

Mr. Jabez Wilson teve um sobressalto na sua cadeira; seu dedo indicador estava no jornal, mas os olhos no meu companheiro.

“Céus! Como ficou sabendo de tudo isso, Mr. Holmes?” perguntou. “Como soube, por exemplo, que fui um trabalhador braçal? É a mais perfeita verdade, comecei como carpinteiro de navio.”

“Suas mãos, meu caro senhor. A direita é bem maior que a esquerda. Trabalhou com ela e os músculos são mais desenvolvidos.”

“Mas e o rapé? E a maçonaria?”

“Não insultarei sua inteligência dizendo-lhe como adivinhei isso, especialmente porque, e na verdade contrariando as severas regras de sua ordem, o senhor usa um alfinete de gravata com arco e compasso.”

“Ah, claro, esqueci-me disso. Mas e a escrita?”

“Que outra coisa poderia indicar esse seu punho direito com uns doze centímetros tão lustrosos e a manga esquerda puída perto do cotovelo, onde a esfrega na mesa?”

“Bem, e a China?”

“O peixe que tem tatuado logo acima do punho direito só poderia ter sido feito na China. Fiz um pequeno estudo das tatuagens e cheguei mesmo a contribuir para a literatura sobre o assunto. Essa habilidade de pintar escamas de peixe de um cor-de-rosa delicado é inteiramente peculiar à China. Quando, além disso, vejo uma moeda chinesa pendurada na corrente do seu relógio, a questão se torna ainda mais simples.”

Mr. Jabez Wilson deu uma gargalhada:

“Vejam só! A princípio pensei que o senhor havia feito algo de extraordinário, mas vejo que, afinal, não foi nada de mais.”

“Começo a achar, Watson”, disse Holmes, “que cometo um erro ao explicar. ‘*Omne ignotum pro magnifico’*, você sabe, e minha reputação, já modesta, ficará arruinada se eu continuar sendo tão franco. Não consegue encontrar o anúncio, Mr. Wilson?”

“Sim, acabo de achá-lo”, respondeu ele, com o dedo grosso e vermelho plantado no meio da coluna. “Cá está. Foi com isso que tudo começou. Leia o senhor mesmo, por favor.”

Peguei o jornal de suas mãos e li:

> À LIGA DOS CABEÇAS VERMELHAS
>
> Graças a um legado do falecido Ezekiah Hopkins, de Lebanon, Pensilvânia, EUA, abriu-se agora mais uma vaga que concede a um membro da Liga o salário de quatro libras por semana por serviços puramente nominais. Todos os homens de cabeça vermelha sadios de corpo e mente e com mais de 21 anos podem se candidatar. Comparecer pessoalmente segunda-feira às onze horas; procurar Duncan Ross nos escritórios da Liga em Pope’s Court, nº 7, Fleet Street.

“Que diabo significa isto?” exclamei, depois de ler duas vezes o extraordinário anúncio.



“Que diabo significa isto?”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

Holmes riu e remexeu-se na cadeira, como costumava fazer quando de bom humor. “Um pouquinho inusitado, não?” disse. “E agora, Mr. Wilson, comece da estaca zero e conte-nos tudo a respeito do senhor, de sua família e dos efeitos que esse anúncio teve sobre a sua sorte. Mas antes, doutor, repare qual é o jornal e a data.”

“É o *Morning Chronicle* de 27 de abril de 1890. Exatamente dois meses atrás.”

“Muito bem. E então, Mr. Wilson?”

“Bem, é como lhe contei, Mr. Sherlock Holmes”, disse Jabez Wilson, enxugando a testa. “Tenho uma pequena loja de penhores em Coburg Square, perto da City. Não é um negócio muito grande e nos últimos anos vem dando apenas o necessário para eu sobreviver. Antes eu tinha dois auxiliares, mas agora mantenho só um e teria muita dificuldade em lhe pagar se ele não se dispusesse a trabalhar por meio salário, no intuito de aprender o negócio.”

“Como se chama esse jovem tão prestativo?” perguntou Holmes.

“Chama-se Vincent Spaulding e não é tão jovem assim. Difícil dizer sua idade. Eu não conseguiria encontrar auxiliar mais inteligente, Mr. Holmes, e sei muito bem que ele poderia estar numa situação melhor e ganhar o dobro do que posso lhe pagar. Mas, afinal de contas, se está satisfeito, por que eu lhe meteria ideias na cabeça?”

“Realmente, por quê? Parece ter muita sorte em conseguir um *empregado* por menos do que o preço de mercado. Não é uma experiência comum entre os empregadores hoje em dia. Tenho a impressão de que seu auxiliar é tão notável quanto esse anúncio.”

“Ah, ele tem seus defeitos também”, disse Mr. Wilson. “Nunca vi um sujeito que goste tanto de fotografia. Fica por aí batendo instantâneos com sua câmera, quando deveria estar aperfeiçoando a mente, e depois se enfia no porão como um coelho na toca para revelar seus retratos. Esse é seu maior defeito; mas no geral é um bom trabalhador. Não tem vícios.”

“Ele continua com o senhor, suponho?”

“Sim, ele e uma mocinha de catorze anos, que cozinha o trivial e arruma a casa. São as únicas pessoas que moram comigo, porque sou viúvo e não tive filhos. Vivemos uma vida muito pacata, os três; temos um teto sobre nossas cabeças e pagamos as nossas contas; praticamente, só isso.

“A primeira coisa que mexeu conosco foi esse anúncio. Spaulding entrou pelo escritório adentro, faz exatamente oito semanas hoje, com este mesmo jornal na mão. Disse:

“‘Sabe, Mr. Wilson, eu gostaria muito de ser bem ruivo.’

“‘Mas por quê?’ perguntei.

“‘Ora’, respondeu ele, ‘surgiu mais uma vaga na Liga dos Cabeças

Vermelhas. Representa uma pequena fortuna para o sujeito que abocanhá-la, e tenho a impressão de que, como há mais vagas que candidatos, os fiduciários não sabem o que fazer do dinheiro. Se meu cabelo mudasse de cor, aí estaria uma caminha já pronta para eu me deitar…'

"'Mas que história é essa?' perguntei. O senhor compreende, Mr. Holmes, sou um homem muito caseiro e, como meus clientes vêm a mim em lugar de eu ter de sair à procura deles, eu passava muitas vezes semanas sem pôr o pé na rua. Assim, não sabia muito bem o que andava acontecendo por aí e ficava sempre satisfeito em ouvir notícias.

"'Nunca ouviu falar da Liga dos Cabeças Vermelhas?' perguntou-me Spaulding, arregalando os olhos.

"'Nunca.'

"'Isso muito me espanta, pois o senhor mesmo tem condições de se candidatar a uma das vagas.'

"'E o que se ganha com isso?' perguntei.

"'Ah, a bagatela de umas duzentas libras por ano, mas o trabalho é leve e não precisa interferir muito nas outras ocupações do sujeito.'

"Bem, é fácil imaginar que aquilo me deixou de orelha em pé, pois os meus negócios não vêm indo lá muito bem há alguns anos e umas duzentas libras extras viriam muito a calhar.

"'Explique-me essa história toda', pedi a Spaulding.

"'Bem', disse ele, mostrando-me o anúncio, 'pode ver por si mesmo que surgiu uma vaga na Liga; aí está o endereço onde pode obter mais detalhes. Pelo que sei, a Liga foi fundada por um milionário americano, Ezekiah Hopkins, que era muito excêntrico. Ele próprio tinha a cabeça vermelha e sentia grande solidariedade por todos os homens muito ruivos; assim, quando morreu, descobriu-se que deixara sua enorme fortuna na mão de fiduciários, instruindo-os a aplicar os juros em troca de serviços fáceis para homens que tivessem o cabelo dessa cor. Pelo que ouvi dizer, é um salário esplêndido por muito pouco trabalho.'

"'Mas', atalhei, 'milhões de ruivos se candidatariam.'

"'Não tantos quanto poderia pensar', disse-me Spaulding. 'As vagas destinam-se apenas a londrinos maiores de idade. Esse americano começou a fazer fortuna em Londres quando jovem, e queria dar algo de bom em troca à sua antiga cidade. Além disso, ouvi dizer ainda que não adianta a pessoa se

candidatar se tiver o cabelo apenas levemente avermelhado, ou vermelho-escuro; é preciso ter uma cabeleira de um vermelho realmente vivo, chamejante, cor de fogo. Por exemplo, se quisesse se candidatar, Mr. Wilson, bastaria dar um pulo lá; mas talvez pense que não vale a pena se dar a esse trabalho por umas poucas centenas de libras', concluiu.

"Ora, é um fato, cavalheiros, como podem constatar por si mesmos, que meu cabelo é de um vermelho muito carregado e vivo, e por isso me pareceu que, se houvesse alguma competição nessa matéria, eu tinha mais chances do que qualquer homem que jamais vira. Como Vincent Spaulding parecia tão informado sobre o assunto, achei que poderia me ser útil; assim sendo, mandei que fechasse a loja para sair imediatamente comigo. Ávido por uma folga, ele o fez imediatamente, e partimos os dois para o endereço dado no anúncio.

"Espero nunca ver uma cena como aquela outra vez, Mr. Holmes. Do norte, sul, leste e oeste, todos os homens que tinham um leve matiz avermelhado no cabelo haviam marchado sobre a City para responder ao anúncio. Fleet Street estava coalhada de ruivos, e Pope's Court mais parecia o carrinho de um vendedor de laranjas. Eu não fazia ideia de que houvesse no país inteiro tantos quanto os reunidos ali por aquele único anúncio. Tinham o cabelo de todas as tonalidades de vermelho… palha, limão, laranja, tijolo, *setter* irlandês, fígado, barro. Mas, como dissera Spaulding, não eram muitos os que tinham cabelo realmente cor de fogo. Quando vi tanta gente esperando, quis desistir, desencorajado. Mas Spaulding não admitiu sequer ouvir falar nisso. Nem imagino como conseguiu, mas ele tanto empurrou, puxou e deu estocadas, que conseguiu me fazer atravessar aquela multidão e subir os degraus que levavam ao escritório. Havia uma dupla torrente na escada, a dos que subiam cheios de esperanças e a dos que voltavam desiludidos; mas forçamos passagem o melhor que pudemos e logo nos vimos no escritório."

"Sua experiência foi muito interessante", comentou Holmes quando o seu cliente fez uma pausa e refrescou a memória com uma enorme pitada de rapé. "Por favor, retome sua interessantíssima narrativa."

"No escritório não havia nada além de umas cadeiras de madeira e uma mesa de tábuas de pinho atrás da qual se sentava um homem baixo com uma cabeleira ainda mais vermelha que a minha. Após dizer algumas palavras a cada candidato que se apresentava, ele sempre conseguia encontrar neles

algum defeito que os desclassificava. Afinal, conseguir uma vaga não parecia assim tão fácil. Quando chegou a nossa vez, porém, o homenzinho mostrou-se mais simpático comigo do que fora com qualquer dos outros candidatos e depois fechou a porta para poder nos falar em particular.

"'Este é Mr. Jabez Wilson', disse meu auxiliar, 'ele está postulando uma vaga na Liga.'

"'E tem condições admiráveis para tal', respondeu o outro. 'Preenche todos os requisitos. Não me lembro de ter visto algo tão formidável.'

"Recuou um passo, inclinou a cabeça para o lado e fitou meu cabelo até me deixar muito embaraçado. De repente deu um salto à frente, apertou-me a mão e congratulou-me calorosamente pelo meu sucesso.

"'Seria uma injustiça hesitar', disse ele. 'Certamente me perdoará, porém, por tomar uma precaução óbvia.' Com essas palavras, agarrou meu cabelo com as duas mãos e puxou até eu gritar de dor. 'Há lágrimas nos seus olhos', disse ao me soltar. 'Vejo que tudo está como deve ser. Temos de ter cuidado, porque fomos enganados duas vezes por perucas e uma por tintura. Eu poderia lhes contar histórias sobre cera de sapateiro que os deixariam desgostosos da natureza humana.'

"Foi à janela e gritou a plenos pulmões que a vaga estava preenchida. Um murmúrio de decepção subiu lá de baixo, e os candidatos dispersaram-se em diferentes direções até não restar mais uma cabeça vermelha à vista, salvo a minha e a do gerente."

"'Meu nome é Duncan Ross', disse ele, 'sou um dos beneficiários do fundo legado por nosso nobre benfeitor. É casado, Mr. Wilson? Tem filhos?'

"Respondi que não.

"Seu rosto transfigurou-se imediatamente.

"'Meu Deus!' disse gravemente. 'Isso é muito sério! Lamento ouvi-lo dizer isso. O fundo destina-se, é claro, tanto à manutenção dos cabeças vermelhas quanto à sua propagação e difusão. É realmente uma lástima que seja solteiro.'

"Fiquei muito decepcionado, Mr. Holmes, pensei que, afinal de contas, não conseguiria a vaga; mas, depois de refletir alguns minutos, ele declarou que estava tudo certo.

"'Se fosse outra pessoa', disse ele, 'a objeção poderia ser fatal, mas devemos ser um pouco mais flexíveis em favor de um homem com uma

cabeleira como a sua. Quando poderá assumir suas novas funções?’

“‘Bem, é um pouco complicado, pois já tenho um negócio’, respondi.

“‘Ora, não se preocupe com isso, Mr. Wilson!’ exclamou Vincent Spaulding. ‘Posso tomar conta da loja para o senhor.’

“‘Qual seria o horário?’ perguntei.

“‘Dez às duas.’

“O maior movimento numa loja de penhores se dá à tardinha, Mr. Holmes, sobretudo às quintas e sextas à noite, exatamente na véspera do dia do pagamento. Por isso me seria muito conveniente faturar um pouquinho durante as manhãs. Além disso, eu sabia que meu auxiliar era uma boa pessoa e resolveria os problemas que surgissem.

“‘Para mim isso seria muito conveniente’, disse eu. ‘E o pagamento?’

“‘Quatro libras por semana.’

“‘E quanto ao trabalho?’

“‘É puramente nominal.’

“‘O que quer dizer com puramente nominal?’

“‘Bem, terá de permanecer no escritório, ou pelo menos no prédio, durante todo o tempo. Se sair, perde o cargo para sempre. O testamento é muito claro a esse respeito. Estará infringindo as condições se arredar o pé do escritório durante esse período.’

“‘São apenas quatro horas por dia e eu não pensaria em sair’, respondi.

“‘Nenhuma desculpa será aceita’, explicou Mr. Duncan Ross. ‘Nem doença, nem negócios, nem qualquer outra coisa. Ou fica no escritório ou vai para o olho da rua.’

“‘E o trabalho?’

“‘É copiar a *Enciclopédia Britânica.* Há um exemplar do primeiro volume naquele armário. O senhor providencia sua própria tinta, penas e mata-borrão; nós fornecemos esta mesa e esta cadeira. Está pronto para começar amanhã?’

“‘Sem dúvida.’

“‘Então adeus, Mr. Jabez Wilson, e permita que eu o parabenize mais uma vez pelo importante cargo que teve a sorte de conquistar.’

“Conduziu-me à porta com mesuras, e voltei para casa com meu auxiliar, sem saber o que dizer ou fazer, não cabendo em mim de contente

com a minha sorte.

“Bem, refleti sobre a questão o dia inteiro, e à tardinha vi-me novamente desalentado; convencera-me por completo de que toda aquela história devia ser uma grande mistificação ou fraude, embora não pudesse atinar com seu objetivo. Parecia inteiramente inacreditável que alguém pudesse fazer um testamento como aquele, ou que se pagasse tal soma para um serviço tão simples quanto copiar a *Enciclopédia Britânica*. Vincent Spaulding fez o que pôde para me animar, mas à hora de dormir eu estava decidido a cair fora de toda aquela história. Pela manhã, contudo, decidi que não custava dar uma olhada naquilo; assim, depois de comprar um vidro de tinta, uma pena e sete folhas de papel almaço, parti para Pope’s Court.

“Pois bem, tive a grata surpresa e satisfação de ver que tudo estava tão certo quanto possível. A mesa estava arrumada para mim, e Mr. Duncan Ross estava lá para ver se eu realmente iniciava o trabalho. Mostrou-me que devia começar pela letra A e saiu; vez por outra, porém, aparecia para ver se tudo corria bem. Às duas horas desejou-me boa tarde, cumprimentou-me pelo volume de trabalho feito e fechou a porta do escritório quando saí.

“As coisas continuaram assim dia após dia, Mr. Holmes, e no sábado o gerente entrou e entregou-me quatro soberanos de ouro pelo trabalho da semana. Na semana seguinte, a mesma coisa. Eu chegava todas as manhãs às dez horas e saía todas as tardes às duas. Pouco a pouco, Mr. Duncan Ross começou a aparecer apenas uma vez pela manhã; depois de certo tempo passou a não aparecer mais. Mesmo assim, é claro, nunca me atrevi a deixar a sala um só instante, pois não sabia ao certo quando ele poderia vir e era um emprego tão bom, me convinha tanto, que não correria por nada o risco de perdê-lo.

“Passaram-se oito semanas dessa mesma maneira; eu já escrevera sobre Abades, Arcos, Armadura, Arquitetura e Ática, e esperava chegar dentro em breve, diligentemente, à letra B. Tinha alguma despesa com papel almaço, e já enchera quase uma prateleira com meus escritos. E então, de repente, toda aquela história acabou.”

“Acabou?”

“Sim, senhor. E só nesta manhã. Fui para o trabalho como de costume às dez horas, mas dei com a porta trancada; havia um pequeno quadrado de cartolina pregado nela com um percevejo. Aqui está, o senhor mesmo pode ler.”

Estendeu um pedaço de cartolina branca do tamanho de uma folha de papel de carta. Nele, lia-se:

A LIGA DOS CABEÇAS VERMELHAS

FOI

DISSOLVIDA

9 de outubro de 1890

Sherlock Holmes e eu examinamos esse breve aviso, e a cara desolada atrás dele, até que o aspecto cômico do caso suplantou por completo qualquer outra consideração e explodimos ambos numa gargalhada.

“Não vejo onde está a graça”, exclamou nosso cliente, enrubescendo até as raízes de seus cabelos flamejantes. “Se os senhores não podem fazer melhor do que rir de mim, vou-me embora.”



“Dei com a porta trancada.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“Não, não”, protestou Holmes, empurrando-o de volta na cadeira de que começara a se erguer. “Eu realmente não perderia o seu caso por nada neste mundo. Ele é revigorantemente inusitado. Mas é também, desculpe-me dizê-

lo, um pouquinho engraçado. Por favor, que medidas tomou ao encontrar o cartão na porta?”

“Fiquei atordoado. Não sabia o que fazer. Fui aos escritórios vizinhos, mas ninguém parecia saber coisa alguma sobre o acontecido. Depois procurei o senhorio, um guarda-livros que mora no térreo, e perguntei se podia me dizer o que fora feito da Liga dos Cabeças Vermelhas. Respondeu que nunca ouvira falar nela. Perguntei-lhe então quem era Mr. Duncan Ross. Respondeu-me que o nome era novo para ele.

“‘Mas’, insisti, ‘é o cavalheiro do nº 4.’

“‘Ah, aquele ruivo?’

“‘Ele mesmo.’

“‘Oh’, respondeu. ‘Chama-se William Morris. É advogado e estava usando minha sala temporariamente até seu novo escritório ficar pronto. Mudou-se ontem.’

“‘Onde eu poderia encontrá-lo?’

“‘Ora, em seu novo escritório. Ele me deu o endereço. Cá está: King Edward Street nº 17, perto da catedral de St. Paul.’

“Parti para lá, Mr. Holmes, mas, quando cheguei a esse endereço, era uma fábrica de joelheiras e ninguém ali jamais ouvira falar de William Morris nem de Duncan Ross.”

“Que fez depois?” perguntou Holmes.

“Voltei para casa, na Saxe-Coburg Square, e aconselhei-me com meu auxiliar. Mas ele só pôde me dizer que, se eu esperasse, receberia alguma comunicação pelo correio. Mas isso não me deixou satisfeito, Mr. Holmes; eu não queria perder um emprego como aquele sem lutar; por isso, como já ouvira falar que o senhor tem a bondade de dar conselhos a gente pobre que deles precisa, vim imediatamente à sua procura.”

“Fez muito bem”, disse Holmes. “Seu caso é extremamente notável e terei o maior prazer em tratar dele. Pelo que me contou, parece-me possível que dele dependam questões muito mais graves do que se pensa à primeira vista.”

“Bastante graves!” disse Jabez Wilson. “Afinal, perdi quatro libras por semana.”

“No que lhe diz respeito pessoalmente”, observou Holmes, “não me parece que tenha qualquer motivo de queixa contra essa extraordinária Liga.

Ao contrário, está, pelo que sei, cerca de trinta libras mais rico, para não falar dos minuciosos conhecimentos que adquiriu sobre todos os assuntos que entram sob a letra A. Eles não o fizeram perder coisa alguma.”

“Não. Mas quero descobrir que negócio é esse, quem são eles e que objetivo tinham com essa brincadeira… se é que era uma brincadeira… à minha custa. A piada saiu bem cara para eles, custou-lhes trinta e duas libras.

“Vamos nos empenhar em esclarecer esses aspectos para o senhor. Mas, antes de mais nada, uma ou duas perguntas, Mr. Wilson. Esse auxiliar que chamou sua atenção para o anúncio, há quanto tempo ele trabalhava com o senhor?”

“Fazia cerca de um mês na época.”

“Como o encontrou?”

“Respondeu a um anúncio.”

“Foi o único candidato?”

“Não, houve uns dez.”

“Por que o escolheu?”

“Porque era jeitoso e me sairia barato.”

“Por metade do salário, na verdade.”

“Certo.”

“Como é ele, esse Vincent Spaulding?”

“Baixo, atarracado, muito esperto, sem barba nem bigode, embora já tenha uns trinta anos. Tem uma mancha branca de ácido na testa.”

Holmes pareceu alvoroçado em sua cadeira. “É o que pensei”, disse. “Notou por acaso se tem as orelhas furadas para usar brincos?”

“Sim. Disse-me que um cigano as furara quando era criança.”

“Hum!” resmungou Holmes, recostando-se na poltrona, imerso em profunda reflexão. “Ele continua com o senhor?”

“Sim; estive com ele há pouco.”

“Sua loja foi bem-cuidada durante sua ausência?”

“Não tenho do que me queixar, senhor. Nunca houve mesmo muito movimento pela manhã.”

“É o bastante, Mr. Wilson. Terei a satisfação de lhe dar um parecer sobre o assunto em um ou dois dias. Hoje é sábado; espero que possamos chegar a uma conclusão na segunda-feira.” “Bem, Watson”, disse Holmes

assim que nosso visitante saíra, “que lhe parece tudo isso?”

“Não entendi nada”, respondi francamente. “Que caso misterioso!”

“Em regra”, disse Holmes, “quanto mais insólita uma coisa, menos misteriosa se revela depois. Esses crimes banais, sem nada que os distinga, é que são os mais intrigantes, assim como um rosto comum é o de mais difícil identificação. Mas tenho de agir sem demora neste caso.”

“Que vai fazer?”

“Fumar. Este é um problema para três cachimbos, e peço-lhe que não fale comigo durante cinquenta minutos.”

Sentou-se com as pernas encolhidas em sua poltrona, os joelhos magros erguidos para seu nariz de falcão, e lá ficou, os olhos fechados e o cachimbo de barro preto projetando-se como o bico de uma ave estranha. Eu havia chegado à conclusão de que caíra no sono, e na verdade eu mesmo estava cochilando, quando de repente ele pulou do assento com o gesto de quem acaba de tomar uma decisão e pôs o cachimbo sobre o aparador da lareira.

“Sarasate toca no St. James’s Hall esta tarde”, anunciou. “Que acha, Watson? Será que seus pacientes poderiam lhe conceder algumas horas?”

“Não tenho nada para fazer hoje. Minha clientela nunca é muito absorvente.”

“Então ponha o chapéu e vamos. Passarei primeiro pela City e podemos comer alguma coisa a caminho. Vejo que há no programa muita música alemã, que me agrada mais do que a italiana ou a francesa. É introspectiva, e quero introspecção. Vamos!”

Fomos de metrô até Aldersgate, e uma breve caminhada levou-nos a Saxe-Coburg Square, cenário da singular história que ouvíramos pela manhã. Era um lugarzinho acanhado, de ar pretensioso: quatro fileiras de encardidas casas de tijolos de dois andares davam para um pequeno terreno gradeado em que uma relva de ervas daninhas e algumas moitas de loureiros-de-jardim murchos lutavam tenazmente contra uma atmosfera enfumaçada e desfavorável. Numa casa de esquina, três bolas douradas e uma tabuleta marrom com o nome “Jabez Wilson” em letras brancas indicavam o local em que nosso cliente ruivo fazia seus negócios. Sherlock Holmes parou diante da casa e, a cabeça inclinada para o lado, os olhos brilhando entre as pálpebras semicerradas, examinou-a minuciosamente. Depois caminhou devagar pela rua, voltou de novo à esquina, sempre fitando as casas atentamente. Por fim, retornou à loja de penhores e, tendo dado duas ou três vigorosas bengaladas

na calçada, dirigiu-se à porta e bateu. Foi imediatamente atendido por um rapaz de boa aparência, escanhoado, que o convidou a entrar.



“Foi imediatamente atendido.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“Muito obrigado. Desejava apenas perguntar como se vai daqui para o Strand.”

“Terceira à direita, quarta à esquerda”, respondeu prontamente o auxiliar, fechando a porta.

“Sujeito esperto”, comentou Holmes ao nos afastarmos. “Na minha opinião, é o quarto homem mais esperto de Londres; quanto à ousadia, tenho minhas suspeitas de que ocupa o terceiro lugar. Já ouvi falar dele antes.”

“É evidente”, observei, “que o auxiliar de Mr. Wilson tem muita importância nesse mistério da Liga dos Cabeças Vermelhas. Tenho certeza de que você só pediu a informação sobre o caminho para poder vê-lo.”

“Não a ele.”

“Para ver o quê, então?”

“Os joelhos de suas calças.”

“E o que viu?”

“O que esperava.”

“Por que bateu na calçada?”

“Meu caro doutor, este é um momento de observação, não de conversa. Somos espiões em território inimigo. Já sabemos alguma coisa sobre a Saxe-Coburg Square. Exploremos agora o terreno atrás dela.”

A rua em que nos encontramos ao dobrar a esquina da retirada Saxe-Coburg Square fazia com ela um contraste tão grande quanto a frente de uma pintura com o verso. Era uma das principais artérias que conduziam o tráfego da City para o norte e o oeste. As pistas estavam cheias com o fluxo imenso de veículos nas duas direções, enquanto as calçadas estavam pretas com o enxame apressado de pedestres. Era difícil imaginar, olhando-se para a linha de belas lojas e imponentes sedes de empresas, que elas realmente confinavam, do outro lado, com a pracinha sem graça e pachorrenta que acabáramos de deixar.

“Deixe-me ver”, disse Holmes, parando na esquina e contemplando a fileira de prédios. “Gostaria de memorizar a ordem dos imóveis aqui. Cultivo o *hobby* de ter um conhecimento preciso de Londres. Ali está Mortimer’s, a tabacaria; a lojinha de jornais; a agência de Coburg do City & Suburban Bank; o Restaurante Vegetariano; e o depósito da McFarlane, fabricante de carruagens. Isso nos leva diretamente ao outro quarteirão. E agora que nosso trabalho está feito, doutor, é hora de nos divertirmos um pouco. Um sanduíche, uma xícara de café, e depois direto para o reino do violino, onde tudo é suavidade, delicadeza e harmonia, e não há nenhum cliente ruivo para nos exasperar com suas charadas.”

Meu amigo era um músico entusiasta, sendo ele mesmo não apenas um executante capaz como um compositor de méritos pouco comuns. Passou a tarde sentado bem perto do palco, na mais perfeita felicidade, movendo os dedos longos e finos ao compasso da música, enquanto um doce sorriso lhe pairava nos lábios, e seus olhos lânguidos, sonhadores, eram tão diferentes quanto se pode imaginar dos de Holmes, o cão de caça, Holmes, o agente criminal implacável, arguto e certeiro. Em seu caráter singular, a natureza dual afirmava-se alternadamente; sua exatidão e astúcia extremas representavam, como tantas vezes me pareceu, uma reação ao espírito poético e contemplativo que ocasionalmente predominava nele. A oscilação de sua natureza levava-o do extremo langor à energia devoradora; e, como eu bem sabia, ele nunca era tão temível como depois de passar dias a fio refestelado em sua poltrona, entre suas improvisações e edições em gótico. Era então que a ânsia da caça tomava conta dele subitamente e sua brilhante capacidade de raciocínio elevava-se ao nível da intuição, fazendo por fim com que os que

não conheciam seu método olhassem-no de esguelha, como a um homem cujo conhecimento não se equiparava ao do comum dos mortais. Naquela tarde, ao vê-lo tão enlevado pela música em St. James's Hall, senti que maus momentos poderiam estar chegando para aqueles que se armara para caçar.

"Com certeza quer voltar para casa, doutor", observou quando saímos.

"Sim, não seria mau."

"Quanto a mim, tenho providências a tomar que me ocuparão por algumas horas. Esse negócio de Coburg Square é grave."

"Grave por quê?"

"Um crime considerável está sendo arquitetado. Tenho todas as razões para acreditar que teremos tempo de evitá-lo. Mas o fato de hoje ser sábado complica bastante as coisas. Precisarei da sua ajuda esta noite."

"A que horas?"

"Basta chegar às dez."

"Estarei em Baker Street às dez."

"Ótimo. E, ouça, doutor, pode haver algum pequeno perigo, portanto tenha a bondade de pôr seu revólver do Exército no bolso." Fez um aceno, girou sobre os calcanhares e desapareceu num instante no meio da multidão.

Acredito que não sou mais obtuso que a média das pessoas, mas sentia-me sempre oprimido por uma sensação de minha própria estupidez na minha relação com Sherlock Holmes. Naquele caso eu ouvira o que ele ouvira, escutara o que ele escutara, e no entanto era evidente por suas palavras que ele percebia claramente não só o que acontecera como o que estava prestes a acontecer, enquanto para mim toda a questão continuava confusa e absurda. No carro, a caminho de minha casa, em Kensington, refleti sobre tudo aquilo, desde a extraordinária história do copista ruivo da *Enciclopédia* até a visita a Saxe-Coburg Square e as palavras agourentas com que ele se despedira de mim. Que seria essa expedição noturna e por que eu devia ir armado? Aonde iríamos e o que faríamos? Eu tinha a pista, dada por Holmes, de que o auxiliar escanhoado do penhorista era um homem temível… um homem capaz de um jogo perigoso. Tentei encaixar as peças do quebra-cabeça, mas desisti, desanimado, e pus o problema de lado até que a noite trouxesse uma explicação.

Faltava um quarto para as nove quando saí de casa, atravessei o Parque e segui pela Oxford Street até Baker Street. Havia dois *hansoms* parados à

porta e, ao cruzar o vestíbulo, ouvi vozes vindo de cima. Entrando na sala de Holmes, encontrei-o em animada conversa com dois homens, um dos quais reconheci como Peter Jones, o agente da polícia, e o outro um homem alto, magro, de rosto triste, com um chapéu muito brilhante e uma sobrecasaca opressivamente respeitável.

"Ah! Nosso grupo está completo", exclamou Holmes, abotoando o jaquetão e tirando do cabide seu pesado chicote de montaria. "Watson, creio que conhece Mr. Jones, da Scotland Yard, não? Permita-me apresentar-lhe Mr. Merryweather, que será nosso companheiro na aventura desta noite."

"Como vê, doutor, estamos caçando em duplas novamente", comentou Jones com seu ar pomposo. "Nosso amigo aqui é um homem maravilhoso para iniciar uma caçada. Só precisa de um velho cão para rastrear a presa."

"Espero que nossa caçada não acabe dando em nada", observou Mr. Merryweather, desanimado.

"Mr. Holmes é digno de considerável confiança", disse o policial, com arrogância. "Tem lá seus metodozinhos que, perdoe-me dizê-lo, são um pouquinho teóricos e fantásticos demais, mas há nele os ingredientes que fazem um detetive. Não é exagero dizer que uma ou duas vezes, como naquele caso do assassinato dos Sholto e do tesouro de Agra, chegou mais perto da verdade do que a polícia."

"Ah, se o senhor diz, está certo", disse o estranho com deferência. "Apesar disso, confesso que sinto falta do meu *rubber*. É a primeira noite de sábado, em 27 anos, que não jogo o meu *rubber*."

"Creio que descobrirá, Mr. Merryweather", disse Sherlock Holmes, "que jogará esta noite pelo maior lance sua vida, e que o jogo será mais empolgante. Para o senhor estarão em jogo cerca de trinta mil libras; para você, Jones, o homem que deseja encontrar."

"John Clay, assassino, ladrão, arrombador e falsário. Ele é jovem, Mr. Merryweather, mas está no topo da carreira, e é o criminoso que mais quero algemar em toda Londres. É um homem notável, esse John Clay. Seu avô era um duque real e ele próprio frequentou Eton e Oxford. Seu cérebro é tão hábil quanto seus dedos, e, embora volta e meia encontremos vestígios seus, nunca conseguimos pegá-lo. Penetra numa casa na Escócia numa semana e na semana seguinte está levantando dinheiro para construir um orfanato na Cornualha. Estou na sua cola há anos e até hoje nunca pus os olhos nele."

"Espero poder ter o prazer de apresentá-lo a você esta noite. Também

tive um ou dois probleminhas com Mr. John Clay e concordo com você que ele está no topo da carreira. Mas já passa das dez, é hora de ir. Se os senhores tomarem o primeiro *hansom*, Watson e eu os seguiremos no segundo."

Sherlock Holmes não se mostrou muito comunicativo durante o longo percurso; ficou recostado no banco, cantarolando as melodias que ouvíramos à tarde. Passamos por um interminável labirinto de ruas iluminadas por lampiões de gás até chegar a Farringdon Street.

"Agora estamos bem perto", observou meu amigo. "Esse sujeito, Merryweather, é diretor de um banco e tem interesse pessoal na questão. Achei que seria bom termos Jones conosco também. Não é mau sujeito, embora seja um rematado imbecil em sua profissão. Tem uma virtude indiscutível: é corajoso como um buldogue e tenaz como uma lagosta quando deita as garras em alguém. Cá estamos; eles estão à nossa espera."



"Mr. Merryweather parou
para acender uma lanterna."
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

Chegáramos à mesma rua movimentada em que havíamos estado de manhã. Nossos carros foram dispensados e, seguindo a orientação de Mr. Merryweather, atravessamos uma passagem estreita e entramos por uma porta

lateral que ele abriu para nós. Lá dentro havia um pequeno corredor que terminava num portão de ferro maciço, que também foi aberto. Dava para um lanço de degraus de pedra que desciam em caracol e terminavam em outro portão colossal. Mr. Merryweather parou para acender uma lanterna e conduziu-nos por uma passagem escura, cheirando a terra, e, após abrir uma terceira porta, introduziu-nos num enorme porão, ou caixa-forte, em que caixotes e grandes caixas se espalhavam por toda parte.

"Os senhores não são muito vulneráveis do alto", comentou Holmes, levantando a lanterna e olhando à sua volta.

"Nem de baixo", disse Mr. Merryweather, batendo a bengala sobre as lajes do piso. "Meu Deus! Parece completamente oco!" exclamou, levantando os olhos, espantado.

"Devo realmente lhe pedir que seja um pouco menos ruidoso!" disse Holmes severamente. "O senhor já pôs em perigo todo o êxito de nossa expedição. Seria muito pedir-lhe que tenha a bondade de se sentar num desses caixotes e não interferir?"

O solene Mr. Merryweather empoleirou-se num caixote com uma expressão muito indignada no rosto, enquanto Holmes ajoelhava-se no chão e, com a lanterna e uma lente de aumento, começava a examinar minuciosamente as fendas entre as lajes. Poucos segundos foram o bastante para satisfazê-lo, pois se levantou de um salto e enfiou a lente no bolso.

"Temos pelo menos uma hora pela frente", observou, "porque eles dificilmente poderão dar qualquer passo antes que o nosso bom penhorista esteja com certeza na cama. A partir de então não perderão um minuto, pois, quanto mais cedo fizerem seu trabalho, mais tempo terão para fugir. Estamos agora, doutor… como sem dúvida já adivinhou… no cofre-forte da agência da City de um dos principais bancos de Londres. Mr. Merryweather, que é o presidente do conselho diretor, lhe explicará que há razões para que os mais ousados criminosos de Londres tenham considerável interesse por este porão neste momento."

"É o nosso ouro francês", murmurou o diretor. "Recebemos vários avisos de que poderiam tentar roubá-lo."

"O ouro francês dos senhores?"

"Isso mesmo. Há alguns meses, tivemos oportunidade de reforçar nossas reservas e, para esse propósito, tomamos emprestados trinta mil napoleões do Banco da França. Transpirou que não tivemos ocasião de desencaixotar o

dinheiro, e que ele continua em nosso porão. O caixote em que estou sentado contém dois mil napoleões empacotados entre camadas de lâminas de chumbo. Nossa reserva de barras de ouro é neste momento muito maior que a mantida usualmente numa única agência, e isso tem inspirado receios a nossos diretores."

"Receios plenamente justificados", observou Holmes. "Mas chegou o momento de preparar a execução de nossos pequenos planos. Espero que dentro de uma hora esteja tudo concluído. Enquanto isso, Mr. Merryweather, temos de fechar o obturador daquela lanterna."

"E ficar no escuro?"

"Lamento, senhor. Trouxe um baralho no bolso; pensei que, como estaríamos numa *partie carrée*, poderia, afinal de contas, ter a sua partida de *rubber*. Mas vejo que os preparativos do inimigo estão tão adiantados que não podemos nos arriscar a acender nenhuma luz. Devemos escolher nossas posições imediatamente. São homens ousados e, embora os tenhamos posto em desvantagem, podem nos fazer algum mal se não tivermos cuidado. Ficarei atrás deste caixote e os senhores se esconderão atrás daqueles. Quando eu jogar a luz da lanterna sobre eles, fechem o cerco rapidamente. Se eles atirarem, Watson, revide e abata-os sem piedade."

Pus meu revólver, engatilhado, sobre a caixa de madeira atrás da qual estava agachado. Holmes puxou o obturador da lanterna e nos deixou no breu… uma escuridão tão completa como eu nunca experimentara antes. Restava o cheiro de metal quente para nos assegurar de que a luz continuava ali, pronta a iluminar instantaneamente. Para mim, no nervosismo extremo que a expectativa provocava, havia algo de deprimente e esmagador naquela escuridão súbita, no ar frio e úmido da caixa-forte.

"Eles só têm uma saída", murmurou Holmes. "É voltar para Saxe-Coburg Square passando pela casa. Fez mesmo o que lhe pedi, Jones?"

"Tenho um inspetor e dois agentes esperando na porta da frente."

"Então fechamos todas as saídas. Agora, devemos ficar em silêncio e esperar."

Como aquele tempo pareceu longo! Mais tarde, comparando anotações, vi que não passou de uma hora e um quarto, mas minha impressão era que a noite devia estar quase terminada, que o dia já raiava lá em cima. Minhas pernas e braços estavam cansados e duros, porque eu não me atrevia a mudar de posição; enquanto isso, meus nervos haviam chegado ao auge da tensão, e

minha audição estava tão aguçada que eu podia não só ouvir a suave respiração de meus companheiros, como distinguir a inspiração mais pesada e profunda do corpulento Jones da nota fina e suspirante do diretor do banco. De onde estava, eu podia ver o chão, além da caixa; de repente meus olhos captaram um lampejo.

A princípio não passou de uma pálida centelha no pavimento de pedra. Depois ela se alongou até se transformar numa risca amarela, e em seguida, sem qualquer advertência ou som, abriu-se uma fenda e apareceu uma mão, uma mão branca, quase feminina, que tateou no centro da pequena área de luz. Por um minuto ou mais, a mão projetou-se do chão, contorcendo os dedos. Logo em seguida sumiu, tão rapidamente como surgira, e tudo mergulhou de novo da escuridão, exceto por aquela única e pálida centelha, que marcava uma fissura entre as lajes.

O desaparecimento da mão, porém, foi apenas momentâneo. Com o som de algo que se despedaça, rasga, lajes brancas giraram para um lado, abrindo um buraco quadrado pelo qual jorrou a luz de uma lanterna. Na borda desse buraco despontou, nitidamente, um rosto de rapazola, que lançou um olhar em torno de si e, em seguida, as mãos de um lado e de outro da abertura, ergueu-se até apoiar na beirada os ombros, a cintura e por fim um joelho. Dentro de mais um instante, o sujeito estava de pé ao lado do buraco, puxando para junto de si um companheiro, ágil como ele, de rosto muito pálido e com uma basta cabeleira de um vermelho vivo.

“Tudo limpo”, sussurrou. “Está com a talhadeira e os sacos? Meu Deus! Pule, Archie, pule que estou frito!”

Sherlock Holmes havia saltado e agarrado o intruso pelo colarinho. O outro mergulhou buraco abaixo, e ouvi um som de pano se rasgando quando Jones lhe agarrou a roupa. A luz incidiu no cano de um revólver, mas o chicote de montaria de Holmes desceu sobre o punho do homem e a pistola tiniu sobre o chão de pedra.

“Não adianta, John Clay”, disse Holmes afavelmente. “Você não tem a menor chance.”

“Estou vendo”, respondeu o outro com suprema serenidade. “Creio que o meu camarada se safou, embora veja que vocês lhe arrancaram as abas do paletó.”



“Não adianta, John Clay.” [Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891] 72

“Há três homens à espera dele na porta”, disse Holmes.

“Ah, verdade? Parece que você fez um serviço completo. Devo cumprimentá-lo.”

“Eu também lhe dou os parabéns”, respondeu Holmes. “A ideia dos ruivos foi muito original e eficaz.”

“Você verá seu camarada já, já”, disse Jones. “Ele se arrasta por buracos mais rápido que eu. Agora, quieto enquanto fecho as algemas.”

“Peço que não me encoste essas suas mãos imundas”, disse o preso quando as algemas se fecharam sobre os seus punhos. “Talvez não saiba que corre sangue real nas minhas veias. Tenha a bondade, também, de dizer ‘senhor’ e ‘por favor’ ao se dirigir a mim.”

“Como queira”, disse Jones, encarando-o e soltando uma risadinha. “Bem, poderia Vossa Alteza ter a bondade de subir a escada para que possamos tomar o carro que o conduzirá à delegacia?”

“Assim é melhor”, disse John Clay tranquilamente.

Após fazer uma profunda reverência para nós três, retirou-se com toda a calma sob a guarda do detetive.

“Na verdade, Mr. Holmes”, disse Mr. Merryweather quando saíamos do porão atrás dele. “Não sei como o banco poderia lhe agradecer ou remunerar seus serviços. Não há dúvida de que descobriu e frustrou de maneira cabal

uma das tentativas mais resolutas de assaltar um banco com que jamais deparei em minha experiência.”

“Eu mesmo tinha uma ou duas continhas para acertar com Mr. John Clay”, respondeu Holmes. “Tive algumas pequenas despesas com este caso, e espero que o banco me reembolse; fora isso, porém, sinto-me amplamente recompensado por uma experiência singular sob muitos aspectos e também por ter ouvido a extraordinária narrativa sobre a Liga dos Cabeças Vermelhas.”

“Como vê, Watson”, ele explicou nas primeiras horas da manhã, quando tomávamos um uísque com soda em Baker Street, “era perfeitamente claro, desde o início, que a única finalidade possível daquela história fantástica da Liga e da cópia da *Enciclopédia* era tirar do caminho nosso não muito brilhante penhorista durante certo número de horas todos os dias. Foi uma manobra curiosa, mas de fato seria difícil sugerir uma melhor. O método foi sem dúvida sugerido à mente engenhosa de Clay pela cor do cabelo de seu cúmplice. As quatro libras semanais foram a isca destinada a atrair o penhorista, e que significava isso para eles, que estavam jogando por milhares? Publicam o anúncio, um dos escroques arranja um escritório temporário, o outro incita o penhorista a se candidatar, e os dois conseguem assegurar a ausência dele durante todas as manhãs da semana. Desde o instante em que ouvi que o auxiliar aceitara trabalhar por metade do salário, pareceu-me evidente que tinha um motivo forte para querer o emprego.”

“Mas como conseguiu adivinhar qual era esse motivo?”

“Se houvesse uma mulher na casa, eu teria suspeitado de um vulgar caso de amor clandestino. Mas isso estava fora de cogitação. O negócio de Wilson era pequeno, e não havia nada em sua casa que pudesse justificar preparativos tão complicados e os gastos que estavam fazendo. Devia, portanto, ser alguma coisa fora da casa. Que poderia ser? Pensei na paixão do auxiliar por fotografia e em sua mania de desaparecer no porão. O porão! Ali estava a ponta dessa meada embaraçada. Conduzi então investigações sobre esse misterioso auxiliar e descobri que tinha pela frente um dos mais frios e ousados criminosos de Londres. Ele estava fazendo alguma coisa no porão… alguma coisa que exigia muitas horas, meses a fio. Que poderia ser? Não consegui atinar com outra possibilidade a não ser a de que estivesse cavando um túnel para algum outro prédio.

“Eu havia chegado até aí quando fomos visitar a cena dos

acontecimentos. Você ficou surpreso ao me ver dar bengaladas no chão. Estava verificando se o porão se estendia à frente ou aos fundos da casa. Não era à frente. Em seguida toquei a campainha e, como esperava, o auxiliar atendeu. Tínhamos tido algumas escaramuças, mas nunca nos víramos antes. Mal olhei para o rosto dele. Eram os joelhos que queria ver. Você mesmo deve ter reparado como estavam gastos, amarrotados e sujos. Falavam de todas aquelas horas de escavação. Só restava descobrir a troco de que estavam escavando. Quando, ao dobrar a esquina, vi que os fundos do City & Suburban Bank davam para o prédio do nosso amigo, senti que resolvera meu problema. Depois que você foi para casa, terminado o concerto, fiz uma visita à Scotland Yard e ao presidente do conselho diretor do banco, com as consequências que você viu."

"Como sabia que era esta noite que fariam sua tentativa?"

"Bem, o fechamento do escritório da Liga foi sinal de que não se importavam mais com a presença de Mr. Jabez Wilson; em outras palavras, haviam concluído o seu túnel. Mas era essencial utilizarem-no logo, pois a qualquer momento poderia ser descoberto, ou o ouro removido. Sábado seria a ocasião ideal para eles, pois lhes daria dois dias para fugir. Por todas estas razões, eu esperava que agissem esta noite.

"Você raciocinou magnificamente", exclamei com sincera admiração. "Apesar de ser uma cadeia de fatos tão longa, todos os elos soam convincentes."

"Isso me salvou do *ennui"*, observou Holmes com um bocejo. "Mas ai de mim! Já o sinto fechando o cerco à minha volta. Minha vida resume-se a um longo esforço para escapar aos lugares-comuns da existência. Esses probleminhas me ajudam nisso."

"Você é um benfeitor da raça humana."

Ele deu de ombros. "Bem, talvez, afinal de contas, essas coisas tenham uma pequena serventia", observou. "*L'homme c'est rien, l'oeuvre c'est tout*", como escreveu Gustave Flaubert a George Sand.

UM CASO DE IDENTIDADE

"MEU CARO COMPANHEIRO", disse Sherlock Holmes quando estávamos sentados, a lareira entre um e outro, em seus aposentos em Baker Street, "a vida é infinitamente mais estranha do que tudo que a mente humana seria capaz de inventar. Não ousaríamos conceber coisas que, na realidade, não passam de lugares-comuns da existência. Se pudéssemos sair voando de mãos dadas por aquela janela, pairar sobre esta grande cidade, remover suavemente os telhados e espreitar as esquisitices que estão acontecendo, as estranhas coincidências, as maquinações, os quiproquós, os maravilhosos encadeamentos de fatos, que atravessam gerações e conduzem aos resultados mais estapafúrdios, toda a ficção, com suas convenções e conclusões previsíveis, pareceria extremamente batida e inútil."

"Sabe, você não me convence inteiramente", respondi. "Os casos que vêm à luz nos jornais são, em geral, bastante prosaicos, bastante vulgares. Temos em nossas notícias policiais o realismo levado ao extremo, e no entanto é preciso confessar que o resultado não é fascinante nem artístico."

"Para produzir um efeito realístico, é preciso exercer certa seleção e discernimento", observou Holmes. "Falta isso ao noticiário policial, em que se dá mais ênfase, talvez, às platitudes pronunciadas pelo juiz do que aos detalhes, que, para um observador, contêm a essência vital de toda a questão. Acredite, não há nada tão aberrante quanto o lugar-comum."

Sorri, sacudindo a cabeça. "Posso entender perfeitamente que você pense assim", disse. "É evidente que em sua posição de conselheiro não oficial, de alguém que ajuda todos os inteiramente perplexos em três continentes, você entra em contato com tudo que é estranho, bizarro. Mas vamos lá," e peguei no chão o jornal da manhã, "submetamos isso a um teste prático. Cá está a primeira manchete que encontro: 'Marido maltrata a mulher.' Há um texto de meia coluna, mas sei, sem ler, que tudo isso me é perfeitamente conhecido. Há, é claro, a outra mulher, a bebida, o empurrão, o

soco, a contusão, a irmã ou senhoria condoída. O mais inábil dos escritores não poderia inventar nada mais chão.”

“Na verdade você tomou um exemplo infeliz para a sua argumentação”, disse Holmes, pegando o jornal e passando-lhe os olhos. “Esse é o caso de separação dos Dunda, e ocorre que participei da elucidação de alguns pequenos detalhes relacionados a ele. O marido era abstêmio, não havia outra mulher e a conduta dele que motivou a queixa foi o hábito que adquirira de arrematar todas as refeições tirando a dentadura e jogando-a na mulher, o que, você há de convir, não é um gesto que tenda a ocorrer à imaginação de um contador de histórias mediano. Tome uma pitada de rapé, doutor, e admita que levei a melhor no caso desse seu exemplo.”

Estendeu-me a caixa de rapé de ouro antigo, com uma grande ametista no centro da tampa. O esplendor desse objeto contrastava de tal modo com os hábitos pouco refinados e a vida frugal de meu amigo que não me pude abster de fazer um comentário a respeito.

“Ah”, respondeu, “esqueci-me de que havia passado algumas semanas sem o ver. É uma lembrancinha do rei da Boêmia, como recompensa por minha ajuda no caso dos papéis de Irene Adler.”

“E o anel?” perguntei, fitando um notável brilhante que faiscava em seu dedo.

“Ganhei da família reinante da Holanda, mas o episódio em que lhes prestei meus serviços foi de tal delicadeza que não posso confiá-lo sequer a você, que teve a gentileza de registrar um ou dois de meus pequenos casos.”

“Está tratando de algum no momento?” perguntei com interesse.

“Uns dez ou doze, mas nenhum que apresente qualquer característica de interesse. São importantes, mas nem por isso interessantes. Na verdade, descobri que em geral é em assuntos sem importância que há campo para a observação e a análise rápida de causa e efeito que faz o encanto de uma investigação. Os crimes maiores tendem a ser mais simples, pois quanto maior é o crime, mais óbvio, em regra, é o motivo. Nos casos de que me ocupo no momento, a não ser por um problema bastante intricado que me chegou de Marselha, não há nada que apresente uma só característica de interesse. É possível, porém, que eu tenha alguma coisa melhor dentro de poucos minutos, pois, ou muito me engano, ou aí vem um de meus clientes.”

Holmes erguera-se da cadeira e estava de pé entre as persianas entreabertas, observando a insípida e cinzenta rua de Londres. Olhando sobre

seu ombro, vi, plantada na calçada oposta, uma mulher robusta, com um espesso boá de pele enrolado no pescoço e uma grande e ondulada pluma vermelha espetada num chapéu de abas largas enviesado sobre a orelha, à moda coquete da duquesa de Devonshire. Sob essa grande panóplia, ela lançava olhares furtivos, nervosos e hesitantes para nossas janelas, enquanto seu corpo balançava para frente e para trás e os dedos remexiam nos botões da luva. De repente, num mergulho, como o do nadador que salta da margem, atravessou a rua num átimo e ouvimos o som estridente da campainha.

"Já vi esses sintomas antes", disse Holmes, jogando o cigarro no fogo. "Hesitação na calçada sempre significa um *affaire de coeur*. Ela deseja um conselho, mas teme que a questão seja delicada demais para ser revelada. Mas mesmo num caso desse tipo podemos fazer uma distinção. Quando uma mulher foi seriamente maltratada por um homem, ela já não hesita, e o sintoma usual é uma corda de campainha arrebentada. Podemos presumir que este é um caso de amor, mas que a donzela em questão está menos enraivecida que perplexa, ou magoada. Mas aí vem ela em pessoa para esclarecer nossas dúvidas."

Ele ainda falava quando ouvimos uma batida à porta; o mensageiro entrou para anunciar a visita de Miss Mary Sutherland, enquanto ela própria avultava atrás da figurinha preta do garoto, como um navio cargueiro de velas infladas atrás do pequeno barco-piloto. Sherlock Holmes recebeu a visitante com a cortesia natural que o notabilizava e, depois de fechar a porta e conduzi-la a uma poltrona, contemplou-a da maneira meticulosa e ao mesmo tempo abstrata que lhe era peculiar.

"Não lhe parece um pouco penoso escrever tanto a máquina, com essa sua miopia?"



“Sherlock Holmes recebeu a visitante.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“A princípio foi”, respondeu ela, “mas agora sei onde estão as letras sem olhar.” Em seguida, compreendendo de repente o pleno alcance daquelas palavras, teve um violento sobressalto e levantou os olhos, com medo e pasmo estampados em seu rosto largo, bem-humorado.

“Já ouviu falar de mim, Mr. Holmes”, exclamou, “senão, como poderia saber disso tudo?”

“Não se preocupe”, respondeu ele, rindo; “saber coisas é o meu ofício. Talvez eu tenha me exercitado para ver o que os outros deixam passar. Do contrário, por que viria me consultar?”

“Estou aqui porque ouvi falar do senhor por Mrs. Etherege, cujo marido encontrou com tanta facilidade, quando a polícia e todos o davam por morto. Oh, Mr. Holmes, gostaria que pudesse fazer o mesmo por mim. Não sou rica, mas tenho direito a uma renda de cem libras por ano, fora o pouco que ganho com a máquina, e daria isso tudo para saber o que foi feito de Mr. Hosmer Angel.”

“Por que saiu tão afobada para me consultar?” perguntou Sherlock Holmes, com as pontas dos dedos unidas e fitando o teto.

Novamente um ar de espanto pairou no semblante um tanto inexpressivo de Mary Sutherland. “É verdade, saí de casa de supetão”, disse ela, “pois irritou-me ver a tranquilidade com que Mr. Windibank… isto é… meu pai,

encarou tudo. Recusava-se a ir à polícia e não queria procurá-lo. Vendo que ele não se dispunha a fazer coisa alguma e insistia em que nada de grave acontecera, acabei ficando furiosa, peguei minhas coisas e vim direto para cá."

"Seu pai?" perguntou Holmes. "Certamente seu padrasto, já que o sobrenome é diferente."

"Isso mesmo, meu padrasto. Eu o chamo de pai, embora isso soe até engraçado, porque é apenas cinco anos e dois meses mais velho que eu."

"Sua mãe é viva?"

"Ah, sim, minha mãe está viva e passa bem. Não fiquei lá muito satisfeita, Mr. Holmes, quando ela se casou novamente tão pouco tempo após a morte de meu pai, e com um homem quase quinze anos mais novo que ela. Meu pai era bombeiro em Tottenham Court Road e deixou um negócio bastante grande, que minha mãe continuou tocando com Mr. Hardy, o contramestre; mas quando Mr. Windibank apareceu convenceu-a a vender a oficina, porque ele, sendo caixeiro-viajante de vinhos, era muito superior. Eles conseguiram 4.700 libras pela clientela e o patrimônio, o que não chega nem perto do que papai teria conseguido se fosse vivo."

Esperara ver Sherlock Holmes impacientar-se com essa narrativa divagante e inconsequente, mas, pelo contrário, ele ouvia com a máxima atenção.

"Sua pequena renda pessoal", perguntou, "vem desse negócio?"

"Ah, não, senhor. Isso é totalmente à parte e foi-me deixado por meu tio Ned, em Auckland. Está aplicado em ações da Nova Zelândia, que rendem 4,5%. O total foi de 2.500 libras, mas só posso retirar os juros."

"Tenho extremo interesse em seu caso", disse Holmes. "Dispondo de soma tão elevada quanto cem libras por ano, sem contar o que ganha trabalhando, a senhorita certamente viaja um pouco e satisfaz todos os seus caprichos. Acredito que uma moça solteira pode viver muito bem com uma renda de cerca de sessenta libras."

"Poderia viver com muito menos que isso, Mr. Holmes, mas, sabe, enquanto morar com eles, não quero ser uma carga; por isso meu dinheiro fica com eles, só enquanto estou morando lá. Claro que é apenas por algum tempo. Mr. Windibank retira os meus juros todos os trimestres e entrega o dinheiro à minha mãe, pois posso viver muito bem com o que ganho com a datilografia. Ela me rende dois pence a página, e com frequência consigo

bater de quinze a vinte páginas por dia.”

“A senhorita deixou sua situação muito clara para mim”, disse Holmes. “Este é o meu amigo Dr. Watson, em cuja presença pode falar tão francamente quanto a sós comigo. Agora, por gentileza, conte-nos tudo sobre a sua ligação com Mr. Hosmer Angel.”

Enquanto um rubor lhe tingia as faces, Miss Sutherland puxou nervosamente a barra do casaco. “Eu o conheci no baile dos gasistas. Eles sempre nos mandavam ingressos quando meu pai era vivo; depois continuaram a se lembrar de nós e os enviavam a minha mãe. Mr. Windibank não queria que fôssemos. Nunca queria que fôssemos a parte alguma. Ficava furioso até quando eu queria simplesmente ir a uma festinha da igreja dominical. Mas dessa vez decidi ir, quisesse ele ou não; pois que direito tinha de impedir? Ele alegou que não convinha que conhecêssemos aquela gente, quando todos os amigos de meu pai estariam lá. Disse também que eu não tinha nada adequado para usar, mas tenho meu vestido roxo de pelúcia que praticamente nunca tirei da gaveta. Por fim, quando não podia fazer mais nada, ele viajou para a França a negócios da firma, mas nós fomos, minha mãe e eu, com Mr. Hardy, nosso antigo contramestre, e foi lá que conheci Mr. Hosmer Angel.”

“Suponho”, disse Holmes, “que ao voltar da França Mr. Windibank ficou muito aborrecido por terem ido ao baile.”

“Sabe que se mostrou muito tolerante? Riu, eu me lembro, e deu de ombros, dizendo que era inútil negar qualquer coisa a uma mulher, pois ela acabava fazendo o que queria.”

“Entendo. Então no baile dos gasistas a senhorita conheceu, pelo que disse, um cavalheiro chamado Hosmer Angel.”

“Isso mesmo. Nós nos conhecemos naquela noite e ele nos visitou no dia seguinte para saber se tínhamos chegado bem em casa; depois nós o encontramos… isto é, Mr. Holmes, eu o encontrei duas vezes para passear, mas depois meu pai voltou e Mr. Hosmer Angel não pôde mais ir à nossa casa.”

“Não?”

“Bem, é que meu pai não gostava de nada desse tipo. Ele não receberia visita nenhuma se pudesse, e costumava dizer que uma mulher devia se sentir feliz no seio de sua família. Mas, como eu sempre dizia a mamãe, o que uma mulher quer, para começar, é ter seu próprio círculo de relações, e eu ainda

não tinha o meu.”



“No baile dos gasistas.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“Mas e Mr. Hosmer Angel? Não fez nenhuma tentativa de vê-la?”

“Bem, meu pai iria para a França novamente dentro de uma semana, e Hosmer escreveu dizendo que seria mais seguro e melhor não nos vermos até que ele viajasse. Enquanto isso, podíamos nos corresponder, e passou a me escrever todos os dias. Como eu recebia as cartas de manhã, meu pai não precisava saber.”

“A senhorita estava noiva desse cavalheiro na época?”

“Sim, Mr. Holmes. Ficamos noivos depois do primeiro passeio que demos. Hosmer… Mr. Angel… era caixa de uma firma na Leadenhall Street… e…”

“Que firma?”

“Esse é o maior problema, Mr. Holmes, eu não sei.”

“Onde morava ele, então?”

“Dormia na firma.”

“E a senhorita não sabe o endereço dele?”

“Não. Só sei que ficava em Leadenhall Street.”

“Nesse caso, para onde enviava suas cartas?”

“Para a posta-restante da agência dos Correios naquela rua. Ele disse que se as cartas fossem para o escritório todos os outros funcionários zombariam dele por estar recebendo cartas de uma mulher; prontifiquei-me a datilografá-las, como ele fazia com as dele, mas ele não quis, disse que quando eu escrevia à mão elas pareciam vir de mim, mas quando eram datilografadas sempre sentia que a máquina se interpunha entre nós. Isso mostra bem como ele gostava de mim, Mr. Holmes, e os detalhes em que pensava.”

“Muito sugestivo”, disse Holmes. “Há muito tenho como axioma que as pequenas coisas são infinitamente as mais importantes. É capaz de se lembrar de outros pequenos detalhes a respeito de Mr. Hosmer Angel?”

“Era um homem muito tímido. Preferia sair comigo à noite, pois dizia que detestava chamar a atenção. Era muito recatado e cortês. Até sua voz era suave. Teve amigdalite e inchaço das glândulas quando jovem, segundo me contou, e ficou com a garganta fraca e um jeito de falar pausado, murmurante. Estava sempre bem-vestido, muito arrumado e simples, mas tinha a vista fraca, como eu, e usava óculos esfumaçados contra a claridade.”

“Bem, e que aconteceu quando Mr. Windibank, seu padrasto, voltou à França?”

“Mr. Hosmer Angel foi à nossa casa outra vez e propôs que nos casássemos antes que papai voltasse. Estava extremamente sério e me fez jurar, com as mãos sobre a Bíblia, que, o que quer que acontecesse, eu sempre lhe seria fiel. Minha mãe disse que ele estava muito certo ao me fazer jurar, que isso era um sinal da sua paixão. Ela sempre foi a favor dele desde o princípio, gostava ainda mais dele do que eu. Depois, quando eles falaram em casamento dentro de uma semana, comecei a perguntar sobre meu pai; os dois disseram que eu não me preocupasse com ele, que apenas lhe contasse depois, e minha mãe garantiu que arranjaria tudo com ele. Aquilo não me agradava muito, Mr. Holmes. Parecia engraçado que eu tivesse de lhe pedir autorização, porque ele era apenas alguns anos mais velho que eu; mas como eu não queria fazer nada às escondidas, escrevi para ele em Bordeaux, onde a companhia mantém seus escritórios franceses, mas a carta me chegou de volta na própria manhã do casamento.”

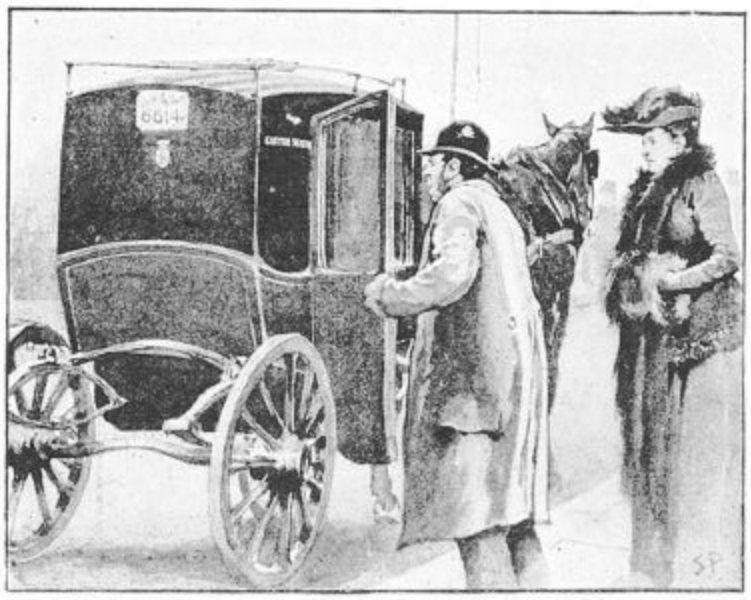
“Não o alcançou, então?”

“Não, ele voltara para a Inglaterra pouco antes de ela chegar.”

“Mas que falta de sorte! Seu casamento estava marcado, portanto, para a sexta-feira. Seria na igreja?”

“Sim, mas muito discreto. Seria na igreja de St. Saviour, perto de King’s Cross, e depois faríamos o desjejum no St. Pancras Hotel. Hosmer foi nos buscar num *hansom*, mas, como éramos duas, ele nos instalou nesse carro e tomou um *four-wheeler*, o único carro de aluguel à vista na rua. Nós chegamos à igreja primeiro, e, quando o outro carro surgiu, ficamos esperando que Hosmer apeasse, mas ele não apareceu. Quando o cocheiro desceu e olhou, não havia ninguém lá dentro! O homem disse que não podia imaginar o que fora feito dele, pois o vira entrar, com seus próprios olhos. Isso foi sexta-feira passada, Mr. Holmes, e desde então não vi nem ouvi nada que pudesse lançar alguma luz sobre o que foi feito dele.”

“Parece-me que a senhorita foi tratada de maneira vergonhosa.”



“Não havia ninguém lá dentro!”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“Ah, não! Ele era bom e gentil demais para me deixar assim. Sabe, ele passara a manhã toda me dizendo que, acontecesse o que acontecesse, eu lhe deveria ser fiel; e que, mesmo que algo totalmente inesperado nos separasse, eu deveria lembrar sempre que estava comprometida com ele; disse que voltaria para cobrar isso mais cedo ou mais tarde. Parecia uma conversa

estranha para a manhã do dia do casamento, mas o que aconteceu depois dá sentido às suas palavras.”

“Sem dúvida. Na sua opinião, portanto, aconteceu-lhe alguma catástrofe imprevista?”

“Sim. Acredito que ele previa algum perigo, ou não teria falado daquela maneira. E creio que o perigo previsto aconteceu.”

“Mas não tem nenhuma ideia do que poderia ter sido?”

“Nenhuma.” “Mais uma pergunta. Como sua mãe reagiu aos acontecimentos?”

“Ficou furiosa e disse que eu nunca mais deveria falar no assunto.”

“E seu pai? A senhorita lhe contou?”

“Contei, e ele parece concordar comigo; acha que alguma coisa aconteceu e que eu talvez ainda venha a ter notícia de Hosmer. Como ele disse, que interesse poderia alguém ter em me levar até a porta da igreja para então me abandonar? Se Hosmer me tivesse tomado dinheiro emprestado, ou se tivesse casado comigo e transferido o meu dinheiro para o seu nome, poderia haver alguma razão. Mas ele era muito independente em matéria de dinheiro e não queria saber de um tostão meu. Que poderia ter acontecido? E por que não pôde escrever? Ah, quase enlouqueço só de pensar nisso e não consigo pregar o olho à noite.” Puxou um lencinho do regalo e pôs-se a soluçar fortemente.

“Darei uma olhada em seu caso”, disse Holmes, levantando-se, “e não tenho dúvida de que chegaremos a um resultado claro. Agora deixe todo esse problema comigo e não pense mais nele. Sobretudo, procure afastar Mr. Hosmer Angel da sua lembrança, tal como ele se afastou da sua vida.”

“Pensa então que não o verei de novo?”

“Lamento dizê-lo.”

“Mas que foi feito dele?”

“A senhorita deixará esse problema em minhas mãos. Gostaria de ter uma descrição precisa desse cavalheiro e todas as cartas escritas por ele que me puder dar.”

“Pus um anúncio à procura dele no *Chronicle* de sábado”, disse ela. “Aqui estão o recorte e as quatro cartas que me mandou.”

“Muito obrigado. E seu endereço?”

“Lyon Place nº 31, Camberwell.”

“O endereço de Mr. Angel, a senhorita nunca soube, não é? Onde seu pai trabalha?”

“Ele viaja para a Westhouse & Marbank, os grandes importadores de clarete da Fenchurch Street.”

“Obrigado. A senhorita expôs a situação com muita clareza. Deixe os papéis aqui e lembre-se do conselho que lhe dei. Faça de todo esse incidente um livro fechado e não permita que afete a sua vida.”

“O senhor é muito bondoso, mas não sou capaz disso. Serei fiel a Hosmer. Ele me encontrará pronta quando voltar.”

Apesar do chapéu absurdo e do semblante vazio, havia na fé simples de nossa visitante algo de nobre, que impunha respeito. Ela deixou o pequeno maço de papéis sobre a mesa e partiu, com a promessa de voltar assim que fosse chamada.

Sherlock Holmes continuou sentado por alguns minutos, pressionando umas contra as outras as pontas dos dedos, as pernas esticadas à frente e os olhos fixos no teto. Então pegou na estante o velho cachimbo de barro, que era um conselheiro para ele, e, depois de acendê-lo, recostou-se na poltrona, exalando espessas baforadas de fumo azul e com uma expressão de infinito langor no rosto.

“Um estudo muito interessante, o dessa donzela”, comentou. “Ela me pareceu muito mais interessante do que o seu probleminha, que, a propósito, é bastante banal. Você encontrará casos paralelos se consultar meu índice, em Andover, 1877; houve também algo parecido em Haia ano passado. Por mais antiga que seja a ideia, porém, um ou dois detalhes foram novos para mim. Mas a donzela, em si mesma, foi extremamente instrutiva.”

“Você parece ter visto nela muita coisa que para mim foi totalmente invisível.”

“Não invisível, mas não percebido, Watson. Você não soube para onde olhar e por isso deixou de notar tudo que era importante. Nunca consigo lhe meter na cabeça a importância das mangas, o que há de sugestivo nos polegares, ou as grandes questões que podem depender de um cadarço de botina. Vejamos o que conseguiu captar da aparência dessa mulher. Descreva-a.”

“Bem, ela usava um chapéu de palha de abas largas, cor de ardósia, com

uma pluma brique. Seu casaco era preto, com contas pretas cosidas nele e uma orla de pequenos ornamentos de azeviche. O vestido era de um marrom bem mais escuro que a cor do café, e um pouco de pelúcia roxa enfeitava a gola e as mangas. As luvas eram cinzentas e estavam gastas no indicador direito. Não observei as botinas. Usava uns pequeninos pingentes de ouro redondos e dava uma impressão geral de levar uma vida abastada, de uma maneira comum, despreocupada."

Sherlock Holmes bateu palmas de leve e deu uma risadinha.

"Palavra, Watson, você está progredindo maravilhosamente. Saiu-se realmente muito bem. É verdade que deixou escapar tudo que tinha importância, mas já captou o método e tem tino para cores. Nunca confie nas impressões gerais, meu caro, concentre-se nos detalhes. Meu primeiro olhar é sempre para as mangas de uma mulher. No caso de um homem, talvez seja melhor reparar antes os joelhos das calças. Como você observou, essa mulher tinha pelúcia nas mangas, material excelente para revelar vestígios. A linha dupla um pouco acima do pulso, onde os datilógrafos fazem pressão contra a mesa, estava lindamente definida. As máquinas de costura do tipo manual deixam uma marca parecida, mas só no braço esquerdo e do lado mais distante do polegar, em lugar de passar bem através da parte mais larga, como neste caso. Depois passei os olhos pelo rosto dela, e, vendo a marca de um pincenê nos dois lados do nariz, arrisquei a observação sobre a miopia e a datilografia, que tanto pareceu surpreendê-la."

"Surpreendeu a mim também."

"Mas certamente era óbvio. Depois fiquei muito surpreso e interessado quando, baixando os olhos, notei que, embora parecidas, as botinas que ela usava eram desemparelhadas; um pé tinha a ponta enfeitada, o outro não. Num deles só os dois últimos dos cinco botões estavam abotoados e no outro, o primeiro, o terceiro e o quinto. Ora, quando se vê uma jovem dama, sob outros aspectos vestida a capricho, sair de casa com botinas desemparelhadas, abotoadas pela metade, não é uma dedução excepcional dizer que saiu afobada."

"Que mais?" perguntei, muito interessado, como sempre, no raciocínio incisivo de meu amigo.

"Notei, de passagem, que ela havia escrito um bilhete antes de sair de casa, mas depois de estar inteiramente vestida. Você observou que a sua luva direita estava rasgada no indicador, mas ao que parece não viu que tanto a

luva como o dedo estavam manchados de tinta violeta. Ela escrevera às pressas e mergulhara demais a pena. Deve ter sido esta manhã, ou a marca não teria permanecido tão clara no dedo. Tudo isso é divertido, embora bastante elementar, mas preciso voltar ao trabalho, Watson. Importa-se de ler para mim a descrição de Hosmer Angel que consta do anúncio?”

Segurei o pequeno recorte impresso junto à luz. Dizia:

> Desaparecido na manhã do dia 14 um cavalheiro de nome Hosmer Angel. Tem cerca de 1,70m de altura; de compleição forte, tez pálida, um pouco calvo no alto da cabeça, suíças bastas e negras, bigodes; óculos esfumaçados, ligeira tartamudez. Vestia, quando visto pela última vez, uma sobrecasaca preta forrada de seda, colete preto, corrente Albert dourada, calças *tweed Harris* cinza com polainas marrons sobre botinas com elásticos dos lados. Consta que era empregado num escritório na Leadenhall Street. Qualquer pessoa que traga etc. etc.”

“Isso será o bastante”, disse Holmes. “Quanto às cartas”, continuou, lançando-lhes um olhar, “são muito banais. Não há nelas absolutamente nenhuma indicação sobre Mr. Angel, exceto o fato de que ele cita Balzac uma vez. Há porém um detalhe digno de nota, que sem dúvida lhe causará impressão.”

“São datilografadas.”

“Não só isso, como a assinatura também. Veja o pequenino e nítido ‘Hosmer Angel’ no final. Há uma data, como vê, mas não um cabeçalho, exceto ‘Leadenhall Street’, o que é bastante vago. A questão da assinatura é muito sugestiva… na verdade, podemos considerá-la concludente.”

“De quê?”

“Meu caro, será possível que não perceba a significação que isso tem nesse caso?”

“Não posso dizer que percebo, a menos que ele quisesse estar apto a negar a autoria das cartas caso lhe fosse movida uma ação por quebra de compromisso.”

“Não, não se trata disso. Mas pretendo escrever duas cartas que decidirão a questão. A primeira é para uma firma na City, a outra, para o padrasto da dama, Mr. Windibank, perguntando-lhe se pode nos encontrar aqui amanhã às seis horas da tarde. É sempre melhor tratar de negócios com

os parentes do sexo masculino. E até lá, doutor, como nada podemos fazer até que cheguem as respostas a essas cartas, deixemos esse probleminha na prateleira."

Eu tinha tantas razões para acreditar nos sutis poderes de raciocínio e na extraordinária energia de meu amigo que me pareceu que ele devia ter razões sólidas para a maneira segura e desenvolta como tratava o singular mistério que fora solicitado a esquadrinhar. Pelo que eu sabia, ele só falhara uma vez, no caso do rei da Boêmia e da fotografia de Irene Adler; mas quando rememorava o estranho caso de *O signo dos quatro* e as extraordinárias circunstâncias do *Estudo em vermelho*, sentia que, de fato, deveria ser muito complexo o emaranhamento que ele não fosse capaz de desvendar.

Assim, quando o deixei, ainda a soltar baforadas de seu cachimbo de barro preto, estava convicto de que, ao voltar na tarde seguinte, iria encontrá-lo de posse de todas as pistas que levariam à identidade do noivo desaparecido de Miss Mary Sutherland.

Um caso profissional de extrema gravidade exigia minha atenção naquele momento, e passei todo o dia seguinte à cabeceira do enfermo. Já eram quase seis horas quando me vi livre e pude saltar num *hansom* e seguir para Baker Street, com certo temor de chegar tarde demais para assistir ao *dénouement* do pequeno mistério. Mas encontrei Sherlock Holmes sozinho, semiadormecido, seu corpo comprido e magro encolhido no fundo de sua poltrona. Uma portentosa coleção de frascos e tubos de ensaio, além do cheiro penetrante e limpo do ácido clorídrico, mostrava que ele passara o dia nos trabalhos de química de que tanto gostava.

"E então, já resolveu o problema?" perguntei ao entrar.

"Resolvi. Era bissulfato de barita."

"Não, não, o mistério!" exclamei.

"Ah, isso! Pensei que fosse o sal com que estava trabalhando. Nunca houve nenhum mistério no caso, muito embora, como eu disse ontem, alguns detalhes sejam de interesse. O único inconveniente é que não há leis que possam punir o patife."

"Quem era ele, então, e qual era seu objetivo ao abandonar Miss Sutherland?"

Eu mal fizera a pergunta, e Holmes ainda não abrira os lábios para respondê-la, quando ouvimos passos no corredor e uma batida na porta.

“É o padrasto da moça, Mr. James Windibank”, disse Holmes. “Escreveu-me que estaria aqui às seis. Entre!”

O homem que entrou era um sujeito robusto, de altura mediana, com cerca de trinta anos, barbeado e de tez amarelada; tinha maneiras afáveis, delicadas, e um par de olhos cinzentos maravilhosamente vivos e penetrantes. Lançou um olhar indagador a cada um de nós, pôs sua reluzente cartola sobre o aparador e, com uma leve mesura, sentou-se na cadeira mais próxima.

“Boa noite, Mr. James Windibank”, disse Holmes. “Foi o senhor mesmo que datilografou esta carta, marcando um encontro comigo às seis horas?”

“Sim, fui eu. Lamento estar um pouco atrasado, mas não sou inteiramente senhor do meu tempo, sabe. Lamento que Miss Sutherland tenha vindo incomodá-lo com esse probleminha, pois acho muito melhor não lavar esse tipo de roupa em público. Foi contra a minha vontade expressa que ela veio, mas trata-se de uma moça muito excitável e impulsiva, como talvez tenha notado, e não é fácil controlá-la quando resolve fazer alguma coisa. É claro que não me incomoda tanto que o tenha procurado, porque não está ligado à polícia oficial, mas não é agradável ter uma desgraça ocorrida no seio da família, como a nossa, alardeada por aí. Sem contar que é uma despesa inútil, pois como poderia o senhor encontrar esse Hosmer Angel?”

“Pelo contrário”, disse Holmes calmamente. “Tenho todos os motivos para acreditar que conseguirei descobrir Mr. Hosmer Angel.”

Mr. Windibank deixou cair as luvas em seu sobressalto. “Fico muito satisfeito em sabê-lo”, respondeu.

“É um fato curioso”, comentou Holmes, “que uma máquina de escrever tenha realmente tanta individualidade quanto a caligrafia de uma pessoa. A menos que sejam novas em folha, não há duas que escrevam de maneira exatamente igual. Algumas letras ficam mais desgastadas que outras, e algumas se desgastam apenas num lado. Veja, repare neste seu bilhete, Mr. Windibank, que há uma manchinha sobre a letra ‘e’ sempre que ela aparece, e um ligeiro defeito na haste da letra ‘r’. Há outras catorze características, mas estas são as mais óbvias.”

“Fazemos toda a correspondência do escritório com esta máquina e sem dúvida está um pouco gasta”, respondeu nosso visitante, lançando um arguto olhar de soslaio em Holmes com seus olhinhos brilhantes.

“Agora vou lhe mostrar um estudo realmente interessante, Mr. Windibank”, continuou Holmes. “Ando pensando em escrever qualquer dia

desses mais uma monografiazinha, sobre a máquina de escrever e sua relação com o crime. É um tema a que dediquei alguma atenção. Tenho aqui quatro cartas supostamente escritas pelo desaparecido. Todas datilografadas. Em todas, não só os ‘e’ estão manchados como os ‘r’ sem haste, mas poderá observar, se usar minha lupa, que as outras catorze características a que aludi estão igualmente presentes nelas.”

Mr. Windibank deu um pulo da cadeira e pegou o chapéu. “Não tenho tempo a perder com essa espécie de conversa extravagante, Mr. Holmes”, disse. “Se puder agarrar o homem, que agarre e depois me informe.”

“Certamente”, disse Holmes, dando um passo adiante e girando a chave na porta. “Nesse caso, informo-o de que o agarrei!”

“Quê? Onde?” gritou Windibank, empalidecendo e olhando à sua volta como um rato numa ratoeira.

“Ah. Não adianta… realmente não adianta”, disse Holmes suavemente. “Não tem como escapar, Mr. Windibank. É transparente demais, e o senhor não foi muito lisonjeiro ao dizer que me seria impossível solucionar um problema tão simples. Pois bem! Sente-se e esclareçamos tudo.”

Nosso visitante desabou numa cadeira com uma expressão de horror e um brilho de suor na testa. “Não… não fiz nada de ilegal”, gaguejou.

“De fato, para meu pesar, não fez. Mas cá entre nós, Windibank, foi a maquinação mais cruel, egoísta e impiedosa de que já tive notícia. Agora deixe-me descrever o curso dos acontecimentos, corrija-me se eu estiver errado.”



“Olhando à sua volta como um rato numa ratoeira.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

O homem encolheu-se em sua cadeira, a cabeça caída sobre o peito, como uma pessoa totalmente esmagada. Holmes, os pés metidos no canto do consolo da lareira, inclinou-se para trás, enfiou as mãos nos bolsos e pôs-se a falar, mais consigo mesmo que conosco, ao que me pareceu.

“Um homem casou-se por interesse com uma mulher muito mais velha que ele”, disse, “e usufruía do dinheiro da filha dessa mulher enquanto esta morasse com eles. Para pessoas em sua posição era uma soma considerável, cuja perda representaria grande diferença. Valia a pena fazer um esforço para preservá-la. A filha era de índole boa e amável, mas de maneiras amorosas e cálidas, sendo evidente que, com suas qualidades pessoais e sua pequena renda, não permaneceria solteira por muito tempo. Ora, seu casamento significaria, é claro, a perda de cem libras por ano; assim sendo, que faz o padrasto para evitá-lo? Toma a medida óbvia de mantê-la em casa, proibindo que procure a companhia de pessoas de sua idade. Mas logo viu que isso não funcionaria para sempre. Ela se tornou recalcitrante, passou a insistir em seus direitos e por fim anunciou o firme propósito de ir a certo baile. Que faz então seu inteligente padrasto? Tem uma ideia que provavelmente lhe foi ditada mais pelo cérebro que pelo coração. Com a conivência e a ajuda da esposa, disfarçou-se: cobriu seus olhos vivos com óculos esfumaçados, mascarou o rosto com um bigode e um par de suíças abundantes, abafou sua voz clara num sussurro insinuante. Depois, duplamente seguro graças à miopia da moça, apresentou-se como Mr. Hosmer Angel e afastou outros namorados namorando-a ele mesmo.”

“A princípio era só uma brincadeira”, gemeu nosso visitante. “Nunca pensamos que ela se envolveria tanto.”

“É muito provável que não. Seja como for, a jovem envolveu-se por completo, e, convencida de que o padrasto estava na França, a suspeita de uma perfídia nunca lhe passou pela cabeça. Ficou lisonjeada com as atenções do cavalheiro, e esse efeito foi ampliado pela admiração ruidosa que sua mãe lhe votava. Mr. Angel começou então a visitá-la, pois era óbvio que a situação devia ser levada o mais longe possível para produzir um efeito real. Houve encontros e um noivado, o que finalmente impediria que as afeições da moça se voltassem para qualquer outro. Mas não seria possível manter o engodo para sempre. Aquelas pretensas viagens à França eram bastante

incômodas. Claramente, o que devia ser feito era encerrar aquela história de maneira tão dramática que deixasse uma marca permanente na jovem e a impedisse de procurar outro namorado por um bom tempo. Daí aquelas juras de fidelidade pronunciadas sobre a Bíblia, e daí também as alusões à possibilidade de que algo acontecesse na manhã do casamento. James Windibank queria que Miss Sutherland ficasse tão ligada a Hosmer Angel, e tão incerta quanto à sorte dele, que pelo menos nos próximos dez anos não desse ouvidos a outro homem. Levou-a nada menos que até a porta da igreja, e então, como não podia ir mais longe, desapareceu convenientemente, usando o velho truque de entrar por uma porta de um *four-wheeler* e sair pela outra. Creio ter sido esta a sequência dos acontecimentos, Mr. Windibank!"

Nosso visitante, que se refizera um pouco enquanto Holmes falava, levantou-se então da cadeira com um sorriso frio e desdenhoso no rosto pálido.

"Talvez tenha sido assim, talvez não, Mr. Holmes", disse, "mas se é tão esperto deveria ser esperto o bastante para saber que quem está violando a lei é o senhor, não eu. Desde o princípio, não fiz nada por que poderia ser incriminado, mas, enquanto mantiver essa porta trancada, estará sujeito a uma ação por ameaça e coação ilegal."

"Como diz, a lei não pode alcançá-lo", falou Holmes, destrancando a porta e abrindo-a, "mas nunca houve alguém mais merecedor de castigo. Se essa jovem tivesse um irmão ou amigo, ele deveria descer-lhe um chicote no lombo. Por Deus!" continuou, o sangue subindo-lhe à cabeça à vista do riso escarninho na cara do homem, "isso não faz parte dos meus deveres para com minha cliente, mas tenho um chicote de montaria à mão, e creio que vou me dar ao prazer de…" Deu dois passos rápidos em direção ao chicote, mas, antes que pudesse agarrá-lo, ouviu-se um estrépito de passos escada abaixo, a pesada porta da rua bateu, e, da janela, pudemos ver Mr. James Windibank correndo desabaladamente pela rua.

"Que canalha de sangue-frio!" disse Holmes, rindo e jogando-se de novo em sua poltrona. "Esse sujeito vai escalar de crime em crime, até fazer alguma coisa séria e terminar na forca. Sob certos aspectos, este não foi um caso totalmente desprovido de interesse."

"Não consegui perceber inteiramente todos os passos de seu raciocínio", observei.

"Bem, era patente desde o início, é claro, que devia haver um motivo

importante por trás do curioso comportamento desse Mr. Hosmer Angel; era igualmente óbvio que o único a lucrar com o incidente, até onde podíamos ver, era o padrasto. Depois, o fato de os dois homens nunca terem estado juntos, um sempre aparecendo quando o outro estava fora, era sugestivo. Também o eram os óculos esfumaçados e a voz estranha, que pareciam ambos indicar um disfarce, bem como as fartas suíças. Minhas suspeitas foram todas confirmadas pelo gesto peculiar do sujeito de datilografar sua assinatura, o que, evidentemente, dava margem à inferência de que a moça conhecia tão bem sua caligrafia que reconheceria mesmo a menor amostra dela. Como vê, esses vários fatos isolados, somados a muitos outros menores, apontavam todos na mesma direção."

"Como os comprovou?"

"Tendo localizado o homem, foi fácil confirmar as suspeitas. Eu conhecia a firma em que trabalhava. De posse da descrição impressa, eliminei dela tudo que podia ser um disfarce… as suíças, os óculos, a voz, e mandei-a para a firma, com o pedido de que me informassem se a descrição correspondia a algum de seus caixeiros-viajantes. Já tendo notado as peculiaridades da máquina de escrever, escrevi ao próprio homem em seu endereço de trabalho, pedindo-lhe que viesse aqui. Como eu esperava, sua resposta foi datilografada, e revelou as mesmas falhas banais, mas características. O mesmo correio trouxe-me uma carta de Westhouse & Marbank, de Fenchurch Street, dizendo que a descrição correspondia ponto por ponto a seu funcionário James Windibank. *Voilà tout!"*

"E Miss Sutherland?"

"Se eu lhe contar, ela não acreditará em mim. Talvez se lembre do velho ditado persa: 'Há perigo para o homem que tira o filhote do tigre, mas também há perigo para aquele que destrói a ilusão de uma mulher.' Há tanto sentido em Hafiz quanto em Horácio, e o mesmo conhecimento do mundo."

O MISTÉRIO DO VALE BOSCOMBE

CERTA MANHÃ, tomávamos o desjejum, minha mulher e eu, quando a criada trouxe um telegrama. Era de Sherlock Holmes e dizia:

> Tem uns dois dias de folga? Acabo de receber um telegrama do oeste da Inglaterra relacionado à tragédia no Vale Boscombe. Gostaria que fosse comigo. Ar e paisagem perfeitos. Parto de Paddington pelo 11h15.

"Que lhe parece, meu querido?" perguntou minha mulher, olhando para mim. "Você vai?"

"Realmente não sei o que dizer. Tenho muitos pacientes no momento."

"Ora, Anstruther faria seu trabalho por você. Tem parecido um pouco pálido ultimamente. Acho que a mudança lhe faria bem, e você sempre tem tanto interesse pelos casos de Mr. Sherlock Holmes…"

"Seria um ingrato se não tivesse, com tudo que ganhei graças a um deles", respondi. "Mas se eu for, tenho de fazer a mala imediatamente, porque só disponho de meia hora."

Minha experiência de serviço militar no Afeganistão teve pelo menos o efeito de fazer de mim um viajante pontual e disposto. Como minhas necessidades eram poucas e simples, em menos do que o tempo estipulado eu já estava aboletado num carro de aluguel com minha maleta, chocalhando a caminho da estação de Paddington. Sherlock Holmes andava de um lado para outro da plataforma, sua figura alta e descarnada parecendo ainda mais alta e descarnada por causa da comprida capa de viagem cinza e do boné de pano muito ajustado à cabeça.

"Foi realmente muita bondade sua ter vindo, Watson", disse ele. "Faz uma diferença considerável para mim ter comigo alguém em quem posso confiar inteiramente. A ajuda local é sempre ou inútil, ou tendenciosa. Se você guardar os dois lugares do canto, irei comprar as passagens."

Tínhamos o vagão a nosso dispor, exceto pela imensa pilha de jornais que Holmes trouxera consigo. Entre eles meu amigo esquadrinhou e leu, com intervalos para anotações e meditação, até deixarmos Reading para trás. Então amassou-os de repente numa enorme bola e jogou-os no porta-bagagem.

"Leu alguma coisa sobre o caso?" perguntou.

"Nem uma palavra. Há dias não abro um jornal."

"A imprensa de Londres não deu notícias muito detalhadas. Acabo de passar os olhos em todos os jornais recentes para me assenhorear dos pormenores. Pelo que pude concluir, parece ser um desses casos simples que são extremamente difíceis."

"Isso soa um pouco paradoxal."

"Mas é profundamente verdadeiro. A singularidade é quase invariavelmente uma pista. Quanto menos características tem um crime, quanto mais lugar-comum ele é, mais difícil se torna elucidá-lo. Neste caso, porém, foi levantada uma suspeita muito séria contra o filho do homem assassinado."

"Trata-se então de um assassinato?"

"Bem, é o que se supõe. Não julgarei nada líquido e certo enquanto não tiver oportunidade de examinar o assunto pessoalmente. Vou lhe explicar em que pé está a situação, até onde pude compreendê-la, em muito poucas palavras. O Vale Boscombe é um distrito rural não muito distante de Ross, em Herefordshire. O maior proprietário de terras naquelas bandas é um certo Mr. John Turner, que fez fortuna na Austrália e retornou à pátria alguns anos atrás. Uma das fazendas de sua propriedade, a de Hatherley, foi arrendada a Mr. Charles McCarthy, que também andou pela Austrália. Como os dois homens haviam se conhecido nas Colônias, foi natural que, ao se estabelecerem, o fizessem tão perto um do outro quanto possível. Sendo Turner manifestamente o mais rico, McCarthy tornou-se seu arrendatário, mas isso, ao que parece, não os impediu de se manterem em termos de perfeita igualdade, estando frequentemente juntos. McCarthy tinha um filho, um rapaz de dezoito anos, e Turner apenas uma filha da mesma idade, mas os dois eram viúvos. Parece que evitavam o convívio com as famílias inglesas das vizinhanças e levavam uma vida isolada, embora os dois McCarthy gostassem de esportes e fossem vistos muitas vezes nas corridas de cavalo da região. McCarthy tinha dois empregados, um homem e uma moça. Turner

tinha uma criadagem considerável, pelo menos meia dúzia. Só consegui apurar isso sobre as famílias. Agora, vamos aos fatos.

"No dia 3 de junho, isto é, segunda-feira passada, McCarthy deixou sua casa em Hatherley por volta das três da tarde e caminhou até a lagoa Boscombe, um laguinho formado pelo espraiamento do riacho que corre pelo Vale Boscombe. De manhã ele fora a Ross com seu empregado e dissera ao homem que precisava se apressar, porque tinha um encontro importante marcado para as três horas. Não voltou com vida desse encontro.

"Da sede da Fazenda Hatherley à lagoa Boscombe são uns quatrocentos metros, e duas pessoas o viram passar. Uma foi uma velha, cujo nome não é mencionado; a outra foi William Crowder, que trabalha como guarda-caça para Mr. Turner. Essas duas testemunhas declaram que Mr. McCarthy caminhava sozinho. O guarda-caça acrescenta que, poucos minutos depois de Mr. McCarthy passar, viu o filho dele, Mr. James McCarthy, seguindo pelo mesmo caminho com uma espingarda debaixo do braço. Pelo que o guarda acredita, o pai de fato ainda estava à vista nesse instante, e o filho o seguia. Ele não pensou mais no assunto até à noite, quando ouviu falar da tragédia que ocorrera.

"Os dois McCarthy foram vistos depois do instante em que William Crowder, o guarda-caça, os perdeu de vista. A lagoa Boscombe é cercada por matas densas e tem apenas uma orla de capim e juncos à sua volta. Uma menina de catorze anos, Patience Moran, filha do caseiro da propriedade do Vale Boscombe, estava numa das matas colhendo flores. Ela declara que, dali, viu, na orla da floresta e bem perto da lagoa, Mr. McCarthy e seu filho e que eles pareciam estar tendo uma discussão violenta. Ela ouviu Mr. McCarthy usar uma linguagem muito forte com o filho, e viu o rapaz levantar a mão como se fosse bater no pai. Ficou tão atemorizada com a violência deles que saiu correndo, e ao chegar em casa contou à mãe que deixara os dois McCarthy brigando junto da lagoa Boscombe e temia que se atracassem. Mal ela dissera isso, o jovem McCarthy chegou correndo à casa para dizer que encontrara o pai morto na floresta e pedir ajuda ao caseiro. Estava muito agitado, sem chapéu e sem a espingarda, e notou-se que tinha manchas de sangue fresco na mão e na manga direitas. Acompanharam-no e encontraram o cadáver estendido na relva junto à lagoa. A cabeça havia sido golpeada várias vezes com uma arma pesada e rombuda. Os ferimentos eram tais que poderiam ter sido causados pela coronha da espingarda do filho, que foi encontrada sobre a relva a poucos passos do corpo. Em face dessas

circunstâncias, o rapaz foi preso imediatamente, e como o inquérito levado a cabo terça-feira resultou num veredicto de ‘assassinato premeditado’, na quarta-feira ele foi apresentado aos juízes em Ross, que marcaram o caso para a sessão seguinte do tribunal superior. Estes são os principais fatos, tal como se apresentaram ao investigador e ao tribunal policial.”



“Encontraram o cadáver.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“Eu teria dificuldade em imaginar um caso mais flagrante”, comentei. “Se alguma vez provas circunstanciais denunciaram um criminoso, foi aqui.”

“Provas circunstanciais são muito traiçoeiras”, contestou Holmes, pensativo. “Podem parecer apontar muito diretamente para uma coisa, mas, se você desloca um pouquinho seu ponto de vista, pode descobrir que apontam de maneira igualmente indubitável para outra inteiramente diferente. De todo modo, devo confessar que o caso parece comprometer o rapaz de maneira gravíssima e é muito provável que ele seja realmente o culpado. Há várias pessoas nas vizinhanças, porém, e entre elas está Miss Turner, filha do proprietário de terras vizinho, que acreditam na sua inocência, e contrataram Lestrade, de quem você talvez se lembre em conexão com *Um estudo em*

vermelho, para investigar a questão no interesse dele. Lestrade, vendo-se um tanto confuso, encaminhou-me o caso, razão por que dois cavalheiros de meia-idade estão voando para oeste a oitenta quilômetros por hora em vez de digerir sossegadamente seu desjejum no recesso do lar."

"Temo que os fatos sejam tão óbvios", observei, "que o caso não vá contribuir muito para seu bom nome."

"Nada é mais enganoso que um fato óbvio", respondeu ele, rindo. "Além disso, pode ser que topemos com outros fatos óbvios que talvez não tenham parecido óbvios em absoluto para Mr. Lestrade. Você me conhece bem demais para pensar que estou sendo fanfarrão quando digo que vou confirmar ou destruir a teoria dele por meios que ele é totalmente incapaz de empregar ou mesmo de entender. Para tomar o primeiro exemplo à mão, percebo claramente que a janela do seu quarto fica do lado direito, mas duvido que Mr. Lestrade tivesse notado mesmo uma obviedade tão grande quanto esta."

"Como, diabos…"

"Meu caro, eu o conheço bem. Conheço o asseio militar que o caracteriza. Você faz a barba todas as manhãs e, nesta estação do ano, o faz à luz do sol. Mas como noto que sua barba vai ficando cada vez menos bem-feita à medida que meus olhos recuam para o lado esquerdo, até se tornar positivamente desleixada depois do ângulo do queixo, fica certamente muito claro que esse lado é menos iluminado que o outro. Não poderia conceber um homem com seus hábitos olhando-se sob uma luz igual e ficando satisfeito com um resultado desse. Cito isto apenas como um exemplo trivial de observação e inferência. Esse é o meu métier, e é possível que isso possa ser de alguma valia na investigação que temos pela frente. Um ou dois pequenos detalhes que a investigação trouxe à baila merecem consideração."

"Quais são?"

"Parece que a detenção do rapaz não ocorreu imediatamente, mas depois de seu retorno à Fazenda Hatherley. Quando o inspetor de polícia lhe deu voz de prisão, ele declarou que aquilo não o surpreendia e que não merecia outra coisa. Essa observação dele teve como efeito natural afastar quaisquer vestígios de dúvida que pudessem ter restado nas mentes do tribunal policial."

"Foi uma confissão", exclamei.

"Não, pois foi seguida de uma declaração de inocência."

“Vindo coroar uma série de fatos tão incriminatórios, o comentário foi no mínimo extremamente suspeito.”

“Pelo contrário”, disse Holmes, “é a nesga mais clara que posso entrever em meio às nuvens no momento. Por mais inocente que pudesse ser, ele não seria imbecil a ponto de não ver que as circunstâncias depunham fortemente contra ele. Se tivesse manifestado surpresa com sua prisão, ou fingido indignação, isso me teria parecido altamente suspeito, porque tal surpresa ou indignação não seriam naturais naquelas circunstâncias, embora pudesse parecer a melhor tática para um calculista. O modo franco como aceitou a situação o assinala ou como inocente, ou como um homem de considerável autocontrole e firmeza. Quanto à observação que fez sobre seu merecimento, também ela não foi estranha, levando-se em conta que ficou junto do cadáver do pai, e que havia sem dúvida, naquele mesmo dia, esquecido seu dever filial, dirigindo-lhe palavras ofensivas, e até, segundo a menina cujo testemunho é tão importante, levantado a mão como se para agredi-lo. A autocensura e o arrependimento manifestos em suas palavras parecem-me indícios de uma mente sadia, não de uma mente culpada.”

Sacudi a cabeça. “Muitos homens foram enforcados com base em provas mais fracas.”

“É verdade. E muitos foram injustamente enforcados.”

“Que versão o próprio rapaz dá de tudo isso?”

“Receio que ela não seja lá muito encorajadora para seus defensores, embora contenha um ou dois pontos sugestivos. Você a encontrará aqui e poderá lê-la por si mesmo.”

Tirou da sua pilha de jornais um exemplar do diário local de Herefordshire e, dobrando a folha, apontou para um parágrafo que transcrevia o depoimento do malfadado rapaz acerca dos acontecimentos. Instalei-me num canto do vagão e o li com muita atenção. Dizia:

> Mr. James McCarthy, filho único do falecido, foi então chamado e prestou as seguintes declarações: “Eu passara três dias fora de casa, em Bristol, e só retornara na manhã de segunda-feira passada, dia 3. Meu pai não estava em casa quando cheguei e a criada informou-me que ele fora a Ross com John Cobb, o cavalariço. Pouco depois de minha volta ouvi as rodas de sua charrete no pátio, e, olhando pela minha janela, vi-o saltar e sair do pátio rapidamente, mas não pude perceber que direção

tomou. Peguei então minha espingarda e fui andando no rumo da lagoa Boscombe, com a intenção de visitar o viveiro de coelhos que fica do outro lado. A caminho vi William Crowder, o guarda-caça, tal como ele declarou em seu depoimento; mas ele se engana ao pensar que eu estava seguindo meu pai. Não tinha ideia de que ele caminhava à minha frente. A cerca de cem metros da lagoa, ouvi um grito, “Cooee!”, que era um sinal que meu pai e eu costumávamos usar entre nós. Avancei correndo e encontrei-o junto à lagoa. Pareceu muito surpreso ao me ver e perguntou-me, de maneira bastante áspera, o que eu estava fazendo ali. Seguiu-se uma conversa que levou a palavras fortes e quase a socos, pois meu pai era um homem de temperamento muito violento. Vendo que sua raiva se tornava incontrolável, deixei-o e voltei para a Fazenda Hatherley. Não andara mais de cento e cinquenta metros, porém, quando ouvi atrás de mim um grito medonho que me fez voltar correndo. Encontrei meu pai agonizando no chão, com a cabeça horrivelmente ferida. Soltei a espingarda no chão e segurei-o nos braços, mas ele expirou quase instantaneamente. Fiquei alguns minutos ajoelhado ao seu lado e depois corri à casa do caseiro, Mr. Turner, que era a mais próxima, para pedir ajuda. Ao voltar, não vi ninguém perto de meu pai e não tenho ideia de como ele foi ferido. Não era um homem muito estimado, tendo maneiras um tanto frias e intimidadoras, mas, pelo que sei, não tinha inimigos sérios. Não sei mais nada sobre o assunto.”

Investigador: “Seu pai fez alguma declaração antes de morrer?”

Testemunha: “Murmurou algumas palavras, mas só pude captar uma alusão a um rato.”



“Segurei-o nos braços.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

Investigador: “Como entendeu isso?”

Testemunha: “Não fez nenhum sentido para mim. Pensei que ele estava delirando.”

Investigador: “Qual foi o motivo dessa briga final entre o senhor e o seu pai?”

Testemunha: “Preferiria não responder.”

O investigador: “Lamento, mas devo insistir.”

Testemunha: “É realmente impossível para mim dizer-lhe. Posso lhe assegurar que nada tem a ver com a triste tragédia que se seguiu.”

Investigador: “Cabe ao tribunal decidir isso. Não preciso lhe dizer que sua recusa a responder prejudicará consideravelmente sua defesa em qualquer processo que venha a ser movido.”

Testemunha: “Mesmo assim devo me recusar.”

Investigador: “Pelo que entendo, o grito ‘Cooee’ era um sinal comum entre o senhor e seu pai?”

Testemunha: “Era.”

Investigador: “Como foi, então, que ele o lançou antes de vê-lo, e antes mesmo de saber que tinha voltado de Bristol?”

Testemunha (consideravelmente confuso): “Não sei.”

Um jurado: “Não viu nada que despertasse suas suspeitas quando voltou, ao ouvir o grito, e encontrou seu pai fatalmente ferido?”

Testemunha: “Nada de definido.”

Investigador: “Que quer dizer?”

Testemunha: “Eu estava tão perturbado e agitado quando saí da mata que não pude pensar senão em meu pai. Apesar disso, tenho a vaga impressão de ter visto, enquanto corria, alguma coisa no chão à minha esquerda. Pareceu ser uma coisa cinzenta, algum tipo de casaco ou talvez uma manta. Quando me levantei de junto de meu pai, olhei à minha volta procurando aquilo, mas havia desaparecido.”

“Quer dizer que desaparecera antes que fosse pedir ajuda?”

“Sim, desaparecera.”

“Não é capaz de dizer o que era?”

“Não, tive apenas uma impressão de que havia alguma coisa ali.”

“A que distância do corpo?”

“Uns doze metros.”

“E a que distância da orla da floresta?”

“Mais ou menos a mesma.”

“Então, se essa coisa foi retirada, foi enquanto o senhor estava a doze metros dela?”

“Sim, mas de costas para ela.”

Com isso encerrou-se o depoimento da testemunha.

“Vejo”, disse eu, passando os olhos pelo final da coluna, “que o investigador, em suas observações finais, foi bastante severo com o jovem McCarthy. Ele ressalta, e com razão, a incongruência de o pai tê-lo chamado antes de vê-lo, sua recusa a fornecer detalhes de sua conversa com o pai, bem como o singular relato que faz das últimas palavras do pai moribundo. Tudo isso, como ele frisa, depõe muito contra o filho.”

Holmes riu mansamente consigo mesmo e esticou-se no assento estofado. “Tanto você como o inspetor esforçaram-se muito”, disse, “para destacar exatamente os pontos que depõem muito fortemente em favor do rapaz. Não vê que vocês dois lhe atribuem, alternadamente, excesso e falta de imaginação? Falta, por não ter sido capaz de inventar uma causa para a briga que lhe angariasse a simpatia dos jurados; excesso, por ter criado algo tão

absurdo como a menção de um moribundo a um rato e o incidente do pano desaparecido. Não, não; abordarei esse caso partindo do princípio de que as declarações do rapaz são verdadeiras, e veremos aonde essa hipótese nos levará. Agora, cá está o meu Petrarca de bolso; não direi mais uma palavra sobre esse caso até chegarmos ao local da ação. Almoçaremos em Swindon, e vejo que estaremos lá em vinte minutos."

Eram quase quatro horas quando finalmente, depois de passar pelo belo vale do Stroud e de cruzar o largo e brilhante Severn, encontramo-nos no bonito vilarejo de Ross. Um homem magro com cara de fuinha, ar furtivo e matreiro, esperava-nos na plataforma. Apesar do leve guarda-pó marrom e das perneiras de couro que usava em deferência ao ambiente rústico, não tive dificuldade em reconhecer Lestrade, da Scotland Yard. Com ele rumamos para o Hereford Arms, onde um quarto já fora reservado para nós. "

Contratei uma carruagem", disse Lestrade enquanto tomávamos uma xícara de chá. "Conheço a sua natureza enérgica e sabia que você não ficaria feliz até estar no local do crime."

"Foi muito gentil e lisonjeiro da sua parte", respondeu Holmes. "Trata-se inteiramente de uma questão de pressão barométrica."

Lestrade pareceu espantado. "Não o compreendo muito bem", disse.

"Como está o barômetro? Ah, vejo que marca vinte e nove. Não há vento e nem uma só nuvem no céu. Tenho aqui um maço de cigarros que precisam ser fumados, e o sofá é muito superior àquela coisa abominável que geralmente se encontra nos hotéis do interior. Não me parece provável que eu venha a utilizar a carruagem esta noite."

"Sem dúvida você já tirou suas conclusões pelos jornais", disse Lestrade, com um riso indulgente. "O caso é claro como água, e quanto mais investigamos, mais claro fica. Apesar disso, não se pode recusar o pedido de uma dama, sobretudo quando tão enfático. Ela conhece seu renome e quis ter a sua opinião, embora eu lhe tenha dito reiteradamente que você não poderia fazer nada que eu já não tivesse feito. Que coincidência! A carruagem dela está chegando à porta!"

Mal ele falara, entrou afobada sala adentro uma das mais lindas jovens que jamais vi em minha vida. Os luminosos olhos violeta, os lábios entreabertos e as faces rosadas, ela perdera toda a sua reserva natural no alvoroço e ansiedade que a dominavam.

"Ah, Mr. Sherlock Holmes!" exclamou, olhando de um para outro de

nós, e por fim, com a intuição rápida de uma mulher, dirigindo-se ao meu companheiro. “Que bom que veio. Vim aqui para lhe dizer como estou satisfeita. Sei que James não fez aquilo. Sei, e quero que inicie seu trabalho sabendo disso também. Nunca se permita uma dúvida quanto a isso. Nós nos conhecemos desde crianças e conheço os defeitos dele melhor que ninguém. Mas ele é tão bom que não faria mal a uma mosca. Essa acusação soa absurda para todos que realmente o conhecem.”

“Espero que possamos inocentá-lo, Miss Turner”, respondeu Sherlock Holmes. “Esteja certa de que farei tudo que estiver ao meu alcance.”

“O senhor leu os depoimentos. Já chegou a uma conclusão? Não vê alguma saída, alguma falha? Não acha também que ele é inocente?”

“Isso me parece muito provável.”

“Pronto!” exclamou ela, jogando a cabeça para trás e lançando um olhar de desafio para Lestrade. “Ouviu isso? Ele me dá esperança!”

Lestrade deu de ombros. “Receio que meu colega tenha sido um pouco precipitado ao tirar suas conclusões”, disse.

“Mas ele está certo! Ah, sei que está certo. James nunca fez aquilo. E quanto àquela briga com o pai, tenho certeza de que, se ele não quis revelar o motivo dela ao juiz, foi porque dizia respeito a mim.”

“De que maneira?” perguntou Holmes.

“Nesta altura não devo ocultar coisa alguma. James e seu pai tinham muitas discordâncias a meu respeito. Mr. McCarthy queria muito que nos casássemos. James e eu sempre nos amamos como irmãos; mas ele é jovem, é claro, ainda não aproveitou muito a vida, e… e… bem, naturalmente ainda não quis assumir um compromisso como esse. Por isso havia brigas, e essa, tenho certeza, foi uma delas.”

“E seu pai?” perguntou Holmes. “Era a favor dessa união?”

“Não, ele também era contra. Só Mr. McCarthy era a favor.” Um rápido rubor tingiu-lhe a face fresca e jovem quando Holmes lançou-lhe um de seus olhares argutos, indagadores.

“Obrigado pela informação”, disse ele. “Eu poderia conversar com seu pai se fosse vê-lo amanhã?”

“Receio que o médico não permita.”

“O médico?”

“Ah, não sabe? Meu pobre pai não goza de boa saúde há anos, mas isso

agora o derrubou completamente. Está de cama, e o Dr. Willows diz que está muito mal, que seu sistema nervoso está em frangalhos. Mr. McCarthy era o único conhecido ainda vivo de meu pai dos velhos tempos em Victoria."

"Ah! Em Victoria! Isso é importante."

"Sim, nas minas."

"Naturalmente; nas minas de ouro, onde, pelo que entendi, Mr. Turner fez sua fortuna."

"Isso mesmo."

"Obrigado, Miss Turner. Ajudou-me consideravelmente."

"O senhor me dirá se tiver novidades amanhã. Sem dúvida irá ver James na prisão. Ah, se for, diga-lhe que sei que é inocente."

"Direi, Miss Turner."

"Agora preciso voltar para casa, porque papai está muito mal e sente falta de mim quando o deixo. Até logo, e que Deus o ajude em sua empreitada." Saiu da sala correndo, tão impulsivamente quanto entrara, e ouvimos o estrépito das rodas de sua carruagem pela rua.

"Deixou-me envergonhado, Holmes", disse Lestrade com dignidade após alguns minutos de silêncio. "Por que desperta esperanças que terá de desapontar? Não tenho o coração muito mole, mas chamo isso de crueldade."

"Creio que sei como inocentar Mr. James McCarthy", disse Holmes. "Tem autorização para vê-lo na cadeia?"

"Tenho, mas só para nós dois."

"Então vou reconsiderar minha decisão quanto a sair. Ainda temos tempo para tomar um trem para Hereford e vê-lo esta noite?"

"De sobra."

"Então vamos. Watson, temo que elas lhe pareçam longas, mas passarei apenas algumas horas fora."

Caminhei com eles até a estação e depois perambulei pelas ruas da cidadezinha. Por fim voltei ao hotel, deitei-me no sofá e procurei interessar-me por um romance de capa amarela. A fraca trama da história, porém, era tão desenxabida se comparada ao mistério profundo em meio ao qual tateávamos, e minha atenção se desviava tantas vezes da ação para o fato, que acabei jogando o livro do outro lado do quarto e entreguei-me por completo a um exame dos acontecimentos do dia. Supondo-se que a história daquele

infeliz rapaz fosse absolutamente verdadeira, que coisa diabólica, que calamidade absolutamente imprevista e extraordinária poderia ter ocorrido entre o momento em que ele se separou do pai e aquele em que, atraído de volta por seus gritos, correu para a clareira? Foi algo de terrível e mortal. Que poderia ter sido? Não poderia a natureza dos ferimentos revelar alguma coisa a meus instintos médicos? Toquei a campainha e pedi o semanário do condado, que reproduzia literalmente os autos do inquérito. O depoimento do cirurgião dizia que o terço posterior do osso parietal esquerdo e a metade esquerda do osso occipital haviam sido esmagados pelo golpe pesado de uma arma sem corte. Localizei o ponto em minha mente. Era claro que um golpe como esse só poderia ter sido desfechado pelas costas. Isso era, até certo ponto, favorável ao acusado, pois ele fora visto discutindo frente a frente com o pai. Mesmo assim, não valia muito, pois o pai poderia lhe ter dado as costas antes de ser atingido. De todo modo, valeria a pena chamar a atenção de Holmes para isso. Havia também a estranha referência do moribundo a um rato. Que podia aquilo significar? Não podia ser um delírio. Um homem que está morrendo em consequência de uma pancada súbita não costuma delirar. Não, era mais provável que estivesse tentando explicar o que lhe acontecera. Mas que poderia aquilo significar? Dei tratos à bola, tentando encontrar alguma explicação possível. Depois havia ainda o incidente do pano cinzento visto pelo jovem McCarthy. Se aquilo era verdade, o assassino devia ter deixado uma peça de roupa cair na fuga, presumivelmente o sobretudo, e tivera a audácia de voltar para apanhá-la no instante em que o filho estava ajoelhado, de costas para ele a menos de doze passos de distância. Que emaranhado de mistérios e improbabilidades era aquela coisa toda! A opinião de Lestrade não me surpreendia, mas eu tinha tamanha fé na argúcia de Sherlock Holmes que não podia perder as esperanças, tanto mais que cada fato novo parecia reforçar sua convicção da inocência do jovem McCarthy.

Sherlock Holmes voltou tarde. Viera sozinho porque Lestrade estava hospedado na cidade.

“O barômetro continua muito alto”, observou ele ao se sentar. “É importante que não chova antes de podermos ir ao local. Por outro lado, um sujeito precisa estar nas melhores condições físicas e mentais para um belo trabalho como este, e não quis empreendê-lo assim esfalfado por uma longa viagem. Estive com o jovem McCarthy.”

“E que ficou sabendo por ele?”

“Nada.”

“Ele não pôde esclarecer nada?”

“Absolutamente nada. Em certa altura inclinei-me a pensar que ele sabia quem praticou o crime e estava protegendo essa pessoa, mas agora estou convencido de que está tão perplexo como todos os outros. Não é um jovem muito esperto, embora tenha um aspecto agradável e, pelo que me pareceu, bons sentimentos.”

“Não posso lhe gabar o gosto”, observei, “se é realmente verdade que reluta em se casar com uma jovem tão encantadora quanto Miss Turner.”

“Ah, isso envolve uma história muito dolorosa. Esse rapaz está loucamente, alucinadamente, apaixonado por ela. Mas há cerca de dois anos, quando não era mais que um menino, e antes de realmente conhecê-la, pois ela passou cinco anos fora, num internato, o que fez o idiota senão cair nas garras de uma garçonete em Bristol e se casar com ela no cartório? Ninguém sabe nada sobre isso, mas você pode imaginar como devia ser enlouquecedor para ele ser repreendido por não fazer o que daria os próprios olhos para fazer, mas sabia ser absolutamente impossível. Foi uma fúria desse tipo que o fez levantar a mão quando o pai, na última conversa que tiveram, insistiu em que pedisse a mão de Miss Turner. Por outro lado, ele não tinha nenhum meio para se sustentar, e seu pai, que ao que todos dizem era um homem muito rígido, o teria abandonado por completo se soubesse da verdade. Foi com essa garçonete, sua mulher, que passou aqueles três dias em Bristol, sem que o pai soubesse onde estava. Registre isto. É importante. Mas o mal gerou o bem, porque a garçonete, ao saber pelos jornais que ele estava em sérias dificuldades e poderia ser enforcado, não quis mais saber dele e lhe escreveu para dizer que já tinha um marido nas docas das Bermudas, de modo que não há realmente nenhum vínculo entre eles. Tenho a impressão de que essa notícia consolou o jovem McCarthy de todo o seu sofrimento.”

“Mas se ele é inocente, quem cometeu o crime?”

“Ah! Quem? Eu chamaria a sua atenção muito particularmente para dois aspectos. O primeiro é que a vítima tinha um encontro marcado com alguém na lagoa e que esse alguém não podia ser seu filho, pois este estava fora e ele não sabia quando voltaria. O segundo é que se ouviu a vítima gritar ‘Cooee!’ antes que soubesse da volta do filho. Estes são os aspectos cruciais em que o caso se assenta. Agora falemos sobre George Meredith, por favor, e deixemos todas as questões menores para amanhã.”

Não choveu, como Holmes previra, e a manhã despontou clara e sem nuvens. Às nove horas Lestrade chegou com a carruagem e partimos para a Fazenda Hatherley e a lagoa Boscombe. “Há novidades graves esta manhã”, comentou Lestrade. “Diz-se que Mr. Turner, do solar, está desenganado.”

“Um homem idoso, suponho?” perguntou Holmes.

“Cerca de sessenta anos; mas teve a saúde arruinada pela vida no estrangeiro e anda doente há algum tempo. Toda essa questão teve um efeito muito negativo sobre ele. Era um velho amigo de McCarthy, e, posso acrescentar, seu benfeitor, pois soube que lhe arrendou a Fazenda Hatherly de graça.”

“É mesmo? Isso é interessante”, comentou Holmes.

“É verdade sim! E ajudou-o de centenas de outras maneiras. Todos aqui falam de sua bondade para com McCarthy.”

“Realmente! Não lhe parece algo singular que esse McCarthy, que parece pouco ter de seu e dever tantas obrigações a Turner, pense em casar o filho com a filha desse amigo, que é, ao que se presume, a herdeira do patrimônio, e isso de maneira tão presunçosa, como se fosse apenas uma questão de pedir a mão da moça e tudo estaria resolvido? Mais estranho ainda quando sabemos que o próprio Turner não via a ideia com bons olhos. Foi o que a filha nos disse. Você não deduz alguma coisa disso?”

“Pronto, lá vêm as deduções e as inferências!” exclamou Lestrade, piscando o olho para mim. “Já me parece difícil o bastante enfrentar fatos, Holmes, sem estar buscando teorias e fantasias.”

“Tem razão”, disse Holmes, sério. “Você acha tão difícil enfrentar os fatos.”

“De todo modo, cheguei a um fato que você parece ter dificuldade em assimilar”, retrucou Lestrade com algum entusiasmo.

“E é…”

“Que McCarthy pai foi morto por McCarthy filho, e que todas as teorias em contrário não passam de devaneios.”

“Bem, antes devanear que não pensar”, retrucou Holmes, rindo. “Mas, ou muito me engano, ou temos a Fazenda Hatherley ali à esquerda.”

“É ela mesma.”

Era uma construção ampla, de aparência confortável, com dois andares, telhado de ardósia e grandes manchas amarelas de líquen nas paredes

cinzentas. As cortinas cerradas e as chaminés apagadas, porém, davam-lhe um ar desolado, como se o peso daquele horror ainda a esmagasse. Batemos à porta, e a criada, a pedido de Holmes, mostrou-nos as botas que o patrão usava ao morrer e também um par de botas do filho, embora não o que usava na ocasião. Depois de medi-las cuidadosamente, a partir de sete ou oito pontos diferentes, Holmes quis ser levado ao pátio, de onde todos tomamos a trilha sinuosa que levava à lagoa Boscombe.

Sherlock Holmes transformava-se quando farejava uma pista como essa. Quem só conhecia o tranquilo pensador e lógico de Baker Street não o teria reconhecido. Seu rosto ficava mais corado e escuro. As sobrancelhas se retesavam, formando duas linhas duras e negras, enquanto os olhos faiscavam sob elas com um brilho de aço. O rosto pendia, os ombros arqueavam-se, os lábios comprimiam-se e as veias ressaltavam como cordéis de chicote em seu pescoço longo, vigoroso. As narinas pareciam dilatar-se numa ânsia puramente animal pela caça, e a mente concentrava-se de maneira tão absoluta na questão que tinha pela frente que ele não dava ouvidos a nenhuma pergunta ou observação, ou, no máximo, rosnava uma resposta breve e impaciente. Rápida e silenciosamente, ele avançou pela trilha que cortava os prados e atravessou a mata até a lagoa Boscombe. Era um terreno úmido, pantanoso, como é todo aquele distrito, e havia muitas pegadas, tanto na trilha como pelo capim curto que a margeava de ambos os lados. Por vezes Holmes apertava o passo, por vezes estancava, e uma vez fez um pequeno desvio pelo prado. Lestrade e eu andávamos atrás dele, o detetive indiferente e desdenhoso, enquanto eu observava meu amigo com o interesse gerado pela convicção de que cada gesto seu tinha um objetivo definido.



“A criada mostrou-nos as botas.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

A lagoa Boscombe, uma pequena lâmina d’água cercada de juncos, com uns cinquenta metros de um lado a outro, situa-se no limite entre a Fazenda Hatherley e o parque privado do abastado Mr. Turner. Além das matas que a contornavam do lado mais distante, podíamos ver os pináculos vermelhos que sobressaíam, assinalando a residência do rico proprietário. No lado que dava para a Fazenda Hatherley, a mata era densa e havia uma faixa estreita de relva encharcada, de uns vinte passos de largura, entre a orla do bosque e os juncos que contornavam a lagoa. Lestrade mostrou-nos o lugar exato em que o corpo fora encontrado, e na verdade o chão estava tão úmido que pude ver claramente os traços deixados pela queda da vítima ao ser golpeada. Para Holmes, como pude ver por seu rosto ansioso e olhos perscrutadores, muitas outras coisas eram visíveis no capim pisoteado. Depois de andar em círculos, como um cão que fareja, voltou-se para o meu companheiro.

“Para que você entrou na lagoa?”

“Andei vasculhando o fundo com um ancinho. Achei que poderia haver alguma arma ou qualquer outro indício. Mas como, diabos…?”

“Ora, não tenho tempo! Esse seu pé esquerdo, torcido para dentro como é, está por toda parte. Até uma toupeira poderia identificá-lo, e ali ele desaparece entre os juncos. Ah, como teria sido simples se eu tivesse estado aqui antes de toda essa gente que andou por aqui como uma manada de búfalos, pisoteando tudo. Foi por aqui que veio o grupo com o caseiro;

cobriram todas as pegadas por uns dois metros em volta do corpo. Mas cá estão três marcas separadas dos mesmos pés.” Tirou uma lupa do bolso e deitou-se sobre sua capa de chuva para ver melhor, falando o tempo todo, mais consigo mesmo do que conosco. “Estas são do jovem McCarthy. Duas vezes ele estava andando, e uma correndo depressa, de modo que as solas estão profundamente marcadas e mal se veem os calcanhares. Isto confirma a história que contou. Correu quando viu o pai caído no chão. Além disso, aqui estão as pegadas que o pai deixou quando andava de um lado para outro. Mas que é isto aqui? É a ponta da coronha da espingarda, enquanto o filho ficou parado, ouvindo. E isto? Ah, ah! Que temos aqui? Pontas de pés, pontas de pés! E além do mais quadradas, botas pouco comuns! Elas vêm, vão, vêm novamente… é claro, para pegar a manta. Mas de onde vieram?” Correu para cima e para baixo, às vezes encontrando, às vezes perdendo a pista, até que havíamos entrado bastante mata adentro e estávamos sob a sombra de uma grande faia, a maior árvore das redondezas. Holmes avançou até o lado mais distante dela e deitou-se mais uma vez de cara para o chão, com um gritinho de satisfação. Ficou um bom tempo ali, remexendo em folhas e gravetos secos, recolhendo num envelope o que me pareceu ser terra e examinando com sua lupa não só o chão como a casca da árvore, até a altura que pôde alcançar. Uma pedra pontiaguda, no meio do musgo, também foi cuidadosamente examinada e guardada. Depois ele seguiu uma trilha pela mata até chegar à estrada, onde todos os rastros desapareciam.



“Ficou um bom tempo ali.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“Foi um caso de considerável interesse”, observou, voltando às suas

maneiras de sempre. “Imagino que essa casa cinzenta à direita deve ser a do caseiro. Acho que vou até lá dar uma palavra com Moran e talvez escrever um bilhetinho. Isto feito, poderemos pegar a carruagem de volta para o nosso almoço. Vocês podem ir andando até ela, estarei com vocês num instante.”

Levamos uns dez minutos para chegar a nosso carro e voltamos a Ross, Holmes ainda carregando consigo a pedra que apanhara no bosque.

“Talvez esta pedra lhe interesse, Lestrade”, disse, mostrando-a. “Foi a arma do crime.”

“Não vejo nenhuma marca.”

“Não há marcas.”

“Então como sabe?”

“O capim estava crescendo debaixo dela. A pedra só passou poucos dias ali. Não há sinal do lugar de onde ela foi retirada. Ela corresponde aos ferimentos. Não há nenhum vestígio de qualquer outra arma.”

“E o assassino?”

“É um homem alto e canhoto; coxeia com a perna direita, usa botas de caça de sola grossa e uma capa cinzenta, fuma charutos indianos, usa piteira e leva no bolso um canivete cego. Há vários outros indícios, mas estes talvez bastem para nos ajudar em nossa busca.”

“Lamento, mas continuo cético”, respondeu Lestrade, rindo. “As teorias são boas, mas teremos de enfrentar um judicioso júri inglês.”

“Nous verrons”, disse Holmes serenamente. “Você aplica seu método, eu aplicarei o meu. Estarei ocupado esta tarde e provavelmente voltarei a Londres pelo trem da noite.”

“Deixando seu caso sem conclusão?”

“Não, concluído.”

“Mas o mistério…?”

“Está desvendado.”

“Nesse caso, quem foi o criminoso?”

“O cavalheiro que descrevi.”

“Mas quem é ele?”

“Certamente não lhe será difícil descobrir. Esta não é uma região tão populosa assim.”

“Sou um homem prático”, retrucou Lestrade, dando de ombros, “e

realmente não tenho condições de sair pela região à procura de um cavalheiro canhoto e coxo. A Scotland Yard em peso riria de mim.”

“Muito bem”, disse Holmes, sem se alterar. “Dei-lhe a chance. Cá está sua hospedaria. Adeus. Vou lhe escrever antes de partir.”

Tendo deixado Lestrade em seu alojamento, fomos para o nosso hotel, onde encontramos o almoço na mesa. Holmes estava calado e imerso em pensamentos. Tinha uma expressão aflita no rosto, como alguém que se vê num beco sem saída.

“Por favor, Watson”, disse quando a toalha de mesa foi retirada. “Sente-se aqui nesta cadeira e deixe-me fazer-lhe um breve sermão. Não sei bem o que fazer e gostaria que me aconselhasse. Acenda um charuto e permita-me expor o problema.”

“Por favor.”

“Bem, na consideração deste caso, dois aspectos da narrativa do jovem McCarthy nos surpreenderam de imediato, a nós dois, embora a mim tenham parecido favoráveis a ele, e a você, contrários. Um foi o fato de que, segundo ele declarou, o pai teria gritado ‘Cooee’ antes de vê-lo. O outro foi a singular referência do moribundo a um rato. Ele murmurou várias palavras, claro, mas foi só isso que o filho entendeu. Ora, nossa investigação deve partir desses dois pontos, e começaremos presumindo que as palavras do rapaz são absolutamente verdadeiras.”

“Que poderia significar esse ‘Cooee!’, então?”

“Bem, obviamente não poderia ter sido dirigido ao filho. Este, pelo que o pai sabia, estava em Bristol. Foi por mero acaso que o filho o ouviu. O objetivo do grito era chamar a atenção da pessoa com quem o pai marcara um encontro. Mas como se trata de um grito caracteristicamente australiano, usado entre australianos, há forte probabilidade de que a pessoa que McCarthy esperava encontrar na lagoa Boscombe fosse alguém que estivera na Austrália.”

“Mas e o rato?”

Sherlock Holmes tirou do bolso um papel dobrado e o abriu sobre a mesa. “Isto é um mapa na Colônia de Victoria”, disse. “Telegrafei a Bristol pedindo-o, ontem à noite.”

Tapou uma parte do mapa com a mão. “Que lê aqui?”

“Arat”, li.

“E agora?”, ergueu a mão.

“Ballarat.”

“É claro. Foi esta a palavra pronunciada pelo moribundo, de que o filho captou apenas as duas últimas sílabas. Ele estava tentando pronunciar o nome do assassino. Fulano de tal, de Ballarat.”

“É fabuloso!” exclamei.

“É óbvio. Com isso, como vê, estreitei consideravelmente o campo. A posse de uma roupa cinzenta era um terceiro ponto que, a se admitir a correção das palavras do filho, constituía uma certeza. Saímos agora da mera imprecisão para a ideia precisa de um australiano de Ballarat com uma capa cinzenta.”

“Sem dúvida.”

“E que se sentia em casa no distrito, pois só se pode chegar à lagoa passando pela fazenda ou pela propriedade, locais em que estranhos não poderiam perambular.”

“Naturalmente.”

“Fizemos então a nossa expedição de hoje. Por meio de um exame no terreno, obtive os detalhes insignificantes que transmiti àquele imbecil do Lestrade sobre a pessoa do criminoso.”

“Mas como chegou a eles?”

“Você conhece meu método. Baseia-se na observação de trivialidades.”

“Quanto à altura, sei que poderia deduzi-la aproximadamente pelo tamanho das passadas. As botas também poderiam ser descritas a partir das pegadas.”

“Isso; eram botas peculiares.”

“Mas o fato de ser coxo?”

“A marca do pé direito dele era sempre menos distinta que a do esquerdo. Ele punha menos peso sobre ele. Por quê? Porque claudicava… era coxo.”

“Mas e o fato de ser canhoto?”

“Você mesmo ficou impressionado com a natureza do ferimento, tal como descrito pelo médico no inquérito. O golpe foi desfechado imediatamente de trás e, apesar disso, sobre o lado esquerdo. Ora, como teria isso sido possível a menos que o autor fosse canhoto? Ele ficara atrás daquela

árvore durante a conversa entre o pai e o filho. Chegara a fumar ali. Encontrei cinza, que meu conhecimento especializado de cinzas de tabaco me permitiu identificar como de um charuto indiano. Como sabe, dediquei certa atenção ao assunto e escrevi uma pequena monografia sobre as cinzas de cento e quarenta variedades de fumo de cachimbo, charuto e cigarro. Tendo encontrado a cinza, olhei em volta e achei a ponta do charuto entre o musgo, onde ele a jogara. Era um charuto indiano, da variedade enrolada em Rotterdã."



"Ele ficara atrás daquela árvore."
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

"E a piteira?"

"Pude ver que a ponta não estivera em sua boca. Portanto o homem usava piteira. A ponta fora cortada, não mordida, mas o corte não era bem-feito, do que deduzi um canivete cego."

"Holmes, você lançou em volta desse homem uma rede de que ele não poderá se desvencilhar, e salvou uma vida humana inocente, tão verdadeiramente como se tivesse cortado a corda que o enforcava. Vejo em que direção tudo isso aponta. O culpado é…"

"Mr. John Turner", anunciou o garçom do hotel, abrindo a porta de

nossa sala de estar e introduzindo um visitante.

Entrou uma figura estranha, impressionante. O andar lento e claudicante e os ombros encurvados davam-lhe uma aparência de decrepitude, muito embora seus traços duros, sulcados e bem-marcados e seus membros enormes mostrassem que era dotado de uma força incomum, física e moral. A barba emaranhada, o cabelo grisalho e as sobrancelhas caídas combinavam-se para lhe conferir um ar de dignidade e poder, mas o rosto era de um branco-acinzentado, enquanto os lábios e os cantos das narinas tinham uma nuance de azul. Um relance deixou claro para mim que aquele homem sofria de uma doença crônica e fatal.

"Por favor, queira sentar-se no sofá", disse Holmes, cortesmente. "Recebeu meu bilhete?"

"Recebi, o caseiro o levou para mim. O senhor disse que desejava me ver aqui para evitar escândalo."

"Pensei que haveria mexericos se eu fosse ao solar."

"E por que quis me ver?" Lançou um olhar sobre meu companheiro; havia desespero nos seus olhos cansados, como se aquela pergunta já tivesse sido respondida.

"É", disse Holmes, respondendo mais ao olhar do que às palavras. "É isso. Sei tudo sobre McCarthy."

"Valha-me Deus!" exclamou o velho, escondendo o rosto nas mãos. "Mas eu não teria deixado que o rapaz fosse prejudicado. Dou-lhe minha palavra de que teria me pronunciado se o condenassem no tribunal superior."

"Fico feliz por ouvi-lo dizer isso", respondeu Holmes gravemente.

"Teria falado agora mesmo, não fosse pela minha querida menina. Ela ficaria consternada… ficará, quando souber que fui preso."

"Talvez isso não ocorra", disse Holmes.

"Quê?"

"Não sou agente da polícia. Pelo que sei, foi sua filha que solicitou minha presença aqui, é no interesse dela que estou agindo. Mas o jovem McCarthy deve ser solto."

"Sou um moribundo", disse o velho Turner. "Sofro de diabetes há anos. Meu médico diz que talvez não tenha mais nem um mês de vida. Mas gostaria de morrer sob meu próprio teto, não numa prisão."

Holmes levantou-se e foi sentar-se à mesa com sua caneta na mão e um

maço de papéis à sua frente. “Conte-nos simplesmente a verdade”, disse. “Anotarei os fatos. O senhor assinará e Watson servirá de testemunha. Assim, em último caso, poderei apresentar a sua confissão para salvar o jovem McCarthy. Prometo-lhe só usá-la se absolutamente necessário.”

“Está bem”, disse o velho. “Como não é certo que viverei até o julgamento, isso tem pouca importância para mim, mas gostaria de poupar Alice desse choque. E agora vou lhes explicar tudo; as coisas levaram muito tempo para acontecer, mas não precisarei de muito para contá-las.

“O senhor não conheceu o morto, McCarthy. Era o demônio encarnado. Eu lhe garanto. Deus o livre das garras de um homem assim. Estive nas suas garras nos últimos vinte anos e ele arruinou a minha vida. Vou lhe contar primeiro como me vi à sua mercê.

“Foi no início da década de 1860, nas minas. Na época eu era um rapaz de sangue quente, afoito, disposto a tudo; misturei-me a más companhias, dei para beber, não tive sorte com minha concessão, embrenhei-me pelo mato e, numa palavra, transformei-me no que chamam aqui de salteador. Éramos seis, levávamos uma vida dissoluta, livre, assaltando à mão armada uma fazenda de criação de gado de tempos em tempos, ou detendo carroças nas estradas para as minas. Tornei-me conhecido pelo nome Black Jack de Ballarat e até hoje nosso grupo é lembrado na colônia como a Quadrilha Ballarat.

“Certo dia, ficamos de emboscada e atacamos um comboio de ouro que ia de Ballarat para Melbourne. Como eram seis soldados e nós também éramos seis, foi duro, mas derrubamos quatro deles na primeira rajada de balas. Três dos nossos morreram, porém, antes de conseguirmos o butim. Encostei minha pistola na cabeça do cocheiro, que não era outro senão esse McCarthy. Juro que gostaria de tê-lo matado ali mesmo, mas poupei-o, apesar de ver seus olhos perversos pregados no meu rosto, como se para memorizar cada traço. Fugimos com o ouro, ficamos ricos e viemos para a Inglaterra sem despertar suspeitas. Aqui eu me afastei de meus antigos camaradas e resolvi me estabelecer numa vida tranquila e respeitável. Comprei esta propriedade, que por sorte estava à venda, e me decidi a praticar algum bem com meu dinheiro para compensar a maneira como o ganhara. Casei-me também, e, embora minha mulher tenha falecido jovem, deixou-me a minha querida Alice. Desde que ainda era um bebê, sua mãozinha parecia me levar para o bom caminho, como nada fizera antes.

Numa palavra, virei uma página nova e fiz tudo que pude para me redimir do passado. Tudo ia bem quando McCarthy deitou suas garras em mim.

"Eu fora à cidade tratar de um investimento e o encontrei na Regent Street, quase andrajoso.

"'Cá estamos, Jack', disse ele, tocando-me o braço. 'Seremos como uma verdadeira família para você. Somos dois, meu filho e eu, e você pode cuidar de nós. Se não quiser… a Inglaterra é um país excelente, a lei impera aqui, é só chamar que um policial aparece.'

"Bem, desceram cá para o oeste, não houve meio de eu me livrar deles, e desde então vivem sem pagar nada nas minhas melhores terras. Nunca mais tive descanso, nem paz, nem esquecimento; para onde quer que eu me virasse, topava com sua cara esperta e risonha. As coisas foram ficando ainda piores à medida que Alice crescia, pois ele logo viu que eu tinha mais medo de que ela conhecesse o meu passado do que a polícia. Todos os seus desejos deviam ser satisfeitos, e eu lhe dava fosse o que fosse sem questionar: terra, dinheiro, casas, até que finalmente ele pediu algo que eu não podia lhe dar. Pediu Alice.

"O filho dele e a minha menina, é claro, haviam crescido, e, como era sabido que eu era um homem doente, pareceu-lhe um belo golpe fazer o filho se apossar de todo o meu patrimônio. Mas nessa questão eu fui firme. Não queria seu maldito sangue misturado com o meu; não que desgostasse do rapaz, mas tinha o sangue do pai nas veias, e isso bastava. Resisti. McCarthy ameaçou. Desafiei-o a fazer o pior. Deveríamos nos encontrar na lagoa, a meio caminho entre nossas casas, para resolver o assunto.

"Quando cheguei, encontrei-o conversando com o filho; esperei atrás de uma árvore, fumando um charuto, até que ficasse sozinho. Mas enquanto ouvia a conversa, tudo que havia de negro e amargo em mim pareceu se exacerbar. Ele instava o filho a se casar com a minha filha, com tão pouco respeito pelo que ela poderia pensar como se fosse uma rameira da rua. A ideia de que ela, o que eu tinha de mais caro, estivesse à mercê de um homem daqueles deixou-me enlouquecido. Não poderia eu romper o laço? Já era um homem doente e desenganado. Embora ainda lúcido e com bastante força nos braços, sabia que meu próprio destino estava selado. Mas minha memória e minha filha! Ambas poderiam ser salvas se eu pudesse silenciar aquela língua imunda. Eu o fiz, Mr. Holmes, e o faria de novo. Por maiores que tenham sido os meus pecados, levei uma vida de martírio para expiá-los. Mas que

minha menina ficasse presa nas mesmas malhas que me enredavam era mais do que eu podia suportar. Golpeei-o sem mais piedade do que se fosse um animal imundo e peçonhento. Seu grito trouxe o filho de volta, mas eu já chegara à proteção da mata, embora tenha sido obrigado a voltar para pegar a capa que deixara cair na fuga. É esta, senhores, a verdadeira história de tudo que aconteceu."

"Bem, não me compete julgá-lo", disse Holmes enquanto o velho assinava a declaração que ele redigira. "Rezo para que nunca estejamos expostos a semelhante tentação."

"Espero que não, senhor. E que pretende fazer?"

"Tendo em vista a sua saúde, nada. O senhor mesmo está ciente de que, dentro em breve, terá de responder por seus atos perante um tribunal muito superior ao nosso. Guardarei sua confissão. Se McCarthy for condenado, serei obrigado a usá-la; senão, ela jamais será lida por ninguém e seu segredo, quer o senhor esteja vivo ou morto, estará seguro conosco."

"Adeus, então", disse o velho, solenemente. "Os senhores sofrerão menos em seus leitos de morte, quando isso ocorrer, graças à lembrança da paz que me proporcionaram no meu." Deixou a sala lentamente, todo o seu corpanzil oscilando e tremendo.

"Que Deus nos ajude!" exclamou Holmes depois de um longo silêncio. "Por que o destino prega peças como essa a pobres vermes impotentes? Nunca travo conhecimento com um caso como este sem pensar nas palavras de Baxter e dizer: 'Ali vai, pela graça de Deus, Sherlock Holmes.'"

James McCarthy foi absolvido no tribunal superior por força de uma série de objeções levantadas por Holmes e entregues ao conselho de defesa. O velho Turner viveu mais sete meses após nossa entrevista, mas agora está morto; e é de todo provável que o filho e a filha possam viver felizes juntos, na ignorância da nuvem negra que paira sobre o seu passado.

AS CINCO SEMENTES DE LARANJA

QUANDO PASSO OS OLHOS por minhas notas e registros dos casos de Sherlock Holmes entre os anos 1882 e 1890, deparo com tantos que apresentam características estranhas e interessantes que não é fácil saber quais escolher e quais abandonar. Alguns, porém, já ganharam publicidade pelos jornais e outros não ofereceram campo para aquelas qualidades peculiares que meu amigo possuía em tão alto grau, e que é o objetivo destes escritos ilustrar. Alguns, ainda, desconcertaram sua capacidade analítica, e seriam, como narrativas, começos sem fim, enquanto outros tantos foram apenas parcialmente desvendados, suas explicações baseando-se mais na conjectura e na suposição do que na prova lógica absoluta que lhe era tão cara. Um destes últimos, porém, foi tão notável em seus detalhes, tão espantoso em seus resultados, que me sinto tentado a narrá-lo, embora envolva aspectos que nunca foram totalmente esclarecidos e provavelmente nunca serão.

O ano de 1887 proporcionou-nos uma longa série de casos de maior ou menor interesse, cujos registros conservo. Entre meus títulos desse período de doze meses, encontro narrativas da aventura da Câmara Paradol, do caso da Sociedade Mendicante Amadora, que mantinha um clube luxuoso nos porões de um depósito de móveis, dos fatos associados ao desaparecimento do brigue britânico *Sophy Anderson*, das singulares aventuras dos Grice Paterson na ilha de Uffa, e por fim do caso de envenenamento de Camberwell. Neste último, o leitor talvez se recorde, Sherlock Holmes conseguiu, dando corda no relógio do morto, provar que lhe haviam dado corda duas horas antes e que portanto o falecido fora se deitar dentro desse intervalo — dedução que foi da maior importância para o esclarecimento do caso. Todos esses são casos que poderei esboçar em alguma data futura, mas nenhum apresenta características tão singulares quanto a estranha cadeia de circunstâncias que me proponho agora a descrever.

Foi nos últimos dias de setembro, e os vendavais do equinócio haviam

chegado com excepcional violência. O vento gemera durante o dia todo e a chuva fustigara as janelas com tal fúria que mesmo ali, no coração da grande Londres feita pelos homens, éramos obrigados a afastar a mente da rotina da vida por um instante e reconhecer a presença daquelas grandes forças elementares que gritam para a humanidade através das grades de sua civilização, como animais indomáveis numa jaula. À medida que a noite se fechava, a tempestade ficava mais intensa e mais ruidosa; na chaminé, o vento chorava e soluçava como uma criança. Num lado da lareira, acabrunhado, Sherlock Holmes estabelecia referências cruzadas entre suas fichas de crimes, enquanto eu, no outro lado, estava imerso numa das belas histórias do mar de Clark Russell, até que o uivo do vento lá fora pareceu se fundir com o texto e as rajadas da chuva estenderem-se no longo marulho das ondas do mar. Minha mulher tinha ido visitar a mãe e por alguns dias eu voltara a morar em meus antigos aposentos em Baker Street.

"Ouviu?" perguntei, levantando os olhos para o meu companheiro, "Isso foi certamente a campainha. Quem poderia ser, numa noite como esta? Algum amigo seu, talvez?"

"Exceto você, não tenho amigos", respondeu ele. "Não estimulo visitas."

"Um cliente, então?"

"Se for, o caso é sério. Ninguém sairia com um tempo deste, numa hora desta, se não fosse. Parece-me mais provável que seja algum amigo da senhoria."

Mas Sherlock Holmes estava errado em sua conjectura, pois ouvimos passos no corredor e uma batida à porta. Esticando seu comprido braço, ele girou a lâmpada, afastando-a de si e voltando-a para a cadeira vazia em que um recém-chegado deveria se sentar.

"Entre!" exclamou.

O homem que entrou era jovem, aparentava uns vinte e dois anos; bem-tratado e vestido com apuro, tinha um quê de refinamento e delicadeza em suas maneiras. O gotejante guarda-chuva que tinha na mão e sua comprida e reluzente capa de chuva revelavam o tempo medonho que enfrentara. Olhou aflito à sua volta à luz da lâmpada, e pude ver que tinha o rosto pálido e os olhos carregados, como os de um homem vergado ao peso de uma grande ansiedade.

"Devo me desculpar", disse, levando aos olhos um pincenê de ouro. "Espero não estar sendo importuno. Receio ter trazido algumas marcas do

vendaval e da chuva para sua acolhedora sala.”

“Dê-me a capa e o guarda-chuva”, disse Holmes. “Pendurados aqui no gancho logo estarão secos. Pelo que vejo, veio do sudoeste.”

“É, vim de Horsham.”

“Essa mistura de argila e greda que vejo na ponta de seus sapatos é absolutamente característica.”

“Vim pedir conselho.”

“Coisa fácil de se conseguir.”

“E ajuda.”



“Olhou aflito à sua volta.”
[Sidney Paget, Strand Magazine, 1891]

“Isso nem sempre é tão fácil.”

“Ouvi falar do senhor, Mr. Holmes. O major Prendergast contou-me como o salvou no escândalo do Clube Tankerville.”

“Ah, claro. Ele foi injustamente acusado de trapacear num jogo de cartas.”

“Disse que o senhor é capaz de resolver qualquer caso.”

“Exagero.”

“Que nunca foi derrotado.” “Fui derrotado quatro vezes… três vezes por homens e uma por uma mulher.”

“Mas o que é isso comparado ao número de seus êxitos?”

“É verdade que em geral tenho sido bem-sucedido.”

“Então deverá ser comigo também.”

“Aproxime sua cadeira do fogo, por favor, e tenha a bondade de me fornecer alguns detalhes de seu caso.”

“Não é um caso comum.”

“Nenhum dos que me vêm às mãos é. Sou o último tribunal de apelação.”

“Apesar disso, duvido que, com toda a sua experiência, tenha ouvido algum dia uma cadeia de acontecimentos mais misteriosa e inexplicável do que a ocorrida na minha família.”

“Está me deixando intrigado”, disse Holmes. “Por favor, conte-nos os fatos essenciais desde o começo; depois poderei interrogá-lo quanto aos detalhes que me pareçam os mais importantes.”

O jovem puxou a cadeira e esticou os pés molhados para as chamas.

“Meu nome é John Openshaw, mas meus próprios negócios pouco têm a ver, pelo que posso entender, com o horrível problema que enfrento. É um assunto hereditário; assim, para lhe dar uma ideia dos fatos, devo retomar o começo de tudo.

“Precisam saber que meu avô teve dois filhos, meu tio Elias e meu pai Joseph. Meu pai tinha uma fabriqueta em Coventry, que ampliou na época da invenção da bicicleta. Foi ele que patenteou o pneu Openshaw, que não fura, e seu negócio teve tanto sucesso que pôde vendê-lo e aposentar-se com uma bela renda.

“Meu tio Elias emigrou para os Estados Unidos quando jovem e tornou-se fazendeiro na Flórida, onde consta que se saiu muito bem. Na época da guerra ele lutou no exército de Jackson, e posteriormente sob o comando de Hood, chegando ao posto de coronel. Quando Lee depôs as armas, meu tio voltou para a sua fazenda, onde permaneceu três ou quatro anos. Por volta de 1869 ou 1870, voltou para a Europa e comprou uma pequena propriedade em Sussex, perto de Horsham. Fizera uma fortuna bastante considerável nos Estados Unidos, e sua razão para deixar aquele país foi sua repulsa aos

negros e seu descontentamento com a política dos republicanos, que lhes estendeu o direito de voto. Era um homem singular, arrebatado e de pavio curto; era muito desbocado quando se enfurecia e muito retraído. Durante todos os anos que passou em Horsham, duvido que um dia tenha posto os pés na cidade. Tinha um pomar e duas ou três plantações em volta de casa, e ali se exercitava, embora costumasse passar semanas inteiras fechado em seu quarto. Bebia grande quantidade de conhaque, fumava muito, não apreciava nenhum convívio e não desejava ter amigos, nem mesmo seu próprio irmão.

"Mas eu não o incomodava; de fato, gostou de mim desde a primeira vez que me viu e eu era um garoto de uns doze anos. Isso deve ter sido em 1878, oito ou nove anos depois que ele voltara para a Inglaterra. Pediu a meu pai que me deixasse morar com ele, e, a seu modo, ele foi muito bom para mim. Quando estava sóbrio, gostava de jogar gamão e damas comigo, e me usava como seu representante junto aos criados e aos comerciantes, de modo que aos dezesseis anos eu era praticamente o senhor da casa. Tinha todas as chaves em meu poder, podia ir aonde bem entendesse e fazer o que me desse na veneta, contanto que não o perturbasse em sua privacidade. Só havia uma exceção: ele tinha um único quarto, um depósito de trastes no sótão, que permanecia invariavelmente trancado, e jamais permitia que eu ou qualquer outra pessoa entrasse ali. Eu espiava pela fechadura, com curiosidade infantil, mas nunca pude ver mais que uma porção de baús velhos e trouxas, como seria de esperar num quartinho daquele.

"Certo dia — foi em março de 1883 —, uma carta com selo estrangeiro foi deixada na mesa, em frente ao prato do coronel. Ele não costumava receber cartas, pois pagava suas contas à vista e não tinha nenhum amigo de nenhuma espécie. 'Da Índia!' exclamou ele, pegando a carta. 'Carimbo de Pondicherry! Que será isso?' Quando a abriu, às pressas, cinco sementinhas secas de laranja pularam do envelope e tamborilaram no seu prato. Comecei a rir, mas a expressão dele congelou-me o riso. Seu lábio caíra, os olhos estavam esbugalhados, a pele, cor de massa de vidraceiro, e ele olhava fixamente o envelope que ainda segurava com a mão trêmula. 'K.K.K.!' gemeu. 'Meu Deus, meu Deus, meus pecados me alcançaram!'

"'Que é isso, tio?'

"'A morte', respondeu ele, levantando-se da mesa e retirando-se para o seu quarto, deixando-me palpitando de horror. Pegando o envelope, vi, garatujada com tinta vermelha na aba interna, logo acima da cola, a letra K

repetida três vezes. Não havia mais nada, exceto as cinco sementes secas. Qual poderia ser a razão daquele terror acabrunhante? Deixei a mesa e quando subia a escada dei com ele descendo; trazia uma chave velha e enferrujada, que devia ser do sótão, numa das mãos, e na outra uma caixinha de latão, parecendo um cofre de dinheiro.

"'Podem fazer o que quiserem, mas eu ainda os derrotarei', disse, soltando uma praga. 'Diga a Mary que quero a lareira acesa hoje no meu quarto, e mande buscar o Fordham, o advogado de Horsham.'

"Fiz o que me mandava. Quando o advogado chegou, pediu-me que subisse com ele ao seu quarto. Na lareira, onde o fogo ardia vivamente, vi uma massa de cinzas negras, fofas, como de papel queimado; ao lado estava a caixa de latão, aberta e vazia. Ao olhar para a caixa, notei, com um sobressalto, que na tampa estava impresso o mesmo triplo K que eu vira de manhã no envelope.

"'Quero que você sirva de testemunha do meu testamento, John', disse meu tio. 'Deixo todos os meus bens, suas vantagens e desvantagens, para meu irmão, seu pai, de quem sem dúvida você os herdará. Se puder desfrutar deles em paz, muito bem! Se achar que não pode, aceite meu conselho, meu rapaz, e deixe-os para seu pior inimigo. Lamento dar-lhe esta faca de dois gumes, mas não sei que rumo as coisas vão tomar. Por favor, assine o papel onde Mr. Fordham lhe mostrar.'

"Assinei o papel como indicado, e o advogado o levou consigo. O singular incidente causou-me, como podem imaginar, a mais profunda impressão; refleti muito sobre ele e revirei-o de todos os ângulos em minha mente, sem conseguir entender coisa alguma daquilo. Ao mesmo tempo, não era capaz de me livrar da vaga sensação de medo que ele deixou atrás de si, embora ela tenha se tornado menos intensa à medida que as semanas passavam e nada acontecia para perturbar a rotina habitual de nossas vidas. Eu podia, porém, perceber uma mudança no meu tio. Bebia ainda mais e mostrava-se ainda menos propenso a qualquer tipo de contato com outras pessoas. Passava a maior parte do tempo em seu quarto, com a porta trancada por dentro, mas de vez em quando emergia numa espécie de exaltação bêbeda, saía de casa e andava de um lado para outro no jardim com um revólver na mão, furioso, gritando que não tinha medo de ninguém e que não se deixaria encurralar por homem ou por diabo algum. Mas quando esses acessos passavam, ele corria alvoroçado para dentro e fechava a porta com

chave e tranca atrás de si, como alguém que não consegue mais fazer frente ao terror que carrega no fundo da alma. Nessas ocasiões, vi seu rosto, mesmo num dia frio, molhado como se tivesse acabado de se erguer de uma bacia.

“Bem, para encerrar a história, Mr. Holmes, e não abusar de sua paciência, certa noite ele deu uma dessas saídas de bêbado e nunca voltou. Nós o encontramos, quando saímos à sua procura, emborcado numa poça cheia de uma espuma verde que ficava no fundo do pomar. Como não havia nenhum sinal de violência e a água não tinha mais que uns sessenta centímetros de profundidade, as autoridades, tendo em vista sua conhecida excentricidade, deram um veredicto de ‘suicídio’. Mas eu, que sei como ele estremecia à simples ideia da morte, tive muita dificuldade em me convencer de que se dera ao trabalho de ir ao encontro dela. Mas acabei tirando isso da cabeça, e meu pai tomou posse da propriedade e de uma conta de cerca de catorze mil libras no banco.”

“Um momento”, atalhou Holmes, “antecipo que sua narrativa é das mais notáveis que já ouvi. Diga-me a data em que seu tio recebeu a carta e a data de seu suposto suicídio.”



“Nós o encontramos emborcado numa poça cheia de uma espuma verde.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“A carta chegou no dia 10 de março de 1883. Sua morte ocorreu sete semanas depois, na noite de 2 de maio.”

“Muito obrigado. Por favor, continue.”

“Quando meu pai tomou posse da propriedade de Horsham, procedeu, a meu pedido, a um exame cuidadoso do sótão, que estivera sempre trancado. Encontramos ali a caixa de latão, embora seu conteúdo tivesse sido destruído. No lado interior da tampa havia um rótulo de papel com as iniciais K.K.K. repetidas, e sob elas estava escrito: ‘Cartas, memorandos, recibos e um registro.’ Essas palavras indicavam, ao que presumimos, a natureza dos papéis que haviam sido destruídos pelo coronel Openshaw. Quanto ao resto, não havia nada de muita importância no sótão, exceto grande quantidade de papéis e agendas dispersos, relacionados à vida de meu tio na América. Alguns eram da época da guerra e mostravam que ele cumprira bem o seu dever, granjeando reputação de um bravo soldado. Outros eram da época da reconstrução dos estados do Sul, e diziam respeito principalmente a política, pois ele desempenhara, evidentemente, um papel ativo na oposição aos políticos do Norte que iam para o Sul em busca de vantagens.

“Bem, meu pai foi morar em Horsham no início de 1884 e tudo correu tão bem quanto possível até janeiro de 1885. No quarto dia depois do Ano-Novo, quando nos sentamos juntos à mesa do desjejum, ouvi um grito de surpresa. Lá estava meu pai, com um envelope recém-aberto numa das mãos e cinco sementes secas de laranja na palma da outra. Ele, que costumava rir do que chamava de minha história para boi dormir sobre o coronel, parecia apavorado e perplexo agora que o mesmo lhe acontecia.

“‘Ora, que diabo significa isto, John?’ gaguejou. Meu coração ficou pesado como chumbo. ‘É a K.K.K.’, respondi.

“Ele olhou o interior do envelope. ‘É isso mesmo’, exclamou. ‘Aqui estão essas letras. Mas que está escrito acima delas?’

“‘Ponha os papéis no relógio de sol’, li, olhando sobre o ombro dele.

“‘Que papéis? Que relógio de sol?’

“‘O relógio de sol do jardim; não há outro. Mas os papéis devem ser aqueles que foram queimados.’

“‘Bobagem!’ retrucou ele, armando-se de coragem. ‘Este é um país civilizado e não toleramos tolices desse gênero. De onde vem essa coisa?’

“‘De Dundee’, respondi, lançando os olhos no carimbo.

“‘Alguma bricandeira ridícula’, disse ele. ‘Que tenho eu a ver com papéis e relógios de sol? Não vou tomar conhecimento de um absurdo desse.’

“‘Eu certamente falaria com a polícia’, sugeri.

“‘E seria motivo de riso. Não, nada disso.’

“‘Permite então que eu fale?’

“‘Não, você está proibido. Não quero fazer tempestade em copo d’água.’

“Foi inútil discutir, ele era um homem muito teimoso. Mas fiquei cheio de maus pressentimentos.

“No terceiro dia depois da chegada da carta, meu pai viajou para visitar um velho amigo, o major Freebody, que comanda um dos fortes de Portsdown Hill. Fiquei satisfeito, pois tinha a impressão de que ele estava mais a salvo quando saía de casa. Mas nisso eu estava errado. No segundo dia de sua ausência recebi um telegrama do major, implorando-me que fosse lá imediatamente. Meu pai caíra num dos profundos poços de greda que abundam nas vizinhanças e estava na cama sem sentidos e com a cabeça quebrada. Fui o mais depressa que pude, mas ele morreu sem jamais ter recobrado a consciência. Ao que parece, estava voltando de Fareham no crepúsculo, e como não conhecia a região, e o poço não era cercado, o júri não hesitou em emitir um veredicto de ‘morte por causas acidentais’. Por mais cuidadosamente que eu examinasse todos os fatos relacionados com a sua morte, não consegui descobrir coisa alguma que pudesse sugerir a ideia de assassinato. Não havia sinais de violência, nem pegadas, nada fora roubado, ninguém vira estranhos pelas estradas. Apesar disso, não preciso lhes dizer que não fiquei nem de longe tranquilo e tinha quase certeza de que alguma trama perversa fora tecida à volta dele.

“Foi dessa maneira sinistra que tomei posse de minha herança. O senhor perguntará: por que não abri mão dela? Respondo: porque estava bastante convencido de que nossos problemas se ligavam de alguma forma a um incidente na vida de meu tio, e de que haveria tanto perigo numa casa como noutra.

“Meu pai faleceu em janeiro de 1885; passaram-se dois anos e oito meses desde então. Durante esse tempo, vivi feliz em Horsham e começara a acreditar que a família havia escapado daquela maldição, que ela terminara com a geração anterior. Mas eu havia começado a me tranquilizar cedo demais; ontem de manhã o golpe caiu sobre mim exatamente como se abatera sobre meu pai.”

O rapaz tirou do colete um envelope amassado e, voltando-se para a mesa, sacudiu-o e deixou cair cinco sementinhas secas de laranja.

“Aqui está o envelope”, continuou. “O carimbo é de Londres… divisão

leste. Dentro estão as mesmas palavras que estavam na última mensagem para meu pai: ‘K.K.K.’, e depois: ‘Ponha os papéis no relógio de sol.’”

“Que fez o senhor?” perguntou Holmes.

“Nada.”

“Nada?”

“Para lhe dizer a verdade”, escondeu o rosto nas mãos brancas e finas, “senti-me impotente. Senti-me como um desses pobres coelhos quando a cobra está se contorcendo em sua direção. Tenho a impressão de estar nas garras de um mal irresistível, inexorável, que nenhuma previsão e nenhuma precaução podem evitar.”



“Deixou cair cinco sementinhas secas de laranja.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“Ora, ora!” exclamou Sherlock Holmes. “É preciso agir, homem, ou está perdido. Só a firmeza pode salvá-lo. Não é hora de entrar em desespero.”

“Fui à polícia.”

“Ah!”

“Mas eles ouviram minha história com um sorriso. Estou convencido de que o inspetor formou a opinião de que as cartas são todas pilhérias e que as mortes de meus parentes não passaram na realidade de acidentes, como o júri declarou, e não deveriam ser relacionadas com as advertências.”

Holmes sacudiu o punho no ar. “Imbecilidade incrível!” exclamou.

“Destacaram, porém, um policial que pode ficar em casa comigo.”

“Ele veio com o senhor esta noite?”

“Não. Recebeu ordens de permanecer na casa.”

Holmes voltou a fazer um gesto de indignação.

“Por que veio me procurar?” perguntou. “E, sobretudo, por que não veio imediatamente?”

“Eu não sabia. Foi só hoje que conversei com o major Prendergast sobre minhas inquietações e ele me aconselhou a procurá-lo.”

“Faz realmente dois dias que recebeu a carta. Deveríamos ter agido antes. Não tem outros indícios, presumo, além dos que nos apresentou… nenhum detalhe sugestivo que nos poderia ajudar?”

“Há uma coisa”, disse John Openshaw. Remexeu no bolso do paletó, tirou um desbotado pedaço de papel azul e o pôs sobre a mesa. “Tenho alguma lembrança”, disse, “de que no dia em que meu tio queimou os papéis observei que as estreitas margens não queimadas que restavam entre as cinzas eram exatamente desta cor. Encontrei esta única folha de papel no chão de seu quarto e tendo a pensar que pode ser um dos papéis, que voou talvez do meio dos outros e assim escapou à destruição. Mas, além da menção a sementes, não parece poder nos ajudar muito. Tenho a impressão de que é uma página de algum diário pessoal. A letra é sem dúvida a de meu tio.”

Holmes moveu a lâmpada e inclinamo-nos ambos sobre a folha de papel, cuja margem irregular mostrava ter sido rasgada de um caderno. Sob o cabeçalho “Março de 1869”, liam-se estas anotações enigmáticas:

Dia 4. Hudson veio. Mesma velha plataforma.

Dia 7. Sementes enviadas para McCauley, Paramore e John Swain, de St. Augustine.

Dia 9. McCauley desapareceu.

Dia 10. John Swain desapareceu.

Dia 12. Visitei Paramore. Tudo bem.

“Muito obrigado!” exclamou Holmes, dobrando o papel e devolvendo-o ao nosso visitante. “Agora o senhor não deve, sob nenhum pretexto, perder mais nem um instante. Não dispomos de tempo sequer para discutir o que me contou. Deve ir imediatamente para casa e agir.”

“Que devo fazer?”

“Há uma única coisa a fazer. E deve ser feita já. O senhor deve pôr este pedaço de papel que nos mostrou na caixa de latão que descreveu. Deve pôr também na caixa um bilhete dizendo que todos os outros papéis foram queimados pelo seu tio e que este é o único que resta. Trate de afirmar isso com palavras absolutamente convincentes. Em seguida, deve colocar imediatamente a caixa no relógio de sol, como lhe mandaram. Compreendeu?”

“Perfeitamente.”

“Não pense em vingança nem em nada desse tipo por enquanto; creio que poderemos conseguir isso por meio da lei. Mas temos de preparar nossa teia, enquanto a deles já foi tecida. A primeira preocupação é afastar o perigo iminente que o ameaça. A segunda é elucidar o mistério e punir os culpados.”

“Agradeço-lhe muito”, disse o jovem, levantando-se e vestindo o sobretudo. “O senhor deu-me vida nova e esperança. Farei certamente o que aconselha.”

“Não perca um instante. E, principalmente, tenha cuidado consigo mesmo nesse ínterim, pois tenho certeza de que corre um perigo muito real e iminente. Como voltará para casa?”

“Pelo trem que sai de Waterloo.”

“Ainda não são nove horas. Como as ruas estarão cheias, acredito que estará em segurança. Mesmo assim, todo cuidado é pouco.”

“Estou armado.”

“Isso é bom. Amanhã começarei a trabalhar no seu caso.”

“Eu o verei em Horsham, então?”

“Não, seu segredo está em Londres. É aqui que vou procurá-lo.”

“Então virei vê-lo dentro de um ou dois dias, com notícias sobre a caixa e os papéis. Seguirei seu conselho em todos os detalhes.” Apertou-nos as mãos e saiu. Lá fora o vento ainda gemia e a chuva continuava tamborilando sobre as janelas. Aquela história extravagante e violenta parecia nos ter vindo dos elementos em fúria… arremessada sobre nós como um sargaço num vendaval… e agora novamente reabsorvida por eles.

Sherlock Holmes ficou algum tempo em silêncio, a cabeça caída para frente e os olhos baixos, fixos no fulgor vermelho do fogo. Depois acendeu o cachimbo e, recostando-se na cadeira, ficou a observar os anéis azuis de

fumaça que se perseguiam um ao outro até o teto.

"Creio, Watson", observou por fim, "que entre todos os nossos casos não tivemos nenhum mais fantástico do que este."

"Exceto, talvez, *O signo dos quatro*."

"Bem, é verdade. Exceto esse, talvez. Mas esse John Openshaw parece-me estar em meio a perigos ainda maiores do que os Sholto."

"Mas você tem alguma ideia clara de que perigos são esses?"

"Não pode haver dúvidas quanto à sua natureza."

"Quais são eles, então? Quem é esse K.K.K. e por que persegue essa infeliz família?"

Sherlock Holmes fechou os olhos e pousou os cotovelos nos braços da cadeira, com as pontas dos dedos unidas. "O cérebro ideal", observou, "uma vez de posse de um único fato em todos os seus aspectos, deduziria dele não só toda a cadeia de fatos que o produziu, como também todas as consequências que dele se seguiriam. Assim como Cuvier foi capaz de descrever corretamente um animal inteiro a partir da contemplação de um único osso, assim também o observador que compreendeu perfeitamente um elo numa série de incidentes deveria ser capaz de descrever com precisão todos os outros, anteriores e posteriores. Ainda não compreendemos os resultados que a razão por si mesma pode alcançar. Há problemas que desnortearam todos que procuraram solucioná-los mediante a ajuda dos sentidos e que teriam podido ser resolvidos no gabinete. Contudo, para levar essa arte ao seu ponto mais alto, o pensador deve ser capaz de utilizar todos os fatos que chegaram ao seu conhecimento; isso por si só implica, como você perceberá facilmente, a posse de todo o conhecimento, o que, mesmo nestes dias de educação livre e de enciclopédias, é um feito raro. Não é tão impossível, no entanto, que um homem chegue a dispor de todo o conhecimento capaz de lhe ser útil em seu trabalho, e é isso que tenho me esforçado por fazer no meu. Se bem me lembro, em certa ocasião, no princípio de nossa amizade, você definiu meus limites de maneira muito precisa."

"De fato", respondi, rindo. "Foi um documento singular. Em filosofia, astronomia e política você levou zero, eu me lembro. Em botânica, eu lhe atribuí um conhecimento variável. Em geologia, muito bom no tocante a manchas de lama de qualquer região num raio de setenta quilômetros em torno de Londres. Em química, tem um conhecimento excêntrico. Em

anatomia, não sistemático. Em literatura sensacionalista e registro de crimes, inigualável. É violinista, *boxeur*, espadachim, advogado, e pratica o autoenvenenamento com cocaína e tabaco. Foram estes, creio, os principais pontos de minha análise."

Holmes abriu um sorriso forçado ao ouvir o último item. "Bem", observou, "digo agora, como disse então, que um homem deveria manter o pequeno sótão de seu cérebro guarnecido de todos os móveis de que poderá ter necessidade; quanto ao resto, pode depositá-lo no quarto de despejo de sua biblioteca, onde poderá pegá-lo se precisar. Mas para um caso como o que nos foi trazido esta noite, precisamos certamente mobilizar todos os nossos recursos. Faça a gentileza de me passar a letra K da *American Encyclopaedia* que está na prateleira ao seu lado. Obrigado. Agora analisemos a situação e vejamos o que pode ser deduzido dela. Em primeiro lugar, devemos começar com uma presunção de que o coronel Openshaw teve alguma razão muito forte para deixar os Estados Unidos. Na fase da vida em que ele estava, os homens não mudam todos os seus hábitos e trocam de bom grado o agradabilíssimo clima da Flórida pela vida solitária de uma cidadezinha de província na Inglaterra. Seu extremo amor à solidão neste país sugere a ideia de que temia alguém ou alguma coisa, portanto podemos supor, como hipótese de trabalho, que foi o medo de alguém ou de alguma coisa que o fez deixar os Estados Unidos. Quanto àquilo de que tinha medo, só podemos deduzir isso examinando as terríveis cartas enviadas a ele e a seus sucessores. Notou os carimbos postais dessas cartas?"

"A primeira vinha de Pondicherry, a segunda de Dundee e a terceira de Londres."

"Do leste de Londres. Que deduz disso?"

"Todos esses lugares são portos marítimos. Que o remetente estava a bordo de um navio."

"Excelente. Já temos uma pista. É sem dúvida provável, e extremamente provável, que o remetente estivesse a bordo de um navio. Agora consideremos um outro ponto. No caso de Pondicherry, transcorreram sete semanas entre a ameaça e seu cumprimento; no de Dundee, foram apenas três ou quatro dias. Isso lhe sugere alguma coisa?"

"Maior distância a percorrer."

"Mas a carta também teve de percorrer uma distância maior."

"Então não entendo."

“Há pelo menos uma presunção de que o navio em que o homem está, ou os homens estão, seja um veleiro. Parece que sempre mandaram sua singular advertência ou símbolo quando davam início à sua missão. Veja como o crime seguiu-se rapidamente à carta quando esta veio de Dundee. Se eles tivessem vindo de Pondicherry num vapor, teriam chegado quase ao mesmo tempo que a carta. De fato, porém, transcorreram sete semanas. Creio que essas sete semanas representaram a diferença de velocidade entre o navio a vapor que trouxe a carta e o navio a vela que trouxe o remetente.”

“É possível.”

“Mais que possível, é provável. E agora você entende a urgência crucial deste novo caso e por que insisti com o jovem Openshaw em que tivesse cautela. O golpe sempre foi desferido no final do prazo de que os remetentes precisariam para percorrer a distância. Mas esta carta agora vem de Londres, e portanto não podemos contar com nenhuma demora.”

“Meu Deus!” exclamei. “Que pode significar essa implacável perseguição?”

“Os papéis que Openshaw trouxe consigo são obviamente de importância vital para a pessoa ou as pessoas na embarcação a vela. A meu ver, está bastante claro que deve ser mais de uma. Um homem sozinho não poderia ter praticado dois assassinatos e conseguido sair impune do inquérito policial. Várias pessoas devem ter participado disso, e devem ser homens de recursos e determinação. Estão decididos a ter de volta seus papéis, estejam com quem estiverem. Sendo assim, veja, K.K.K. deixam de ser as iniciais de uma pessoa para se tornarem a sigla de uma sociedade.”

“Mas que sociedade?”

“Você nunca…”, disse Sherlock Holmes, inclinando-se para frente e baixando a voz, “nunca ouviu falar da Ku Klux Klan?”

“Nunca.”

Holmes passou as páginas do livro que tinha sobre os joelhos.

“Aqui está”, disse logo depois.

> Ku Klux Klan. Nome derivado da semelhança imaginária com o som que se produz ao engatilhar um rifle. Essa terrível sociedade secreta foi formada por alguns antigos soldados confederados nos estados do Sul depois da Guerra Civil e rapidamente criou ramificações em diferentes partes do país, notadamente no Tennessee, na Louisiana, nas Carolinas,

na Geórgia e na Flórida. Seu poder era usado com finalidades políticas, sobretudo para aterrorizar os eleitores negros e assassinar ou expulsar do país os que se opunham às suas ideias. Suas atrocidades costumavam ser precedidas por uma advertência enviada ao homem marcado de uma forma fantástica, mas em geral reconhecida — um raminho de carvalho em algumas regiões, sementes de melão ou de laranja em outras. Ao receber esse aviso, a vítima podia ou abjurar abertamente suas opiniões anteriores, ou fugir do país. Enfrentar a ameaça significava infalivelmente a morte, e usualmente de alguma maneira estranha e imprevista. A organização da sociedade era tão perfeita e seus métodos tão sistemáticos que provavelmente não há registro de um só caso em que um homem a tenha enfrentado impunemente, ou em que o perpetrador desses ultrajes tenha sido incriminado. A organização floresceu durante alguns anos, apesar dos esforços do governo dos Estados Unidos e das melhores classes da comunidade do Sul. Por fim, no ano de 1869, o movimento subitamente morreu, embora tenha havido surtos esporádicos da mesma espécie desde então.

"Observe", disse Holmes pondo o volume de lado, "que a súbita desativação da K.K.K. coincidiu com a vinda de Openshaw da América com os papéis da sociedade. Pode ter havido certamente uma relação de causa e efeito aí. Não admira que ele e a família tenham alguns dos espíritos mais implacáveis na sua cola. Esse registro e esse diário, como você pode entender, talvez comprometam alguns dos homens mais ilustres do Sul, e é possível que haja muitos que não dormirão bem à noite até que isso seja recuperado."

"Então a página que vimos…"

"É o que seria de esperar. Ela dizia, se bem me lembro, 'enviamos as sementes para A, B e C…', isto é, o aviso da sociedade lhes fora enviado. Em seguida há registros sucessivos de que A e B haviam desaparecido, ou deixado o país, e por fim que C fora visitado, com algum resultado sinistro para ele, receio. Bem, doutor, acredito que podemos lançar alguma luz sobre essa escuridão; até lá, creio que a única chance que o jovem Openshaw tem é fazer o que lhe disse. E já que não há mais nada a dizer ou fazer esta noite, passe-me o meu violino e vamos tentar esquecer por meia hora esse tempo horroroso e as condutas ainda mais horrorosas de nossos semelhantes."

DE MANHÃ, o tempo havia melhorado e o sol tinha um brilho embaçado através do pálido véu que paira sobre a grande cidade. Sherlock Holmes já estava tomando o desjejum quando desci.

"Desculpe-me por não tê-lo esperado. Prevejo que tenho pela frente um dia muito ocupado, investigando esse caso do jovem Openshaw."

"Que medidas pretende tomar?"

"Vai depender muito dos resultados de minhas primeiras investigações. Talvez, afinal de contas, eu tenha de ir a Horsham."

"Não irá lá em primeiro lugar?"

"Não, começarei pela City. Toque a campainha, e a criada lhe trará seu café."

Enquanto esperava, peguei na mesa o jornal ainda intacto e dei uma espiada. Detive-me numa manchete que me gelou o coração.

"Tarde demais, Holmes!"

"Ah!" exclamou ele pousando a xícara, "era o que eu temia. Como a coisa foi feita?" Falava com calma, mas pude notar que estava profundamente abalado. "Meus olhos deram com o nome de Openshaw e com a chamada 'Tragédia perto da Ponte de Waterloo'. Eis o que diz a notícia:

> Entre nove e dez horas da noite de ontem, o policial Cook, da Divisão H, de serviço perto da Ponte de Waterloo, ouviu um grito de socorro e o barulho de uma pancada na água. Como a noite estava extremamente escura e tempestuosa, porém, mesmo com a ajuda de vários transeuntes foi de todo impossível efetuar um resgate.



“Tarde demais, Holmes!”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

Mas foi dado o alarme, e, com a ajuda da polícia fluvial, o corpo acabou sendo encontrado. Era de um jovem cavalheiro cujo nome, tal como aparece num envelope encontrado em seu bolso, era John Openshaw, e cuja residência é próxima de Horsham. Conjectura-se que poderia estar afobado para pegar o último trem que parte da Estação de Waterloo e que, em sua pressa e na densa escuridão, desviou-se de seu caminho e caiu da borda de um dos pequenos desembarcadouros para barcos a vapor. O corpo não exibia nenhum sinal de violência, não podendo haver dúvida de que o morto foi vítima de um lamentável acidente, o qual deveria ter o efeito de chamar a atenção das autoridades para as condições em que se encontram os desembarcadouros à margem do rio.

Ficamos alguns minutos em silêncio, Holmes mais deprimido e abalado do que eu jamais o vira.

“Isso fere o meu orgulho, Watson”, disse por fim. “É um sentimento mesquinho, sem dúvida, mas isso fere o meu orgulho. Agora passa a ser uma questão pessoal para mim, e, se Deus me der saúde, agarrarei essa quadrilha. Pensar que ele me procurou para pedir ajuda e que eu o despachei para a morte…!” Deu um pulo da cadeira e pôs-se a andar de um lado para outro em incontrolável agitação, com um rubor nas faces amareladas e fechando e abrindo as mãos compridas e magras.

“Eles devem ser diabolicamente espertos”, exclamou por fim. “Como conseguiram descobri-lo ali? O Embankment não está no caminho direto para a estação. A ponte, sem dúvida, estava movimentada demais, mesmo numa noite como a de ontem, para o que tinham em mente. Bem, Watson, veremos quem ganhará no final das contas. Vou já para a rua!”

“Vai à polícia?”

“Não, serei minha própria polícia. Depois que eu tiver tecido a teia eles poderão apanhar as moscas, não antes.”

Passei o dia todo ocupado com minhas atividades profissionais e era tarde da noite quando voltei a Baker Street. Sherlock Holmes ainda não chegara. Eram quase dez horas quando entrou, pálido e exausto. Dirigiu-se ao aparador e, cortando um pedaço de pão, devorou-o vorazmente, bebendo em seguida um longo gole de água.

“Você está com fome”, observei.

“Faminto. Tinha esquecido de comer. Não comi nada desde o desjejum.”

“Nada?”

“Absolutamente nada. Não tive tempo para pensar nisso.”

“E como se saiu?”

“Bem.”

“Tem uma pista?”

“Eles estão na palma da minha mão. O jovem Openshaw não demorará muito a ser vingado. Que acha, Watson, de lançarmos sobre eles a mesma marca diabólica que usaram? Já arquitetei tudo.”

“Que quer dizer?”

Pegou uma laranja no guarda-louça e, abrindo-a em gomos, espremeu as sementes sobre a mesa. Apanhou cinco delas e jogou-as num envelope. Na parte interna da aba, escreveu “S.H. para J.C.”. Em seguida fechou o envelope e endereçou-o para “Capitão James Calhoun, brigue *Lone Star*, Savannah, Geórgia”.

“Isto estará à espera dele quando entrar no porto”, disse, com uma risadinha. “Talvez lhe custe uma noite sem pregar os olhos. Vai lhe parecer um prenúncio tão certo de seu destino quanto pareceu antes a Openshaw.”

“E quem é esse capitão Calhoun?”

“O chefe da quadrilha. Pegarei os outros, mas primeiro ele.”

“Como o descobriu?”

Holmes tirou do bolso uma grande folha de papel, toda coberta de datas e nomes.

“Passei o dia inteiro examinando os registros do Lloyds e arquivos de papéis antigos, acompanhando a carreira posterior de cada navio que tocou o porto de Pondicherry em janeiro e fevereiro de 1883. Havia registro da chegada ali de trinta e seis navios de boa tonelagem durante esses meses. Entre eles, o *Lone Star* chamou-me a atenção imediatamente, pois, embora constasse que partira de Londres, esse é o nome dado a um dos estados da União.”

“O Texas, creio.”

“Não sabia e não sei ao certo qual deles; mas sabia que o navio devia ter origem norte-americana.”

“E depois?”

“Pesquisei os arquivos relativos a Dundee, e quando verifiquei que o brigue *Lone Star* esteve ali em janeiro de 1885 minha suspeita se transformou em certeza. Em seguida apurei que navios estão no porto de Londres neste momento.”

“E daí?”

“O *Lone Star* chegou aqui semana passada. Fui até o Cais Albert e constatei que ele partira rio abaixo nesta manhã, com a primeira maré, com destino a Savannah. Telegrafei para Gravesend e fiquei sabendo que passara ali havia algum tempo, e, como está soprando o vento leste, não tenho dúvidas de que a esta altura já terá passado das Goodwins e não deve estar muito longe da ilha de Wight.”

“Nesse caso, que vai fazer?”

“Ah, ele está na minha mão. Ele e os dois comparsas são, pelo que fiquei sabendo, os únicos americanos natos a bordo. Os outros são finlandeses e alemães. Sei também que todos os três se ausentaram do barco ontem à noite. Obtive estas informações com os estivadores que estiveram carregando o *Lone Star*. Quando o navio a vela deles chegar a Savannah, o vapor que transporta o correio já terá chegado lá com esta carta e um cabograma terá informado à polícia de Savannah que esses três senhores estão sendo extremamente desejados aqui, por conta de uma acusação de assassinato.”

Há sempre uma falha, no entanto, no mais bem-urdido dos planos

humanos, e os assassinos de John Openshaw nunca receberiam as cinco sementes de laranja que lhes mostrariam que outra pessoa, tão astuta e decidida quanto eles mesmos, estava na sua pista. Os ventos do equinócio foram prolongados e severos naquele ano. Esperamos notícias de Savannah sobre o *Lone Star* por muito tempo, mas não recebemos nenhuma. Por fim, ficamos sabendo que em algum lugar, em pleno Atlântico, fora visto, gingando na cava de uma onda, o cadaste de popa de um navio em que estavam entalhadas as letras “L.S.”. É só o que jamais saberemos sobre o destino do *Lone Star*.

O HOMEM DA BOCA TORTA

ISA WHITNEY, IRMÃO do finado teólogo Elias Whitney, reitor da Faculdade Teológica de St. George, era completamente viciado em ópio. Pelo que sei, adquiriu o hábito a partir de uma ideia tola, em seus tempos de faculdade: após ler a descrição que De Quincey faz de seus sonhos e sensações, passou a molhar com láudano o tabaco que consumia, na tentativa de obter os mesmos efeitos. Descobriu, como tantos outros, que é mais fácil adquirir o costume que se livrar dele, e durante muitos anos continuou sendo escravo da droga e objeto de um misto de horror e piedade de seus colegas e parentes. Posso vê-lo agora mesmo, com o rosto amarelo, lívido, as pálpebras caídas, as pupilas contraídas, mais parecendo pontas de alfinete, encolhido numa cadeira, os destroços e as ruínas de um nobre homem.

Uma noite — foi em junho de 1889 —, a campainha de minha casa tocou mais ou menos na hora em que um homem dá seu primeiro bocejo e uma espiadela no relógio.

Fiquei quieto em minha poltrona enquanto minha mulher pousava seu trabalho de agulha no colo e fazia uma pequena careta de desapontamento.

“Um paciente!” disse ela. “Você terá de sair.”

Gemi, pois acabara de chegar de um dia cansativo.

Ouvimos a porta se abrir, algumas palavras ditas às pressas, e em seguida passos rápidos sobre o linóleo. A porta da sala foi então aberta e uma senhora, com um traje escuro e um véu preto, entrou.

“Perdoem-me por vir tão tarde”, começou ela, e então, perdendo subitamente o autocontrole, correu e abraçou o pescoço de minha mulher, soluçando em seu ombro. “Oh! Estou numa aflição tão grande!” exclamou. “Preciso tanto de um pouco de ajuda!”

“Ora”, disse minha mulher, puxando o véu da senhora, “é Kate Whitney. Que susto você me passou, Kate! Não tinha ideia de que era você quando

entrou.”

“Como não sabia o que fazer, vim imediatamente procurá-la.” Era sempre assim. Os atribulados sempre acorriam a minha mulher como aves a um farol.

“Foi muito bom que tenha vindo. Agora tome um pouco de vinho com água, sente-se comodamente aqui e conte-nos tudo. Ou prefere que eu mande o James para a cama?”

“Não, não; quero o conselho e a ajuda do doutor também. É sobre Isa. Não aparece em casa há dois dias. Estou tão preocupada com ele!”

Não era a primeira vez que nos falava dos problemas do marido, a mim como médico e à minha mulher como velha amiga e colega de escola.

Tentamos, tanto quanto podíamos, acalmá-la e reconfortá-la com palavras. Ela sabia onde estava o marido? Seria-nos possível levá-lo de volta para ela?

Parecia que sim. Ela obtivera a informação segura de que ultimamente, nos seus acessos, ele recorria a um antro de ópio no extremo leste da City. Até então suas orgias haviam se limitado sempre a um dia, e ele voltava à noite, contraindo-se em espasmos, arrebentado. Mas agora passara quarenta e oito horas sob o encantamento, e sem dúvida estava lá, entre a ralé das docas, inspirando o veneno ou dormindo, derrubado por ele. Era lá que estava, ela tinha certeza, no Bar of Gold, em Upper Swandam Lane. Mas que podia ela fazer? Como podia ela, uma mulher jovem e tímida, ir a um lugar desse, e arrancar seu marido do meio dos facínoras que o cercavam?

Aí estava o problema, e, evidentemente, só havia uma solução para ele. Eu não poderia acompanhá-la até lá? E, pensando bem, que necessidade havia de ela ir? Eu era o médico de Whitney, e nessa qualidade tinha influência sobre ele. Poderia lidar melhor com a situação estando sozinho. Dei-lhe minha palavra de que, se ele realmente estivesse no endereço que me dava, eu o despacharia para casa num carro de aluguel dentro de duas horas. Assim, em dez minutos eu havia deixado minha poltrona e minha sala prazerosa e rumava a toda velocidade para leste num *hamson*, incumbido de uma estranha missão. Pelo menos era o que me parecia naquele momento; só o futuro poderia mostrar quão estranha ela seria.

Não houve, porém, grande dificuldade no primeiro estágio de minha aventura. Upper Swandam Lane é uma viela sórdida que se esconde atrás dos altos desembarcadouros que margeiam o lado norte do rio, a leste da Ponte de

Londres. Entre uma loja de roupa barata e uma baiuca, um íngreme lanço de escada levou-me a um vão negro como a boca de uma caverna; era ali o antro que eu procurava. Mandei meu carro esperar e desci os degraus, cavados no meio de tão desgastados pelo incessante arrastar de passos bêbados, e, à luz incerta de uma lâmpada de óleo sobre a porta, achei o trinco. Entrei num cômodo comprido e baixo, tomado pela fumaça pardacenta, espessa e pesada do ópio, e forrado de beliches de madeira, como o castelo de proa de um navio de emigrantes.

Em meio à escuridão, era difícil divisar os corpos deitados em poses extravagantes, ombros vergados, joelhos dobrados, cabeças jogadas para trás e queixos empinados; aqui e ali, um par de olhos escuros, embaçados, voltava-se para o recém-chegado. Dentre as sombras negras bruxuleavam pequenos círculos vermelhos de luz, ora luminosos, ora débeis, conforme o veneno esbraseava ou se apagava nos fornilhos dos cachimbos de metal. A maioria dos homens permanecia em silêncio, mas alguns sussurravam alguma coisa para si mesmos e outros conversavam numa voz estranha, baixa, monótona, as palavras saindo em golfadas e depois, de repente, reduzindo-se a silêncio; cada um murmurava os próprios pensamentos e mal ouvia o vizinho. No fundo do cômodo via-se um pequeno braseiro de carvão, junto do qual, num tamborete de madeira de três pernas, sentava-se um velho alto e magro, com o queixo sobre os dois punhos, os cotovelos sobre os joelhos, os olhos fixos no fogo.

Quando entrei, um criado malaio de tez amarelada apressara-se em me levar um cachimbo e uma dose da droga, acenando para um beliche vazio.

“Obrigado, não vim para ficar”, disse eu. “Um amigo meu, Mr. Isa Whitney, está aqui e quero falar com ele.”

Houve um movimento e uma exclamação à minha direita e, forçando os olhos na escuridão, vi Whitney, pálido, abatido e desalinhado, olhando-me fixamente.

“Meu Deus, é o Watson!” exclamou. Estava num estado deplorável, os nervos à flor da pele. “Diga-me, Watson, que horas são?”

“Quase onze.”

“De que dia?”

“De sexta-feira, 19 de junho.”

“Misericórdia! Pensei que era quarta-feira. É quarta-feira. Por que está querendo me assustar?” Afundou o rosto entre os braços e caiu em soluços

agudos.

“É sexta-feira, homem, eu lhe garanto. Sua mulher passou esses dois dias à sua espera. Deveria estar envergonhado!”

“E estou. Mas você está fazendo confusão, Watson, pois só passei algumas horas aqui, três, quatro cachimbos… não me lembro quantos. Mas vou para casa com você. Não quero assustar Kate… minha pobre Kate. Dê-me a mão! Está com um carro aí?”

“Sim, está esperando.”

“Então vou nele. Mas devo ter uma conta para pagar. Descubra quanto estou devendo, Watson. Estou zonzo. Não consigo fazer coisa alguma.”

Percorri a passagem estreita entre a dupla fileira de homens adormecidos, segurando o fôlego para não respirar as emanações repugnantes, estupefacientes da droga, à procura do gerente. Quando passei pelo homem alto sentado junto do braseiro senti um puxão repentino na aba do meu paletó, e uma voz baixa sussurrou: “Siga adiante e depois volte os olhos para mim.” Essas palavras chegaram aos meus ouvidos muito distintamente. Olhei para baixo. Elas só poderiam ter vindo do velho ao meu lado, mas ali estava ele, tão absorto como sempre, muito magro, muito enrugado, encurvado pela idade, um cachimbo de ópio caído entre os joelhos, como se seus dedos o tivessem soltado por pura lassidão. Dei dois passos e olhei para trás. Precisei de todo o meu autocontrole para não soltar um grito de espanto. O homem havia virado as costas de tal maneira que ninguém podia vê-lo, só eu. Suas formas haviam se enchido, as rugas haviam sumido, os olhos baços haviam recobrado o brilho, e ali, sentado ao pé do fogo e sorrindo diante de meu pasmo, estava Sherlock Holmes em pessoa. Com um pequeno aceno, pediu-me que me aproximasse e, instantaneamente, quando de novo se voltou de perfil para os outros, caiu numa senilidade trêmula, de lábios murchos.

“Holmes!” sussurrei. “Que diabos está fazendo neste covil?”

“O mais baixo que puder”, respondeu. “Tenho ouvidos excelentes. Se me fizesse a grande fineza de se livrar desse seu amigo borracho, gostaria imensamente de ter uma conversinha com você.”



"'Holmes!' sussurrei."
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

"Tenho um carro lá fora."

"Então, por favor, mande-o para casa. Pode confiar nele sem susto, parece chumbado demais para se envolver em qualquer travessura. Eu lhe recomendaria também que enviasse pelo cocheiro um bilhete para a sua mulher, dizendo que se meteu numa peripécia comigo para o que der e vier. Se esperar lá fora, estarei com você em cinco minutos."

Era difícil recusar qualquer apelo de Sherlock Holmes, de tal modo eram sempre peremptórios e expressados com ar de sereno domínio. Pareceu-me também que, depois que Whitney fora devidamente fechado no carro, minha missão estava praticamente cumprida, e, quanto ao mais, eu não podia desejar nada de melhor do que me associar a meu amigo numa daquelas aventuras que eram a condição normal de sua existência. Em poucos minutos escrevi meu bilhete, paguei a conta de Whitney, levei-o até o carro e o vi partir em meio à escuridão. Passado um tempo muito curto uma figura decrépita emergiu do antro de ópio, e eu caminhava pela rua com Sherlock Holmes. Ao longo de duas ruas ele avançou arrastando os pés, com as costas encurvadas e um passo incerto. Depois, dando uma rápida olhada à sua volta, endireitou-se e caiu numa gostosa gargalhada.

"Suponho, Watson, que você imaginou que eu havia acrescentado o fumo de ópio a minhas injeções de cocaína, e a todas as outras pequenas fraquezas sobre as quais me concedeu seus pareceres médicos."

"Fiquei realmente surpreso ao encontrá-lo ali."

“E eu não menos ao encontrar você.”

“Fui à procura de um amigo.”

“E eu à procura de um inimigo.”

“Um inimigo?”

“Isso mesmo, um de meus inimigos naturais, ou melhor, minha presa natural. Em suma, Watson, estou no meio de uma investigação das mais notáveis, e tive a esperança de descobrir uma pista nas perambulações incoerentes desses beberrões, como já fiz antes. Se eu tivesse sido reconhecido ali, minha vida não estaria valendo um tostão porque até agora usei aquele covil para meus próprios objetivos e o bandido do lascar que o dirige jurou vingança contra mim. Há um alçapão no fundo daquele prédio, perto do canto do Cais Paul, que poderia contar algumas histórias estranhas sobre o que passou através dele em noites sem luar.”

“Quê? Está se referindo a cadáveres?”

“Cadáveres, Watson. Seríamos ricos se tivéssemos mil libras para cada infeliz que foi mandado desta para melhor naquele covil. É o mais miserável antro de assassinatos em toda a margem do rio, e temo que Neville St. Clair tenha entrado ali para nunca mais sair. Mas nosso carro deveria estar aqui!” Pôs os dois indicadores entre os dentes e deu um assobio agudo, sinal que foi respondido a distância por um som semelhante, logo seguido por um rumor de rodas e de cascos de cavalos.

“Agora, Watson”, disse Holmes no instante em que um *dog-cart* surgiu na escuridão, a luz amarela de suas lanternas laterais lançando dois túneis dourados. “Virá comigo, não é?”

“Se eu puder ser útil.”

“Ah, um camarada de confiança é sempre útil; e um cronista, mais ainda. Meu quarto nos Cedros tem duas camas.”

“Nos Cedros?”

“É; esse é o nome da casa de Mr. St. Clair. Estou hospedado lá enquanto conduzo a investigação.”

“Onde fica?”

“Perto de Lee, em Kent. Temos uma viagem de mais de onze quilômetros pela frente.”

“Não estou entendendo coisa alguma.”

“Claro que não. Mas entenderá já, já. Pule aqui. Muito bem, John; não precisaremos mais de você. Aqui está meia coroa. Procure-me amanhã, por volta das onze. Solte o cabresto! Até logo, então!”

Holmes deu uma leve chicotada no cavalo e partimos a toda pressa, metendo-nos numa interminável sucessão de ruas sombrias e desertas que foram se ampliando pouco a pouco, até que nos vimos sobre uma ponte de parapeitos largos sob a qual o rio sujo corria preguiçosamente. Da ponte em diante esperava-nos outro enfadonho ermo de tijolos e argamassa, seu silêncio só quebrado pelos passos pesados e regulares do guarda ou pelas canções e gritos de algum grupo extemporâneo de pândegos. Uma massa pesada de nuvens arrastava-se lentamente pelo céu, e aqui e ali, entre suas brechas, uma ou duas estrelas cintilavam palidamente. Holmes dirigia em silêncio, com a cabeça afundada no peito e o ar de um homem perdido em pensamentos; ao seu lado, eu ia curioso para saber que nova investigação poderia ser aquela em que ele parecia tanto empenhar seus poderes e, ao mesmo tempo, receoso de romper a cadeia de seus pensamentos. Havíamos percorrido vários quilômetros e começávamos a chegar ao cinturão de casas suburbanas quando ele se sacudiu, deu de ombros e acendeu o cachimbo com ar de um homem que se convenceu de estar agindo da melhor maneira possível.

“Você tem o precioso dom do silêncio, Watson”, disse. “Isso o torna um companheiro de valor inestimável. Palavra, gosto muito de ter alguém com quem falar, porque meus pensamentos nem sempre são os mais agradáveis. Estava pensando no que deveria dizer a essa cara senhora hoje à noite, quando ela me receber à porta.”

“Está se esquecendo de que não sei de nada.”

“Terei exatamente o tempo necessário para lhe expor os fatos do caso antes de chegarmos a Lee. Parecem absurdamente simples, mas, apesar disso, não sei ao certo que pista seguir. Há muitos fios, sem dúvida, mas não sei por onde puxar. Bem, vou lhe contar o caso de maneira clara e concisa, Watson, e talvez você consiga ver uma centelha onde tudo para mim é escuridão.”

“Vá em frente.”

“Há alguns anos, em maio de 1884 para ser preciso, chegou a Lee um cavalheiro chamado Neville St. Clair que parecia ter muito dinheiro. Comprou uma grande mansão, ajardinou lindamente o terreno e passou a viver em grande estilo. Aos poucos fez amizades nas vizinhanças e em 1887

casou-se com a filha de um cervejeiro local, com quem teve dois filhos. Não tinha nenhuma ocupação, mas tinha participação em companhias e costumava ir para a cidade de manhã e voltar todas as tardes pelo trem que parte de Cannon Street às 17h14. Mr. St. Clair, que tem hoje trinta e sete anos, é um homem de hábitos moderados, bom marido, pai muito afetuoso e estimado por todos os que o conhecem. Posso acrescentar a isto que todas as suas dívidas no momento, pelo que pudemos apurar, somam oitenta e oito libras e dez xelins, ao passo que tem a seu crédito duzentas e vinte libras no Capital & Counties Bank. Não há razão alguma, portanto, para se pensar que ande oprimido por problemas financeiros.

"Segunda-feira passada Mr. Neville St. Clair foi para a cidade bem mais cedo que de hábito, comentando antes de partir que tinha duas coisas importantes a fazer e que traria uma caixa de blocos de madeira para seu garotinho. Por mero acaso, sua mulher recebeu um telegrama naquela mesma segunda-feira, pouco após sua partida, comunicando-lhe que um pequeno pacote de considerável valor que esperava encontrava-se à sua disposição nos escritórios da Companhia Aberdeen de Navegação. Ora, se você conhece bem a sua Londres, sabe que os escritórios dessa companhia ficam em Fresno Street, que sai de Upper Swandam Lane, onde você me encontrou esta noite. Mrs. St. Clair almoçou, partiu para a City, fez algumas compras, foi aos escritórios da companhia e pegou seu pacote; exatamente às dezesseis e trinta e cinco, caminhava por Swandam Lane de volta à estação. Entendeu bem até agora?"

"Está tudo muito claro."

"Talvez se lembre de que segunda-feira foi um dia extremamente quente, e Mrs. St. Clair andava devagar, olhando à sua volta, na esperança de ver um carro de aluguel, pois não estava gostando da área em que se encontrava. Quando caminhava assim por Swandam Lane, ouviu de repente uma exclamação ou grito e ficou gelada ao ver seu marido, que olhava para ela e, ao que lhe pareceu, fazia-lhe acenos da janela de um segundo andar. A vidraça estava aberta e ela viu distintamente o rosto dele, que descreve como terrivelmente transtornado. Depois de acenar freneticamente para ela, o marido desapareceu da janela, de maneira tão súbita que ela teve a impressão de que fora puxado por uma força irresistível. Um detalhe singular que lhe saltou aos perspicazes olhos femininos foi que, embora usasse um paletó escuro, como no momento em que saíra para a cidade, ele estava sem colarinho nem gravata.

“Convencida de que havia alguma coisa errada com o marido, ela desceu rapidamente os degraus… pois o prédio não era outro senão o antro de ópio em que você me encontrou esta noite…, atravessou correndo a sala da frente e tentou subir a escada que levava ao primeiro andar. Ao pé dela, porém, encontrou esse patife desse lascar de quem falei, que lhe barrou a passagem e, ajudado por um dinamarquês que faz as vezes de assistente ali, empurrou-a de volta para a rua. Tomada dos mais enlouquecedores receios e dúvidas, ela saiu correndo pela rua e, por sorte, encontrou em Fresno Street vários guardas e um inspetor que saíam para sua ronda. O inspetor e dois homens acompanharam-na de volta e, embora o proprietário tivesse continuado a resistir, chegaram à sala na qual Mr. St. Clair fora visto pela última vez. Não havia vestígio dele ali. Na verdade, em todo esse andar não havia vivalma, exceto um aleijado de aspecto medonho, que, ao que parece, morava ali. Tanto ele como o lascar juraram firmemente que ninguém mais estivera na sala da frente durante aquela tarde. Tão veemente foi a sua negativa que o inspetor ficou desconcertado e estava quase acreditando que Mrs. St. Clair se enganara quando, com um grito, ela se lançou sobre uma caixinha de pinho que estava sobre a mesa e arrancou-lhe a tampa. Caiu uma cascata de tijolinhos de madeira. Era o brinquedo que ele prometera levar para casa.

“A descoberta e a evidente confusão demonstrada pelo aleijado fizeram o inspetor compreender que o assunto era sério. As salas foram cuidadosamente examinadas e todos os resultados indicaram um crime abominável. O cômodo da frente tinha uma mobília simples de sala de estar e dava para um pequeno quarto de dormir com vista para os fundos de um dos cais. Entre o cais e a janela do quarto há uma faixa estreita, que fica seca na maré baixa mas é coberta por pelo menos um metro e quarenta de água na maré alta. A janela do quarto era larga e abria-se por baixo. O exame revelou manchas de sangue no peitoril; havia várias gotas dispersas no assoalho de madeira do quarto. Escondidas atrás de uma cortina, na sala da frente, estavam todas as roupas de Mr. Neville St. Clair, exceto o paletó. As botas, as meias, o chapéu, o relógio… estava tudo lá. Não havia sinal de violência em qualquer dessas peças, e tampouco se encontrou qualquer outro vestígio do cavalheiro. Ao que tudo indicava, ele devia ter ido embora pela janela, pois não se descobriu nenhuma outra saída, e as agourentas manchas de sangue no peitoril não levavam muito a crer que tivesse se safado nadando, porque a maré estava no ponto mais alto no momento da tragédia.



“Ao pé da escada encontrou esse patife desse lascar.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“Agora falemos dos canalhas que pareciam diretamente envolvidos na tragédia. O indiano é tido e havido como pessoa dos piores antecedentes, mas como, pela história contada por Mrs. St. Clair, sabia-se que ele estava no pé da escada poucos segundos depois que o marido dela aparecera na janela, dificilmente poderia ter tido mais que um papel secundário no crime. Em sua defesa, ele alegou desconhecimento absoluto da história, afirmou não saber dos atos de Hugh Boone, seu locatário, e que não podia explicar de maneira alguma a presença das roupas do cavalheiro desaparecido.

“Isso quanto ao gerente lascar. Agora passemos ao sinistro aleijado que mora no andar superior do antro de ópio, e que certamente foi o último ser humano cujos olhos pousaram sobre Neville St. Clair. Chama-se Hugh Boone e seu rosto hediondo é conhecido por todos que costumam ir à City. É um mendigo profissional, embora, para evitar problemas com a polícia, finja vender fósforos de cera. Um pouco adiante, em Threadneedle Street, no lado esquerdo, há, como você talvez tenha notado, um pequeno ângulo na parede. É ali que essa criatura se instala diariamente, as pernas cruzadas, o pequeno estoque de fósforos no colo, num espetáculo tão lamentável que uma pequena chuva de esmolas cai sobre o gorro de couro sebento pousado na calçada a seu lado. Observei esse sujeito mais de uma vez antes de sequer pensar em

travar conhecimento profissional com ele, e fiquei surpreso com o que ganhava em curto tempo. Sua aparência é tão singular que ninguém pode passar por ele sem observá-lo. Uma basta cabeleira alaranjada, um rosto anêmico desfigurado por uma horrível cicatriz que, pela sua contração, suspendeu a parte externa do lábio superior, um queixo de buldogue e um par de olhos escuros muito penetrantes, em singular contraste com a cor do cabelo, tudo isso o destaca do comum dos mendigos; ele se distingue ainda por ser espirituoso, tendo sempre uma resposta pronta para qualquer caçoada que lhe lancem os passantes. Esse é o homem que, agora ficamos sabendo, era o locatário da casa de ópio e foi o último a ver o cavalheiro que estamos procurando."

"Mas um aleijado!" exclamei. "Que poderia ter feito sem ajuda contra um homem na flor da idade?"

"Seu aleijão consiste em coxear de uma perna; nos demais aspectos parece um homem forte e bem-nutrido. Sua experiência médica certamente já lhe mostrou, Watson, que a fraqueza num membro é muitas vezes compensada por força excepcional em outros."

"Por favor, continue sua narrativa."

"Mrs. St. Clair havia desmaiado à vista do sangue na janela e fora levada pela polícia para um carro de aluguel, já que sua presença não os poderia ajudar em suas investigações. O inspetor Barton, que se encarregou do caso, fez um exame cuidadoso da casa, mas nada encontrou que lançasse luz sobre o assunto. Cometera-se um erro não prendendo Boone imediatamente, pois ele dispôs de alguns minutos durante os quais podia ter se comunicado com o amigo, o lascar; mas logo corrigiram essa falha e ele foi detido e revistado, sem que se encontrasse, porém, nada que pudesse incriminá-lo. É verdade que havia algumas manchas de sangue na manga direita de sua camisa, mas ele mostrou um corte perto da unha do seu dedo anular e explicou que o sangue vinha dali, acrescentando que estivera à janela não muito antes e que as manchas nela observadas vinham sem dúvida da mesma fonte. Negou peremptoriamente ter jamais visto Mr. Neville St. Clair e jurou que a presença das roupas em seu aposento era tão misteriosa para ele quanto para a polícia. Quanto à afirmação de Mrs. St. Clair de que realmente vira o marido à janela, declarou que ela devia estar louca ou sonhando. Foi levado, sob sonoros protestos, para a delegacia de polícia, enquanto o inspetor permanecia no local, na esperança de que a maré vazante trouxesse alguma

pista nova.

“E de fato trouxe, embora eles não tenham encontrado o que temiam na margem lamacenta. Foi o paletó de Neville St. Clair, não Neville St. Clair, que apareceu quando a maré baixou. E que acha que encontraram nos bolsos?”

“Não faço ideia.”

“De fato, não creio que você seria capaz de adivinhar. Todos os bolsos estavam cheios de *pennies* e *half-pennies*: quatrocentas e vinte e uma moedas de um *penny* e duzentas e setenta de *half-penny*. Não espanta que o paletó não tivesse sido arrastado pela maré. Um corpo, porém, é outra questão. Há um redemoinho terrível entre o cais e a casa. Parece bastante provável que o pesado paletó tenha ficado para trás quando o corpo desnudado foi tragado pelo rio.”

“Mas pelo que entendi todas as outras roupas foram encontradas na sala. Estaria o corpo vestido só com um paletó?”

“Não, senhor, mas há uma explicação atraente, embora talvez falaciosa, para os fatos. Suponha que esse Boone tivesse jogado Neville St. Clair pela janela, num gesto que nenhum olho humano teria podido ver. Que faria em seguida? Pensaria imediatamente, é claro, que precisava se livrar daquelas roupas reveladoras. Pegaria então o paletó, e, no ato de jogá-lo fora, lembraria que ele iria boiar, não afundar. Tinha pouco tempo, pois ouvira o tumulto lá embaixo quando Mrs. St. Clair tentava subir, e talvez já tivesse sido informado por seu aliado, o lascar, de que a polícia vinha a toda pressa pela rua. Não havia um instante a perder. Ele corre para um esconderijo, onde acumula o fruto de sua mendicância e mete nos bolsos do paletó todas as moedas que pode para assegurar sua imersão. Joga-o pela janela, e teria feito o mesmo com as outras peças, se não tivesse ouvido o tropel embaixo; só tivera tempo de fechar a janela quando a polícia apareceu.”

“Sem dúvida soa plausível.”

“Bem, usaremos essa explicação como hipótese de trabalho, à falta de uma melhor. Boone, como lhe disse, foi preso e levado para a delegacia, mas constatou-se que nunca houvera nada contra ele antes. Era conhecido havia anos como mendigo profissional, mas parece ter levado uma vida muito tranquila e inocente. É nesse pé que as coisas estão agora, e as perguntas que precisam ser respondidas — que fazia Neville St. Clair na casa de ópio, que lhe aconteceu ali, onde está agora e o que Hugh Boone tem a ver com seu

desaparecimento — estão tão longe de ser respondidas como sempre. Confesso que não consigo me lembrar de nenhum caso em minha experiência que parecesse tão simples à primeira vista e no entanto apresentasse tamanhas dificuldades.”

Enquanto Sherlock Holmes detalhava essa singular série de eventos, estivéramos girando pelos arrabaldes da grande cidade, até que, depois de deixar para trás as últimas casas dispersas, seguimos chocalhando por um caminho margeado dos dois lados por uma sebe. Quando ele estava concluindo seu relato, porém, atravessamos duas aldeias, em que algumas luzes ainda tremeluziam nas janelas.

“Estamos nos arredores de Lee”, disse ele. “Passamos por três condados ingleses em nossa curta viagem; começamos em Middlesex, cortamos um ângulo de Surrey e terminamos em Kent. Está vendo aquela luz entre as árvores? É Cedros, e ao lado daquela lâmpada encontra-se uma mulher cujos ouvidos ansiosos já perceberam, não tenho dúvida, o ruído dos cascos do nosso cavalo.”



“Mete nos bolsos todas as moedas que pode.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“Mas por que você não está conduzindo o caso a partir de Baker Street?”

“Porque há muitas investigações que devem ser feitas aqui. Mrs. St. Clair pôs gentilmente dois aposentos à minha disposição, e eu lhe garanto que receberá muito bem meu amigo e colega. Detesto encontrá-la, Watson, quando não posso lhe dizer nada de novo sobre o marido. Cá estamos. Eh,

eh!”

Havíamos parado diante de uma ampla casa, cercada por vasto terreno. Um cavalariço correu para segurar as rédeas do cavalo e, apeando, acompanhei Holmes pela trilha sinuosa de cascalho que levava à casa. Quando nos aproximávamos, a porta abriu-se e uma mulher pequena e loura postou-se no vão. Seu vestido era de uma espécie de *mousseline de soie*, com uma fita cor-de-rosa e felpuda no pescoço e nos punhos. Sua silhueta delineava-se contra a luz que vinha do interior; segurava a porta com uma das mãos e tinha a outra semierguida em sua ansiedade, o corpo ligeiramente curvado, a cabeça e a face projetadas, os olhos ávidos e os lábios entreabertos… toda ela uma pergunta.

“E então?” exclamou. “E então?”

E, vendo que éramos dois, soltou um gritinho de esperança que se transformou num soluço quando meu companheiro acenou negativamente a cabeça e encolheu os ombros.

“Nenhuma notícia boa?”

“Nenhuma.”

“Nem má?”

“Não.”

“Graças a Deus! Mas entrem. Tiveram um longo dia, devem estar exaustos.”

“Este é o meu amigo Dr. Watson. Ele me tem sido de utilidade vital em vários casos, e uma feliz coincidência possibilitou-me trazê-lo e associá-lo a esta investigação.”

“É um grande prazer conhecê-lo”, disse ela, apertando-me calorosamente a mão. “O senhor certamente desculpará qualquer falha que encontre em nossas acomodações, tendo em vista o golpe que se abateu tão subitamente sobre nós.”

“Minha prezada senhora”, respondi, “sou um veterano, e mesmo que não fosse, posso ver muito bem que nenhum pedido de desculpas é necessário. Se eu puder ser de alguma utilidade, para a senhora ou para meu amigo aqui, ficarei realmente feliz.”

“Agora, Mr. Sherlock Holmes”, disse a senhora quando, entrando numa sala de jantar bem-iluminada, vimos uma ceia fria sobre a mesa, “gostaria de lhe fazer uma ou duas perguntas francas, a que peço que dê respostas

igualmente francas.”

“Certamente, senhora.”

“Não se preocupe com os meus sentimentos. Não sou histérica, nem dada a desmaios. Desejo simplesmente ouvir sua opinião verdadeira, verdadeira.”

“Sobre o quê?”

“No fundo de seu coração, acredita que Neville está vivo?”

Sherlock Holmes pareceu embaraçado pela pergunta. “Diga francamente!” insistiu ela, de pé sobre o tapete e baixando os olhos para encarar o meu amigo, sentado numa poltrona de vime.

“Pois bem, francamente, senhora, creio que não.”

“Pensa que está morto?”

“Penso.”

“Assassinado?”

“Não digo isso. Talvez.”

“E que dia teria morrido?”

“Segunda-feira.”

“Nesse caso, Mr. Holmes, talvez possa ter a bondade de explicar como foi possível que eu recebesse esta carta dele hoje.”

Sherlock Holmes deu um pulo da cadeira, como se tivesse levado um choque.

“Quê?” rugiu.

“Isso mesmo, hoje.” Ela sorria, sacudindo um pedacinho de papel no ar.

“Posso ver isso?”

“Mas é claro.”

Ele arrancou o papel das mãos de Mrs. St. Clair em sua ânsia e, abrindo-o sobre a mesa, aproximou a lâmpada e examinou-o atentamente. Eu me levantara e olhava a carta por sobre seu ombro. O envelope, muito grosseiro, tinha o carimbo de Gravesend e a data daquele mesmo dia, ou melhor, da véspera, pois já passara muito da meia-noite.

“Uma letra tosca”, murmurou Holmes. “Com certeza não é a letra do seu marido, senhora.”

“Não, mas o que vinha dentro é dele.”

“Vejo também que quem quer que tenha endereçado o envelope precisou perguntar qual era o endereço.”

“Como pode saber isso?”

“Veja, o nome está numa tinta bem preta, que secou sozinha. O resto é de uma cor acinzentada, o que revela o uso de um mata-borrão. Se o endereço tivesse sido escrito imediatamente, depois sido secado com mata-borrão, não teria essa cor preta carregada. Essa pessoa escreveu o nome, e em seguida houve uma pausa antes que escrevesse o endereço, o que só pode significar que não o conhecia. Trata-se, evidentemente, de uma insignificância, mas nada é tão importante quanto as coisas insignificantes. Vejamos a carta! Ah, ela envolvia alguma coisa.”

“Sim, um anel. Seu anel com sinete.”

“A senhora tem certeza de que esta letra é de seu marido?”

“É uma de suas letras.”

“Uma?”

“Sua letra quando ele escrevia às pressas. É muito diferente de sua cursiva habitual, mas eu a conheço bem.”

Minha querida, não tenha medo. Tudo dará certo. Há um enorme erro cuja retificação poderá exigir algum tempo. Espere com paciência.

NEVILLE

“Escrito a lápis na folha de guarda de um livro, in-oitavo, sem marca-d’água. Posto no correio hoje em Gravesend por um homem com o polegar sujo. Ah! E, ou muito me engano, ou a aba foi colada por alguém que estivera mascando fumo. Não tem mesmo nenhuma dúvida de que é a letra de seu marido, senhora?”

“Nenhuma. Neville escreveu essas palavras.”

“E elas foram postas no correio hoje em Gravesend. Bem, Mrs. St. Clair, o tempo se desanuvia, embora eu não me aventure a dizer que o perigo passou.”

“Mas ele só pode estar vivo, Mr. Holmes.”

“A menos que isto seja uma engenhosa falsificação para nos pôr numa pista errada. O anel, afinal de contas, nada prova. Poderia ter sido tirado dele.”

“Não, não; é a letra dele, tenho certeza!”

“Muito bem. Isto pode, porém, ter sido escrito segunda-feira e só enviado hoje.”

“Isso é possível.”

“Nesse caso, muita coisa pode ter acontecido nesse meio-tempo.”

“Ah, não deve me desalentar, Mr. Holmes. Sei que está tudo bem com ele. Há entre nós uma sintonia tão intensa que eu saberia se alguma coisa de mau lhe tivesse acontecido. No próprio dia em que o vi pela última vez, ele se cortou no quarto de dormir, e eu, que estava na sala de jantar, corri no mesmo instante para o segundo andar, com absoluta certeza de que alguma coisa lhe acontecera. Pensa que eu reagiria a uma bagatela como essa e no entanto ignoraria a sua morte?”

“Já vi coisas demais para não saber que a impressão de uma mulher pode ser mais valiosa que a conclusão de um raciocínio analítico. E nesta carta a senhora tem sem dúvida um indício de peso para corroborar sua opinião. Mas se está vivo e em condições de escrever cartas, por que seu marido permanece afastado da senhora?”

“Não posso imaginar a razão. É inimaginável.”

“Na segunda-feira ele não fez nenhum comentário antes de sair?”

“Não.”

“A senhora ficou surpresa ao vê-lo em Swandam Lane?”

“Extremamente.”

“A vidraça estava aberta?”

“Estava.”

“Então ele poderia tê-la chamado?”

“Poderia.”

“Pelo que entendi, ele apenas deu um grito inarticulado, não foi?”

“Isso mesmo.”

“Um pedido de socorro, pareceu-lhe?”

“Sim, ele sacudiu as mãos.”

“Mas poderia ter sido um grito de surpresa. O espanto ante a visão inesperada da senhora poderia tê-lo levado a erguer as mãos?”

“É possível.”

“E pareceu-lhe que ele foi puxado por trás?”

“Desapareceu muito subitamente.”

“Poderia ter dado um pulo para trás. Não viu mais ninguém na sala?”

“Não, mas aquele homem horrível confessou ter estado lá, e o lascar estava no pé da escada.”

“É claro. Pelo que pôde ver, seu marido vestia as roupas de costume?”

“Mas sem colarinho nem gravata. Vi distintamente seu pescoço nu.”

“Alguma vez ele falou de Swandam Lane?”

“Nunca.”

“Alguma vez revelou indícios de ter tomado ópio?”

“Nunca.”

“Obrigado, Mrs. St. Clair. Esses são os principais pontos sobre os quais eu desejava ter absoluta clareza. É hora de fazermos uma pequena ceia e depois nos recolhermos, teremos um dia muito cheio amanhã.”

Um quarto amplo e confortável, com duas camas, havia sido posto à nossa disposição, e enfiei-me logo entre os lençóis, exausto depois de minha noite de aventura. Sherlock Holmes, porém, era um homem que, quando tinha um problema por resolver na cabeça, podia passar dias, até uma semana, sem descansar, revolvendo os fatos, rearranjando-os, examinando-os de todos os pontos de vista, até tê-los compreendido ou se convencido de não ter dados suficientes. Logo ficou patente para mim que ele estava se preparando para uma noite em claro. Tirou o paletó e o colete, vestiu um amplo roupão azul e pôs-se a andar pelo quarto recolhendo os travesseiros de sua cama e as almofadas do sofá e das poltronas. Com isso montou uma espécie de divã oriental, sobre o qual se instalou de pernas cruzadas, com uma onça de tabaco e uma caixa de fósforos à sua frente. À luz pálida da lâmpada, eu o via ali, um velho cachimbo de urze entre os lábios, os olhos fixos num canto do teto, a fumaça azul subindo em espirais, silencioso, imóvel, com a luz brilhando sobre seus traços aquilinos e fortes. Assim estava quando mergulhei no sono, e assim continuava quando uma exclamação que soltou de repente me despertou, e vi o sol de verão inundando o quarto. Ele ainda tinha o cachimbo entre os lábios, a fumaça ainda subia em espirais, e uma névoa densa enchia o quarto, mas nada restava do montinho de tabaco que eu vira na noite anterior.

“Acordado, Watson?” perguntou ele.

“Estou.”

“Pronto para uma viagem matinal?”

“Certamente.”

“Então vista-se. Ninguém está se mexendo ainda, mas sei onde dorme o moço da estrebaria e teremos o carro pronto sem demora.” Ria consigo mesmo ao falar, seus olhos faiscavam… parecia um homem diferente do pensador soturno da véspera.

Enquanto me vestia, olhei o relógio. Não era de surpreender que ainda não houvesse movimento na casa. Eram quatro e vinte. Eu mal ficara pronto quando Holmes voltou com a informação de que o rapaz estava atrelando o cavalo.

“Quero pôr à prova uma pequena teoria minha”, disse ele, calçando os sapatos. “Creio, Watson, que você está diante de um dos mais rematados tolos da Europa. Mereço ser levado sob pontapés daqui a Charing Cross. Mas creio que agora tenho a chave da questão.”

“E onde está ela?” perguntei, sorrindo.

“No banheiro”, respondeu. “Ora, não estou brincando”, acrescentou, vendo meu ar de incredulidade. “Estive lá ainda agora, tirei-a e a pus nesta maleta Gladstone. Vamos, meu caro, e vejamos se ela entra ou não na fechadura.”

No maior silêncio possível, saímos para o luminoso sol da manhã. Nosso *dog-cart*, com o cavalo atrelado, já estava na estrada, com o cavalariço semivestido segurando as rédeas. Pulamos no carro e rumamos a toda pressa para a London Road. Vimos na estrada uma ou outra carroça local, levando legumes para a metrópole, mas as fileiras de casas dos dois lados estavam tão silenciosas e sem vida como uma cidade num sonho.

“Sob certos aspectos, este foi um caso singular”, disse Holmes, instigando o cavalo a galopar. “Confesso que estive cego como uma toupeira, mas antes abrir os olhos tarde do que nunca.”

Na cidade, os madrugadores apenas começavam a abrir suas janelas, sonolentos, quando passamos pelas ruas do lado de Surrey. Descemos a Waterloo Bridge Road, cruzamos o rio, e depois de subir a Wellington Street fizemos uma curva acentuada à direita e nos vimos em Bow Street. Sherlock Holmes era muito conhecido na polícia, e os dois guardas que estavam à porta lhe bateram continência. Um deles segurou as rédeas do cavalo,

enquanto o outro abriu-nos a porta.

“Quem está de plantão?” perguntou Holmes.

“O inspetor Bradstreet, senhor.”

“Ah, Bradstreet, como vai?” Um policial alto e corpulento descera à passagem lajeada, com um quepe de pala e o paletó amarrotado. “Gostaria de ter uma conversa tranquila com o senhor.” “Certamente, Mr. Holmes. Venha até a minha sala. Por aqui.”

Era um pequeno escritório com um enorme livro sobre a mesa e um telefone preso à parede. O inspetor sentou-se à sua mesa.

“Em que lhe posso ser útil, Mr. Holmes?”

“Venho a propósito daquele mendigo, Boone… aquele que foi acusado de participação no desaparecimento de Mr. Neville St. Clair, de Lee.”

“Sei. Foi trazido e ficou detido para maiores investigações.”

“Foi o que soube. Ele está aqui?”

“Na cela.”

“Está calmo?”

“Ah, não dá trabalho. Mas é um canalha sujo.”

“Sujo?”

“Isso mesmo. Só conseguimos fazer com que lave as mãos; seu rosto está preto como o de um carvoeiro. Bem, quando seu caso for solucionado, ele vai passar pelo banho em regra da prisão; acho que se o visse concordaria que está precisando.”

“Gostaria muito de vê-lo.”

“Gostaria? Nada mais fácil. Venham comigo. Pode deixar a maleta.”

“Não, prefiro levá-la comigo.”

“Como queira. Por aqui, por favor.” Levou-nos por uma passagem, abriu uma porta gradeada, desceu uma escada em caracol e nos conduziu por um corredor caiado com portas enfileiradas dos dois lados.

“A terceira à direita é a dele”, disse o inspetor. “Aqui está!” Abriu silenciosamente um painel no alto da porta e espiou.

“Está dormindo”, disse. “O senhor poderá vê-lo muito bem.”

Ambos olhamos pela grade. O preso estava deitado com o rosto voltado para nós, profundamente adormecido, respirando lenta e pesadamente. Era um homem de porte médio, grosseiramente vestido, como convinha à sua

profissão; uma camisa colorida saía por um rasgão do paletó esfarrapado. Estava extremamente sujo, como o inspetor dissera, mas a sujeira que lhe cobria o rosto não disfarçava sua feiura repulsiva. O grosso vergão de uma cicatriz antiga corria-lhe do olho ao queixo e, pela sua contração, havia repuxado para cima um lado do lábio superior, de modo que três dentes ficavam à mostra num rosnado perpétuo. Sobre a testa estreita crescia uma basta cabeleira, de um vermelho muito vivo.

"É uma beleza, não é?" disse o inspetor.

"Sem dúvida precisa de um banho", comentou Holmes. "Pensei que precisaria… e tomei a liberdade de trazer comigo os apetrechos necessários." Enquanto falava, abriu a maleta Gladstone e dela tirou, para meu espanto, uma enorme esponja de banho."

"Ah! Ah! O senhor é engraçado", riu o inspetor.

"Agora, se me fizer a gentileza de abrir essa porta sem fazer nenhum ruído, logo lhe daremos um aspecto muito mais respeitável."

"Bem, não vejo por que não", disse o inspetor. "Ele não faz jus às celas de Bow Street, não é?" Enfiou sua chave na fechadura e entramos todos na cela em absoluto silêncio. O preso virou-se, depois voltou a mergulhar num sono profundo. Holmes curvou-se sobre a jarra d'água, molhou a esponja e deu duas vigorosas esfregadas em toda a cara do homem.

"Permitam-me apresentar-lhes", bradou, "Mr. Neville St. Clair, de Lee, no Condado de Kent."

Eu nunca vira nada parecido em toda a minha vida. O rosto do homem foi se despregando sob a esponja como a casca de uma árvore. O grosseiro matiz marrom sumiu. Sumiu também a horrível cicatriz que o sulcava de alto a baixo, e o lábio torcido lhe dava um sorriso de escárnio! Um puxão arrancou a cabeleira vermelha emaranhada, e ali, sentado na cama, vimos um homem pálido, de semblante triste, ar refinado, cabelo preto e pele fina, a esfregar os olhos e olhar à sua volta numa perplexidade sonolenta. Em seguida, dando-se conta de repente do desmascaramento, deu um grito e jogou-se sobre a cama, enterrando o rosto no travesseiro.



“Deu um grito e jogou-se sobre a cama.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1891]

“Deus do céu!” exclamou o inspetor. “É o próprio homem desaparecido. Conheço-o pela fotografia.”

O preso voltou-se com o ar desesperado de quem se entrega ao seu destino. “Que seja”, disse. “E agora, por favor, de que sou acusado?”

“De ter dado sumiço em Mr. Neville St.… Ora, você não pode ser acusado disso, a menos que mudem a incriminação para tentativa de suicídio”, disse o inspetor com um sorriso forçado. “Bem, estou há vinte e sete anos na força, mas esta realmente leva o prêmio.”

“Se sou Neville St. Clair, é óbvio que nenhum delito grave foi cometido, e que, portanto, estou detido ilegalmente.”

“Não houve crime, mas cometeu-se um grande erro”, disse Holmes. “Teria feito melhor confiando em sua esposa.”

“Não foi minha mulher, foram as crianças”, gemeu o preso. “Que Deus me ajude, não queria que se envergonhassem do pai. Meu Deus! Que escândalo! Que posso fazer?”

Sherlock Holmes sentou-se ao lado dele na cama e deu-lhe uma palmada solidária no ombro.

“Se permitir que o caso seja elucidado num tribunal”, disse, “é claro que dificilmente poderá evitar publicidade. Por outro lado, se puder convencer as autoridades policiais de que não pode ser acusado de nada, não vejo razão alguma para que os detalhes cheguem aos jornais. Tenho certeza de que o inspetor Bradstreet registrará quaisquer declarações que nos queira fazer e as

apresentará às autoridades competentes. Assim, seu caso jamais chegaria a um tribunal."

"Deus o abençoe!" exclamou o prisioneiro, comovido. "Eu teria preferido a prisão, teria preferido até a execução, a deixar meu infame segredo como uma mancha de família para os meus filhos.

"Os senhores são os primeiros a ouvir minha história. Meu pai foi um mestre-escola em Chesterfield, onde recebi excelente educação. Na juventude viajei, fiz teatro e finalmente tornei-me repórter de um jornal vespertino em Londres. Certo dia meu diretor quis uma série de reportagens sobre a mendicância na cidade, e propus-me a fazê-la. Foi aí que começaram todas as minhas aventuras. Só pude obter os fatos que embasariam meus artigos experimentando mendigar como amador. Quando ator eu tinha, é claro, aprendido todos os segredos da caracterização, era famoso nos bastidores por minha habilidade. Tirando partido dela, pintei o rosto e, para me tornar o mais digno de pena possível, fiz uma boa cicatriz e entortei um lado da boca com a ajuda de um esparadrapo cor de pele. Depois, com uma peruca ruiva e roupas apropriadas, instalei-me na área mais movimentada da City, ostensivamente como vendedor de fósforos, mas na realidade para mendigar. Passei sete horas ali e, ao voltar para casa à noite, descobri, para minha surpresa, que ganhara nada menos que 26 xelins e 4 *pennies*.

"Fiz as reportagens e quase não pensei mais no assunto, até que, algum tempo depois, fui fiador de um amigo e tive de pagar uma conta de 25 libras. Fiquei desesperado, sem saber de onde tirar o dinheiro, quando uma ideia me ocorreu de repente. Implorei ao credor o prazo de uma semana, pedi uma licença ao jornal e passei esse tempo mendigando na City com meu disfarce. Em dez dias consegui o dinheiro e paguei a dívida.

"Bem, os senhores podem imaginar como foi difícil me conformar com um trabalho árduo a duas libras por semana quando sabia que podia ganhar isso num dia, bastando espalhar um pouco de tinta no rosto, deixar meu gorro no chão e ficar sentado. Foi uma longa luta entre meu orgulho e o dinheiro, mas o bolso acabou falando mais alto. Abandonei o jornalismo e passei a me sentar, dia após dia, na esquina que escolhera da primeira vez, inspirando piedade com minha cara horrível e enchendo os bolsos de cobres. Só um homem sabia o meu segredo. Era o zelador de uma casa onde eu me hospedava em Swandam Lane e de onde podia sair a cada manhã como um mendigo esquálido e à tarde transformar-me num bem-vestido homem do

mundo. Como eu pagava bem a esse sujeito, um lascar, pelos cômodos que me alugava, sabia que meu segredo estava seguro com ele.

"Bem, logo eu estava poupando somas consideráveis. Não quero dizer que todo mendigo das ruas de Londres consegue ganhar 700 libras por ano — o que é menos do que meus ganhos médios —, mas eu tinha vantagens excepcionais graças à minha capacidade de me caracterizar e também ao fato de ter sempre uma resposta espirituosa na ponta da língua, um dom que melhorou com a prática e fez de mim um tipo bastante popular na City. Todo dia uma chuva de *pennies*, e lá uma vez ou outra uma moeda de prata, derramava-se sobre mim e só em dias muito ruins eu faturava menos de duas libras.

"À medida que fui enriquecendo, fui ficando ambicioso; comprei uma casa no campo e acabei me casando, sem que ninguém desconfiasse da minha verdadeira ocupação. Minha querida mulher sabia que eu tinha negócios na City. Mas não tinha ideia de quais eram eles.

"Segunda-feira passada, meu expediente diário terminara e eu estava me vestindo em meu quarto, em cima do antro de ópio, quando, ao olhar pela janela, vi, para meu horror e espanto, minha mulher parada na rua, os olhos pregados em mim. Dei um grito de surpresa, ergui os braços para cobrir o rosto e fui correndo implorar ao meu confidente, o lascar, que não deixasse ninguém subir. Ouvi a voz dela lá embaixo, mas sabia que não poderia subir. Despi-me rapidamente, vesti minhas roupas de mendigo, pintei-me e pus a peruca. Nem os olhos de uma esposa seriam capazes de penetrar disfarce tão completo. Mas ocorreu-me então que o quarto poderia ser revistado, e que as roupas poderiam me trair. Abri a janela, tão bruscamente que fiz reabrir um pequeno corte que sofrera no dedo em meu quarto aquela manhã. Depois peguei o paletó, pesado com as moedas que acabara de tirar da sacola de couro em que carregava minha féria e de transferir para seus bolsos, joguei-o pela janela e o vi desaparecer no Tâmisa. Teria jogado as outras roupas em seguida, mas nesse momento ouvi um tropel de policiais subindo a escada e, poucos minutos depois, em vez de ser identificado como Mr. Neville St. Clair, vi-me, confesso que para meu alívio, detido como seu assassino.

"Que eu saiba não há mais nada que eu deva explicar. Estava decidido a preservar meu disfarce por tanto tempo quanto possível, por isso minha preferência por um rosto sujo. Sabendo que minha mulher estaria terrivelmente aflita, tirei meu anel e entreguei-o ao lascar num momento em

que nenhum policial olhava para mim, junto com um bilhete rabiscado às pressas, dizendo-lhe que não tinha razão para ter medo.”

“Esse bilhete só chegou às mãos dela ontem”, disse Holmes.

“Meu Deus! Que semana ela deve ter passado!”

“A polícia ficou vigiando esse lascar”, disse o inspetor Bradstreet, “e posso compreender perfeitamente que ele tenha tido dificuldade em enviar uma carta sem ser observado. Provavelmente entregou-a um de seus clientes marinheiros, que só se lembrou dela alguns dias depois.”

“Foi isso”, disse Holmes, aprovando com aceno de cabeça. “Não tenho dúvida. Mas nunca foi processado por mendigar?”

“Muitas vezes. Mas que era uma multa para mim?”

“Isso deve parar por aqui”, disse Bradstreet. “Se quiser que a polícia abafe esse caso, Hugh Boone deve desaparecer.”

“Jurei que desapareceria com o mais solene juramento que um homem pode fazer.”

“Nesse caso, parece-me provável que não se possa tomar mais nenhuma medida. Mas se for encontrado de novo, tudo será divulgado. Estou certo, Mr. Holmes, de que lhe devemos muito pelo esclarecimento da questão. Gostaria de saber como chega a seus resultados.”

“Cheguei a este”, disse meu amigo, “sentado em cinco almofadas e consumindo uma onça de tabaco. Creio, Watson, que se formos agora para Baker Street chegaremos bem na hora do desjejum.”

O CARBÚNCULO AZUL

NA SEGUNDA MANHÃ DEPOIS DO NATAL, fui visitar meu amigo Sherlock Holmes com a intenção de desejar-lhe boas-festas, como era de meu costume. Encontrei-o reclinado no sofá, metido num roupão roxo, um suporte de cachimbos ao alcance da mão à direita e uma pilha de jornais da manhã, amassados e evidentemente recém-lidos, perto da mão esquerda. Ao lado do sofá havia uma cadeira de madeira e, pendurado num canto de seu dorso, um chapéu de feltro duro muito sórdido e indecoroso, surrado e com rasgões em vários lugares. Uma lupa e uma tenaz no assento da cadeira sugeriam que o chapéu fora suspenso dessa maneira para ser submetido a um exame.

"Você está ocupado", disse eu; "talvez o esteja interrompendo."

"Em absoluto. Estou feliz por ter um amigo com quem discutir minhas conclusões. O assunto é dos mais triviais", apontou para o chapéu velho, "mas certos pontos ligados a ele não são de todo desprovidos de interesse e podem até ser instrutivos."

Sentei-me em sua poltrona e aqueci as mãos diante do fogo crepitante, pois caíra uma brusca geada e as janelas estavam cobertas de cristais de gelo. "Suponho", observei, "que, por mais feia que pareça, esta coisa está ligada a alguma história fatal… que é a pista que o guiará na solução de algum mistério e na punição de algum crime."

"Não, não. Nenhum crime", respondeu Sherlock Holmes, rindo. "É apenas um desses pequenos incidentes esquisitos que ocorrem quando há quatro milhões de seres humanos, todos se acotovelando no espaço de alguns quilômetros quadrados. Em meio às ações e reações de um enxame tão denso de pessoas, pode-se esperar que toda combinação possível de eventos aconteça, e que surjam muitos probleminhas que podem ser impressionantes e estranhos sem serem criminosos. Já experimentamos coisas assim."

"Tantas vezes", comentei, "que dos últimos seis casos que acrescentei às minhas anotações três estavam completamente isentos de qualquer tipo de

infração legal.”

“Exatamente. Você alude à minha tentativa de recuperar os papéis de Irene Adler, ao caso singular de Miss Mary Sutherland e à aventura do homem da boca torta. Bem, não tenho dúvida de que esta pequena questão recairá na mesma categoria inocente. Conhece Peterson, o estafeta?”

“Conheço.”

“É a ele que este troféu pertence.”

“O chapéu é dele.”

“Não, não, ele o encontrou. Não sabemos quem é o dono. Peço-lhe que o observe não como um chapéu-coco puído, mas como um problema intelectual. Antes, porém, preciso lhe contar como veio parar aqui. Chegou na manhã de Natal, na companhia de um belo e gordo ganso que neste momento, não tenho dúvida, está assando no forno de Peterson.

“Os fatos são os seguintes. Por volta das quatro horas da manhã do dia de Natal, Peterson, que, como você sabe, é um sujeito muito honesto, voltava para casa depois de uma farrinha, passando por Tottenham Court Road. À luz dos lampiões de gás, ele viu diante de si um homem mais para alto, ligeiramente trôpego, carregando um ganso branco jogado sobre o ombro. Quando chegou à esquina de Goodge Street, viu começar uma briga entre esse estranho e um grupinho de arruaceiros. Um deles derrubou-lhe o chapéu e o homem ergueu a bengala para se defender; ao girá-la sobre sua cabeça, porém, quebrou a vitrine atrás de si. Peterson havia corrido para proteger o estranho dos agressores, mas o homem, chocado ao ver que quebrara a vitrine e vendo uma pessoa de uniforme correndo em sua direção, deixou cair o ganso e saiu na disparada, desaparecendo no labirinto de ruelas que existe atrás de Tottenham Court Road. Como os arruaceiros também fugiram quando Peterson apareceu, ele ficou de posse não só do campo de batalha como dos despojos da vitória, na forma deste chapéu surrado e do mais impecável ganso de Natal.”



“Os arruaceiros também fugiram quando Peterson apareceu.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Que, naturalmente, ele devolveu ao legítimo dono?”

“Aí está o problema, meu caro. É verdade que havia, amarrado à pata esquerda da ave, um cartãozinho com os dizeres: ‘Para Mrs. Henry Baker’, e é igualmente verdade que é possível ler as iniciais ‘H.B.’ no forro deste chapéu, mas, como há milhares de Bakers e algumas centenas de Henry Bakers nesta cidade, não é fácil restituir a propriedade perdida a algum deles.”

“Que fez Peterson, então?”

“Trouxe chapéu e ganso para mim na manhã de Natal, sabendo que até os problemas mais insignificantes me interessam. Guardamos o ganso até esta manhã, quando houve sinais de que, apesar da leve geada, seria conveniente que ele fosse comido sem procrastinação desnecessária. Assim, Peterson o levou para lhe dar o destino final de todo ganso, enquanto eu continuo com o chapéu do cavalheiro desconhecido que perdeu seu almoço de Natal.”

“Ele não pôs um anúncio nos jornais?”

“Não.”

“Nesse caso, que pista você tem de sua identidade?”

“Só o que nos é possível deduzir.”

“Do seu chapéu?”

“Exatamente.”

“Você está brincando. Que pode deduzir desse velho e sovado chapéu de feltro?”

“Cá está a minha lupa. Conhece meus métodos. Que pode você depreender da personalidade do homem que usou este objeto?”

Peguei o chapéu andrajoso e revirei-o de todos os lados, com certa comiseração. Era um chapéu-coco preto com o formato arredondado de costume, duro e muito surrado. O forro havia sido de seda vermelha, mas estava bastante desbotado. Não se via o nome do fabricante; mas, como Holmes observara, viam-se as iniciais “H.B.” rabiscadas num lado. Na aba, havia furos para um elástico que prenderia o chapéu sob o queixo, mas nenhum elástico. De resto, estava rachado, extremamente empoeirado e manchado em diversos pontos, embora parecesse que se fizera alguma tentativa de disfarçar as manchas desbotadas com tinta de escrever.

“Não consigo ver coisa alguma”, disse eu, devolvendo-o ao meu amigo.

“Pelo contrário, Watson, você pode ver tudo. Não é capaz, contudo, de raciocinar a partir do que vê. É tímido demais em fazer suas inferências.”

“Então, pode me dizer por favor o que consegue inferir desse chapéu?”

Ele o pegou e contemplou da maneira peculiar, introspectiva, que lhe era característica. “Talvez não seja lá muito sugestivo”, comentou. “Apesar disso, permite algumas inferências muito claras e algumas outras que têm pelo menos forte probabilidade. Sua aparência deixa bastante óbvio que o homem era altamente intelectualizado, e também que gozou de bastante prosperidade nos últimos três anos, embora agora esteja experimentando dificuldades. Era um homem prudente, mas hoje não é tanto, o que sugere uma regressão moral que, combinada com a reviravolta ocorrida em sua sorte, parece indicar a ação de alguma influência nefasta, provavelmente a bebida, sobre ele. Isso talvez possa explicar também o fato óbvio de que sua mulher deixou de amá-lo.”

“Mas, meu caro Holmes!”

“Ele conservou, contudo, certo grau de dignidade”, continuou o meu amigo, ignorando meu protesto. “É um homem de vida sedentária, sai muito pouco, está inteiramente fora de forma, é de meia-idade, tem cabelo grisalho, que cortou nestes últimos dias e que unta com creme de limão. Estes são os fatos mais patentes que podem ser deduzidos deste chapéu. E também, aliás, que é extremamente improvável que tenha gás encanado em casa.”

“Certamente está brincando, Holmes.”

“De maneira alguma. Será possível que mesmo agora, depois que lhe apresentei essas conclusões, você não consiga ver como cheguei a elas?”

“Não tenho dúvida de que sou muito burro, mas devo confessar que não consigo acompanhar seu raciocínio. Por exemplo, como deduziu que o homem era um intelectual?”

Como resposta, Holmes enfiou o chapéu na cabeça. Este cobriu-lhe inteiramente a testa e apoiou-se no osso do nariz. “É uma questão de capacidade cúbica”, disse. “Um homem com um cérebro tão grande tinha de ter alguma coisa nele.”

“E a reviravolta da sorte?”

“Este chapéu tem três anos. Foi quando lançaram esse modelo de abas chatas, enroladas nas bordas. É um chapéu da melhor qualidade. Veja esta fita de gorgorão e o excelente forro. Se esse homem pôde comprar um chapéu tão caro três anos atrás e não comprou um novo desde então, com certeza sua situação piorou muito.”

“Bem, isso está bastante claro, não resta dúvida. Mas e quanto à prudência e ao declínio moral?”

Sherlock Holmes riu. “Aqui está a prudência”, disse, pondo o dedo sobre o pequeno disco e o aro destinados ao elástico para segurar o chapéu. “Os chapéus nunca vêm com eles. Se o homem encomendou isso, é sinal de certa prudência, já que se deu ao trabalho de tomar essa precaução contra o vento. Mas, como vemos que o elástico se rompeu e ele não teve o cuidado de substituí-lo, é óbvio que é menos prudente agora do que antes, o que é uma prova distinta de um enfraquecimento do caráter. Por outro lado, ele tentou esconder algumas dessas manchas no feltro borrando-as com tinta de escrever, um sinal de que não perdeu totalmente a autoestima.”

“Seu raciocínio é certamente plausível.”

“Os outros pontos, que o homem é de meia-idade, que seu cabelo é grisalho e foi cortado recentemente e que ele usa creme de limão, podem ser todos deduzidos a partir de um exame atento da parte inferior do forro. A lupa revela grande número de pontas de cabelo, habilmente cortadas pela tesoura de um barbeiro. Todas parecem pegajosas e sente-se claramente um cheiro de creme de limão. Esta poeira, observe, não é a poeira arenosa e cinzenta das ruas, mas a poeira marrom e fofa de casa, mostrando que esse chapéu ficou pendurado entre quatro paredes a maior parte do tempo, ao passo que as marcas de umidade no interior são uma prova positiva de que

seu dono transpirava muito abundantemente e portanto dificilmente poderia estar em sua melhor forma física.”

“Mas e a mulher dele… você disse que ela deixou de amá-lo.”

“Este chapéu não é escovado há semanas. Quando eu o vir, meu caro Watson, com a poeira de uma semana acumulada sobre seu chapéu, e quando sua mulher permitir que saia nesse estado, temerei que você também tenha tido o infortúnio de perder a afeição dela.”

“Mas ele poderia ser solteiro.”

“Não, estava levando o ganso para casa numa tentativa de reconquistar as boas graças da mulher. Lembre-se do cartão na pata da ave.”

“Você tem resposta para tudo. Mas como diabos pôde deduzir que não há gás encanado na casa dele?”

“Uma mancha de cera, ou mesmo duas, pode ser fruto do acaso; mas quando vejo nada menos que cinco, penso que não pode haver dúvida de que esse indivíduo deve estar em contato frequente com sebo quente… provavelmente sobe as escadas à noite com o chapéu numa das mãos e uma vela pingando na outra. Seja como for, de um bico de gás é que não pode ter conseguido estas manchas. Está satisfeito?”

“Bem, é muito engenhoso”, disse eu, rindo; “mas uma vez que, como você acaba de declarar, nenhum crime foi cometido e nenhum dano foi causado exceto a perda de um ganso, tudo isso mais parece um desperdício de energia.”

Sherlock Holmes abrira a boca para responder quando a porta se abriu e Peterson, o estafeta, entrou correndo na sala com o rosto afogueado e uma expressão de pasmo.



“Veja o que minha mulher encontrou no papo dele!”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“O ganso, Mr. Holmes! O ganso, senhor!” disse com voz entrecortada.

“Hã? Que aconteceu com ele? Ressuscitou e saiu voando pela janela da cozinha?” Holmes girou no sofá para ver melhor o rosto excitado do homem.

“Veja aqui, senhor! Veja o que minha mulher encontrou no papo dele!” Estendeu a mão, exibindo no centro da palma uma pedra azul que cintilava esplendidamente; era um pouco menor que um grão de feijão, mas de tal pureza e radiância que faiscava como um ponto elétrico na concavidade escura de sua mão.

Sherlock Holmes sentou-se com um assobio. “Por Deus, Peterson!” exclamou. “Isso foi realmente um achado. Suponho que saiba o que tem aí?”

“Um diamante, senhor! Uma pedra preciosa! Corta vidro como se fosse massa de vidraceiro.”

“É mais que uma pedra preciosa. É *a* pedra preciosa.”

“Não o carbúnculo azul da condessa de Morcar!” exclamei.

“É precisamente ele. Tenho de conhecer seu tamanho e forma, porque tenho lido o anúncio a seu respeito no *Times* todos os dias ultimamente. É único e seu valor pode ser apenas conjecturado, mas a recompensa oferecida de mil libras certamente não corresponde nem à vigésima parte de seu preço de mercado.”

“Mil libras! Misericórdia!” O estafeta caiu sentado numa cadeira, seus olhos arregalados ziguezagueando entre nós dois.

“É essa a recompensa, e tenho motivos para supor que há por trás dessa pedra considerações sentimentais que levariam a condessa a abrir mão de metade de sua fortuna apenas para recuperá-la.”

“Ela foi perdida, se me lembro bem, no Hotel Cosmopolitan”, comentei.

“Exatamente, no dia 22 de dezembro, apenas cinco dias atrás. John Horner, um bombeiro, foi acusado de tê-la subtraído do estojo de joias da senhora. Os indícios contra ele eram tão fortes que o caso foi encaminhado ao tribunal superior. Tenho um relato da matéria aqui, creio.” Remexeu entre seus jornais, olhando as datas, até que finalmente alisou um, dobrou-o, e leu o seguinte parágrafo:

Joia roubada no Hotel Cosmopolitan. No dia 22 do corrente mês, John

Horner, 26, bombeiro, foi acusado de ter furtado do estojo de joias da condessa de Morcar a valiosa gema conhecida como Carbúnculo Azul. James Ryder, copeiro-chefe, declarou ter levado Horner ao quarto de vestir da condessa de Morcar no dia do roubo para que soldasse a segunda barra da lareira, que estava solta. Ficara com Horner algum tempo, mas por fim tivera de sair. Ao voltar, viu que Horner desaparecera, a escrivaninha fora arrombada e o pequeno estojo de marroquim em que, como mais tarde transpirou, a condessa costumava guardar a joia estava vazio sobre a penteadeira. Ryder deu o alarme imediatamente, e Horner foi preso na mesma noite; não foi possível, porém, encontrar a pedra com ele, nem em sua casa. Catherine Cusack, criada da condessa, depôs que ouviu o grito de consternação de Ryder ao descobrir o roubo e correu ao quarto, onde encontrou a cena conforme descrita pela última testemunha. O inspetor Bradstreet, da Divisão B, acabou prendendo Horner, que se debateu furiosamente e protestou inocência nos mais veementes termos. Como o prisioneiro já fora condenado anteriormente por roubo, o magistrado se recusou a tratar sumariamente o delito e encaminhou-o ao tribunal superior. Horner, que revelara sinais de intensa emoção durante os procedimentos, desmaiou ao ouvir a conclusão e foi carregado para fora do tribunal.

"Hum! Foi isto o que aconteceu no tribunal", disse Holmes, pensativo, jogando o jornal de lado. "O problema que temos de resolver é a sequência dos acontecimentos que levou de um caso de roubo de joia numa ponta ao papo de um ganso na Tottenham Court Road na outra. Como vê, Watson, nossas pequenas deduções assumiram de repente um aspecto muito mais importante e menos inocente. Aqui está a pedra; a pedra saiu do ganso, e o ganso veio de Mr. Henry Baker, o cavalheiro que tinha o chapéu e todas as outras características com que o andei aborrecendo. Portanto, cabe-nos agora começar a procurar seriamente esse cavalheiro e verificar que papel ele desempenhou nesse pequeno mistério. Para tanto, devemos tentar primeiro os meios mais simples, e estes consistem indubitavelmente na publicação de um anúncio em todos os jornais vespertinos. Se isto falhar, recorrerei a outros métodos."

"Que vai dizer?"

"Dê-me um lápis e aquele pedaço de papel. Vejamos:

Encontrados: um ganso e um chapéu de feltro preto na esquina de Goodge Street. Mr. Henry Baker poderá reavê-los apresentando-se hoje às 6h30 da tarde em Baker Street 221B.

Está bem claro e conciso."

"Muito. Mas será que ele o verá?"

"Bem, sem dúvida ficará de olho nos jornais, já que, para um homem pobre, foi uma grande perda. Sua falta de sorte de quebrar a vitrine e a aproximação de Peterson sem dúvida o deixaram tão amedrontado que não pensou senão em fugir, mas desde então deve estar lamentando amargamente o impulso que o levou a deixar esse ganso cair. Além disso, a introdução de seu nome fará com que o veja, pois todos os que o conhecem chamarão a sua atenção para ele. Aqui está, Peterson, corra à agência de anúncios e peça que publiquem isto nos jornais da tarde."

"Em quais, senhor?"

"Ah, no *Globe*, *Star*, *Pall Mall*, *St. James's*, *Evening News*, *Standard*, *Echo*, e todos os outros de que se lembre."

"Muito bem, senhor. E esta pedra?"

"Ah, sim, ficarei com a pedra. Obrigado. Mais uma coisa, Peterson: na volta, compre um ganso e deixe-o aqui comigo, pois temos de ter um para dar a esse cavalheiro em lugar daquele que sua família está devorando neste momento."

Depois que o estafeta partiu, Holmes pegou a pedra e segurou-a contra a luz. "É uma coisa linda", disse. "Veja como cintila e faísca. É claro que é um núcleo e foco de crime. Toda boa pedra é. São as iscas prediletas do demônio. Nas gemas maiores e mais antigas, cada faceta pode representar um ato sangrento. Esta pedra ainda não tem vinte anos. Foi encontrada nas ribanceiras do rio Amoy, no sul da China, e é notável por ter todas as características do carbúnculo, exceto por ser azul, em vez de rubi. Apesar de sua pouca idade, já tem uma história sinistra. Cometeram-se dois assassinatos, jogou-se vitríolo, houve uma tentativa de suicídio e vários assaltos, tudo por causa desse carvão cristalizado de 2,5 gramas. Quem diria que um brinquedo tão lindo seria o caminho para a forca e a cadeia? Vou trancá-lo no meu cofre agora e mandar um bilhete à condessa comunicando-lhe que está comigo."

"Pensa que esse tal Horner é inocente?"

“Não sei ao certo.”

“Bem, nesse caso, imagina que esse outro sujeito, Henry Baker, tem alguma coisa a ver com o caso?”

“É muito mais provável, a meu ver, que Henry Baker seja um homem inteiramente inocente, que não tivesse a menor ideia de que a ave que carregava valia consideravelmente mais do que se fosse feita de ouro maciço. Mas verificarei isso com um teste muito simples se tivermos uma resposta a nosso anúncio.”

“Então não pode fazer nada até lá?”

“Nada.”

“Nesse caso, vou continuar minha ronda profissional. Mas voltarei à tarde, na hora que você mencionou, pois gostaria de ver a solução dessa história tão confusa.”

“Foi um prazer vê-lo. Eu janto às sete. Creio que teremos uma galinha-d’angola. Por falar nisso, tendo em vista ocorrências recentes, talvez eu deva pedir a Mrs. Hudson que examine o papo da ave.”

Um caso me atrasara, e passava um pouco das seis e meia quando me vi de novo em Baker Street. Ao me aproximar da casa, vi um homem alto, de boné escocês, o paletó abotoado até o queixo, esperando do lado de fora, no semicírculo iluminado que a bandeira da porta projeta. Assim que cheguei a porta se abriu e fomos levados juntos para os aposentos de Holmes.

“Mr. Henry Baker, creio”, disse ele, levantando-se de sua poltrona e recebendo o visitante com a afabilidade natural que sabia assumir tão prontamente. “Por favor, sente-se nesta cadeira junto da lareira, Mr. Baker. A noite está fria e noto que seu sistema circulatório é mais adaptado ao verão do que ao inverno. Ah, Watson, chegou na hora exata. Este chapéu é seu, Mr. Baker?”

“Sim, senhor, esse chapéu é sem dúvida meu.”

Era um homem grandalhão, de ombros arredondados, cabeça avantajada e um rosto largo, inteligente, arrematado por uma barba em ponta de um castanho grisalho. O nariz e as faces um pouco avermelhados e um ligeiro tremor na mão estendida lembraram-me a conjectura de Holmes sobre seus hábitos. O paletó preto desbotado estava abotoado até em cima, com a gola levantada, e os pulsos delgados saíam das mangas sem sinal de punho ou camisa. Falava devagar e de maneira entrecortada, escolhendo as palavras

com cuidado, e dava a impressão geral de um homem instruído, culto, que fora maltratado pela sorte.

"Guardamos essas coisas por alguns dias", disse Holmes, "porque esperávamos que publicasse um anúncio com seu endereço. Não consigo entender por que não o fez."

Nosso visitante deu uma risadinha bastante envergonhada. "Estou passando por um tempo de vacas magras," observou. "Estava certo de que aquele bando de valentões que me atacou havia levado tanto o chapéu quanto a ave. Não quis gastar mais ainda numa tentativa inútil de recuperá-los."

"Muito naturalmente. Por falar nisso, quanto à ave… fomos obrigados a comê-la."

"Comê-la!" Nosso visitante chegou a se erguer da cadeira, sobressaltado.

"Isso mesmo. Do contrário, ela não teria tido utilidade alguma para ninguém. Mas suponho que esse outro ganso, sobre o aparador, que é mais ou menos do mesmo peso e está bem fresco, servirá a seu propósito igualmente bem, não é?"

"Oh, certamente, certamente!" respondeu Mr. Baker com um suspiro de alívio. "Mas ainda temos, é claro, as penas, as patas, o papo etc., de sua própria ave, assim, se quiser…"

O homem deu uma risada gostosa. "Poderiam servir-me como relíquias da minha aventura", disse, "mas, fora isso, não vejo como os *disjecta membra* do finado me poderiam ser úteis. Não, senhor, com sua licença, penso que limitarei minhas atenções à bela ave que vejo em seu aparador."

Sherlock Holmes lançou-me um olhar significativo, encolhendo ligeiramente os ombros.

"Nesse caso, aí está o seu chapéu, então, e ali está o seu ganso", disse. "Por falar nisso, veria algum inconveniente em me dizer onde comprou o outro? Sou um conhecedor de aves e poucas vezes vi ganso tão bem criado."

"Claro que não, senhor", disse Baker, que se levantara e segurava a propriedade que acabara de ganhar debaixo do braço. "Somos um pequeno grupo que frequenta o Alpha Inn, perto do Museu… é no próprio Museu que passamos o dia, o senhor entende. Este ano, nosso bom anfitrião, que se chama Windigate, instituiu um clube do ganso, pelo qual, em troca de poucos *pence* por semana, cada um de nós receberia uma ave no Natal. Paguei meus

pence religiosamente, e o resto o senhor sabe. Sou-lhe muito grato, porque um boné escocês não condiz nem com minha idade nem com minha seriedade.” Com maneiras comicamente pomposas, fez uma profunda reverência para nós dois e retirou-se com largas passadas.

“Encerramos o capítulo Mr. Henry Baker”, disse Holmes depois de fechar a porta atrás de si. “É absolutamente certo que ele não sabe nada sobre o assunto. Está com fome, Watson?”

“Não particularmente.”

“Então sugiro que transformemos nosso jantar numa ceia e sigamos essa pista enquanto ainda está quente.”

Como fazia uma noite tenebrosa, vestimos nossos *ulsters* e enrolamos cachecóis no pescoço. Lá fora as estrelas brilhavam friamente num céu sem nuvens, e a respiração dos transeuntes soltava fumaça no ar como tiros de pistola. Nossos passos ressoavam nitidamente quando passamos pelo quarteirão dos médicos, Wimpole Street, Harley Street e em seguida tomamos Wigmore Street até Oxford Street. Num quarto de hora estávamos em Bloomsbury, no Alpha Inn, um pequeno pub na esquina de uma das ruas que levam a Holborn. Holmes abriu a porta do bar e pediu dois copos de cerveja ao proprietário, um homem corado com um avental branco.

“Sua cerveja deve ser excelente, se for tão boa quanto seus gansos”, disse.

“Meus gansos!” O homem pareceu surpreso.

“Isso mesmo. Há menos de meia hora estava conversando com Mr. Henry Baker, que pertenceu ao seu clube do ganso.”

“Ah! Agora entendo. Mas, senhor, aqueles gansos não são meus.”

“Não? Então de quem são?”

“Bem, comprei as duas dúzias de um negociante do Covent Garden.”

“Foi mesmo? Conheço alguns deles. Quem foi?”

“Chama-se Breckinridge.” “Ah! Não o conheço. Bem, bebamos à sua saúde e à prosperidade de seu estabelecimento. Boa noite.”

“Agora tratemos desse Mr. Breckinridge”, continuou, abotoando o casaco quando saímos no ar gelado. “Lembre-se, Watson, de que, embora tenhamos algo tão prosaico como um ganso numa ponta dessa cadeia, na outra há um homem que certamente será condenado a sete anos de trabalhos forçados, a menos que consigamos provar sua inocência. É possível que

nossas investigações venham apenas a confirmar sua culpa. Seja como for, temos uma linha de investigação que escapou à polícia, e que um golpe de sorte excepcional pôs em nossas mãos. Vamos segui-la até o fim, custe o que custar. Portanto, para o sul, em marcha batida!”

Atravessamos Holborn, descemos a Endell Street e seguimos por um zigue-zague de bairros miseráveis até o mercado de Covent Garden. Uma das maiores bancas exibia o nome de Breckinridge, e o proprietário, um homem com jeito de *habitué* de corridas de cavalo, fisionomia esperta e suíças aparadas, ajudava um meninote a fechar a banca.

“Boa noite. Noite fria, esta”, disse Holmes. “Está fazendo muito frio, não?”

O mercador concordou com a cabeça e lançou um olhar indagativo a meu companheiro.

“Pelo que vejo, vendeu todos os gansos”, continuou Holmes, apontando para as prateleiras de mármore vazias.

“Posso lhe vender quinhentos amanhã cedo.”

“Não adianta.”

“Bem, há alguns naquela bancada iluminada a gás.”

“Ah, mas foi o senhor que me foi recomendado.”

“Por quem?”

“O proprietário do Alpha.”

“Ah, é verdade; vendi-lhe duas dúzias.”

“Excelente aves, aquelas. Onde foi que as adquiriu?”

Para meu espanto, essa pergunta provocou um ataque de fúria no homem.

“Alto lá, cavalheiro”, respondeu, com a cabeça empinada e as mãos nos quadris. “Aonde quer chegar? Ponhamos as coisas em pratos limpos já.”

“Está tudo muito claro. Gostaria de saber quem lhe vendeu os gansos que forneceu ao Alpha.”

“Pois bem, não lhe direi. E agora?”

“Ora, não tem importância. Mas não sei por que ficou tão agastado por causa de uma bobagem dessa.”

“Agastado! O senhor ficaria igualmente agastado, talvez, se fosse tão importunado quanto eu. Quando pago um bom dinheiro por um bom artigo, o

negócio deveria estar encerrado; mas não; é ‘Onde estão os gansos?’, ‘A quem vendeu os gansos?’ e ‘Por quanto venderá os gansos?’. Ouvindo-se o rebuliço que está sendo feito em torno deles, tem-se a impressão de que são os únicos gansos do mundo.”

“Bem, nada tenho a ver com quaisquer outras pessoas que tenham andado lhe fazendo perguntas”, disse Holmes com indiferença. “Se não quer nos contar, a aposta está encerrada, é só. Mas estou sempre disposto a comprovar minha opinião em matéria de aves, e apostei uma nota de cinco libras que a ave que comi foi criada no campo.”

“Nesse caso, perdeu cinco libras, porque foi criada na cidade”, disse asperamente o negociante.

“Está redondamente enganado.”

“Estou dizendo que foi.”

“Não acredito nisso.”

“Pensa que sabe mais sobre aves do que eu, que lido com elas desde criança? Ouça, todos aqueles gansos que foram para o Alpha foram criados na cidade.”

“Nunca me convencerá disso.”

“Nesse caso, quer apostar?”

“Seria simplesmente tirar-lhe o seu dinheiro, pois sei que tenho razão. Mas apostarei um soberano com o senhor, só para ensiná-lo a não ser teimoso.”

O negociante abriu um largo sorriso. “Traga-me os livros, Bill”, disse.

O garotinho trouxe um volume pequeno e fino e um grande de capa ensebada e os dispôs juntos sob a lâmpada pendente.

“E agora, senhor Sabe-Tudo?” disse o mercador. “Pensei que minhas aves haviam acabado, mas, antes que eu termine, vai descobrir que ainda sobrou um pato na minha banca. Está vendo aquele livrinho?”

“E daí?”

“É a lista dos meus fornecedores. Está vendo? Pois bem, nesta página estão os camponeses; os números após os seus nomes indicam as páginas onde estão suas contas no grande livro-razão. Está vendo esta outra página em tinta vermelha? Pois é a lista dos meus fornecedores da cidade. Agora olhe o terceiro nome. Leia-o para mim.”

“Mrs. Oakshott, Brixton Road 117, página 249”, leu Holmes.

“Exatamente. Agora abra o livro-razão nessa página.”

Holmes procurou a página indicada. “Cá está, ‘Mrs. Oakshott, Brixton Road 117, fornecedora de ovos e aves’.”

“Muito bem, qual é a última entrada?”

“‘Vinte e dois de dezembro. Vinte e quatro gansos a sete xelins e seis *pence*.’”

“Naturalmente. Aí está. E embaixo?”



“Leia-o para mim.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“‘Vendidos a Mr. Windigate do Alpha a doze xelins’.”

“Que tem a dizer agora?”

Sherlock Holmes pareceu profundamente consternado. Tirou um soberano do bolso e jogou-o sobre o balcão, dando meia-volta com a expressão de um homem cujo dissabor fosse profundo demais para ser expresso em palavras. Alguns metros adiante, parou sob um poste de luz e riu da maneira sincera e silenciosa que lhe era peculiar.

“Quando se vê um homem com costeletas como aquelas e uma ponta do ‘Pink ‘un’ projetando-se do bolso, sempre se consegue arrancar alguma coisa dele por meio de uma aposta”, disse. “Acho até que se eu tivesse posto cem libras diante dele, aquele homem não teria me dado uma informação tão completa como a que consegui ao fazê-lo acreditar que estava levando a melhor sobre mim numa aposta. Bem, Watson, acredito que estamos

chegando ao fim de nossa investigação; só resta resolver se devemos visitar essa Mrs. Oakshott agora ou deixar isso para amanhã. É evidente, pelo que disse aquele homem, que há várias pessoas, além de nós, extremamente interessadas no assunto, e eu deveria…"

Suas palavras foram interrompidas de repente por um grande alarido que irrompeu exatamente na banca que acabávamos de deixar. Virando-nos, vimos um sujeito miúdo, com cara de rato, no centro do círculo de luz amarela lançado pela lâmpada pendente, enquanto Breckinridge, o vendedor, emoldurado pela porta de sua banca, sacudia os punhos furiosamente para a figura encolhida.

"Estou farto de você e dos seus gansos", gritava. "Quero que vão todos para o diabo. Se vier me aborrecer mais uma vez com essa conversa tola, soltarei o cachorro em cima de você. Traga Mrs. Oakshott aqui e responderei a ela, mas que tem você a ver com isso? Por acaso foi de você que comprei os gansos?"

"Não; mas apesar disso um deles era meu", gemeu o homenzinho.

"Então vá perguntar por ele a Mrs. Oakshott."

"Ela me disse que perguntasse ao senhor."

"Por mim, pode perguntar ao rei da Prússia. Estou farto disso. Caia fora daqui!" Avançou, furioso, e o homenzinho sumiu na escuridão.

"Ah, isso pode nos poupar uma visita a Brixton Road", sussurrou Holmes. "Venha comigo e vejamos quem é esse sujeito." Andando com passadas largas entre os grupinhos dispersos de pessoas que perambulavam em torno das bancas iluminadas, meu companheiro alcançou rapidamente o homem e bateu-lhe no ombro. Ele se voltou num pulo, e pude ver à luz do gás que não restou um só vestígio de cor no seu rosto.

"Quem é o senhor? Que quer?" perguntou com voz trêmula.

"Desculpe-me", disse Holmes brandamente, "mas não pude deixar de ouvir as perguntas que estava fazendo ao vendedor agora mesmo. Acredito que posso lhe ser útil."

"O senhor? Quem é o senhor? Como poderia saber alguma coisa sobre o assunto?"

"Meu nome é Sherlock Holmes. Meu ofício é saber o que outros não sabem."

"Mas não pode saber nada sobre isso!"

“Perdão, sei tudo sobre isso. Está procurando descobrir o que foi feito de uns gansos que foram vendidos por Mrs. Oakshott, da Brixton Street, para um mercador chamado Breckinridge, e por ele a Mr. Windigate, do Alpha, e por ele a seu clube, do qual Mr. Henry Baker é sócio.”’

“Oh, o senhor é exatamente o homem que eu ansiava por encontrar”, exclamou o homenzinho com as mãos estendidas e os dedos trêmulos. “Não posso nem lhe explicar o quanto estou interessado nesse assunto.”

Sherlock Holmes chamou um *four-wheeler* que passava. “Nesse caso, é melhor conversarmos sobre ele numa sala confortável do que neste mercado varrido pelo vento”, disse. “Mas, por favor, antes de irmos mais longe, diga-me com quem tenho o prazer de falar.”

O homem hesitou um instante. “Chamo-me John Robinson”, respondeu, olhando-o de soslaio.

“Não, não, o nome verdadeiro”, disse Holmes, suavemente. “É sempre incômodo tratar de um assunto com alguém que usa um nome falso.”

As faces brancas do estranho enrubesceram. “Pois bem”, disse, “meu verdadeiro nome é James Ryder.”

“Exatamente. Copeiro-chefe do Hotel Cosmopolitan. Tenha a bondade de entrar neste carro, logo poderei lhe contar tudo que queira saber.”

Os olhos do homenzinho passeavam entre ele e mim, semiatemorizados, semiesperançosos, como se ele não soubesse ao certo se estava na iminência de um golpe de sorte ou de uma catástrofe. Em seguida entrou no carro, e em meia hora estávamos de volta à sala de estar de Baker Street. Nada fora dito durante a viagem, mas a respiração aguda e ofegante do nosso novo companheiro e as mãos que ele apertava e soltava revelavam sua tensão nervosa.

“Cá estamos!” disse Holmes alegremente quando entramos na sala. “O fogo vem a calhar, com um tempo desses. Parece estar com frio, Mr. Ryder. Sente-se naquela cadeira de vime. Vou só calçar meus chinelos antes de resolvermos esse seu probleminha. Então! Quer saber o que foi feito daqueles gansos?”

“Sim, senhor.”

“Ou melhor, acho eu, com aquele ganso. Era numa determinada ave, suponho, que estava interessado. Um ganso branco, com uma faixa preta na cauda.”

Ryder estremeceu de emoção. “Oh, senhor!” exclamou. “Pode me dizer para onde ele foi?”

“Veio para cá.”

“Para cá?”

“Isso mesmo, e provou-se uma ave das mais extraordinárias. Não me espanta que tenha tanto interesse por ela. Pôs um ovo depois de morta… o mais lindo e brilhante ovinho azul que jamais se viu. Está aqui no meu museu.”

Nosso visitante levantou-se cambaleando e agarrou-se no consolo da lareira com a mão direita. Holmes destrancou seu cofre e exibiu o Carbúnculo Azul, que reluzia como uma estrela, com uma radiância multifacetada, fria e brilhante. Ryder fitou a pedra com o rosto contraído, sem saber se devia reconhecê-la ou fingir ignorá-la.

“O jogo terminou, Ryder”, disse Holmes serenamente. “Segure-se, homem, ou cairá na lareira! Ajude-o a voltar para a cadeira, Watson. Ele não tem sangue-frio bastante para praticar um crime impunemente. Dê-lhe um gole de conhaque. Agora sim! Agora parece um pouco mais humano. Realmente, que verme ele é!”

Por um instante o homem cambaleara e quase caíra, mas o conhaque devolveu-lhe alguma cor ao rosto, e ele se sentou, encarando seu acusador com pavor nos olhos.

“Como tenho quase todos os elos em minhas mãos, e todas as provas de que poderia precisar, há muito pouco que você deva me dizer. Mas esse pouco deve ser esclarecido para completarmos o caso. Já ouvira falar, Ryder, dessa pedra azul da condessa de Morcar?”

“Foi Catherine Cusack quem me falou sobre ela”, respondeu com voz entrecortada.

“Certo… a criada da condessa. Bem, a tentação de uma súbita riqueza tão fácil de adquirir foi demais para você, como já foi antes para homens melhores; mas você não foi muito escrupuloso nos meios que usou. Parece-me, Ryder, que tem tudo para ser um perfeito canalha. Sabia que esse Horner, o bombeiro, estivera envolvido em alguma coisa semelhante antes, e que as suspeitas recairiam naturalmente sobre ele. Que fez você, então? Inventou um conserto qualquer nos aposentos da condessa… você e sua cúmplice, Catherine Cusack… e deu um jeito para que fosse ele o operário chamado. Assim, depois que ele saiu, você roubou a pedra, deu o alarme, e fez com que

esse pobre-diabo fosse preso. Depois…”

De repente Ryder jogou-se no tapete e agarrou os joelhos do meu companheiro. “Pelo amor de Deus, tenha piedade!” gritou. “Pense no meu pai, na minha mãe! Isso lhes cortaria o coração! Nunca fiz nada de errado antes. E nunca mais farei. Eu juro. Juro sobre a Bíblia. Oh, não leve isso aos tribunais! Pelo amor de Deus, não leve!”

“Volte para sua cadeira”, disse Holmes severamente. “É fácil acachapar-se e rastejar agora, mas pensou muito pouco naquele pobre Horner no banco dos reús por um crime de que nada sabia.”

“Fugirei, Mr. Holmes. Deixarei o país, senhor. Nesse caso a acusação contra ele será suspensa.”

“Hum! Conversaremos sobre isso. Mas agora conte-nos a verdadeira história do ato seguinte. Como a pedra foi parar no papo do ganso e o ganso, no mercado? Diga-nos a verdade, pois aí reside sua única esperança de escapar.”

Ryder passou a língua nos lábios secos. “Vou lhes contar tudo exatamente como aconteceu, senhor”, disse. “Quando Horner foi preso, pareceu-me que o melhor seria eu dar sumiço na pedra imediatamente, pois não sabia quando a polícia poderia ter a ideia de me revistar ou dar uma busca em meu quarto. Não havia nenhum lugar no hotel em que a pedra estaria em segurança. Saí, como se em alguma incumbência, e fui à casa de minha irmã. Ela se casara com um homem chamado Oakshott e morava na Brixton Street, onde engordava aves para o mercado. A caminho da casa dela, todos os homens que encontrei me pareciam ser policiais ou detetives, e, embora fosse uma noite fria, o suor me escorria pelo rosto antes de eu chegar à Brixton Street. Minha irmã me perguntou qual era o problema, e por que estava tão pálido, mas respondi que ficara muito perturbado por causa do roubo de uma joia no hotel. Depois fui até o quintal e fumei um cachimbo, pensando o que seria melhor fazer.



“‘Pelo amor de Deus, tenha piedade!’ gritou.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Certa época, tive um amigo chamado Maudsley que tomou o mau caminho e cumpriu pena em Pentonville. Um dia nós nos encontramos e começamos a conversar sobre os métodos dos ladrões, e como eles se livravam do produto de seus roubos. Tinha certeza de que ele me diria a verdade, pois eu sabia uma ou duas coisas sobre ele; resolvi então ir imediatamente a Kilburn, onde morava, e contar-lhe tudo. Maudsley me mostraria como converter a pedra em dinheiro. Mas como chegar até lá em segurança? Pensei nas aflições que sentira do hotel até a casa de minha irmã. A qualquer momento poderia ser detido e revistado, e lá estaria a pedra no bolso do meu colete. Eu estava encostado no muro nesse momento, vendo os gansos que gingavam por ali a meus pés, e de repente ocorreu-me uma ideia que me permitiria enganar o melhor detetive que jamais existiu.

“Minha irmã dissera-me algumas semanas antes que eu podia escolher um de seus gansos como presente de Natal, e eu sabia que ela era de palavra. Eu pegaria meu ganso naquele instante mesmo e levaria minha pedra para Kilburn dentro dele. Havia um pequeno telheiro no quintal, e para lá conduzi uma das aves… uma grande e bonita, branca, com uma faixa preta na cauda. Peguei-a e, forçando-a a abrir o bico, enfiei-lhe a pedra garganta abaixo, até onde meu dedo chegou. A ave engoliu e senti a pedra passar pela goela e entrar no papo. Mas, como a criatura bateu asas e resistiu, minha irmã foi ver o que estava acontecendo. Quando me virei para falar com ela, o bicho se

soltou e esvoaçou para o meio dos outros.

“‘Que diabo você estava fazendo com essa ave, Jem?’ perguntou ela.

“‘Bem’, respondi, ‘como você disse que me daria uma de presente, eu estava lhes dando umas apalpadelas para ver qual é a mais gorda.’

“‘Ah’, disse ela, ‘já separamos a sua… a ave do Jem, é como a chamamos. É aquela grande e branca acolá. São vinte e seis gansos ao todo, o que dá um para você, um para nós, e duas dúzias para o mercado.’

“‘Obrigado, Maggie’, disse eu; ‘mas se não fizer diferença para você, prefiro ficar com aquele que estava apalpando agora mesmo.’

“‘O outro é quase um bom quilo e meio mais pesado’, ela insistiu; ‘nós o engordamos especialmente para você.’

“‘Não faz mal. Fico com aquele, e vou levá-lo já’, disse eu.

“‘Ora, como queira’, disse ela, um pouco irritada. “Afinal, qual é o que você quer?’

“‘Aquele branco com uma faixa na cauda, bem no meio do bando.’

“‘Muito bem. Mate-o e leve-o.’

“Bem, fiz o que ela disse, Mr. Holmes, e carreguei o ganso todo o caminho até Kilburn. Contei ao meu camarada o que havia feito, porque ele é um homem para quem é fácil contar uma coisa dessas. Ele riu até engasgar, pegamos uma faca e abrimos o ganso. Meu coração quase me saiu pela boca, porque não havia nem sinal da pedra, e vi que cometera um erro terrível. Larguei a ave lá, voltei imediatamente à casa da minha irmã e corri para o quintal. Não havia nem sombra de ganso ali.

“‘Onde estão eles, Maggie?’ perguntei.

“‘Foram para o negociante, Jem.’

“‘Que negociante?’

“‘Breckinridge, de Covent Garden.’

“‘Mas havia outro ganso com uma listra preta na cauda?’ perguntei. ‘Como o que escolhi?’

“‘Havia, Jem; eram dois com a cauda listrada, eu nunca conseguia distinguir um do outro.’

“Bem, compreendi tudo, é claro, e corri o mais rápido que pude para o mercado; acontece que Breckinridge vendera o lote todo de uma vez, recusando-se a me dizer uma palavra sobre o paradeiro das aves. Os senhores

mesmos o ouviram esta noite. Era sempre assim que me respondia. Minha irmã pensa que estou ficando louco. Às vezes, eu também. E agora… agora sou um ladrão de marca maior, sem jamais ter tocado na fortuna pela qual vendi a alma. Que Deus tenha piedade de mim! Que Deus tenha piedade de mim!” Caiu num pranto convulsivo, com o rosto enterrado nas mãos.

Seguiu-se um longo silêncio, quebrado apenas por sua respiração ofegante e pela batida cadenciada das pontas dos dedos de Sherlock Holmes na borda da mesa. Depois meu amigo levantou-se e abriu a porta.

“Saia!” ordenou.

“O quê, senhor? Oh, que Deus o abençoe!”

“Nem mais uma palavra. Saia!”

E nem mais uma palavra foi necessária. Houve uma arrancada, um tropel nos degraus, a batida de uma porta e o estrépito nítido de passos correndo rua abaixo.

“Afinal de contas, Watson”, disse Holmes, estendendo a mão para pegar seu cachimbo de barro, “não sou contratado pela polícia para suprir suas deficiências. Se Horner estivesse em perigo seria outra coisa; mas esse sujeito não testemunhará contra ele e o caso será encerrado. Suponho que estou comutando um crime, mas é igualmente possível que esteja salvando uma alma. Esse sujeito não cometerá outro erro; ficou apavorado demais. Mande-o para a prisão agora, e fará dele um prisioneiro pelo resto da vida. Além disso, este é o tempo do perdão. O acaso pôs em nosso caminho um problema dos mais inusitados e sua solução é sua própria recompensa. Se tiver a bondade de tocar a campainha, doutor, daremos início a uma outra investigação, em que uma ave será também a principal atração.”

A BANDA MALHADA

AO PASSAR OS OLHOS por minhas anotações dos setenta e tantos casos em que, durante os últimos oito anos, estudei os métodos de meu amigo Sherlock Holmes, encontro alguns trágicos, outros cômicos, muitos simplesmente estranhos, mas nenhum banal; pois, trabalhando como o fazia, por amor à arte e não para fazer fortuna, ele se recusava a se associar com qualquer investigação que não tendesse para o inusitado, até para o fantástico. De todos esses variados casos, no entanto, não consigo me lembrar de nenhum que apresentasse características mais singulares do que aquele relacionado à conhecida família de Surrey, os Roylott de Stoke Moran. Os eventos em questão ocorreram nos primeiros tempos de minha associação com Holmes, quando dividíamos um apartamento como solteiros em Baker Street. É possível que eu os tenha registrado anteriormente, mas na época fiz uma promessa de sigilo de que só me libertei mês passado, com a morte prematura da senhora a quem o juramento foi feito. Talvez seja melhor que os fatos venham à luz agora, pois tenho razões para crer que correm por toda parte rumores sobre a morte do Dr. Grimesby Roylott que tendem a tornar a questão ainda mais terrível que a verdade.

Era início de abril do ano de 1883 quando, ao acordar uma manhã, dei com Sherlock Holmes de pé, completamente vestido, junto da minha cama. Ele costumava acordar tarde, e quando o relógio sobre o consolo da lareira me mostrou que eram apenas sete e quinze, encarei-o com certa surpresa, e talvez uma pontinha de ressentimento, porque eu mesmo era regular em meus hábitos.

"Sinto muito acordá-lo, Watson", disse ele, "mas ninguém escapou disso esta manhã. Mrs. Hudson foi acordada, descontou em mim e eu em você."

"Mas que houve… um incêndio?"

"Não, uma cliente. Parece que chegou aí uma jovem senhora em estado de considerável alvoroço, e insiste em me ver. Está esperando agora na sala

de estar. Ora, quando jovens senhoras andam pela metrópole a esta hora da manhã, tirando as pessoas da cama, presumo que têm algo de muito urgente a comunicar. Se este viesse a se revelar um caso interessante, você teria gostado, tenho certeza, de tê-lo acompanhado desde o início. Assim concluí que, pelo sim, pelo não, deveria chamá-lo e dar-lhe a chance."

"Eu não perderia isso por nada, meu caro."

Nada me dava mais intenso prazer que acompanhar Holmes em suas investigações profissionais e admirar as deduções rápidas, tão instantâneas quanto intuições, e não obstante sempre fundadas numa base lógica, com que destrinchava os problemas que lhe eram submetidos. Enfiei minhas roupas rapidamente e em poucos minutos estava pronto para descer com meu amigo à sala de estar. Quando entramos, uma senhora vestida de preto, o rosto coberto por pesado véu, que estivera sentada junto à janela, levantou-se.

"Bom dia, senhora", disse Holmes em tom animado. "Meu nome é Sherlock Holmes. Este é meu amigo íntimo e associado, Dr. Watson, em cuja presença pode falar com tanta liberdade quanto a sós comigo. Ah! Fico satisfeito de ver que Mrs. Hudson teve o bom-senso de acender a lareira. Por favor, aproxime-se do fogo; vou pedir uma xícara de café quente para a senhora, pois observo que está tremendo."

"Não é o frio que me faz tremer", disse a mulher, bem baixo, mudando de lugar como ele lhe sugerira.

"Que é, então?"

"É medo, Mr. Holmes. É terror." Enquanto falava, ergueu o véu, e pudemos ver que estava realmente em lamentável estado de agitação, o semblante contraído e sombrio, os olhos inquietos e amedrontados como os de um animal acossado. Tinha os traços e o talhe de uma mulher de trinta anos, mas o cabelo era prematuramente grisalho e o semblante fatigado, abatido. Sherlock Holmes correu para ela com um de seus olhares rápidos, a que nada escapa.

"Não deve ter medo", tranquilizou-a, inclinando-se em sua direção e afagando-lhe o antebraço. "Logo resolveremos tudo, não tenho dúvida. Vejo que veio de trem esta manhã."

"Então me conhece?"

"Não, mas observo a segunda metade de um bilhete de volta na palma da sua luva esquerda. Deve ter saído cedo, e ainda fez um longo percurso num *dog-cart*, por estradas ruins, antes de chegar à estação."

A senhora teve forte sobressalto e encarou o meu companheiro, perplexa.

“Não há mistério, cara senhora”, disse ele, sorrindo. “O braço direito de seu casaco está salpicado de lama em nada menos que sete pontos. As marcas são perfeitamente frescas. Não há nenhum veículo, exceto um *dog-cart*, que enlameie um passageiro dessa maneira, e, mesmo nesse caso, só quando ele se senta à esquerda do cocheiro.”

“Sejam quais forem suas razões, está absolutamente certo”, disse ela. “Saí de casa antes das seis, cheguei a Leatherhead às seis e vinte e peguei o primeiro trem para Waterloo. Não posso mais suportar esta tensão, senhor; se isso continuar, ficarei louca. Não tenho a quem recorrer… ninguém, exceto uma só pessoa, que gosta de mim, e ele, coitado, não pode fazer muito para me ajudar. Ouvi falar do senhor, Mr. Holmes; ouvi falar do senhor por Mrs. Farintosh, a quem ajudou quando ela muito precisava. Foi ela quem me deu seu endereço. Oh, senhor, não acha que poderia me ajudar, a mim também, e pelo menos lançar alguma luz na densa escuridão que me envolve? No momento está fora de meu poder recompensá-lo por seus serviços, mas dentro de um ou dois meses estarei casada, terei o controle de meus rendimentos, e então pelo menos não me julgará ingrata.”

Holmes voltou-se para sua escrivaninha, destrancou-a e tirou uma pequena agenda, que consultou.

“Farintosh”, disse. “Ah sim, lembro-me do caso; teve ligação com uma tiara de opala. Creio que foi antes do seu tempo, Watson. Só posso dizer, senhora, que ficarei feliz em dedicar ao seu caso a mesma atenção que dediquei ao de sua amiga. Quanto à recompensa, minha profissão é sua própria recompensa; a senhora está livre, porém, para reembolsar quaisquer despesas em que eu possa incorrer, no momento que lhe for mais conveniente. Agora, peço-lhe que exponha para nós tudo que nos possa ajudar a formar uma opinião sobre o assunto.”

“Ai de mim!” respondeu nossa visitante. “O horror de minha situação consiste precisamente no fato de meus medos serem tão vagos, e minhas suspeitas se fundarem em detalhes tão pequenos que poderiam parecer triviais para outra pessoa. Até mesmo aquele para quem, dentre todos os demais, tenho o direito de pedir auxílio e conselho vê em tudo que lhe conto sobre o problema apenas as fantasias de uma mulher nervosa. Não diz isso, mas posso lê-lo nas respostas com que procura me acalmar e no modo como

desvia os olhos de mim. Mas ouvi falar, Mr. Holmes, que o senhor é capaz de enxergar profundamente nas múltiplas formas da crueldade do coração humano. Pode me dizer como andar em meio aos perigos que me cercam.”

“Sou todo ouvidos, senhora.”

“Meu nome é Helen Stoner, e moro com meu padrasto, último sobrevivente de uma das mais antigas famílias saxãs da Inglaterra, os Roylott de Stoke Moran, na fronteira oeste de Surrey.”

Holmes fez sinal de assentimento. “O nome me é familiar”, disse.

“Houve tempo em que a família foi a mais rica da Inglaterra, e suas propriedades estendiam-se por Berkshire ao norte e Hampshire a oeste. No último século, contudo, houve quatro herdeiros sucessivos de índole dissoluta e perdulária, e a ruína da família foi finalmente consumada por um jogador no tempo da Regência. Não sobrou nada, a não ser alguns acres de terra e a casa de duzentos anos, mesmo ela esmagada por pesada hipoteca. O último senhor vegetou ali, vivendo a horrível vida de um aristocrata na miséria; mas seu único filho, meu padrasto, vendo que tinha de se adaptar às novas condições, obteve de um parente um empréstimo que lhe permitiu se formar em medicina. Depois partiu para Calcutá, onde, graças à sua competência e força de caráter, angariou grande clientela. Num acesso de raiva, porém, causado por alguns roubos que haviam sido perpetrados na sua casa, ele espancou até a morte seu mordomo nativo e escapou por pouco de uma pena capital. Cumpriu longa sentença de prisão e quando voltou à Inglaterra posteriormente era um homem frustrado e rabugento.

“Na Índia, o Dr. Roylott casou-se com minha mãe, Mrs. Stoner, jovem viúva do general de divisão Stoner, da Artilharia de Bengala. Minha irmã Julia e eu, que éramos gêmeas, tínhamos apenas dois anos de idade quando minha mãe voltou a se casar. Ela possuía uma considerável soma de dinheiro — não menos que mil libras por ano — e legou-a inteiramente ao Dr. Roylott enquanto morássemos com ele, com uma estipulação de que certa soma anual nos deveria ser concedida se nos casássemos. Pouco depois de nossa volta para a Inglaterra minha mãe morreu… foi vítima de um acidente ferroviário perto de Crewe oito anos atrás. A partir de então o Dr. Roylott abandonou suas tentativas de estabelecer uma clínica em Londres e levou-nos para morar com ele na velha casa ancestral em Stoke Moran. O dinheiro que minha mãe deixara supria todas as nossas necessidades, e parecia não haver obstáculo para nossa felicidade.

“Mas nosso padrasto sofreu uma terrível mudança mais ou menos nessa época. Ao invés de fazer amigos e trocar visitas com nossos vizinhos, que de início haviam gostado de ver um Roylott de Stoke Moran de volta ao antigo solar da família, fechou-se em casa e raramente saía, exceto para se entregar a brigas ferozes com quem quer que lhe cruzasse o caminho. Uma violência de temperamento que se aproximava da insanidade era um traço hereditário nos homens da família, e no caso de meu padrasto creio que havia sido intensificada por sua longa residência nos trópicos. Ocorreu uma série de rixas vergonhosas, duas das quais chegaram ao tribunal policial, até que ele acabou por se tornar o terror da aldeia; as pessoas fugiam à sua aproximação, pois era um homem de imensa força e absolutamente incontrolável em sua fúria.

“Semana passada ele jogou o ferreiro local num riacho, por sobre o parapeito, e só pude evitar outra exposição pública pagando todo o dinheiro que consegui reunir. Ele não tinha absolutamente nenhum amigo, a não ser os ciganos errantes, e autorizava esses vagabundos a acampar nos poucos acres de terra coberta de sarças que representa o patrimônio da família; em troca, aceitava a hospitalidade de suas barracas, e às vezes saía para perambular com eles semanas a fio. É também apaixonado por animais indianos, que lhe são enviados por um correspondente; no momento tem um guepardo e um babuíno, que vagam livremente nas suas terras e inspiram quase tanto medo aos aldeões quanto seu senhor.

“Pode imaginar por que digo que minha pobre irmã Julia e eu não tínhamos grandes prazeres em nossas vidas. Nenhum criado ficaria conosco, e durante muito tempo fizemos todo o trabalho doméstico. Ela só tinha trinta anos quando morreu, e no entanto seu cabelo começava a branquear, como o meu.”



“Jogou o ferreiro por sobre o parapeito.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Então sua irmã morreu?”

“Morreu dois anos atrás, e é sobre sua morte que quero lhe falar. Pode entender que, vivendo a vida que descrevi, tínhamos pouca oportunidade de ver quem quer que fosse de nossa idade e posição. Tínhamos, porém, uma tia, uma irmã solteira de minha mãe, Miss Honoria Westphail, que mora perto de Harrow, e vez por outra tínhamos permissão para fazer breves visitas à sua casa. Julia esteve lá no Natal, há dois anos, e conheceu um major a meio soldo dos fuzileiros navais, de quem ficou noiva. Quando minha irmã voltou, meu padrasto soube do noivado e não fez objeção alguma ao casamento; mas menos de duas semanas antes do dia marcado para a cerimônia ocorreu o evento terrível que me privou de minha única companheira.”

Sherlock Holmes estivera recostado em sua cadeira, de olhos fechados e a cabeça afundada numa almofada, mas nesse momento entreabriu as pálpebras e fitou nossa visitante.

“Por favor, seja precisa quanto aos detalhes”, disse.

“Isso é fácil para mim, porque cada fato desse período pavoroso está marcado com ferro em brasa em minha memória. O solar é, como já disse, muito antigo e atualmente só uma ala é habitada. Os quartos nessa ala ficam no térreo, as salas situando-se no bloco central do prédio. Desses quartos, o primeiro é do Dr. Roylott, o segundo de minha irmã e o terceiro meu. Não há

comunicação entre eles, mas todos se abrem para o mesmo corredor. Estou sendo clara?”

“Perfeitamente.”

“As janelas dos três quartos abrem-se para o gramado. Naquela noite fatal, o Dr. Roylott fora para seu quarto cedo, embora soubéssemos que não se recolhera para descansar, porque minha irmã ficou incomodada com o cheiro dos fortes charutos indianos que ele costumava fumar. Por isso ela deixou seu quarto e foi para o meu, onde ficou algum tempo, conversando sobre seu casamento que se aproximava. Às onze horas ela se levantou para me deixar, mas ao chegar à porta parou e olhou para trás.

“‘Diga-me, Helen’, falou, ‘já ouviu alguém assobiando altas horas da noite?’

“‘Nunca’, respondi.

“‘Você mesma não seria capaz de assobiar enquanto dorme… seria?’

“‘Certamente não. Mas por quê?’

“‘Porque durante estas últimas noites tenho ouvido sempre, por volta das três da madrugada, um assobio baixo, muito claro. Meu sono é leve, e ele me despertou. Não sabia de onde vinha, talvez do quarto ao lado, talvez do gramado. Pensei em lhe perguntar se também ouvira.’

“‘Não, não ouvi. Devem ser esses malditos ciganos na plantação.’

“‘É muito provável. Mas, se foi no gramado, espanta-me que você não tenha ouvido também.’

“‘Ah, mas eu tenho o sono mais pesado que o seu.’

“‘Bem, seja como for, isso não tem muita importância.’ Ela sorriu para mim, fechou a porta e momentos depois ouvi sua chave girar na fechadura.”

“Foi mesmo?” perguntou Holmes. “Tinham o costume de se trancar à noite?”

“Sempre.”

“Por quê?”

“Creio que mencionei para o senhor que o médico mantinha um guepardo e um babuíno. Não nos sentíamos seguras a menos que nossas portas estivessem trancadas.”

“Naturalmente. Por favor, prossiga.”

“Não consegui dormir aquela noite. Fui tomada por uma vaga sensação

de desgraça iminente. Minha irmã e eu, como há de lembrar, éramos gêmeas, e o senhor sabe como são sutis os vínculos que unem duas almas tão estreitamente associadas. Foi uma noite tenebrosa. O vento uivava lá fora e a chuva fustigava as janelas. De repente, em meio a todo o estrépito do vendaval, irrompeu o grito selvagem de uma mulher aterrada. Eu sabia que era a voz da minha irmã. Pulei da cama, enrolei-me num xale e corri para o corredor. Ao abrir a porta tive a impressão de ouvir um assobio baixo, como o que minha irmã descrevera, e instantes depois um outro som, metálico, como se um volume de metal tivesse caído. Corri pelo corredor, a porta de minha irmã estava destrancada e a fechadura girou lentamente. Olhei para aquilo horrorizada, sem saber o que entender do que via. Pela luz do corredor, vi minha irmã aparecer no vão da porta, o rosto lívido de terror, as mãos buscando socorro às apalpadelas, todo o seu corpo cambaleando como o de um bêbado. Corri para ela e abracei-a, mas nesse momento seus joelhos pareceram ceder e ela caiu no chão. Contorceu-se como alguém que sente dores atrozes, sacudindo os membros pavorosamente. De início pensei que não me reconhecera, mas, quando me debrucei sobre ela, gritou de repente numa voz que nunca esquecerei: ‘Oh, meu Deus! Helen! Foi a banda! A banda malhada!’ Queria dizer mais alguma coisa, e apontou o dedo na direção do quarto do médico, mas uma nova convulsão tomou conta dela e estrangulou-lhe as palavras. Saí correndo, chamando meu padrasto aos gritos, e encontrei-o saindo às pressas de seu quarto vestido com seu roupão. Quando chegamos junto de minha irmã ela estava inconsciente, e, embora ele lhe tenha derramado conhaque pela garganta e mandado buscar auxílio médico na aldeia, todos os esforços foram vãos; ela esmoreceu lentamente e morreu sem ter recobrado a consciência. Foi esse o pavoroso fim de minha amada irmã.”



“O rosto lívido de terror.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Um momento”, atalhou Holmes, “tem certeza quanto a esse assobio e a esse som metálico? Poderia jurar que os ouviu?”

“Foi o que o investigador do condado me perguntou no inquérito. Tenho forte impressão de tê-los ouvido, mas, entre a zoada do vendaval e os rangidos de uma casa velha, é possível que eu tenha me enganado.”

“Sua irmã estava vestida?”

“Não, usava sua camisola. Na sua mão direita encontrei um fósforo queimado e na direita uma caixa de fósforos.”

“O que mostrou que ela acendera uma luz e olhara à sua volta quando o alarme ocorreu. Isso é importante. E a que conclusões chegou o investigador?”

“Ele examinou o caso com muito cuidado, porque o Dr. Roylott era mal-afamado no condado por sua conduta havia muito tempo, mas não conseguiu encontrar nenhuma causa satisfatória para a morte. Meu depoimento mostrou que a porta fora trancada por dentro, e as janelas tinham persianas antigas, bloqueadas com grossas barras de ferro, que eram presas todas as noites. As paredes foram cuidadosamente auscultadas e mostraram-se todas inteiramente sólidas, e o assoalho foi também todo examinado, com igual resultado. A chaminé é ampla, mas fechada por quatro barras. É certo, portanto, que minha irmã estava completamente só quando encontrou seu fim. Ademais, não havia quaisquer marcas de violência à sua volta.”

“E quanto a veneno?”

“Os médicos procuraram sinais de envenenamento, mas sem sucesso.”

“Do que pensa então que essa infeliz senhora morreu?”

“Acredito que morreu de puro medo e choque nervoso, embora não faça ideia do que foi que a amedrontou.”

“Havia ciganos na plantação na época?”

“Havia. Quase sempre havia alguns por lá.”

“E o que você entendeu dessa alusão a uma banda malhada?”

“Algumas vezes pensei que foram apenas as palavras desvairadas de um delírio, outras que podia ser uma referência não a uma banda, ou faixa, mas a um bando, um bando de pessoas, talvez aqueles próprios ciganos da

plantação. Não sei se os lenços manchados que muitos deles usam na cabeça poderiam ter sugerido a palavra estranha que ela usou."

Holmes sacudiu a cabeça como um homem longe de estar satisfeito.

"Estas são águas profundas", disse, "por favor, continue sua narrativa."

"Dois anos se passaram desde então, e até recentemente minha vida foi mais solitária que nunca. Um mês atrás, porém, um querido amigo, que conheço há muitos anos, deu-me a honra de pedir-me a mão em casamento. Seu nome é Armitage… Percy Armitage… o segundo filho de Mr. Armitage, de Crane Water, perto de Reading. Meu padrasto não fez nenhuma oposição e devemos nos casar na próxima primavera. Há dois dias alguns reparos começaram a ser feitos na ala oeste da casa, e a parede do meu quarto foi furada, por isso transferi-me para o quarto em que minha irmã morreu, para dormir na própria cama em que ela dormia. Imagine, então, meu terror no momento em que, na noite passada, quando eu estava acordada na cama, pensando em seu terrível destino, ouvi de repente no silêncio da noite o assobio baixo que prenunciara sua própria morte. Pulei da cama e acendi a lâmpada, mas não havia nada no quarto. Mas, como estava abalada demais para me deitar de novo, vesti-me, e assim que o dia raiou esgueirei-me, peguei um *dog-cart* no Crown Inn, que fica em frente, e rumei para Leatherhead, de onde vim esta manhã com o único objetivo de vê-lo e pedir seu conselho."

"Fez muito bem", disse meu amigo. "Mas contou-me tudo?"

"Sim, contei."

"Miss Roylott, a senhorita não me contou tudo. Está protegendo seu padrasto."

"Como? Que quer dizer?"

Em resposta Holmes levantou o babado preto que orlava o punho da mão que nossa visitante mantinha sobre o joelho. Cinco manchas descoloridas, as marcas de quatro dedos e um polegar, estavam impressas no punho branco.

"Foi cruelmente maltratada", disse Holmes.

A senhora corou intensamente e cobriu o punho machucado. "Ele é um homem brusco", disse, "e talvez mal conheça a própria força."

Seguiu-se um longo silêncio, durante o qual Holmes apoiou o queixo nas mãos e fitou o fogo crepitante.

“Este é um caso muito complexo”, disse por fim. “Há mil detalhes que eu gostaria de saber antes de me decidir por uma linha de ação. Mas não temos um minuto a perder. Se chegássemos a Stoke Moran ainda hoje, teríamos alguma possibilidade de examinar esses cômodos sem o conhecimento de seu padrasto?”

“De fato, ele falou de vir à cidade hoje para tratar de alguns negócios importantes. É provável que passe o dia todo fora e que não haja nada para perturbá-los. Temos uma criada agora, mas ele é velha e tonta, e eu poderia tirá-la do caminho facilmente.”

“Esplêndido. Vê essa viagem com maus olhos, Watson?”

“De maneira alguma.”

“Então iremos os dois. E a senhorita, o que vai fazer?”

“Tenho uma ou duas coisas que gostaria de fazer enquanto estou na cidade. Mas voltarei pelo trem das doze, de modo que chegarei a tempo de recebê-los.”

“Pode nos esperar no início da tarde. Eu mesmo tenho umas coisinhas para resolver. Não quer esperar e tomar o desjejum?”

“Não, preciso ir. Meu coração já ficou mais leve desde que lhe confiei minha inquietação. Espero vê-lo novamente esta tarde.” Baixou seu espesso véu sobre o rosto e deslizou para fora da sala.

“Que pensa você de tudo isso, Watson?” perguntou Sherlock Holmes, recostando-se na cadeira.

“Parece-me uma história das mais misteriosas e sinistras.”

“Bastante misteriosa e sinistra.”

“No entanto, se a dama está certa ao dizer que o assoalho e as paredes são sólidos, e que a porta, a janela e a chaminé são intransponíveis, sua irmã estava sem sombra de dúvida sozinha quando encontrou seu misterioso fim.”

“Nesse caso, como interpretar esses assobios noturnos, e que dizer das palavras muito peculiares da moribunda?”

“Não posso imaginar.”

“Quando combinamos a ideia de assobios à noite, a presença de um bando de ciganos em relações de intimidade com o velho médico, o fato de termos todas as razões para acreditar que o médico tenha interesse em evitar o casamento da enteada, a alusão a uma banda ou bando e, finalmente, o fato de Miss Helen Stoner ter ouvido um som metálico, que poderia ter sido

causado pelo ruído de uma daquelas barras que seguravam as persianas caindo de volta no lugar, penso que há uma boa base para se pensar que o mistério pode ser elucidado segundo essa linha."

"Mas que fizeram os ciganos, afinal?"

"Não tenho a mínima ideia."

"Vejo muitas objeções a qualquer teoria desse tipo."

"Eu também. É precisamente por isso que vamos a Stoke Moran hoje mesmo. Quero ver se as objeções são decisivas, ou se podem ser explicadas. Mas que diabos…!"

A exclamação fora arrancada de meu companheiro pelo fato de que a porta havia sido subitamente aberta, e um homem enorme se postara no vão. Seu traje era uma mistura peculiar do profissional e do agrícola, incluindo uma cartola preta, uma sobrecasaca longa e um par de polainas altas, com um chicote de montaria balançando na mão. O homem era tão alto que seu chapéu realmente roçava na verga da porta e seu corpo parecia ocupá-la de lado a lado. Um rosto grande, encarquilhado, queimado de sol e marcado por todas as paixões malévolas, virava-se ora para um, ora para outro de nós, enquanto os olhos fundos e injetados de bile e o nariz adunco, descarnado, davam-lhe certa semelhança com uma feroz e velha ave de rapina.

"Qual dos dois é Holmes?" perguntou essa aparição.

"Esse é meu nome; mas o senhor está em vantagem sobre mim", disse serenamente o meu companheiro.

"Sou o Dr. Grimesby Roylott, de Stoke Moran."

"Muito bem, doutor", disse Holmes brandamente. "Por favor, sente-se."

"Não farei nada parecido. Minha enteada esteve aqui. Eu a segui. Que andou ela lhe dizendo?"

"Está um pouco frio para esta época do ano", disse Holmes.

"Que andou ela lhe dizendo?" berrou furiosamente o velho.

"Mas ouvi dizer que o açafrão está prometendo", continuou meu companheiro, imperturbável.

"Ah, está me ignorando, não é?" disse nosso novo visitante, dando um passo adiante e sacudindo seu chicote. "Eu o conheço, seu canalha. Já ouvi falar de você antes. Você é Holmes, o intrometido."

Meu amigo sorriu.

“Holmes, o abelhudo!”

Seu sorriso alargou-se.

“Holmes, o agentezinho atrevido da Scotland Yard!”

Holmes deu uma risada gostosa. “Sua conversa é muito divertida”, disse. “Quando sair, feche a porta, pois há uma perceptível corrente de ar.”

“Irei quando tiver dito o que tenho a dizer. Não se atreva a se intrometer nos meus negócios. Sei que Miss Stoner esteve aqui. Eu a segui! É melhor não criar caso comigo, sou um homem perigoso! Veja.” Deu um passo rápido adiante, agarrou o atiçador de brasas e entortou-o com suas manzorras tostadas.

“Trate de ficar fora de minhas garras”, rosnou e, jogando o atiçador retorcido na lareira, saiu da sala.

“Parece uma pessoa muito agradável”, disse Holmes, rindo. “Não sou tão corpulento, mas se ele tivesse ficado eu poderia ter lhe mostrado que minhas garras não são muito mais fracas que as dele.” Enquanto falava, pegou o atiçador de aço e, com um esforço repentino, endireitou-o.

“Imagine, ele teve a insolência de me confundir com a força oficial de detetives! Mas esse incidente dá um sabor especial à nossa investigação, e só espero que nossa amiguinha não sofra por ter tido a imprudência de permitir que esse brutamontes a seguisse. Agora, Watson, vamos pedir o desjejum e depois caminharei até o Doctor’s Commons, onde espero obter alguns dados que possam nos ajudar neste assunto.”

ERA QUASE UMA HORA quando Sherlock Holmes voltou de sua excursão. Trazia na mão uma folha de papel azul rabiscada com anotações e números.

“Vi o testamento da esposa falecida”, disse. “Para determinar seu sentido exato, fui obrigado a pesquisar os preços atuais dos investimentos envolvidos. A renda total, que na época da morte da mulher era de pouco menos de 1.100 libras, não passa hoje, em razão da baixa dos preços agrícolas, de 750 libras. Cada filha pode reivindicar uma renda de 250 libras se vier a se casar. É evidente, portanto, que, se ambas as moças tivessem se casado, esta beleza faria jus a uma ninharia, ao mesmo tempo em que o casamento de uma delas representaria uma séria perda para ele. Meu trabalho matinal não foi inútil, pois provou que ele tem os mais fortes motivos para tentar impedir qualquer coisa desse tipo. E agora, Watson, isto é sério demais para remancharmos, sobretudo porque o velho sabe que estamos interessados

em seus negócios; portanto, se está pronto, vamos chamar um carro e partir para Waterloo. Eu ficaria muito agradecido se você enfiasse seu revólver no bolso. Um Eley nº 2 é um excelente argumento junto a cavalheiros capazes de dar nó em atiçadores. Acho que, afora isso, só precisaremos de uma escova de dentes."

Em Waterloo, tivemos a sorte de pegar um trem para Leatherhead, onde alugamos uma charrete na estalagem da estação e viajamos uns seis ou sete quilômetros pelas lindas estradinhas de Surrey. Era um dia perfeito, com um sol brilhante e algumas nuvens lanosas no céu. Os primeiros rebentos verdes mal nasciam nas árvores e sebes à beira do caminho e o ar estava impregnado de um cheiro agradável de terra úmida. Para mim, havia um estranho contraste entre a doce promessa da primavera e a investigação sinistra em que estávamos empenhados. Meu companheiro ia sentado na frente do carro, os braços cruzados, o chapéu puxado sobre os olhos e o queixo afundado no peito, imerso em profunda reflexão. De repente, contudo, ele se moveu, bateu-me no ombro e apontou para os prados.

"Olhe!" disse.

Um parque densamente arborizado estendia-se por uma encosta acima, adensando-se num bosque no ponto mais alto. Do meio dos galhos projetavam-se as empenas cinzentas e a cumeeira alta de uma mansão muito antiga.

"Stoke Moran?" ele perguntou.

"Sim, senhor, é a casa do Dr. Grimesby Roylott", informou o cocheiro.

"Há algumas construções ali adiante", disse Holmes; "é para lá que vamos."

"É a aldeia", disse o cocheiro, apontando para um grupo de telhados a alguma distância à esquerda; "mas se é para a casa que os senhores querem ir, o caminho será mais curto se atravessarem a cerca subindo aqueles degraus e tomarem a trilha de pedestres pelos campos. Veja, a senhora está caminhando por ela."

"E a senhora, eu imagino, é Miss Stoner", observou Holmes, protegendo os olhos contra o sol com a mão. "De fato, parece-me melhor fazer como sugere."

Apeamos, pagamos a corrida, e a charrete deu meia-volta e rumou para Leatherhead.

“Pareceu-me conveniente”, disse Holmes enquanto subíamos os degraus, “que esse sujeito pensasse que viemos como arquitetos, ou para alguma atividade definida. Talvez assim não dê com a língua nos dentes por aí. Boa tarde, Miss Stoner. Como vê, cumprimos nossa palavra.”

Nossa cliente da manhã havia apressado o passo para ir ao nosso encontro, sua alegria estampada no rosto. “Estava esperando os senhores com tanta ansiedade”, exclamou, apertando-nos calorosamente as mãos. “Tudo deu esplendidamente certo. O Dr. Roylott foi para a cidade e é improvável que esteja de volta antes do entardecer.”

“Tivemos o prazer de conhecer o doutor”, disse Holmes, e em poucas palavras delineou o que acontecera. Até os lábios de Miss Stoner ficaram brancos.

“Meu Deus!” exclamou ela. “Então ele me seguiu.”

“É o que parece.”

“É tão astuto que nunca sei quando estou protegida contra ele. Que dirá quando voltar?”

“Terá de tomar cuidado, porque pode descobrir que há alguém mais astuto do que ele mesmo na sua cola. A senhorita deve fechar seu quarto à chave esta noite. Se ele for violento, nós a levaremos para a casa de sua tia, em Harrow. Como agora temos de usar o tempo de que dispomos da melhor maneira possível, tenha a bondade de nos levar imediatamente aos quartos que devemos examinar.”

A construção era de pedras cinzentas, manchadas de líquen, com uma parte central alta e duas alas curvas, como as patas de um caranguejo, emergindo dos dois lados. Uma dessas alas era um quadro de ruína, com janelas quebradas e bloqueadas com tábuas, e o telhado em parte desmoronado. A parte central estava em condições um pouco melhores, mas o bloco da direita era comparativamente moderno, e os estores nas janelas, bem como a fumaça azul que subia em espirais das chaminés, mostravam que era ali que a família residia. Alguns andaimes haviam sido erguidos contra a última parede, e havia um furo na alvenaria, mas não havia nem sinal de operários no momento de nossa visita. Holmes caminhou devagar para cima e para baixo no gramado precisando de poda e examinou com profunda atenção o exterior das janelas.

“Esta pertence ao quarto em que a senhorita dormia antes, a do centro ao da sua irmã e a que fica perto do corpo da casa ao quarto do Dr. Roylott, não

é mesmo?”

“Exatamente. Mas agora estou dormindo no quarto do meio.”

“Enquanto durar a reforma, pelo que entendi. Aliás, não parece haver necessidade muito premente de reparos na última parede.”

“Não havia nenhuma. Acredito que foi um pretexto para me afastar de meu quarto.”

“Ah! Isso é sugestivo. Do outro lado desta ala estreita corre o corredor para onde estes três quartos dão. Há janelas nele, não é?”

“Há, mas são muito pequenas. Estreitas demais para que alguém passe por elas.”

“Como as duas estavam de porta trancada, não era possível entrar em seus quartos por aquele lado. Agora, faria a gentileza de ir ao seu quarto e barrar as persianas da sua janela?”

Miss Stoner obedeceu, e Holmes, após cuidadoso exame pela janela aberta, tentou forçar a persiana de todas as maneiras, mas sem sucesso. Não havia uma fenda por onde se pudesse enfiar uma faca para levantar a barra. Depois, com sua lupa, examinou as dobradiças, mas elas eram de ferro maciço, firmemente encravadas na alvenaria. “Hum!” disse, coçando o queixo com certa perplexidade. “Minha teoria sem dúvida apresenta certas dificuldades. Ninguém poderia passar por estas persianas se estivessem presas com a barra. Bem, vejamos se o interior lança alguma luz sobre a matéria.”

Uma portinha lateral dava para o corredor caiado para onde os quartos se abriam. Como Holmes recusou-se a examinar o terceiro quarto, fomos imediatamente ao segundo, aquele em que Miss Stoner passara a dormir recentemente, e em que sua irmã encontrara seu destino. Era um quartinho sem graça, com teto baixo e uma lareira escancarada, à maneira das velhas casas de campo. Havia uma cômoda castanha num canto, uma cama estreita com uma colcha branca e uma penteadeira à esquerda da janela. Essas peças, com duas cadeirinhas de vime, compunham todo o mobiliário do quarto, exceto por um tapete Wilton quadrado no centro. As vigas e as tábuas que apainelavam as paredes eram de carvalho castanho, carcomido por vermes, tão velho e desbotado que podia datar da construção original da casa. Após levar uma das cadeiras para um canto, Holmes ficou sentado em silêncio, enquanto seus olhos viajavam de um lado para outro, para cima e para baixo, analisando cada detalhe do cômodo.

“Com que lugar aquela campainha se comunica?” perguntou finalmente, apontando para uma grossa corda de campainha que pendia junto da cama, a borla pousada sobre o travesseiro.

“Toca no quarto da criada.”

“Parece mais nova que as outras coisas.”

“É verdade, só foi instalada há uns dois anos.”

“Sua irmã pediu-a, suponho?”

“Não, e pelo que sei nunca a utilizou. Sempre costumávamos pegar nós mesmas aquilo que queríamos.”

“Realmente, parecia desnecessário instalar uma corda de campainha tão linda ali. Pode me dar licença por alguns minutos enquanto cuido deste assoalho?” Ficou de quatro no chão com sua lupa na mão e engatinhou rapidamente para trás e para frente, examinando minuciosamente as fendas entre as tábuas. Depois fez o mesmo com o madeiramento dos painéis. Por fim, andou até a cama e passou algum tempo fitando-a e correndo os olhos pela parede, para cima e para baixo. Finalmente agarrou o cordão da campainha e deu-lhe um enérgico puxão.

“Ora, vejam, não é de verdade”, disse.

“Não toca?”

“Não. Não está nem mesmo presa a um fio. Isso é muito interessante. A senhorita pode ver que está presa a um gancho logo acima de onde está o pequeno vão de ventilação.”

“Que coisa mais absurda! Nunca notei isso antes.”

“Estranhíssimo!” murmurou Holmes, puxando a corda. “Há uns dois detalhes muito singulares neste quarto. Por exemplo, que mestre de obras faria a burrice de abrir um vão de ventilação dando para outro cômodo, quando, com o mesmo trabalho, poderia tê-lo aberto dando para o ar livre?”

“Isso também é muito recente”, disse a senhora.

“Instalado na mesma época que a corda de campainha?” perguntou Holmes.

“Foi; várias pequenas mudanças foram feitas nessa ocasião.”

“Elas parecem ter um caráter dos mais interessantes… campainhas que não chamam e ventiladores que não ventilam. Com sua licença, Miss Stoner, passaremos agora a fazer nossas pesquisas no quarto mais interno.”

O quarto do Dr. Grimesby Roylott era maior que o da enteada, mas mobiliado com a mesma falta de graça. Um leito de campanha, uma estantezinha de madeira cheia de livros, a maioria de caráter técnico, uma poltrona junto da cama, uma cadeira simples de madeira contra a parede, uma mesa redonda e um grande cofre de ferro eram as coisas que mais davam na vista. Holmes caminhou lentamente pela peça, examinando uma por uma com o mais agudo interesse.

“Que há aqui dentro?” perguntou, batendo no cofre.

“Os papéis dos negócios do meu padrasto.”

“Oh! Então a senhorita viu o interior?”

“Só uma vez, alguns anos atrás. Lembro que estava cheio de papéis.”

“Não há um gato aí dentro, por exemplo?”

“Não! Que ideia estapafúrdia!”

“Bem, veja isto!” Pegou um pequeno pires com leite que estava em cima do cofre.

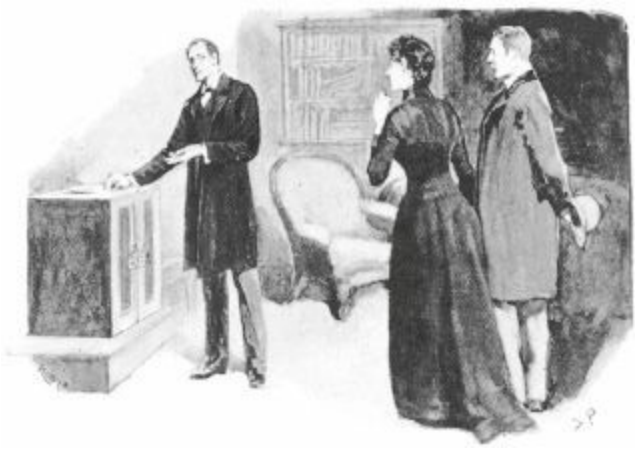
“Não, não temos gato. Mas há um guepardo e um babuíno aqui.”

“Ah, sim, mas é claro! Bem, embora um guepardo não passe de um gato grande, meu palpite é que um pires de leite provavelmente ficaria longe de satisfazer suas necessidades. Há um ponto que gostaria de elucidar.” Agachou-se diante da cadeira de madeira e examinou o assento com a máxima atenção.

“Muito obrigado. Isto está resolvido”, disse, levantando-se e enfiando a lente no bolso. “Ora! Cá está algo interessante!”

O objeto que lhe chamara a atenção era um chicote para cachorro pendurado num canto da cama. A ponta da correia, contudo, estava enrolada e amarrada na forma de um laço.”

“Que acha daquilo, Watson?”



"Bem, veja isto!"
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

"É um chicote bastante comum. Mas não sei se deveria ter um laço."

"Isso não é assim tão comum, não é? Ah! Este é um mundo perverso, e o pior é quando um homem inteligente volta seu cérebro para o crime. Penso que já vi o suficiente, Miss Stoner, e, com sua permissão, vamos andar pelo gramado."

Nunca vi a fisionomia de meu amigo tão soturna ou sua fronte tão carregada como no instante em que nos desviamos da cena dessa investigação. Caminhamos várias vezes para cima e para baixo no gramado, nem Miss Stoner nem eu querendo interromper seus pensamentos, antes que ele despertasse por si mesmo de seus devaneios.

"É essencial, Miss Stoner", disse, "que siga estritamente meu conselho em todos os aspectos."

"Certamente o farei."

"O caso é sério demais para qualquer hesitação. Sua vida pode depender de sua obediência."

"Eu lhe asseguro que estou em suas mãos."

"Em primeiro lugar, meu amigo e eu passaremos ambos a noite no seu quarto."

Miss Stoner e eu o fitamos, ambos pasmos.

"Isso mesmo, tem de ser assim. Deixem-me explicar. Acredito que aquilo ali seja o albergue da aldeia?"

"Isso mesmo, é o Crown."

“Ótimo. Suas janelas seriam visíveis de lá?”

“Certamente.”

“Quando seu padrasto chegar, a senhorita deve se fechar em seu quarto, a pretexto de uma dor de cabeça. Mais tarde, quando ouvir ele se recolhendo para dormir, deve abrir as persianas de sua janela, abrir o cadeado, pôr sua lamparina lá como um sinal para nós, e em seguida sair silenciosamente, levando tudo que possa querer, e entrar no quarto que ocupava antes. Não tenho dúvida de que, apesar das obras, poderá se ajeitar lá por uma noite.”

“Ah, sim, facilmente.”

“O resto a senhorita deixará em nossas mãos.”

“Mas que farão os senhores?”

“Passaremos a noite em seu quarto, e investigaremos a causa desse barulho que a perturbou.”

“Creio, Mr. Holmes, que já chegou a uma conclusão”, disse Miss Stoner, pousando a mão sobre a manga de meu companheiro.

“Talvez tenha chegado.”

“Nesse caso, por piedade, diga-me qual foi a causa da morte de minha irmã.”

“Eu preferiria ter provas mais claras antes de falar.”

“Pode ao menos me dizer se meu próprio pensamento está correto, se ela morreu de um pavor repentino?”

“Não, não penso isso. A meu ver provavelmente houve uma causa mais tangível. E agora, Miss Stoner, devemos deixá-la, pois se o Dr. Roylott voltasse e nos visse, teríamos vindo aqui em vão. Até logo, e ânimo, pois se fizer o que eu lhe disse, pode ficar certa de que logo afastaremos os perigos que a ameaçam.”

Sherlock Holmes e eu não tivemos nenhuma dificuldade em conseguir um quarto e uma sala de estar no Crown Inn. Ficavam no segundo andar, e de nossa janela tínhamos uma vista da alameda de entrada e da ala habitada do solar de Stoke Moran. Ao anoitecer vimos o Dr. Grimesby Roylott passar de carro, sua forma imensa avultando ao lado da figurinha do garoto que o conduzia. O menino teve alguma dificuldade em abrir os pesados portões de ferro, e ouvimos o rugido rouco da voz do médico e vimos a fúria com que sacudiu os punhos fechados para ele. A charrete avançou e minutos mais tarde vimos uma luz brilhar de repente entre as árvores quando a lâmpada de

uma das salas foi acesa.



"Até logo, e ânimo."
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

"Sabe, Watson", disse Holmes quando estávamos sentados juntos na noite cada vez mais escura, "realmente tenho alguns escrúpulos de levá-lo esta noite. Há um claro elemento de perigo."

"Posso ser de alguma utilidade?"

"Sua presença poderia ser inestimável."

"Nesse caso, certamente irei."

"É muita bondade sua."

"Você fala de perigo. Evidentemente viu naqueles quartos mais do que foi visível para mim."

"Não, mas penso que talvez tenha deduzido um pouco mais. Imagino que você viu tudo que vi."

"Não vi nada de notável, a não ser a corda da campainha, e confesso que não consigo atinar com o objetivo que ela poderia ter."

"Viu o ventilador também, não é?"

"Vi, mas não me parece que seja muito inusitado haver um pequeno vão entre dois cômodos. É tão pequeno que dificilmente daria passagem a um

rato.”

“Eu sabia que encontraríamos um vão como aquele antes mesmo de chegarmos a Stoke Moran.”

“Meu caro Holmes!”

“É verdade, eu sabia. Você se lembra que ela disse, em sua exposição, que sua irmã sentiu o cheiro do charuto do Dr. Roylott? Ora, isso sugeriu claramente e de imediato que devia haver uma comunicação entre os dois quartos. Só podia ser uma abertura pequena, ou teria sido notada no inquérito do investigador. Deduzi que era um vão para ventilação.”

“Mas que mal pode haver nisso?”

“Bem, há no mínimo uma curiosa coincidência de datas. Um vão para ventilação é aberto, uma corda é pendurada e uma dama que dorme na cama morre. Isso não o impressiona?”

“Ainda não consigo ver nenhuma conexão.”

“Não observou alguma coisa muito peculiar naquela cama?”

“Não.”

“Estava pregada no assoalho. Já viu algum dia uma cama assim antes?”

“Não que eu me lembre.”

“A jovem não podia tirar a cama do lugar. Ela tinha de permanecer sempre na mesma posição relativamente ao ventilador e à corda… que aliás, como vimos, jamais pretendeu ser uma corda de campainha.”

“Holmes”, exclamei, “começo a perceber vagamente o que você está insinuando. Só temos o tempo necessário para impedir um crime sutil e horrível.”

“Extremamente sutil e horrível. Quando um médico se desencaminha, é o mais consumado dos criminosos. Tem audácia e tem conhecimento. Palmer e Pritchard estiveram entre os notáveis de sua profissão. Este homem irá mais longe; mas penso, Watson, que conseguiremos ir mais longe ainda que ele. Teremos, porém, de ver muitos horrores antes que a noite termine; por Deus, vamos fumar um cachimbo tranquilo e, por algumas horas, voltar nossas mentes para algo mais alegre.”

Por volta das nove horas, a luz entre as árvores foi apagada e tudo ficou escuro na direção de Manor House. Passaram-se duas horas, muito lentamente, e então, de repente, exatamente quando soavam as onze horas, uma única luz brilhou vividamente bem diante de nós.

“É o nosso sinal”, disse Holmes, levantando-se de um pulo; “vem da janela do meio.”

Ao passarmos, trocamos algumas palavras com nosso hospedeiro, explicando que faríamos uma visita tardia a um conhecido e que era possível que passássemos a noite lá. Segundos depois estávamos lá fora, na estrada escura, um vento frio soprando em nossas faces, e uma luz amarela cintilando à nossa frente através da escuridão para nos guiar em nossa sombria missão.

Não tivemos grande dificuldade para entrar no parque, porque havia buracos não consertados no velho muro. Avançando entre as árvores, chegamos ao gramado; já o havíamos atravessado e estávamos prestes a entrar pela janela quando, de uma moita de loureiros-de-jardim, atirou-se o que pareceu ser uma criança medonha e disforme; lançou-se sobre o gramado contorcendo os membros e em seguida atravessou-o correndo velozmente e penetrou nas trevas.

“Meu Deus!” sussurrei. “Você viu isso?” Por um instante Holmes ficou tão assustado quanto eu. Em sua agitação, apertou meu punho com a força de um torno. Em seguida começou a rir baixinho e cochichou no meu ouvido:

“É uma família encantadora”, murmurou. “Aquilo é o babuíno.”

Eu me esquecera dos estranhos bichos de estimação que o médico apreciava. Havia um guepardo também; podíamos vê-lo sobre nosso ombro a qualquer momento. Confesso que me senti um pouco mais tranquilo quando, tendo tirado meus sapatos, a exemplo de Holmes, me vi dentro do quarto. Meu companheiro fechou as persianas sem fazer nenhum ruído, passou a lâmpada para a mesa e correu os olhos pelo quarto. Tudo estava como víramos de dia. Depois, aproximando-se furtivamente de mim e usando as mãos como proteção, sussurrou de novo em meu ouvido, tão baixinho que só pude distinguir estas palavras:

“O menor ruído seria fatal para os nossos planos.”

Com um aceno de cabeça, mostrei que ouvira.

“Devemos ficar sentados no escuro. Ele veria a luz pelo buraco de ventilação.”

Fiz novo aceno.

“Não durma; sua própria vida pode depender disso. Tenha a pistola pronta para o caso de precisar usá-la. Eu me sentarei na beira da cama e você naquela cadeira.”

Puxei meu revólver e o depositei no canto da mesa.

Holmes pôs sobre a cama, a seu lado, uma vara comprida e fina que trouxera consigo. Junto dela pôs a caixa de fósforos e um toco de vela. Em seguida apagou a lamparina e a escuridão nos envolveu.

Como conseguirei jamais esquecer aquela vigília pavorosa? Eu não conseguia ouvir um som, sequer o de uma inspiração, e no entanto sabia que meu companheiro estava sentado, de olhos abertos, a cerca de um metro de mim, no mesmo estado de tensão nervosa em que eu mesmo me encontrava. As persianas bloqueavam o menor raio de luz, e esperamos na mais absoluta escuridão. De fora, chegava-nos o grito ocasional de uma ave noturna, e uma vez ouvimos, bem junto à nossa janela, um gemido longo e arrastado, como o de um gato, que nos informou que o guepardo estava realmente em liberdade. Podíamos ouvir, muito ao longe, as batidas graves do relógio da paróquia, que soava a cada quarto de hora. Como pareciam longos aqueles quartos de hora! Soou meia-noite, soou uma hora, soaram duas e três horas, e lá estávamos nós, sempre esperando silenciosamente o que quer que pudesse acontecer.

De repente vimos um lampejo fugaz na direção do vão de ventilação; desapareceu imediatamente, mas foi seguido por um forte cheiro de óleo em combustão e metal aquecido. Alguém acendera uma lanterna com obturador no quarto ao lado. Ouvi um som suave de movimento, depois tudo foi silêncio de novo, embora o cheiro fosse ficando mais forte. Durante meia hora fiquei de orelha em pé. Então, subitamente, outro som tornou-se audível… um som muito suave, calmante, como o de um pequeno jato de vapor escapando continuamente de uma chaleira. No instante em que o ouvimos, Holmes pulou da cama, acendeu um fósforo e bateu furiosamente sua vara no cordão da campainha.



“Holmes bateu furiosamente.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Está vendo, Watson?” gritou. “Está vendo?”

Mas eu não via coisa alguma. Assim que Holmes acendeu a luz, ouvi um assobio baixo, claro, mas o clarão repentino nos meus olhos ofuscou-me, e foi-me impossível discernir o que meu amigo açoitava tão furiosamente. Pude ver, contudo, que seu rosto estava mortalmente pálido, cheio de horror e asco.

Ele cessara de golpear e olhava para cima, fitando o vão, quando o silêncio da noite foi subitamente rompido pelo mais horrível grito que jamais ouvi. Ele foi se avolumando, ficando mais e mais alto, um berro rouco de dor, medo e raiva misturados num guincho pavoroso. Dizem que lá na aldeia, e até no distante presbitério, aquele grito arrancou da cama os que dormiam. Ele congelou nossos corações, e ali fiquei olhando para Holmes, e ele para mim, até que seus últimos ecos haviam desaparecido no silêncio de que ele nascera.

“Que pode isso significar?” perguntei, ofegante.

“Significa que tudo terminou”, respondeu Holmes. “E talvez, afinal de contas, pelo melhor. Pegue sua pistola, vamos entrar no quarto do Dr. Roylott.”

Com uma expressão grave, ele acendeu a lamparina e seguiu à minha frente pelo corredor. Bateu duas vezes à porta do quarto, sem nenhuma resposta. Em seguida girou a maçaneta e entrou, eu nos seus calcanhares, a pistola engatilhada na mão.

Meus olhos depararam com uma visão singular. Na mesa estava uma

lanterna com o obturador semiaberto, lançando um brilhante feixe de luz sobre o cofre de ferro, cuja porta estava entreaberta. Ao lado dessa mesa, na cadeira de madeira, sentava-se o Dr. Grimesby Roylott, num longo roupão, os tornozelos nus salientando-se embaixo, e os pés enfiados em chinelos turcos vermelhos, sem salto. Sobre seu colo estava o chicote de cabo curto e correia comprida que havíamos notado durante o dia. Tinha o queixo empinado para cima e os olhos fixos, num olhar rígido, medonho, no canto do teto. Em volta da testa, usava uma faixa amarela peculiar, com manchas acastanhadas, que parecia estar fortemente amarrada em volta de sua cabeça. Quando entramos, não fez nenhum som nem movimento.

"A banda! A banda malhada!" sussurrou Holmes.

Dei um passo adiante. Num instante aquele estranho adorno de cabeça começou a se mover, e dos cabelos do homem ergueu-se a cabeça achatada, em forma de losango, e o pescoço inflado de uma repugnante serpente.

"É uma serpente-do-pântano!" exclamou Holmes. "A serpente mais mortífera da Índia. Ele morrera menos de dez segundos após ser picado. A violência volta-se, na verdade, contra o violento, e o maquinador cai no poço que cava para outro. Joguemos esta criatura de volta em sua toca, depois poderemos remover Miss Stoner para algum abrigo e comunicar o que aconteceu à polícia do condado."

Enquanto falava, puxou rapidamente o chicote de cachorro do colo do homem morto, e, jogando o laço em volta do pescoço do réptil, puxou-o de seu horrendo poleiro e, carregando-o com o braço esticado, jogou-o dentro do cofre de ferro, fechando-o depois sobre ele.

Estes são os verdadeiros fatos da morte do Dr. Grimesby Roylott, de Stoke Moran. Não é necessário que eu prolongue uma narrativa que se já estendeu demais contando como demos a triste notícia à moça terrificada, como a conduzimos pelo trem da manhã para os cuidados de sua boa tia em Harrow, como o lento processo do inquérito oficial chegou à conclusão de que o médico encontrou seu destino quando brincava de maneira imprudente com seu perigoso bicho de estimação. O pouco que ainda me restava ficar sabendo sobre o caso me foi contado por Sherlock Holmes quando fizemos a viagem de volta no dia seguinte.

"Eu havia", disse-me ele, "chegado a uma conclusão inteiramente errônea, o que mostra, meu caro Watson, como é sempre perigoso raciocinar a partir de dados insuficientes. A presença dos ciganos e o uso da palavra

‘banda’ ou ‘bando’ pela pobre moça, sem dúvida para explicar algo que ela vislumbrara rapidamente à luz de seu fósforo, foram suficientes para me pôr numa pista completamente errada. O único mérito que posso reivindicar é o de ter reconsiderado minha posição imediatamente quando, apesar disso, ficou claro para mim que o perigo que teria podido ameaçar um ocupante daquele quarto, fosse qual fosse, não poderia ter entrado nem pela janela nem pela porta. Minha atenção foi rapidamente atraída, como já comentei com você, para aquele vão e para a corda de campainha que descia até a cama. A descoberta de que ela era uma simulação, e de que a cama estava pregada no assoalho, fez surgir instantaneamente a suspeita de que a corda estava ali como uma ponte, para permitir que alguma coisa passasse pelo buraco e chegasse à cama. A ideia de uma cobra ocorreu-me de imediato, e, quando juntei a ela a informação de que o médico era abastecido com animais da Índia, tive a impressão de que provavelmente estava na pista certa. A ideia de usar um tipo de veneno que nenhum teste químico seria capaz de detectar era exatamente a que ocorreria a um homem inteligente e cruel, com alguma formação oriental. A rapidez com que essa espécie de veneno faria efeito seria, de seu ponto de vista, uma vantagem adicional. De fato, só um investigador muito arguto seria capaz de distinguir os dois furinhos mínimos que mostrariam onde as presas da cobra teriam instilado seu veneno. Depois pensei no assobio. O médico precisava, é claro, chamar sua cobra de volta antes que a luz da manhã a revelasse à vítima. Ele a treinara, provavelmente usando o leite que vimos, a voltar para ele quando chamada. Ele a enfiava por esse vão de ventilação na hora que julgava a melhor, com a certeza de que a serpente se arrastaria pela corda abaixo e chegaria à cama. Poderia morder ou não a ocupante, talvez esta pudesse escapar todas as noites durante uma semana; mais cedo ou mais tarde, porém, seria picada.

“Eu havia chegado a estas conclusões antes de entrar no quarto dele. Uma inspeção da sua cadeira mostrou-me que ele costumava ficar de pé sobre ela, o que evidentemente lhe seria necessário para alcançar o vão de ventilação. A visão do cofre, do pires de leite e do laço da correia foi suficiente para dissipar por fim quaisquer dúvidas que ainda me restassem. O ruído metálico ouvido por Miss Stoner era obviamente causado por seu padrasto ao fechar a porta de seu cofre às pressas sobre sua terrível ocupante. Depois que formei uma opinião, você sabe os passos que dei para pô-la à prova. Ouvi a criatura sibilar, como não tenho dúvida de que você também ouviu, e instantaneamente acendi a luz e ataquei-a.”

“Com o resultado de impeli-la de volta pelo vão de ventilação.”

“E também com o resultado de fazê-la voltar-se contra seu senhor no outro lado. Alguns golpes de minha vara atingiram-na e despertaram seu temperamento viperino, levando-a a saltar sobre a primeira pessoa que viu. Assim, tenho sem dúvida responsabilidade indireta pela morte do Dr. Grimesby Roylott, e não acredito que ela venha a pesar muito em minha consciência.”

O Polegar do Engenheiro

Entre todos os problemas submetidos a meu amigo Sherlock Holmes durante os anos em que privei de sua intimidade, somente dois foram levados à sua atenção por meu intermédio — o do polegar de Mr. Hatherley e o da loucura do coronel Warburton. Destes, é possível que o último tenha proporcionado melhor terreno para um observador arguto e original, mas o outro foi tão estranho em seu começo e tão dramático em seus detalhes que talvez seja mais digno de registro, mesmo que tenha dado a meu amigo menos oportunidades de usar aqueles métodos dedutivos de raciocínio mediante os quais logrou tão notáveis resultados. A história, acredito, foi relatada mais de uma vez nos jornais, mas, como ocorre com todas as narrativas desse tipo, seu efeito é muito menos impressionante quando exposta numa única meia coluna de texto impresso do que quando os fatos evoluem lentamente diante de nossos próprios olhos, e o mistério se dissipa pouco a pouco à medida que cada nova descoberta nos permite dar um passo na direção da verdade completa. Na época, as circunstâncias causaram-me profunda impressão, e o lapso de dois anos praticamente não reduziu seu efeito.

Foi no verão de 1889, não muito depois de meu casamento, que os eventos que passo a resumir tiveram lugar. Eu havia voltado à clínica privada, e finalmente abandonara Holmes em seus aposentos da Baker Street, embora o visitasse sempre e, uma vez ou outra, conseguisse até convencê-lo a abrir mão de seus hábitos boêmios e fazer-nos uma visita. Minha clientela fora aumentando constantemente, e, como eu morasse não muito longe da estação de Paddington, tinha alguns clientes entre os seus funcionários. Um desses, que eu havia curado de uma penosa e prolongada doença, nunca se cansava de apregoar minhas virtudes e de se empenhar em me enviar todos os doentes sobre quem pudesse exercer alguma influência.

Certa manhã, pouco antes das sete horas, fui acordado por uma batida à

porta; era a criada, anunciando que dois homens vindos de Paddington estavam à minha espera no consultório. Vesti-me às pressas, sabendo por experiência que casos de estrada de ferro raramente eram triviais, e corri ao térreo. Lá embaixo, meu antigo aliado, o guarda, saiu da sala e teve o cuidado de fechar bem a porta atrás de si.

"Trouxe-o para cá", sussurrou, sacudindo o polegar sobre o ombro; "ele está bem."

"Mas quem é?" perguntei, pois seus modos sugeriam que prendera alguma estranha criatura na minha sala.

"É um novo paciente", sussurrou. "Resolvi trazê-lo eu mesmo; assim não poderia escapulir. Está ali, são e salvo. Agora preciso ir, doutor; tenho minhas obrigações, tanto quanto o senhor." E lá se foi o meu confiável aliciador de clientes, sem me dar tempo sequer para lhe agradecer.

Entrando em meu consultório, dei com um cavalheiro sentado junto à mesa. Estava discretamente vestido com um terno de *tweed* e trazia um boné mole de pano, que pousara sobre meus livros. Tinha uma das mãos enrolada num lenço todo manchado de sangue. Era jovem, eu diria que não tinha mais de vinte e cinco anos, com um rosto forte, masculino; mas estava extremamente pálido e deu-me a impressão de um homem fortemente conturbado, que precisa de toda a sua força de vontade para se controlar.

"Lamento acordá-lo tão cedo, doutor", disse ele, "mas sofri um grave acidente durante a noite. Cheguei de trem esta manhã, e quando perguntei em Paddington onde poderia encontrar um médico, um bom sujeito escoltou-me muito bondosamente até aqui. Dei um cartão à criada, mas vejo que ela o deixou sobre aquela mesa."

Peguei-o e dei uma olhada. "Mr. Victor Hatherley, engenheiro hidráulico, Victoria Street 16A (3º andar)." Tais eram o nome, a profissão e o domicílio de meu visitante matinal. "Sinto tê-lo feito esperar", disse eu, sentando-me em minha poltrona. "Pelo que vejo, acaba de chegar de uma viagem noturna, o que é em si mesmo uma ocupação monótona."

"Oh, minha noite não teria podido ser qualificada de monótona", respondeu, caindo na risada. Ria às bandeiras despregadas, num tom estridente, recostando-se em sua cadeira e sacudindo-se. Todos os meus instintos médicos ergueram-se contra aquela gargalhada.

"Pare com isso!" exclamei. "Controle-se!" e servi-lhe um pouco da água de uma jarra.

Mas foi inútil. Aquele era um desses ataques histéricos que se apoderam de uma natureza forte quando uma crise grave foi superada. Dali a pouco o homem voltou a si, exausto e ruborizando-se muito.

“Que papelão eu fiz”, disse, arquejante.

“De maneira alguma. Beba isto.” Joguei um pouco de conhaque na água, e a cor começou a voltar às suas faces exangues.

“Já me sinto melhor!” disse ele. “Agora, doutor, talvez o senhor possa ter a bondade de cuidar do meu polegar, ou melhor, do lugar onde ele costumava ficar.”

Desatou o lenço e estendeu a mão. Até eu, com meus nervos empedernidos, estremeci ao olhar para aquilo. Vi quatro dedos estendidos e uma superfície esponjosa, de um vermelho horrendo, onde deveria estar o polegar. O dedo fora cortado ou arrancado pela raiz.

“Céus!” exclamei. “Que ferimento terrível. Deve ter sangrado muito.”

“Sangrou sim. Desmaiei na hora, e acredito que passei um bom tempo sem sentidos. Quando voltei a mim, vi que continuava sangrando, por isso amarrei uma ponta de meu lenço em torno do punho, apertei bem e usei um graveto como torniquete.”

“Excelente! Devia ter sido cirurgião.”

“Ora, trata-se de um problema de hidráulica, e essa é a minha seara.”

“Isso foi obra”, disse eu, examinando o ferimento, “de um instrumento muito pesado e afiado.”

“Parecia um cutelo”, disse ele.

“Um acidente, presumo?”

“Não, em absoluto.”



“Desatou o lenço e estendeu a mão.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Quê? Um ataque assassino?”

“Exatamente, e dos mais mortíferos.”

“O senhor me horroriza.”

Passei uma esponja no ferimento, limpei-o, fiz um curativo e por fim cobri-o com um chumaço de algodão e ataduras embebidas em fenol. O engenheiro permaneceu recostado na cadeira sem um estremecimento, embora mordesse os lábios às vezes.

“Como está isso?” perguntei após terminar.

“Excelente! Entre seu conhaque e sua atadura, sinto-me um novo homem. Estava muito fraco, mas não foi pouco o que tive de enfrentar.”

“Talvez seja melhor não falar do assunto. É evidente que ele lhe está fazendo mal aos nervos.”

“Ah, não, não agora. Terei de contar minha história para a polícia; cá entre nós, porém, se não fosse pela prova irrefutável deste meu ferimento, eu ficaria surpreso se eles acreditassem na minha declaração, porque é extraordinária demais e não tenho muitas provas com que ampará-la; ademais, mesmo que acreditem em mim, as pistas que posso lhes fornecer são tão vagas que é muito duvidoso que venha a se fazer justiça.”

“Ah!” exclamei. “Se o senhor deseja ver resolvida alguma coisa da natureza de um problema, eu lhe recomendaria com veemência que fosse ter com meu amigo Mr. Sherlock Holmes antes de ir à polícia oficial.”

“Oh, já ouvi falar desse sujeito”, respondeu meu visitante, “e ficaria muito satisfeito se ele se incumbisse do problema, embora, é claro, eu deva recorrer também à polícia oficial. O senhor me daria um cartão de apresentação para ele?” “Farei melhor. Vou levá-lo eu mesmo até ele.”

“Eu lhe ficaria imensamente grato.”

“Podemos ir juntos, vou chamar um carro de aluguel. Chegaremos justamente a tempo de tomar um pequeno desjejum com ele. Acredita que está em condições de ir?”

“Estou; não sossegarei enquanto não tiver contado o meu caso.”

“Então minha criada chamará um carro; estarei com o senhor num instante.” Corri ao segundo andar, expliquei o assunto rapidamente à minha mulher e em cinco minutos vi-me aboletado num *hansom*, a caminho de Baker Street com meu novo conhecido.

Sherlock Holmes, como eu previa, perambulava por sua sala de estar, metido em seu roupão, lendo a seção de anúncios pessoais no *The Times* e fumando seu cachimbo de antes do desjejum, composto de todas as cinzas e borras remanescentes dos cachimbos fumados na véspera, cuidadosamente secas e arrumadas num montinho num canto do consolo da lareira. Recebeu-nos à sua maneira serenamente afável, mandou vir ovos e fatias de bacon e juntou-se a nós numa refeição substanciosa. Assim que terminamos, instalou nosso novo conhecido no sofá, ajeitou uma almofada sob a sua cabeça e pôs um copo de conhaque com água a seu alcance.

“É fácil ver que passou por uma experiência nada comum, Mr. Hatherley”, disse. “Por favor, deite-se ali e fique inteiramente à vontade. Conte-nos o que puder, mas pare quando estiver cansado e restaure suas forças com um gole estimulante.”

“Muito obrigado”, disse meu paciente, “mas sinto-me outro desde que o doutor me fez o curativo e creio que seu desjejum completou a cura. Como quero tomar tão pouco quanto possível do seu valioso tempo, começarei a narrar imediatamente minhas peculiares experiências.”

Holmes sentou-se em sua grande poltrona, com a expressão fatigada e as pálpebras pesadas com que dissimulava sua natureza intensa e impaciente, eu me instalei defronte dele, e ouvimos em silêncio a estranha história que nosso visitante desfiou.

“Precisa saber”, disse, “que sou órfão, solteiro e moro sozinho num apartamento em Londres. Por profissão sou engenheiro hidráulico, e adquiri

considerável experiência durante os sete anos em que trabalhei como aprendiz na Venner & Matheson, a conhecida firma de Greenwich. Dois anos atrás, como meu tempo de aprendizado se esgotara e eu entrara na posse de razoável soma de dinheiro em razão da morte de meu pobre pai, decidi fundar um negócio próprio e instalei um escritório em Victoria Street.

"Suponho que os primeiros tempos de trabalho por conta própria são sempre uma experiência enfadonha. Para mim, foram excepcionalmente monótonos. Durante dois anos recebi três consultas e fiz um pequeno serviço; foi só o que minha profissão me valeu. Meus ganhos brutos foram de vinte e sete libras e dez xelins. Todo dia, das nove da manhã às quatro da tarde, eu esperava na minha salinha, até que por fim comecei a perder o alento e a acreditar que nunca teria absolutamente nenhum trabalho.

"Ontem, contudo, exatamente quando eu pensava em sair do escritório, meu empregado entrou para dizer que estava lá um cavalheiro que desejava falar comigo sobre negócios. No cartão que me trazia, estava impresso o nome 'Coronel Lysander Stark'. Logo em seguida entrou o próprio coronel, um homem de altura bem acima da média e extremamente magro. Acho que nunca vi homem tão magro. Todo o seu rosto se afinava em nariz e queixo, e a pele das faces parecia muito esticada sobre os ossos salientes. Essa emaciação, no entanto, parecia ser uma condição natural dele, e não o resultado de alguma doença, porque seu olhar era vivo, o passo lépido e a postura empertigada. Vestia-se com simplicidade, mas corretamente, e sua idade, eu diria, aproximava-se mais dos quarenta que dos trinta.

"'Mr. Hatherley?' disse ele, com leve sotaque alemão. 'O senhor me foi recomendado, Mr. Hatherley, como um homem não apenas competente em sua profissão mas também discreto e capaz de guardar um segredo.'

"Fiz uma vênia, sentindo-me lisonjeado, como qualquer jovem se sentiria, com tal cumprimento. 'Posso lhe perguntar quem me atribuiu tão bom caráter?'

"'Bem, talvez seja melhor eu não lhe dizer por enquanto. Soube pela mesma fonte que é órfão, solteiro e mora sozinho em Londres.'

"'É verdade', respondi, 'mas, se me desculpa, eu diria que não vejo que relação tem isso com minhas qualificações profissionais. Parece-me que era sobre um assunto profissional que desejava falar comigo, não?'

"'Sem dúvida. Mas verá que tudo o que digo vem muito ao caso. Tenho um trabalho profissional a confiar-lhe, mas o sigilo absoluto é essencial…

sigilo absoluto, o senhor entende, e é claro que podemos esperar isso mais de um homem solitário que de um que vive no seio de sua família.’

“‘Se eu prometer guardar um segredo’, respondi, ‘pode ter absoluta certeza de que o farei.’

“Quando disse isso, ele me encarou com muita severidade; tive a impressão de nunca ter visto olhar tão desconfiado e inquisitivo.

“‘Então promete?’ disse ele por fim.

“‘Sim, prometo.’

“‘Silêncio absoluto e completo antes, durante e depois? Nenhuma referência ao assunto, seja oral ou escrita?’

“‘Já lhe dei a minha palavra.’

“‘Muito bem.’ O homem levantou-se de um salto e, atravessando a sala com a rapidez de um raio, abriu a porta num rompante. Não havia ninguém no corredor, do lado de fora.

“‘Está tudo certo’, disse ele, retornando. ‘Sei que os funcionários às vezes são curiosos acerca dos negócios do patrão. Agora podemos falar em segurança.’ Puxou sua cadeira para muito perto da minha e voltou a fixar em mim o mesmo olhar grave e inquisitivo.

“Um sentimento de repulsa, e de algo semelhante a medo, começara a ganhar forma dentro de mim diante dos esgares daquele homem que era só pele e osso. Nem meu temor de perder um cliente pôde me impedir de mostrar certa impaciência.

“‘Peço-lhe que exponha seu negócio, senhor’, disse eu; ‘meu tempo é valioso.’ Que Deus me perdoe por essa última frase, mas as palavras vieram aos meus lábios.

“‘Que tal cinquenta guinéus por uma noite de trabalho?’

“‘Excelente.’

“‘Digo uma noite de trabalho, mas trata-se a bem dizer de uma hora. Simplesmente desejo sua opinião sobre uma prensa hidráulica que não está funcionando bem. Se nos mostrar qual é o problema, nós mesmos a consertaremos rapidamente. Que acha de um serviço como esse?’

“‘O trabalho parece leve e a remuneração generosa.’

“‘Exatamente. Queremos que vá esta noite pelo último trem.’

“‘Para onde?’

“‘Para Eyford, em Berkshire. É um lugarejo perto da fronteira de Oxfordshire, a menos de doze quilômetros de Reading. Um trem que sai de Paddington o deixaria lá por volta das onze e quinze.’

“‘Muito bom.’

“‘Irei esperá-lo numa carruagem.’

“‘Teremos de andar de carro, então?’

“‘Sim, nossa pequena propriedade é muito retirada. Fica a uns bons doze quilômetros da estação de Eyford.’

“‘Nesse caso, dificilmente poderemos chegar lá antes da meia-noite. Suponho que não haveria a menor possibilidade de conseguir um trem para voltar. Eu seria obrigado a passar a noite lá.’

“‘De fato, mas não seria difícil improvisar-lhe uma cama.’

“‘Isso é muito embaraçoso. Eu não poderia chegar numa hora mais conveniente?’

“‘Pareceu-nos melhor que vá mais tarde. É para recompensá-lo por qualquer incômodo que estamos pagando ao senhor, homem jovem e desconhecido, honorários que satisfariam aos mais eminentes profissionais do seu campo. Apesar disso, é claro, se quiser sair do negócio, ainda é tempo.’

“Pensei nos cinquenta guinéus e no quanto me seriam úteis. ‘De maneira alguma’, disse, ‘ficarei muito feliz em me acomodar a seus desejos. Gostaria de compreender um pouco mais claramente, contudo, o que deseja que eu faça.’

“‘Mas é claro. É muito natural que a promessa de sigilo que exigi do senhor tenha despertado sua curiosidade. Longe de mim querer comprometê-lo com o que quer que seja sem antes lhe expor claramente de que se trata. Suponho que estamos inteiramente a salvo de ouvidos curiosos?’

“‘Inteiramente.’

“‘Pois bem, trata-se do seguinte. Provavelmente sabe que greda de pisoeiro é um produto muito valioso, só encontrado em dois lugares na Inglaterra…’

“‘Ouvi falar nisso.’

“‘Pouco tempo atrás comprei uma pequena propriedade… uma propriedade minúscula… a pouco mais de quinze quilômetros de Reading. Tive a grande sorte de descobrir que havia um depósito de greda de pisoeiro num de meus campos. Examinando-o, no entanto, verifiquei que se tratava de

um depósito relativamente pequeno, e que fazia a ligação entre dois outros muito maiores, à direita e à esquerda… ambos, porém, em terrenos de meus vizinhos. Esses bons senhores ignoravam por completo que sua terra continha algo tão valioso quanto uma mina de ouro. Naturalmente, era do meu interesse comprar-lhes suas terras antes que descobrissem seu verdadeiro valor, mas infelizmente eu não dispunha de capital para tanto. Assim, pus alguns amigos meus a par do segredo e eles sugeriram que começássemos a explorar silenciosa e secretamente nosso próprio pequeno depósito; assim, disseram, ganharíamos o dinheiro necessário para comprar os campos vizinhos. É o que estamos fazendo há algum tempo, e, para nos ajudar em nossas operações, montamos uma prensa hidráulica. Essa prensa, como já lhe expliquei, avariou-se, e desejamos ter seu parecer sobre o assunto. Mas guardamos nosso segredo muito ciosamente, e assim que se soubesse que levamos engenheiros hidráulicos para nossa casinha, isso despertaria indagações, e depois, se os fatos viessem a público, teríamos de dar adeus a qualquer chance de comprar aqueles campos e realizar nossos planos. Foi por isso que o fiz prometer que não contaria a absolutamente ninguém que irá a Eyford esta noite. Terei deixado tudo bem claro?'

"'Eu o entendi perfeitamente', respondi. 'O único ponto que não consigo compreender é qual poderia ser a utilidade de uma prensa hidráulica em se tratando de escavar greda, que, pelo que sei, é extraída como cascalho de uma mina.'

"'Ah!' disse ele negligentemente, 'temos nosso próprio processo. Comprimimos a terra na forma de tijolos, para remover a greda sem que se veja o que é. Mas isso é um mero detalhe. Agora já lhe revelei tudo, Mr. Hatherley, e lhe mostrei o quanto confio no senhor.' Levantou-se enquanto falava. 'Vou esperá-lo, então, em Eyford, às onze e quinze.'

"'Certamente estarei lá.'

"'E nem uma palavra a ninguém!' Após fixar em mim um último de seus olhares longos, indagativos, e dar-me um aperto de mão frio e úmido, saiu às pressas da sala.

"Pois bem, quando pude pensar sobre tudo aquilo de cabeça fria, fiquei muito espantado, como os senhores podem imaginar, com aquele trabalho que me fora subitamente confiado. Por um lado, é claro, senti-me satisfeito, porque a remuneração era no mínimo dez vezes o que eu mesmo teria pedido por aquele serviço, e era possível que ele conduzisse a outros. Por outro lado,

o semblante e as maneiras de meu cliente haviam me causado uma impressão desagradável, e sua explicação sobre a greda de pisoeiro não me parecera justificar de maneira convincente a necessidade de eu ir fazer o serviço à meia-noite, nem seu extremo temor de que eu falasse com alguém sobre meu serviço. Mas resolvi calar meus medos, jantei muito bem, peguei um carro para Paddington e parti, tendo obedecido ao pé da letra à imposição de manter a boca fechada.



"'E nem uma palavra a ninguém!'"
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

"Em Reading, tive de trocar não só de vagão como de estação. Mas cheguei a tempo de pegar o último trem para Eyford e já passava das onze horas quando desembarquei na pequena e mal-iluminada estação. Fui o único passageiro a saltar do trem naquele lugar; na plataforma havia apenas um carregador sonolento com uma lanterna. Quando cruzei a cancela, porém, encontrei meu conhecido da manhã esperando no escuro do outro lado. Sem uma palavra ele me agarrou o braço e me meteu às pressas numa carruagem, cuja porta já estava aberta. Fechou as janelas dos dois lados, bateu no madeiramento e lá fomos nós, tão velozmente quanto o cavalo era capaz de ir."

"Um cavalo?" atalhou Holmes.

"É, só um."

"Observou a cor?"

“Sim, vi pelas lanternas laterais ao subir na carruagem. Era castanho.”

“Parecia cansado ou não?”

“Ah, descansado e lustroso.”

“Obrigado. Desculpe a interrupção; por favor, continue seu interessantíssimo relato.”

“Lá fomos nós, como eu dizia, e viajamos por no mínimo uma hora. O coronel Lysander Stark dissera que eram apenas doze quilômetros, mas, pela velocidade com que parecíamos ir e pelo tempo que levamos, eu diria que foram pelo menos uns vinte. Ele permaneceu em silêncio a meu lado o tempo todo, e percebi mais de uma vez, ao olhar de soslaio em sua direção, que me fitava com grande intensidade. As estradas rurais parecem não ser grande coisa naquela parte do mundo, porque cambaleávamos e sacolejávamos terrivelmente. Tentei olhar pelas janelas para ter alguma ideia de onde estávamos, mas elas eram de vidro fosco e eu não conseguia ver nada além da mancha brilhante de uma luz ou outra por que passávamos. De vez em quando eu arriscava algum comentário para quebrar a monotonia da viagem, mas o coronel só respondia com monossílabos e a conversa logo murchava. Finalmente, porém, os solavancos da estrada foram trocados pelo suave crepitar de uma trilha de cascalho, e a carruagem parou. O coronel Lysander Stark pulou no chão e, quando apeei atrás dele, puxou-me rapidamente para dentro de um pórtico que se escancarava à nossa frente. Saímos, por assim dizer, diretamente da carruagem para o vestíbulo, de modo que não pude ter o menor vislumbre da fachada da casa. Assim que transpus a soleira, a porta bateu pesadamente atrás de nós, e ouvi debilmente o ruído das rodas da carruagem que partia.

“Estava escuro como breu dentro da casa, e o coronel pôs-se a andar às tontas à procura de fósforos, sussurrando alguma coisa. De repente uma porta abriu-se na outra ponta do corredor, e uma longa e dourada barra de luz estendeu-se em nossa direção. Alargou-se, e apareceu uma mulher com uma lamparina na mão, que segurava acima da cabeça, enquanto projetava a cabeça para frente e nos examinava. Pude ver que era bonita e, pelo modo como a luz cintilava sobre seu vestido escuro, vi que era feito de um tecido caro. Ela disse algumas palavras numa língua estrangeira; pelo tom, fez uma pergunta, e quando meu companheiro respondeu com um áspero monossílabo teve tal sobressalto que quase soltou a lamparina. O coronel Stark foi até ela, cochichou-lhe alguma coisa no ouvido e depois, empurrando-a de volta no

cômodo de onde viera, foi de novo na minha direção segurando a lamparina.

“‘Talvez possa fazer a gentileza de esperar alguns minutos nesta sala’, disse, abrindo uma outra porta. Era uma sala sossegada, pequena, com mobília simples. Sobre uma mesa redonda, no centro, espalhavam-se vários livros em alemão. O coronel Stark pousou a lamparina sobre um harmônio, junto da porta. ‘Não o farei esperar muito’, disse, e desapareceu na escuridão. “Dei uma olhada nos livros sobre a mesa e, apesar de minha ignorância do alemão, pude ver que dois eram tratados científicos e os demais, volumes de poesia. Depois fui até a janela, na esperança de entrever o campo, mas uma persiana de carvalho, presa por uma barra pesada, a obliterava. Era uma casa maravilhosamente silenciosa. Um velho relógio tiquetaqueava em algum lugar no corredor, mas fora isso tudo estava num silêncio mortal. Uma vaga sensação de desconforto começou a tomar conta de mim. Quem eram aqueles alemães, e que faziam naquele lugar estranho, no fim do mundo? E que lugar era aquele? Eu estava a mais de quinze quilômetros de Eyford, era só o que sabia, mas se era para norte ou sul, leste ou oeste, não tinha a mínima ideia. Aliás, como Reading e provavelmente outras cidades grandes estavam dentro desse raio, o lugar talvez não fosse, afinal de contas, tão retirado. Apesar disso, era indubitável, pela tranquilidade absoluta, que estávamos no campo. Andei de um lado para outro da sala, cantarolando baixinho uma melodia para manter o moral e sentindo que estava merecendo plenamente minha paga de cinquenta guinéus.

“De repente, sem que nenhum som anunciasse isso em meio à quietude absoluta, a porta da sala se abriu lentamente. A mulher postou-se no vão, a escuridão do corredor atrás de si, a luz amarela de minha lamparina batendo em seu rosto ansioso e belo. Pude ver de imediato que ela estava em pânico, o que congelou meu próprio coração. Ela levantou e sacudiu um dedo para me impor silêncio e dirigiu-me algumas palavras num inglês estropiado, voltando os olhos para trás, como um cavalo amedrontado, para perscrutar a escuridão atrás de si.



“‘Vá embora daqui antes que seja tarde demais!’”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“‘Eu iria embora’, disse ela, fazendo um grande esforço, ao que me pareceu, para falar calmamente; ‘eu iria embora. Não ficaria aqui. Não há nada de bom para o senhor fazer.’

“‘Mas, senhora’, respondi, ‘ainda não fiz o que vim fazer. Não posso partir antes de ver a máquina.’

“‘Não vale a pena esperar’, ela continuou. ‘Pode passar pela porta; não há ninguém impedindo.’ E então, vendo que eu sorria e sacudia a cabeça, ela venceu de repente seu constrangimento e deu um passo adiante, apertando as mãos. ‘Pelo amor de Deus!’ sussurrou. ‘Vá embora daqui antes que seja tarde demais!’

“Mas sou um pouco teimoso por natureza, e fico ainda mais disposto a me envolver numa situação quando há um obstáculo no caminho. Pensei nos meus honorários de cinquenta guinéus, em minha exaustiva viagem e na noite desagradável que parecia estar à minha espera. Teria tudo isso sido em vão? Por que deveria sair sorrateiramente sem ter realizado o meu serviço e sem o pagamento que me era devido? Como saber se aquela mulher não era uma monomaníaca? Assim, embora suas maneiras me abalassem mais do que eu admitia para mim mesmo, continuei a sacudir resolutamente a cabeça e declarei minha intenção de continuar onde estava. Ela estava prestes a renovar suas súplicas quando uma porta bateu no andar de cima e ouvimos o

som de vários passos na escada. Ela escutou por um instante, levantou as mãos num gesto de desespero e desapareceu tão repentina e silenciosamente quanto surgira.

“Chegou o coronel Lysander Stark na companhia de um homem baixo e balofo, com tufos de barba crescendo das pregas de seu queixo duplo, que me foi apresentado como Mr. Ferguson.

“‘Este é meu secretário e gerente’, disse o coronel. ‘A propósito, tenho a impressão de ter deixado esta porta fechada há pouco. Temo que tenha se exposto a uma corrente de ar.’

“‘Ao contrário’, contestei, ‘eu mesmo abri a porta porque a sala me pareceu um pouco abafada.’

“Ele me lançou um de seus olhares desconfiados. ‘Bem, agora talvez seja melhor tratarmos dos nossos negócios’, disse. ‘Mr. Ferguson e eu vamos levá-lo para ver a máquina.’

“‘Seria conveniente eu pôr o chapéu, suponho.’

“‘Oh, não; fica dentro de casa.’

“‘Quê? O senhor escava greda dentro de casa?’

“‘Não, não. Só a compactamos aqui dentro. Mas não se preocupe com isso. Queremos apenas que examine a máquina e nos informe o que há de errado com ela.’

“Subimos juntos ao segundo andar, o coronel à frente com a lamparina, o gerente gordo e eu atrás. Era uma casa antiga em labirinto, com corredores, passagens, escadinhas em caracol e portinhas baixas, as soleiras afundadas pelas gerações que as haviam transposto. Deixando-se o térreo, não se viam mais tapetes nem qualquer sinal de mobília; o estuque das paredes descascava e a umidade emergia em bolhas verdes, insalubres. Eu tentava aparentar um ar tão despreocupado quanto possível, mas não esquecera as advertências da senhora; embora as tivesse desconsiderado, não despregava os olhos dos meus dois companheiros. Ferguson parecia um homem macambúzio e quieto, mas pelo pouco que disse pude perceber que era pelo menos um compatriota.

“Por fim o coronel Lysander Stark parou diante de uma porta baixa e destrancou-a. Entrando, vimo-nos num cômodo pequeno, quadrado, que mal nos comportaria os três ao mesmo tempo. Ferguson ficou do lado de fora e o coronel fez-me entrar.

“‘Estamos agora’, disse ele, ‘na realidade, dentro da prensa hidráulica, e

seria algo particularmente desagradável para nós se alguém a ligasse. O teto deste quartinho é de fato a extremidade do pistom, e ele baixa com a força de muitas toneladas sobre este piso de metal. Fora, há pequenas colunas d'água laterais que recebem o impacto e o transmitem e multiplicam da maneira que o senhor conhece bem. A máquina é facilmente acionada, mas está apresentando certa rigidez em seu funcionamento e perdeu parte de sua força. Talvez o senhor possa ter a bondade de examiná-la e mostrar-nos como consertá-la.' "Tomei a lamparina dele e examinei a máquina meticulosamente. Era realmente uma prensa gigantesca, capaz de exercer enorme pressão. Mas quando passei para o lado de fora e acionei as alavancas que a controlavam, percebi instantaneamente, pelo som sibilante, que havia um ligeiro vazamento, o que permitia que a água regurgitasse através de um dos cilindros laterais. Um exame mostrou que uma das correias de borracha que envolvia a cabeça de uma biela propulsora encolhera e não estava preenchendo inteiramente o soquete ao longo do qual trabalhava; essa era claramente a causa da perda de potência. Mostrei isso a meus companheiros, que ouviram minhas observações com muita atenção e fizeram várias perguntas práticas sobre como deveriam proceder para sanar o defeito. Após explicar-lhes o que fazer, voltei à câmara principal da máquina e examinei-a longamente para satisfazer minha própria curiosidade. Era óbvio num relance que a história da greda de pisoeiro era pura invenção, pois seria absurdo destinar mecanismo tão poderoso a propósito tão inadequado. As paredes eram de madeira, mas o piso consistia num grande cocho de ferro, e ao examiná-lo mais de perto pude ver que uma crosta de sedimento metálico se espalhava por toda a sua superfície. Eu me abaixara, e estava raspando esse material para ver exatamente do que se tratava quando ouvi uma exclamação murmurada em alemão e vi o rosto cadavérico do coronel me olhando de cima.

"'Que está fazendo aí?' perguntou.

"Senti raiva de ter caído numa história tão mal-contada como aquela. 'Estava admirando sua greda', respondi. 'Creio que teria melhores condições de aconselhá-lo quanto ao que fazer com sua máquina se soubesse exatamente com que fim é utilizada.'

"Mal dissera estas palavras, lamentei sua aspereza. O semblante do homem endureceu e um brilho maligno perpassou seus olhos cinzentos.

"'Muito bem', disse ele, 'o senhor saberá tudo sobre a máquina.' Deu

um passo atrás, bateu a portinha e girou a chave na fechadura. Corri para ela e puxei o trinco, mas estava bem-trancada e não cedeu um milímetro a meus chutes e empurrões. ‘Ei!’ gritei. ‘Ei! Coronel! Deixe-me sair!’

“Foi então que de repente, no silêncio, ouvi um som que me fez sentir o coração na boca. Era o tinido das alavancas e o zumbido do cilindro que estava vazando. Ele havia acionado a máquina. A lamparina continuava no piso onde eu a pusera ao examinar o cocho. À sua luz, vi o teto preto ir baixando lentamente, aos solavancos, mas, como eu sabia melhor do que ninguém, com uma força que dentro de um minuto me reduziria a uma pasta sem forma. Joguei-me, aos gritos, contra a porta e arranhei a fechadura. Implorei ao coronel que me deixasse sair, mas o clangor sem remorso das alavancas abafava meus gritos. O teto estava apenas uns cinquenta centímetros acima de minha cabeça, levantando a mão eu podia sentir sua superfície dura e áspera. De repente, veio-me à cabeça que a dor de minha morte dependeria muito da posição em que eu a enfrentasse. Se me deitasse de bruços, o peso cairia sobre minha espinha, e estremeci ao pensar nesse pavoroso estalo. Talvez de costas fosse melhor; mas teria eu coragem de encarar aquela mortífera sombra negra baixando sobre mim? Eu já não podia mais me manter ereto quando meus olhos deram com algo que me encheu novamente o coração de esperança.

“Como disse, embora o piso e o teto fossem de ferro, as paredes eram de madeira. Ao passar os olhos a meu redor rapidamente pela última vez, vi, entre duas tábuas, uma fina réstia de luz amarela que foi se alargando pouco a pouco à medida que empurrei um pequeno painel para trás. Por um instante mal pude acreditar que ali estava realmente uma porta que me permitiria escapar da morte. Um segundo depois enfiei-me por ela, e caí quase sem sentidos do outro lado. O painel fechara-se novamente atrás de mim, mas o ruído do esmagamento da lamparina e, instantes depois, o som metálico provocado pelo choque das duas pranchas mostraram-me como eu escapara por pouco.

“Um violento safanão no pulso me fez recobrar os sentidos; vi-me deitado no piso de pedra de um estreito corredor; uma mulher curvava-se sobre mim e puxava-me com a mão esquerda enquanto segurava uma vela com a direita. Era a mesma boa amiga cujos conselhos eu rejeitara de maneira tão insensata.

“‘Venha! Venha!’ exclamava ela, ofegante. ‘Eles estarão aqui num

instante. Verão que não está lá. Ah, não perca tempo, ele é precioso demais, venha já!'

"Dessa vez, pelo menos, não desprezei seu conselho. Levantei cambaleando, corri com ela pelo corredor e desci uma escada em caracol. Esta levava a uma outra passagem larga, e assim que a alcançamos ouvimos o som de passos correndo e os gritos de duas pessoas; uma, no mesmo andar que nós, respondia a outra que falava do andar superior. Minha guia parou e olhou à sua volta como alguém que já não sabe o que fazer. Em seguida abriu uma porta que levava a um quarto de dormir cuja janela deixava entrar um intenso luar.

"'É sua única chance', disse ela. 'É alto, mas talvez consiga pular.'

"Enquanto ela falava, apareceu uma luz na outra ponta do corredor, e vi a figura seca do coronel Lysander Stark correr em nossa direção com uma lanterna em uma das mãos e uma arma parecida com um cutelo de açougueiro na outra. Atravessei o quarto correndo, escancarei a janela e olhei para fora. O jardim parecia extremamente sereno e exuberante ao luar, e não podia estar a muito mais de nove metros abaixo de mim. Trepei no parapeito, mas hesitei em saltar até ouvir o que se passaria entre minha salvadora e o facínora que me perseguia. Se ele fosse violento com ela, eu estava decidido a correr em sua ajuda, fosse qual fosse o risco. Mal esse pensamento me cruzara a mente, ele já estava à porta, empurrando-a para passar; mas ela jogou os braços à volta dele e tentou detê-lo.

"'Fritz! Fritz!' gritou, e falou-lhe em inglês. 'Lembre-se da promessa que me fez da última vez. Você disse que aquilo não se repetiria. Ele guardará silêncio! Oh, ele não falará!'

"'Você está louca, Elise!' gritou ele, tentando desvencilhar-se da mulher. 'Você será a nossa ruína. Ele viu demais. Deixe-me passar, estou dizendo!' Jogou-a para um lado e, correndo até a janela, golpeou-me com sua pesada arma. Eu jogara meu corpo para fora, e estava pendurado, com meus dedos na fenda da janela e as mãos sobre o parapeito, quando ele desferiu o golpe. Tive consciência de uma dor vaga, minhas mãos desprenderam-se e caí no jardim lá embaixo.

"Fiquei abalado mas não ferido pela queda; tratei de me recompor e saí correndo por entre os arbustos tão depressa quanto pude, pois sabia que ainda não estava, nem de longe, fora de perigo. De repente, no entanto, enquanto eu corria, uma vertigem e uma náusea terríveis tomaram conta de mim. Olhei

para minha mão, que latejava dolorosamente, e só então vi que meu polegar havia sido cortado fora e minha mão sangrava copiosamente. Tentei atar meu lenço em volta dela, mas de repente ouvi um zumbido nos ouvidos e no instante seguinte caí desmaiado entre as roseiras.



“Golpeou-me.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Não sei dizer por quanto tempo permaneci inconsciente. Deve ter sido muito tempo, porque a lua desaparecera e uma luminosa manhã irrompia quando voltei a mim. Minhas roupas estavam encharcadas de orvalho e a manga do meu paletó ensopada com o sangue de minha mão ferida. As aguilhoadas que vinham dali me fizeram lembrar num segundo todos os detalhes da minha noite de aventuras, e pulei em pé com a sensação de que talvez ainda não estivesse a salvo de meus perseguidores. Para meu espanto, porém, quando me virei para olhar à minha volta, não vi casa nem jardim. Eu estivera deitado num ângulo da cerca junto à estrada principal, e um pouco abaixo vi um edifício comprido que, quando me aproximei, provou ser a própria estação a que eu chegara na noite anterior. Não fosse a feia ferida em minha mão, tudo que acontecera durante aquelas horas horríveis poderia ter sido apenas um sonho mau.

“Bastante atordoado, entrei na estação e perguntei pelo trem da manhã.

Haveria um para Reading em menos de uma hora. Notei que o mesmo carregador que lá estava quando cheguei continuava de serviço. Perguntei-lhe se já ouvira falar do coronel Lysander Stark. O nome era estranho para ele. Por acaso notara uma carruagem esperando por mim lá fora na noite anterior? Não, não a vira. Havia alguma delegacia por perto? Havia uma a cerca de cinco quilômetros.

"Era longe demais para mim, fraco e ferido como estava. Resolvi deixar para contar minha história à polícia depois de chegar à cidade. Como passava um pouco das seis quando cheguei aqui, fui primeiro fazer um curativo na mão, e depois o doutor teve a bondade de me trazer à sua casa. Ponho o caso em suas mãos, farei exatamente o que me aconselhar."

Nós dois ficamos em silêncio por algum tempo após ouvir essa extraordinária narrativa. Depois Sherlock Holmes puxou da prateleira uma das pesadas agendas em que guardava seus recortes.

"Há aqui um anúncio que será do seu interesse", disse. "Apareceu em todos os jornais cerca de um ano atrás. Ouça isto:

> Desapareceu, no dia 9 do corrente mês, Mr. Jeremiah Hayling, vinte e seis anos, engenheiro hidráulico. Deixou seu apartamento às dez horas da noite e não se teve notícia dele desde então. Trajava etc. etc.

Vê? Isto representa, eu imagino, a última vez que o coronel precisou de uma revisão na sua máquina."

"Meu Deus!" exclamou meu paciente. "Então isso explica o que a moça disse."

"Sem dúvida alguma. Está perfeitamente claro que o coronel era um homem frio e desesperado, absolutamente decidido a não deixar que nada estorvasse seu joguinho, como aqueles piratas consumados que não deixam ninguém escapar para contar a história num navio capturado. Bem, agora cada segundo é precioso; portanto, caso se sinta em condições para tanto, vamos imediatamente à Scotland Yard e depois para Eyford."

Cerca de três horas depois estávamos todos juntos num trem, rumando de Reading para a pequena aldeia de Berkshire. Éramos cinco: Sherlock Holmes, o engenheiro hidráulico, o inspetor Bradstreet, da Scotland Yard, um policial à paisana e eu. Bradstreet abriu um mapa Ordnance do condado sobre um assento e, com seu compasso, traçou um círculo com Eyford como centro.

“Aí está”, disse ele. “Tracei este círculo num raio de quinze quilômetros a partir da aldeia. O lugar que desejamos deve estar em algum ponto próximo dessa linha. O senhor disse quinze quilômetros, não foi?”

“Foi uma hora de viagem a uma boa velocidade.”

“E acredita que percorreram todo esse caminho de volta com o senhor quando estava inconsciente?”

“Devem ter percorrido. Tenho também uma lembrança confusa de ter sido erguido e transportado para algum lugar.”

“O que não consigo entender”, disse eu, “é por que o teriam poupado quando o encontraram caído sem sentidos no jardim. Talvez o canalha tenha sido amolecido pelas súplicas da mulher.”

“Isso me parece muito pouco provável. Nunca vi semblante mais inexorável na minha vida.”

“Oh, logo tiraremos tudo isso a limpo”, disse Bradstreet. “Bem, meu círculo está traçado; só gostaria de saber em que ponto dele as pessoas que procuramos poderão ser encontradas.”

“Penso que eu poderia pôr o dedo no lugar exato”, disse Holmes calmamente.

“Ora, com efeito!” exclamou o inspetor. “Então já formou sua opinião? Vamos, vejamos quem concorda com o senhor. Na minha opinião o lugar fica no sul, porque essa região é mais deserta.”

“E eu digo leste”, manifestou-se meu paciente.

“Sou pelo oeste”, observou o policial à paisana. “Há várias aldeiazinhas pacatas ali.”

“E eu pelo norte”, disse eu, “porque não há montanhas ali, e nosso amigo diz não ter percebido a carruagem subindo nenhuma.”

“Vejam só”, exclamou o inspetor, rindo, “quanta diversidade de opiniões! Fizemos uma rotação completa entre nós. A quem dá seu voto de Minerva?”

“Os senhores estão todos errados.”

“Mas não podemos estar todos errados.”

“Ah, sim, podem. Meu ponto é este.” Cravou o dedo no centro do círculo. “É aqui que os encontraremos.”

“Mas e a viagem de quinze quilômetros?” perguntou Hatherley, arfante.

“Uns sete para lá e uns sete para cá. Nada mais simples. O senhor mesmo disse que o cavalo estava descansado e lustroso quando entrou na carruagem. Como isso teria sido possível se ele tivesse viajado quinze quilômetros em estradas ruins?”

“De fato é um estratagema bastante provável”, observou Bradstreet, pensativo. “Claro que não pode haver dúvida quanto à natureza dessa quadrilha.”

“Nenhuma”, disse Holmes. “Eles cunham moedas falsas em grande escala; usam a máquina para formar o amálgama que substitui a prata.”

“Sabíamos há algum tempo que uma hábil quadrilha estava em ação”, disse o inspetor. “Vêm fabricando meias coroas aos milhares. Conseguimos seguir a pista deles até Reading, mas não pudemos ir mais longe porque haviam apagado completamente os seus rastros, revelando ser raposas velhas. Agora, porém, graças a este golpe de sorte, acho que estão no papo.”

Mas o inspetor estava enganado, aqueles criminosos não estavam destinados a cair nas mãos da justiça. Quando entramos na estação de Eyford, vimos uma enorme coluna de fumaça que subia de um ponto atrás de um pequeno arvoredo na vizinhança e pairava como uma imensa pluma de avestruz sobre a paisagem.

“Uma casa pegando fogo?” perguntou Bradstreet quando o trem fumegou de novo, afastando-se.

“Isso mesmo, senhor!” respondeu o chefe da estação.

“Quando começou?”

“Ouvi dizer que foi durante a noite, senhor, mas piorou; a casa toda está em chamas.”

“De quem é a casa?”

“Do Dr. Becher.”

“Diga-me”, intrometeu-se o engenheiro, “esse Dr. Becher é um alemão muito magro, com um nariz grande e pontudo?”

O chefe da estação deu uma gostosa gargalhada. “Não, senhor. O Dr. Becher é inglês, e o homem mais bem-fornido da paróquia. Mas havia um cavalheiro hospedado em sua casa, um paciente seu, pelo que entendi, que é estrangeiro e dá a impressão de que um bom bife de Berkshire não lhe faria mal.”

Antes que o chefe da estação terminasse de falar, estávamos todos

correndo na direção do fogo. Quando a estrada subiu um morrote, vimos-nos diante de uma vasta construção, toda caiada, lançando fogo por cada fresta e janela, enquanto no jardim, diante dela, três carros de bombeiro esforçavam-se em vão para debelar as chamas.

"É ali!" gritou Hatherley, quase fora de si. "Lá está o caminho de cascalho, vejam as roseiras junto das quais caí. Foi daquela segunda janela ali que saltei."

"Bem, pelo menos", disse Holmes, "o senhor teve sua vingança sobre eles. Não há dúvida alguma de que foi sua lamparina a querosene que, quando esmagada na prensa, ateou fogo nas paredes de madeira. Naquele momento eles estavam certamente empolgados demais em persegui-lo para observar isso. Agora, olho vivo, veja se consegue identificar os seus amigos de ontem à noite nessa multidão, embora eu tenha razões para temer que, a esta altura, estejam a mais de cem quilômetros daqui."

Os temores de Holmes confirmaram-se, pois daquele dia até hoje não se teve uma notícia que fosse, seja da mulher bonita, do alemão sinistro ou do inglês taciturno. Bem cedo naquela manhã um camponês encontrara uma carroça, levando várias pessoas e alguns volumosos caixotes, rumando a toda para Reading, mas ali todos os rastros dos fugitivos desapareceram. Nem a sagacidade de Holmes conseguiu jamais descobrir a menor pista do paradeiro deles.

Os bombeiros ficaram perplexos com os estranhos mecanismos que encontraram no interior do prédio, e mais ainda ao descobrir um polegar humano recém-cortado sobre um parapeito do segundo andar. Quando o sol se punha, no entanto, seus esforços finalmente tiveram sucesso e eles dominaram o fogo. Nessa altura, porém, o telhado despencara e todo o lugar fora reduzido a uma ruína tão absoluta que, exceto por alguns cilindros e canos de ferro retorcidos, não restava um só vestígio da máquina que custara tão caro ao nosso infeliz engenheiro. Descobriram-se grandes quantidades de níquel e estanho armazenadas num galpão, mas não se conseguiu encontrar uma moeda sequer, o que poderia explicar a presença daqueles imensos caixotes já mencionados na carroça.

O modo como nosso engenheiro hidráulico fora transportado do jardim ao ponto onde recobrou os sentidos poderia ter permanecido um mistério para sempre, não tivesse sido a terra fofa, que nos contou uma história muito simples. Ele havia evidentemente sido carregado por duas pessoas, uma das

quais tinha pés notavelmente pequenos, e outra, inusitadamente grandes. Pensando bem, é extremamente provável que o inglês carrancudo, sendo menos atrevido ou menos homicida que seu companheiro, tenha ajudado a mulher a carregar o homem inconsciente, pondo-o fora de perigo.

“Bem”, disse com pesar nosso engenheiro quando nos sentamos no trem para voltar a Londres, “foi um belo negócio para mim! Perdi meu polegar, perdi cinquenta guinéus, e ganhei o quê?”

“Experiência”, disse Holmes, rindo. “Indiretamente, ela pode lhe ser valiosa, sabe? Basta que a ponha em palavras para ganhar a fama de ser uma excelente companhia pelo resto de seus anos.”

O NOBRE SOLTEIRÃO

O CASAMENTO DE LORD ST. SIMON e seu curioso fim há muito deixaram de ser assunto de interesse naqueles círculos elevados em que o infeliz noivo se movimenta. Novos escândalos eclipsaram-no, e seus detalhes mais picantes desviaram os mexericos desse drama ocorrido já há quatro anos. Como tenho razões para acreditar, porém, que os fatos nunca foram inteiramente trazidos a público, e como meu amigo Sherlock Holmes teve considerável participação no esclarecimento da questão, parece-me que nenhum relato de sua vida estaria completo sem um pequeno esboço desse notável episódio.

Foi algumas semanas antes de meu próprio casamento, quando eu ainda partilhava aposentos com Holmes em Baker Street, que uma tarde, ao voltar de um passeio, ele encontrou uma carta à sua espera sobre a mesa. Eu passara o dia todo em casa, porque o tempo tornara-se subitamente chuvoso, com fortes ventos outonais, e a bala de Jezail que eu trouxera de volta num de meus membros como relíquia de minha campanha afegã latejava com vaga persistência. Com meu corpo numa espreguiçadeira e as pernas sobre uma outra, eu me envolvera com uma montanha de jornais, até que finalmente, saturado das notícias do dia, joguei-os todos de lado e fiquei imóvel, observando o timbre e o monograma enormes no envelope sobre a mesa, e perguntando ociosamente a mim mesmo quem poderia ser esse nobre correspondente de meu amigo.

“Há aqui uma epístola da maior elegância”, observei quando ele entrou. “Se me lembro bem, as cartas que recebeu de manhã foram de um peixeiro e de um funcionário da alfândega.”

“É verdade, minha correspondência tem sem dúvida o encanto da variedade”, respondeu ele, sorrindo, “e as mais humildes costumam ser as mais interessantes. Isto aqui parece um desses indesejáveis convites para eventos sociais que nos obrigam a nos entediar ou a mentir.”

Rompeu o lacre e passou os olhos pelo conteúdo. “Ora veja, não é que

isto poderá se revelar, afinal, uma coisa interessante?”

“Não é convite para um evento social, então?”

“Não, é coisa indubitavelmente profissional.”

“E de um cliente nobre?”

“Um dos mais nobres da Inglaterra.”

“Então aceite meus parabéns, meu caro.”

“Eu lhe garanto, Watson, sem afetação, que o status de meu cliente tem menos importância para mim que o interesse que seu caso possa apresentar. É possível, contudo, que também isto esteja presente nesta nova investigação. Você tem lido os jornais diligentemente nos últimos tempos, não é?”

“É o que parece”, disse eu, apontando constrangido um grande monte de jornais num canto. “Não tenho tido mais nada para fazer.”

“É uma sorte, porque talvez você possa me contar as últimas notícias. Não li nada a não ser as notícias policiais e a coluna de anúncios pessoais. Esta última é sempre instrutiva. Mas se você acompanhou os últimos acontecimentos tão atentamente, deve ter lido sobre Lord St. Simon e seu casamento, não?”

“Ah sim, com o maior interesse.”

“Ótimo. A carta que tenho em mãos é de Lord St. Simon. Vou lê-la para você; em troca, revire todos esses jornais e me informe tudo que diga respeito ao assunto. Ele diz o seguinte:

> MEU CARO MR. SHERLOCK HOLMES,
> Lord Backwater me assegura que posso confiar sem reservas em seu tirocínio e discrição. Decidi, portanto, recorrer ao senhor e consultá-lo no tocante ao evento extremamente penoso que se associou a meu casamento. Mr. Lestrade, da Scotland Yard, já está atuando no caso, mas ele me garante que não vê nenhum empecilho à sua cooperação; acha mesmo que ela poderia ser de alguma utilidade. Irei à sua casa às quatro horas da tarde; caso tenha algum outro compromisso para essa hora, peço-lhe que o adie, pois este assunto é de suprema importância.
>
> Respeitosamente,
> ROBERT ST. SIMON

Está datada de Grosvenor Mansions, foi escrita com uma pena, e o nobre Lord teve o dissabor de manchar de tinta o lado externo de seu dedo mínimo direito", observou Holmes enquanto dobrava a carta.

"Ele diz quatro horas. São três agora. Estará aqui dentro de uma hora."

"Nesse caso tenho apenas tempo suficiente para, com sua ajuda, informar-me sobre o assunto. Examine aqueles jornais e disponha os extratos segundo as datas, enquanto dou uma olhada para ver quem é o nosso cliente." Pegou um volume de capa vermelha de uma fileira de livros de referência ao lado do consolo da lareira. "Cá está ele", disse, sentando-se e abrindo o volume sobre os joelhos. 'Lord Robert Walsingham de Vere St. Simon, segundo filho do duque de Balmoral — Hum! Armas: azul-celeste, três estrepes na parte superior do escudo sobre uma faixa sable. Nascido em 1846.' Tem quarenta e um anos de idade, um pouco maduro demais para se casar. Foi subsecretário para as Colônias na Administração anterior. O duque, seu pai, foi em certa época secretário das Relações Exteriores. São herdeiros do sangue Plantageneta por linha direta e Tudor pelo ramo feminino da família. Muito bem, não há nada de muito instrutivo nisto. Creio que devo recorrer a você, Watson, para algo de mais sólido."

"Tenho muito pouca dificuldade em encontrar o que quero", disse eu, "porque os fatos são muitos recentes e o assunto pareceu-me notável. Preferi não mencioná-los para você, no entanto, porque sabia que estava no meio de uma investigação e não gosta de ter sua atenção desviada por outros assuntos."

"Oh, está se referindo ao probleminha do furgão de móveis de Grovesnor Square. Aquilo já está completamente elucidado — embora, na verdade, fosse óbvio desde o início. Por favor, dê-me o resultado de sua seleção de jornais."

"Aqui está a primeira notícia que consigo encontrar. Está na coluna pessoal do *Morning Post*, e data, como vê, de algumas semanas atrás.

> Um casamento foi combinado [dizem aqui] e terá lugar, se os rumores se confirmarem, dentro em breve entre Lord Robert St. Simon, segundo filho do duque de Balmoral, e Miss Hatty Doran, filha única de Aloysius Doran, Esq., de São Francisco, Cal., EUA.
>
> É só."

“Conciso e objetivo”, observou Holmes, esticando suas longas e finas pernas para o fogo.

“Havia um parágrafo ampliando este numa coluna social da mesma semana. Ah, aqui está:

> Logo haverá um brado por proteção no mercado de casamentos, pois o atual princípio de livre-comércio parece prejudicar gravemente nosso produto nacional. Uma a uma, a administração das casas nobres da Grã-Bretanha está passando às mãos de nossas belas primas do outro lado do Atlântico. Na última semana, foi feito um importante acréscimo na lista dos prêmios arrebatados por essas encantadoras intrusas. Lord St. Simon, que durante mais de vinte anos deu mostras de ser à prova das setas do pequeno deus, anunciou agora definitivamente seu próximo casamento com Miss Hatty Doran, a fascinante filha de um milionário da Califórnia. Miss Doran, cuja graciosa figura e rosto admirável atraíram grande atenção nas festividades de Westbury House, é filha única e corre a informação de que seu dote excederá consideravelmente os seis algarismos, com expectativas para o futuro. Como é um segredo de polichinelo que o duque de Balmoral foi obrigado a vender suas pinturas nos últimos anos, e como Lord St. Simon não tem nenhum patrimônio, exceto a pequena propriedade de Birchmoor, é óbvio que a herdeira californiana não será a única a ganhar com uma aliança que lhe permitirá fazer a passagem fácil e comum de senhora republicana para um título britânico.”

“Mais alguma coisa?” perguntou Holmes, bocejando.

“Ah, muita! Há uma outra nota no *Morning Post* dizendo que o casamento seria absolutamente discreto, que teria lugar na igreja de St. George, em Hanover Square, que só meia dúzia de amigos íntimos seria convidada, e que o grupo retornaria à casa mobiliada que Mr. Aloysius Doran alugou em Lancaster Gate. Dois dias depois — isto é, na última quarta-feira — saiu uma breve notícia de que o casamento foi realizado e que a lua de mel seria passada na propriedade de Lord Backwater, perto de Petersfield. Estas são todas as notícias publicadas antes do desaparecimento da noiva.”

“Antes do quê?” perguntou Holmes, sobressaltado.

“Do sumiço da jovem.”

“Mas quando foi que ela desapareceu?”

“No desjejum do casamento.”

“Realmente! Isso é mais interessante do que prometia; na verdade, bastante dramático.”

“De fato pareceu-me um pouquinho fora do comum.”

“Elas costumam desaparecer antes da cerimônia, e, uma vez ou outra, durante a lua de mel; mas não consigo me lembrar de nada tão rápido assim. Por favor, dê-me os detalhes.”

“Aviso-o desde já que são muito incompletos.”

“Talvez possamos preenchê-los.”

“De fato, eles são expostos num único artigo de um jornal matutino de hoje, que lerei para você. O título é ‘Ocorrência singular num casamento elegante’:

> A família de Lord Robert St. Simon foi lançada na mais profunda consternação pelos estranhos e penosos episódios que tiveram lugar em conexão com seu casamento. A cerimônia, como brevemente anunciado nos jornais de ontem, ocorreu na manhã anterior; mas só agora foi possível confirmar os estranhos rumores que têm circulado tão persistentemente. Apesar das tentativas dos amigos de abafar o assunto, ele já atraiu tanta atenção pública que de nada adianta fingir ignorar o que é um tópico comum de conversa.
>
> A cerimônia, que foi realizada na igreja de St. George, em Hanover Square, foi muito discreta, sem a presença de ninguém senão o pai da noiva, Mr. Aloysius Doran, a duquesa de Balmoral, Lord Backwater, Lord Eustace e Lady Clara St. Simon (o irmão mais novo e a irmã do noivo), e Lady Alicia Whittington. Em seguida todo o grupo dirigiu-se para a casa de Mr. Aloysius Doran, em Lancaster Gate, onde o desjejum fora preparado. Parece que uma pequena perturbação foi causada por uma mulher, cujo nome não foi possível apurar, que tentou penetrar na casa atrás do grupo de convidados, alegando ter algum direito sobre Lord St. Simon. Só após uma longa e penosa cena ela foi expulsa pelo mordomo e o lacaio. A noiva, que felizmente entrara na casa antes dessa desagradável interrupção, já se sentara para tomar o desjejum com os demais quando se queixou de uma súbita indisposição e se retirou para seu quarto. Como sua prolongada ausência ocasionou alguns

comentários, seu pai foi ter com ela; soube então pela criada que ela só passara por seu quarto um instante, pegara um casacão e um chapéu e descera às pressas para o vestíbulo. Um dos lacaios declarou ter visto uma senhora deixar a casa assim trajada, mas recusara-se a acreditar que fosse sua patroa, certo de que ela estava com os convidados. Ao verificar que a filha desaparecera, Mr. Aloysius Doran, juntamente com o noivo, entrou imediatamente em contato com a polícia, e estão em curso investigações muito enérgicas que provavelmente resultarão num rápido esclarecimento de todo este caso singular. Ontem, até altas horas da noite, contudo, nada havia transpirado quanto ao paradeiro da jovem desaparecida. Há rumores de crime na questão, e diz-se que a polícia providenciou a prisão da mulher que causou a perturbação original, na crença de que, por ciúme ou algum outro motivo, ela possa estar envolvida no estranho desaparecimento da noiva."



"Ela foi expulsa pelo mordomo e o lacaio."
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

"Não há mais nada?"

"Só uma pequena nota em outro jornal matinal, mas é sugestiva."

"Que diz ela?"

"Que Miss Flora Millar, a dama que provocou o distúrbio, foi realmente

presa. Parece que é uma antiga *danceuse* do Allegro e conhece o noivo há alguns anos. Não há outros pormenores; agora você está de posse de todo o caso — na medida em que ele foi exposto na imprensa."

"E parece ser um caso extremamente interessante, eu não o teria perdido por nada neste mundo. Mas estão tocando a campainha, e passa um pouco das quatro, pelo que vejo no relógio. Não tenho dúvida de que será nosso nobre cliente. Nem sonhe em se retirar, Watson, porque prefiro de longe ter uma testemunha, ainda que seja só para eu poder conferir minha própria memória."

"Lord Robert St. Simon", anunciou nosso mensageiro, abrindo a porta. Entrou um cavalheiro de semblante agradável, refinado, altivo e pálido, com uma ponta de petulância talvez na expressão da boca, e o olhar firme e aberto de um homem cujo agradável quinhão sempre fora dar ordens e ser obedecido. Embora suas maneiras fossem vivazes, sua aparência dava uma indevida impressão de idade, porque era ligeiramente encurvado e tinha os joelhos um pouco vergados quando andava. Seu cabelo, também, quando tirou o chapéu de abas muito reviradas, era grisalho nas têmporas e ralo no alto da cabeça. Quanto a seu traje, era apurado nas raias da janotice, com colarinho alto, sobrecasaca preta, colete branco, luvas amarelas, sapatos de verniz e polainas claras. Ele avançou lentamente pela sala, virando a cabeça à direita e à esquerda, balançando na mão direita o cordão de que pendiam seus óculos dourados.

"Boa tarde, Lord St. Simon", disse Holmes, levantando-se e fazendo uma reverência. "Por favor, sente-se na cadeira de vime. Este é meu amigo e colega Dr. Watson. Aproxime-se um pouco mais do fogo, e discutiremos nosso assunto."

"Um assunto extremamente penoso para mim, como o senhor pode facilmente imaginar, Mr. Holmes. Estou consternado. Compreendo que já lidou com vários casos delicados dessa espécie, senhor, embora presuma que dificilmente teriam vindo da mesma classe social."

"Não, estou descendo."

"Como disse?"

"Meu último cliente num caso desse tipo era um rei."

"Ah, é mesmo? Não fazia ideia. E que rei?"

"O rei da Escandinávia."

“Que coisa! A mulher dele tinha desaparecido?”

“O senhor pode compreender”, disse Holmes suavemente, “que estendo aos assuntos de meu outro cliente o mesmo sigilo que lhe prometo manter no seu.”

“É claro! Está certo! Muito certo! Aceite minhas desculpas. Quanto a meu caso, estou pronto a fornecer-lhe qualquer informação que o possa ajudar a formar uma opinião.”

“Muito obrigado. Já me inteirei de tudo o que está nos jornais, de mais nada. Suponho que posso considerar as informações corretas… este artigo, por exemplo, sobre o desaparecimento da noiva.”

Lord St. Simon passou os olhos por ele. “Sim, é correto, até aonde vai.”

“Mas precisa de muita suplementação para que se possa formar uma opinião. Acredito que posso chegar a meus fatos de maneira mais direta fazendo-lhe perguntas.”

“Tenha a bondade.”

“Quando conheceu Miss Hatty Doran?”

“Em São Francisco, um ano atrás.”

“Estava viajando pelos Estados Unidos?”

“Estava.”

“Ficou noivo nessa ocasião?”

“Não.”

“Mas tornaram-se amigos?”

“A companhia dela me divertia, e eu não fazia segredo disso.”

“O pai dela é muito rico?”

“Dizem que é o homem mais rico da costa do Pacífico.”

“E como ele ganhou seu dinheiro?”

“Na mineração. Não tinha nada há alguns anos. Então descobriu ouro, investiu-o e desde então vem de vento em popa.” “Agora, qual é sua impressão pessoal quanto ao caráter da jovem… da sua mulher?”

O nobre pôs-se a sacudir os óculos um pouco mais depressa e baixou os olhos para o fogo. “Veja, Mr. Holmes, minha mulher já tinha vinte anos quando o pai ficou rico. Passou todos esses anos correndo solta num campo de mineração, e perambulando por matas ou montanhas, de modo que sua educação veio mais da natureza que do mestre-escola. Ela tem muito de um

menino, um temperamento forte, insubordinado e livre, sem qualquer tipo de tradição para coibi-lo. É impetuosa… eu ia dizer vulcânica. Toma suas decisões rapidamente, e as leva a cabo sem medo. Por outro lado, eu não lhe teria dado o nome que tenho a honra de possuir" (deu uma tossidela altiva) "se não pensasse que ela é no fundo uma mulher nobre. Acredito que é capaz de sacrifícios heroicos, e que tudo que é desonroso lhe seria repugnante."

"Tem uma fotografia dela?"

"Trouxe uma comigo." Abriu um medalhão e mostrou-nos o rosto de uma linda mulher. Não era uma fotografia, mas uma miniatura de marfim, e o artista tirara o melhor partido da lustrosa cabeleira negra, dos grandes olhos escuros e da boca delicada. Holmes contemplou-a longa e gravemente. Depois fechou o medalhão e devolveu-o a Lord St. Simon.

"A jovem veio a Londres, então, e os dois se reencontraram?"

"Sim, seu pai a trouxe para esta última temporada em Londres. Encontrei-a várias vezes, ficamos noivos e nos casamos."

"Ela trouxe, pelo que entendi, um dote considerável?"

"Um bom dote. Não mais do que é costume em minha família."

"E este, é claro, fica com o senhor, já que o casamento é um *fait accompli*, não?"

"Realmente não procurei apurar esse assunto."

"É natural. Esteve com Miss Doran na véspera do casamento?"

"Estive."

"Estava animada?"

"Mais que nunca. Não parava de falar sobre o que faria em nossas futuras vidas."

"Realmente! Isso é muito interessante. E na manhã do casamento?"

"Estava tão radiante quanto possível… pelo menos até depois da cerimônia."

"O senhor observou alguma mudança nela então?"

"Bem, para lhe dizer a verdade, vi então os primeiros sinais que jamais vira de que seu temperamento era um pouquinho brusco. Mas o incidente foi banal demais para ser relatado e não pode ter nenhuma relação com o caso."



“O cavalheiro que estava no banco entregou-lhe o buquê.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Por favor, mesmo assim conte-nos o que aconteceu.”

“Oh, é infantil. Ela deixou cair o buquê quando nos dirigíamos à sacristia. Ele caiu sobre o banco da frente. Houve uma demora de um instante, mas o cavalheiro que estava no banco entregou-lhe o buquê, que não pareceu afetado pela queda. Mas quando lhe falei do assunto, ela me respondeu com rispidez; e na carruagem, de volta para casa, pareceu absurdamente agitada por essa razão insignificante.”

“Realmente. O senhor diz que havia um cavalheiro no banco. Havia pessoas do povo presentes, então?”

“Ah sim. É impossível excluí-las quando a igreja está aberta.”

“Esse cavalheiro não seria um dos amigos de sua mulher?”

“Não, não; chamo-o de cavalheiro por cortesia, mas era uma pessoa de aspecto muito comum. Mal notei sua aparência. Mas penso realmente que estamos nos afastando muito do que interessa.”

“Portanto, Lady St. Simon retornou do casamento numa disposição de ânimo menos alegre do que rumara para ele. Que fez ela ao entrar na casa do pai?”

“Eu a vi conversando com a criada.”

“E quem era essa criada?”

“Chama-se Alice. É americana; veio da Califórnia com ela.”

“Uma criada particular?”

“Sim, e tenho a impressão de que sua ama lhe permitia tomar liberdades demais. É bem verdade que nos Estados Unidos eles encaram essas coisas de uma maneira diferente.”

“Por quanto tempo ela conversou com essa Alice?”

“Ah, alguns minutos. Eu tinha mais em que pensar.”

“Não ouviu coisa alguma do que diziam?”

“Lady St. Simon disse algo sobre ‘grilar uma concessão’. Estava habituada a usar gírias desse tipo. Não faço ideia do que queria dizer com isso.”

“A gíria americana é muito expressiva às vezes. E que fez sua mulher quando acabou de falar com sua criada?”

“Entrou na sala de desjejum.”

“De braço com o senhor?”

“Não, sozinha. Era muito independente em pequenas coisas desse tipo. Depois, quando estávamos sentados havia uns dez minutos, levantou-se afobada, murmurou algumas palavras de desculpas e saiu da sala. Nunca voltou.”

“Mas essa criada, Alice, pelo que entendi, declara que foi a seu quarto, cobriu seu vestido de noiva com um longo sobretudo, pôs um chapéu e saiu.”

“Exatamente. E foi vista depois caminhando na direção do Hyde Park na companhia de Flora Millar, uma mulher que está detida agora e que já havia provocado um transtorno na casa de Mr. Doran naquela manhã.”

“Ah, sim. Gostaria de alguns detalhes sobre essa jovem e suas relações com ela.”

Lord St. Simon sacudiu os ombros e levantou as sobrancelhas. “Fomos amigos durante alguns anos… posso dizer que fomos amigos muito íntimos. Ela costumava se apresentar no Allegro. Não a tratei de maneira pouco generosa e ela não tinha nenhuma causa justa de queixa contra mim, mas o senhor sabe como são as mulheres, Mr. Holmes. Flora era uma pessoa encantadora, mas excessivamente impetuosa e devotamente ligada a mim. Escreveu-me cartas horríveis quando ouviu falar do casamento, e, para dizer a verdade, o que me levou a preferir casamento tão discreto foi meu medo de um escândalo na igreja. Ela apareceu à porta de Mr. Doran logo depois que

voltamos e tentou forçar sua entrada, pronunciando expressões muito ofensivas em relação a minha esposa e até ameaçando-a, mas eu previra a possibilidade de um incidente desse gênero e dera instruções aos criados, que a repeliram sem demora. Quando viu que não adiantava fazer balbúrdia, ela sossegou."

"Sua mulher ouviu tudo isso?"

"Não, graças a Deus não."

"E mais tarde viram-na andando com essa mesma mulher?"

"Sim. É isso que Mr. Lestrade, da Scotland Yard, considera tão sério. Pensa-se que Flora atraiu minha mulher para fora e preparou alguma armadilha terrível para ela."

"Bem, é uma suposição possível."

"Pensa isso também?"

"Não disse que seja provável. Mas e o senhor? Considera isso provável?"

"Para mim, Flora não faria mal a uma mosca."

"Mesmo assim, o ciúme pode causar estranhas transformações num caráter. Diga-me, por favor, qual é sua própria teoria quanto ao que aconteceu?"

"Bem, na verdade vim aqui em busca de uma teoria, não para propor alguma. Narrei-lhe todos os fatos. Já que me pergunta, no entanto, posso lhe dizer que me passou pela cabeça como possível que o alvoroço feito em torno desse casamento, sua percepção de que ascendera socialmente de maneira tão imensa, causou algum pequeno distúrbio nervoso em minha mulher."

"Em suma, que ela enlouqueceu de repente?"

"Bem, realmente, quando considero que deu as costas… não digo a mim, mas a tantas coisas a que muitos aspiraram sem sucesso… parece-me difícil explicar isso de alguma outra maneira."

"Bem, sem dúvida essa também é uma hipótese concebível", disse Holmes, sorrindo. "E agora, Lord St. Simon, creio que tenho quase todos os meus dados. Posso lhe perguntar se o lugar em que estava sentado à mesa do café da manhã lhe permitia olhar pela janela?"

"Podíamos ver o outro lado da rua, e o parque."

"Naturalmente. Então não me parece que preciso detê-lo mais tempo.

Entrarei em contato com o senhor.”

“Espero que tenha a boa sorte de resolver este problema.”

“Já o resolvi.”

“Hã? Que disse?”

“Disse que já o resolvi.”

“Nesse caso, onde está a minha mulher?”

“Esse é um detalhe que lhe fornecerei já, já.”

Lord St. Simon sacudiu a cabeça. “Temo que sejam necessárias cabeças mais sensatas que a sua ou a minha”, observou, e após curvar-se de uma maneira solene, antiquada, saiu.

“Lord St. Simon faz uma grande honra à minha cabeça pondo-a no mesmo nível que a dele”, disse Sherlock Holmes, rindo. “Acho que tomarei um uísque com soda e fumarei um charuto depois de todo esse interrogatório. Eu havia chegado à minha conclusão sobre o caso antes que nosso cliente entrasse nesta sala.”

“Meu caro Holmes!”

“Tenho anotações de vários casos semelhantes, embora nenhum, como observei antes, que tenha sido tão rápido. Todas as minhas perguntas serviram para transformar minha conjectura em certeza. Provas circunstanciais são por vezes muito convincentes, como quando se encontra uma truta no leite, para citar o exemplo de Thoreau.”

“Mas eu ouvi tudo que você ouviu.”

“Sem ter, contudo, o conhecimento de casos anteriores que me é tão útil. Houve um caso análogo em Aberdeen alguns anos atrás, e algo muito parecido em Munique um ano após a Guerra Franco-Prussiana. É um desses casos… mas, ora vejam, cá está Lestrade! Boa tarde, Lestrade! Você encontrará um copo extra sobre o aparador e há charutos na caixa.”

O detetive oficial envergava japona e cachecol, que lhe davam uma aparência indubitavelmente náutica, e trazia na mão uma bolsa de lona preta. Sentou-se com um breve cumprimento e acendeu o charuto que lhe fora oferecido.

“E então, que aconteceu?” perguntou Holmes com uma piscadela. “Parece insatisfeito.”

“E sinto-me insatisfeito. É esse caso infernal do casamento de St.

Simon. O negócio me parece sem pé nem cabeça.”

“É mesmo? Você me surpreende.”

“Quem já ouviu falar de história mais complicada? Todas as pistas parecem escorregar entre meus dedos. Passei o dia todo trabalhando nele.”

“E isso parece tê-lo deixado muito molhado”, disse Holmes, tocando o braço da japona.

“É verdade, andei dragando o Serpentine.”

“Santo Deus, para quê?”

“À procura do corpo de Lady St. Simon.”

Sherlock Holmes recostou-se em sua cadeira e deu uma gargalhada.

“Dragou também a bacia da fonte de Trafalgar Square?” perguntou.

“Por quê? Que quer dizer?”

“Porque tem tanta chance de encontrar esta senhora num lugar quanto no outro.”

Lestrade fuzilou meu companheiro com os olhos. “Suponho que você saiba tudo sobre isso”, rosnou.

“Bem, acabo de ouvir os fatos, mas já tirei minha conclusão.”

“É mesmo? Então pensa que o Serpentine não desempenha nenhum papel no assunto?”

“Penso que isso é muito improvável.”

“Nesse caso, pode me fazer a gentileza de explicar por que cargas d’água encontramos isto lá dentro?” Enquanto falava, abriu sua bolsa e jogou no assoalho um vestido de noiva de seda, um par de sapatos brancos de cetim, uma grinalda e um véu, tudo desbotado e encharcado. “Aí está”, disse, pondo uma aliança nova em folha em cima do monte. “Aí está um probleminha para você resolver, Mestre Holmes.”

“Oh, que coisa”, disse meu amigo, soprando anéis azuis de fumaça no ar. “Dragou isso tudo do Serpentine?”

“Não. Foram encontrados boiando perto da margem por um zelador do parque. Foram identificadas como as roupas dela, e pareceu-me que se as roupas estavam lá o corpo não devia estar muito longe.”

“Pelo mesmo brilhante raciocínio, o corpo de todas as pessoas seria encontrado na vizinhança de seu guarda-roupa. Mas diga-me, aonde esperava chegar através disso?”

“A alguma prova que envolvesse Flora Millar no desaparecimento.”

“Temo que isso se mostre difícil.”

“Verdade?” exclamou Lestrade com alguma acrimônia. “E eu temo, Holmes, que você não seja muito prático, com todas essas suas deduções e inferências. Cometeu duas tolices em dois minutos. Este vestido envolve Miss Flora Millar, sim.”

“Como?”

“Há um bolso no vestido. No bolso há uma carteira para cartões de visita. Na carteira há um bilhete. Aqui está o próprio bilhete.” Bateu com ele na mesa diante de si. “Ouça isto:

Estarei com você quando tudo estiver pronto. Venha já.

F.H.M.

Pois bem, minha teoria foi sempre que Lady St. Simon foi vítima de um engodo armado por Flora Millar, e que esta, certamente com cúmplices, foi responsável pelo seu desaparecimento. Aqui, assinado com suas iniciais, está o próprio bilhete que sem dúvida foi silenciosamente passado para as mãos dela à porta, e que a atraiu e a pôs à mercê deles.”



“‘Aí está’, disse.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Muito bem, Lestrade”, disse Holmes, rindo. “Você de fato é muito perspicaz. Deixe-me vê-lo.” Pegou o papel com ar indiferente, mas logo algo lhe chamou a atenção e o fez soltar um gritinho de contentamento. “Isto é realmente importante”, disse.

“Ah, acha mesmo?”

“Extremamente importante. Eu o congratulo calorosamente.”

Lestrade levantou-se em seu triunfo e curvou a cabeça para olhar. “Ora!” exclamou, “está olhando o lado errado!”

“Ao contrário, este é o lado certo.”

“O lado certo? Está louco! Aqui está o bilhete escrito a lápis, deste lado.”

“E aqui está o que parece ser o fragmento de uma conta de hotel que me interessa profundamente.”

“Não há nada aí. Eu olhei antes”, disse Lestrade, “‘4/10, quartos 8x., desjejum 2x. e 6p., coquetel 1x., almoço 2x. e 6p., copo de xerez, 8p.’ Não vejo nada aí.”

“É muito compreensível. Apesar disso, é de extrema importância. Quanto ao bilhete, é importante também, ou pelo menos as iniciais são, de modo que o parabenizo de novo.”

“Já perdi tempo demais”, disse Lestrade, levantando-se. “Acredito em trabalho árduo, não em ficar sentado ao pé do fogo tecendo belas teorias. Tenha um bom dia, Mr. Holmes, e veremos quem tira esta questão a limpo primeiro.” Apanhou as peças de roupa, jogou-as na bolsa e rumou para a porta.

“Só uma pista para você, Lestrade”, disse Holmes, com voz arrastada, antes que seu rival desaparecesse; “vou lhe contar a verdadeira solução do problema. Lady St. Simon é um mito. Essa pessoa não existe, e nunca existiu.”

Lestrade lançou um olhar tristonho para meu companheiro. Depois virou-se para mim, deu três tapinhas na testa, sacudiu a cabeça solenemente e foi embora a toda pressa.

Mal ele fechara a porta atrás de si, Holmes levantou-se e vestiu seu sobretudo. “Esse sujeito tem alguma razão no que diz sobre trabalho ao ar livre”, comentou, “por isso, Watson, creio que devo deixá-lo algum tempo com seus jornais.”

Passava das cinco horas quando Sherlock Holmes me deixou, mas não tive tempo de me sentir só, porque menos de uma hora depois chegou o empregado de uma confeitaria com uma caixa chata e muito grande. Abriu-a com a ajuda de um rapazola que trouxera consigo, e, num instante, para meu grande espanto, uma pequena e deliciosa ceia fria começou a ser posta sobre a humilde mesa de mogno de nosso apartamento. Havia um par de galinhas-d'angola frias, um faisão, uma torta de *pâté de foie gras*, com um grupo de garrafas velhas e cobertas de teias de aranha. Depois de arrumar na mesa todos esses requintados acepipes, meus dois visitantes desapareceram, como os gênios das Noites Árabes, sem nenhuma explicação a não ser a de que estava tudo pago e fora encomendado para aquele endereço. Pouco antes das nove horas, Sherlock Holmes chegou afobado. Sua expressão era grave, mas havia nos seus olhos um brilho que me fez pensar que não fora obrigado a rever suas conclusões.

"Então arrumaram a ceia", disse, esfregando as mãos.

"Pelo que parece, você espera convidados. Puseram a mesa para cinco pessoas."

"Sim, imagino que poderemos receber algumas visitas. Surpreende-me que Lord St. Simon ainda não tenha chegado. Ah! Tenho a impressão de que são os passos dele que ouço na escada."

Foi de fato nosso visitante da tarde que entrou alvoroçado, sacudindo seus óculos mais vigorosamente do que nunca, e com uma expressão bem perturbada em seus traços aristocráticos.

"Então meu mensageiro o encontrou?" perguntou Holmes.

"Sim, e confesso que o conteúdo me deixou pasmo. Tem de fato fundamentos para o que diz?"

"Os melhores possíveis."

Lord St. Simon caiu derreado numa cadeira e passou a mão na fronte. "Que dirá o duque", murmurou, "quando ouvir falar que alguém da família foi submetido a semelhante humilhação?"

"É o mais puro acaso. Não posso concordar em que tenha havido qualquer humilhação."

"Ah, o senhor encara essas coisas de um outro ponto de vista."

"Não consigo perceber que haja alguém a ser censurado. Tenho dificuldade em imaginar de que outra maneira a jovem poderia ter agido,

embora o método abrupto que usou deva sem dúvida ser lamentado. Não tendo mãe, ela não tinha ninguém para aconselhá-la em tal crise."

"Foi um vexame, senhor, um vexame público", disse Lord St. Simon, batendo o dedo na mesa.

"O senhor deve desculpar essa pobre moça, posta numa posição tão sem precedentes."

"Não desculparei nada. Estou realmente muito enraivecido; fui vergonhosamente usado."

"Parece que ouvi a campainha", disse Holmes. "Sim, ouço passos no patamar. Se não posso convencê-lo a encarar a questão com tolerância, Lord St. Simon, trouxe aqui um advogado que talvez tenha mais sucesso." Abriu a porta e fez entrarem uma senhora e um cavalheiro. "Lord St. Simon", disse, "permita-me apresentar-lhe Mr. e Mrs. Francis Hay Moulton. Penso que já conhece a senhora."

À vista dos recém-chegados nosso cliente deu um pulo da cadeira e postou-se muito ereto, os olhos baixos e a mão enfiada no peito da sobrecasaca, a imagem da dignidade ofendida. A senhora se adiantara rapidamente e lhe estendera a mão, mas ele se recusou a levantar os olhos. Se queria sustentar sua resolução, fez bem, porque talvez lhe tivesse sido difícil resistir à fisionomia suplicante dela.

"Está zangado, Robert", disse ela. "Bem, imagino que tenha muitas razões para estar!"

"Por favor não me peça desculpas", disse Lord St. Simon asperamente.

"Oh, sim, sei que o tratei muito mal e que devia ter lhe falado antes de partir, mas eu estava atônita; do momento em que vi Frank aqui de novo, simplesmente não soube mais o que estava fazendo ou dizendo. Não sei como não desmaiei e caí no chão ali mesmo diante do altar."

"Talvez, Mrs. Moulton, prefira que eu e meu amigo nos retiremos da sala enquanto explica o que aconteceu."

"Se posso dar minha opinião", observou o cavalheiro desconhecido, "já tivemos um pouco de sigilo demais em todo este caso. De minha parte, gostaria que toda a Europa e os Estados Unidos ficassem sabendo da verdade dos fatos." Era um homem baixo, magro mas vigoroso, queimado de sol, com um semblante vivo e maneiras ágeis.

"Então vou contar a nossa história agora mesmo", disse a senhora.

“Frank e eu nos conhecemos em 1881, no campo de McQuire, perto das Montanhas Rochosas, onde meu pai trabalhava numa concessão. Ficamos noivos, Frank e eu; mas então um belo dia meu pai descobriu um veio rico e ganhou uma dinheirama, enquanto o pobre Frank aqui tinha uma concessão que acabou não dando coisa alguma. Quanto mais rico meu pai ficava, mais pobre ficava Frank; assim, finalmente meu pai quis nos obrigar a romper o noivado e levou-me para Frisco. Mas Frank não perdeu a esperança; seguiu-me até lá e foi me ver sem que meu pai soubesse. Ele teria ficado louco se soubesse, assim nós dois resolvemos tudo sozinhos. Frank disse que iria fazer sua fortuna e nunca voltaria antes de estar tão rico quanto meu pai. Prometi então que esperaria por ele por todo o sempre, e jurei que jamais me casaria com nenhum outro enquanto ele vivesse. ‘Nesse caso, por que não nos casamos imediatamente?’ disse ele, ‘assim ficarei seguro de você; e só me apresentarei como seu marido depois que voltar.’ Bem, discutimos esse assunto, e ele tinha combinado tudo tão bem, com um clérigo já à espera, que nos casamos ali mesmo; depois Frank partiu em busca de sua fortuna e eu voltei para meu pai.

“A notícia seguinte que tive de Frank foi que estava em Montana, depois que estava garimpando no Arizona, e depois ainda que estava no Novo México. Mais tarde chegou uma longa reportagem de jornal sobre um campo de mineiros que sofrera um ataque de índios apaches, e o nome de meu Frank estava entre os mortos. Desmaiei e passei vários meses muito doente. Meu pai pensou que eu estava sendo consumida por alguma doença e levou-me à metade dos médicos de Frisco. Como durante mais de um ano não tive mais nenhuma notícia, nunca duvidei que Frank estivesse realmente morto. Então Lord St. Simon foi a Frisco, nós fomos a Londres, e um casamento foi arranjado. Meu pai estava muito satisfeito, mas eu sentia o tempo todo que nenhum homem nesta terra jamais tomaria o lugar em meu coração que havia sido dado a meu pobre Frank.

“Apesar disso, se tivesse me casado com Lord St. Simon eu certamente cumpriria meus deveres para com ele. Não temos domínio sobre nosso amor, mas podemos ter sobre nossas ações. Fui até o altar com a intenção de ser para ele uma esposa tão boa quanto me fosse possível. Mas os senhores podem imaginar o que senti quando, no instante em que chegamos às grades do altar, olhei para trás e vi Frank de pé olhando para mim no primeiro banco. De início pensei que era um fantasma; mas quando olhei de novo ele continuava lá, com uma espécie de pergunta nos olhos, como se querendo

saber se eu estava feliz ou triste por vê-lo. Não sei como não caí. Sei que tudo começou a girar à minha volta, e as palavras do clérigo eram exatamente como um zumbido de abelhas nos meus ouvidos. Não sabia o que fazer. Deveria parar a cerimônia e fazer uma cena na igreja? Olhei para ele de novo, e ele parecia saber o que eu estava pensando, porque levou o dedo aos lábios para me dizer que ficasse em silêncio. Depois vi que rabiscava num pedaço de papel, e sabia que estava escrevendo um bilhete para mim. Quando passei por seu banco para sair da igreja joguei-lhe meu buquê; ao me devolver as flores, ele enfiou-me o bilhete na mão. Era só uma linha, pedindo que fosse ao seu encontro quando ele me fizesse um sinal, chamando-me. É claro que não duvidei nem por um segundo que meu maior dever agora era para com ele, e decidi fazer exatamente tudo que mandasse.

"Quando voltei, contei à minha criada, que o conhecera na Califórnia e sempre fora amiga dele. Dei-lhe ordem de não dizer nada a ninguém, pôr algumas coisas numa maleta para mim e deixar meu sobretudo pronto. Sei que devia ter falado com Lord St. Simon, mas seria extremamente difícil, diante de sua mãe e de todas aquelas pessoas importantes. Não fazia mais que dez minutos que estávamos à mesa quando vi Frank pela janela, do outro lado da rua. Ele me fez um sinal e pôsse a andar na direção do parque. Esgueirei-me da sala, vesti o sobretudo, pus o chapéu e o segui. Apareceu uma mulher, falando alguma coisa sobre Lord St. Simon… pelo pouco que ouvi, parece que ele também tinha um segredinho antes do casamento… mas consegui me desvencilhar dela e logo alcancei Frank. Entramos juntos num carro de aluguel e seguimos para aposentos que ele alugara em Gordon Square, e esse foi meu verdadeiro casamento depois de todos aqueles anos de espera. Frank fora prisioneiro dos apaches, fugira, fora a Frisco, descobrira que eu o dava por morto e viajara para a Inglaterra, seguira-me até aqui, e finalmente encontrara-me na manhã mesma de meu segundo casamento."



“Apareceu uma mulher, falando sobre Lord St. Simon…”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Vi num jornal”, explicou o americano. “Dizia o nome e a igreja, mas não dava o endereço da noiva.”

“Tivemos então uma conversa sobre o que deveríamos fazer. Frank queria que tudo fosse esclarecido, mas eu estava tão envergonhada de tudo aquilo que minha vontade era desaparecer e nunca mais ver nenhuma daquelas pessoas de novo. Mandaria apenas uma cartinha para meu pai, talvez, para lhe mostrar que estava viva. Era horrível para mim pensar em todos aqueles lordes e ladies sentados em volta da mesa do desjejum à espera de minha volta. Por isso Frank pegou todas as minhas roupas e acessórios de casamento, fez uma trouxa com eles, para que não pudessem me seguir, e jogou-os num lugar onde ninguém poderia encontrá-los. Provavelmente teríamos ido para Paris amanhã, mas esse bom cavalheiro, Mr. Holmes, foi nos visitar esta noite… embora eu não consiga nem imaginar como nos descobriu… e mostrou-nos muita clara e muito delicadamente que eu estava errada e Frank certo, e que cometeríamos um ato condenável se mantivéssemos tanto sigilo. Ofereceu-nos então uma chance de conversar a sós com Lord St. Simon, e assim viemos diretamente para cá. Agora, Robert, você ouviu tudo. Lamento muito se o fiz sofrer e espero que não pense muito mal de mim.”

Lord St. Simon não havia relaxado em nada sua postura rígida, e ouvira essa longa narrativa com a testa franzida e os lábios apertados.

“Desculpe-me”, disse ele, “mas não é meu costume discutir meus assuntos pessoais mais íntimos desta maneira pública.”

“Então não me perdoará? Não apertará minha mão quando eu me for?”

“Ah, certamente, se isso pode lhe dar algum prazer.” Estendeu a mão e apertou friamente a dela.

“Eu achava”, sugeriu Holmes, “que todos se juntariam a nós para uma ceia entre amigos.”

“Parece-me que o senhor está pedindo um pouco demais”, respondeu o lorde. “Posso ser obrigado a suportar estes recentes desdobramentos, mas realmente não se pode esperar que os festeje. Penso que, com sua permissão, vou agora desejar meu muito boa noite a todos.” Incluiu-nos a todos numa só reverência e deixou a sala com passos empertigados.

“Nesse caso, espero que pelo menos os senhores me honrem com sua companhia”, disse Sherlock Holmes. “É sempre uma alegria encontrar um americano, Mr. Moulton, pois sou um daqueles que acreditam que a insensatez de um monarca e as asneiras de um ministro não impedirão nossos filhos de serem um dia cidadãos de um mesmo país de extensão mundial sob uma bandeira que será um aquartelamento do pavilhão do Reino Unido com a bandeira americana.”

“Este foi um caso interessante”, comentou Holmes quando nossos visitantes nos deixaram, “porque serve para mostrar muito claramente como pode ser simples a explicação de um problema que à primeira vista parece quase inexplicável. Nada poderia ser mais natural do que a sequência de acontecimentos tal como narrada por essa senhora; e nada mais estranho que o resultado quando visto, por exemplo, por Mr. Lestrade da Scotland Yard.”

“Então você mesmo não se deixou enganar?”

“Desde o início, dois fatos foram óbvios para mim. Um, que a noiva fora de muito bom grado para a cerimônia de casamento; outro, que ela se arrependera disso minutos após voltar para casa. Obviamente, portanto, alguma coisa acontecera durante a manhã para fazê-la mudar de ideia. Que coisa poderia ser essa? Ela não poderia ter falado com ninguém durante o tempo que passou fora de casa, porque estava na companhia do noivo. Tinha então visto alguém? Se tinha, devia ser alguém dos Estados Unidos, porque passara tão pouco tempo nesse país que dificilmente teria permitido a uma pessoa adquirir tamanha influência sobre ela que o mero fato de vê-la a induziria a mudar seus planos tão completamente. Como veem, já chegamos,

por um processo de exclusão, à ideia de que ela poderia ter visto um americano. Quem poderia então ser esse americano, e por que ele teria tão grande influência sobre ela? Poderia ser um amante; poderia ser um marido. Ela passara a infância, eu sabia, em cenários rudes e sob estranhas condições. Eu chegara até aí antes mesmo de ouvir a narrativa de Lord St. Simon. Quando ele nos falou de um homem num banco, da mudança das maneiras da noiva, de uma maneira tão transparente de receber um bilhete quanto deixar cair um buquê, da sua conversa com a criada particular e da alusão muito clara que ela fizera a 'grilar uma concessão', que na linguagem dos mineiros significa apossar-se de algo a que outra pessoa tem direitos anteriores, toda a situação ficou absolutamente clara. Ela fugira com um homem, e o homem era um amante ou um marido anterior, mais provavelmente um marido."

"Mas como conseguiu encontrá-los?"

"Poderia ter sido difícil, mas nosso amigo Lestrade tinha em suas mãos informações de cujo valor ele mesmo sequer suspeitava. As iniciais eram, é claro, da maior importância, mas ainda mais importante era saber que fazia menos de uma semana que ele pagara sua conta num dos mais seletos hotéis de Londres."

"Como deduziu que era seleto?"

"Pelos preços seletos. Oito xelins por um quarto e oito *pence* por um copo de xerez apontavam para um hotel dos mais caros. Não há muitos em Londres que cobrem tão caro. No segundo que visitei em Northumberland Avenue, fiquei sabendo por um exame do livro que Francis H. Moulton, um cavalheiro americano, saíra na véspera e, ao consultar os itens pagos, dei com os mesmos, que vira na duplicata da conta. Suas cartas deveriam ser remetidas para Gordon Square nº 226; portanto para lá me dirigi, e, tendo tido a sorte de encontrar o casal de pombinhos em casa, ousei dar aos dois alguns conselhos paternais e mostrar-lhes que seria melhor sob todos os aspectos que tornassem sua situação um pouco mais clara, tanto para o público em geral quanto para Lord St. Simon em particular. Convidei-os para encontrá-lo aqui e, como viu, tratei de trazê-lo também."

"Mas sem resultados lá muito bons", comentei. "A conduta dele certamente não foi muito magnânima."

"Ah, Watson!" disse Holmes, sorrindo. "Talvez você também não fosse muito magnânimo se, após o trabalho de fazer a corte e se casar, se descobrisse privado de repente de mulher e de fortuna. Penso que devemos

julgar Lord St. Simon com muita misericórdia e agradecer às estrelas por não correrm os nenhum risco de nos encontrarmos um dia na mesma situação. Chegue sua cadeira mais para perto, e passe-me o meu violino, pois o único problema que ainda temos de resolver é como nos entreter durante estas frias noites de outono.”

O DIADEMA DE BERILOS

"HOLMES", DISSE EU UMA MANHÃ, quando contemplava Baker Street de nossa sacada projetada. "Ali vem um louco. Parece-me deplorável que seus parentes lhe permitam sair sozinho."

Meu amigo levantou-se preguiçosamente de sua poltrona e, com as mãos nos bolsos do roupão, olhou sobre o meu ombro. Era uma manhã radiante de fevereiro e a neve da véspera ainda se acumulava no chão, espessa, rebrilhando ao sol de inverno. No centro de Baker Street, ela havia sido arada pelo tráfego e transformara-se numa faixa marrom esfarelada, mas dos dois lados e nos montes acumulados nas bordas dos passeios ainda estava tão branca quanto ao cair. A calçada cinzenta havia sido raspada e limpa, mas continuava perigosamente escorregadia, de modo que havia menos passageiros que de costume. Na verdade, não havia ninguém vindo da direção da estação do Metropolitano, a não ser o pequeno cavalheiro cuja conduta atraíra minha atenção.

Era um homem de uns cinquenta anos, alto, corpulento e imponente, com um rosto grande, de traços fortes e uma figura que impunha respeito. Estava vestido num estilo sóbrio mas caro, com uma sobrecasaca preta, um chapéu lustroso, polainas castanhas impecáveis e calças cinza-pérola de bom corte. Suas ações, no entanto, faziam absurdo contraste com a dignidade de seus trajes e feições, porque ele corria desabalado, dando pulinhos de quando em quando, como faz um homem fatigado que está pouco acostumado a exigir alguma coisa de suas pernas. Enquanto corria, ele sacudia as mãos para cima e para baixo, meneava a cabeça e retorcia o rosto nos mais extraordinários esgares.

"Que diabos pode estar havendo com ele?" perguntei. "Está olhando para os números das casas."

"Creio que está vindo para cá", disse Holmes, esfregando as mãos.

"Para cá?"

“Sim; mais precisamente, penso que está vindo me consultar profissionalmente. Acho que reconheço os sintomas. Ah! Não disse?” Enquanto ele falava, o homem, pondo os bofes pela boca, correu para nossa porta, e puxou nossa campainha até que ela ressoou na casa inteira.

Alguns momentos depois estava em nossa sala, ainda esbaforido, ainda gesticulando, mas com um olhar tão fixo e tal aflição e desespero nos olhos que nossos sorrisos transformaram-se num instante em horror e piedade. Durante algum tempo não conseguiu articular uma só palavra, balançando o corpo e puxando os cabelos como alguém que foi levado às raias da insânia. Depois, levantando-se de um pulo, bateu a cabeça contra a parede com tal força que nós dois corremos para ele e o arrastamos para o centro da sala. Sherlock Holmes forçou-o a sentar-se na espreguiçadeira e, sentando-se a seu lado, deu-lhe palmadinhas na mão e falou-lhe com a entonação branda, tranquilizadora, que sabia tão bem empregar.

“O senhor veio até mim para contar sua história, não foi?” disse. “Está fatigado com sua pressa. Por favor, espere até recuperar-se; então ficarei extremamente feliz em examinar qualquer probleminha que possa me submeter.”

O homem ficou ali sentado por um minuto ou mais, arfando, lutando contra sua emoção. Depois passou o lenço pela testa, apertou os lábios e se virou para nós.

“Certamente estão pensando que sou louco, não é?”

“Vejo que o senhor atravessou uma grande dificuldade”, respondeu Holmes.

“Deus sabe que sim!… Uma dificuldade tão repentina e terrível que é suficiente para me perturbar o juízo. A desonra pública eu poderia ter encarado, embora seja um homem cujo caráter até hoje permaneceu ilibado. A aflição privada é também algo que todo homem enfrenta. As duas juntas, porém, e de uma forma tão medonha, foram o bastante para abalar minha própria alma. Além disso, não estou sozinho. Os mais nobres da terra poderão ser afetados, a menos que se encontre uma saída para esse horrível negócio.”

“Por favor, acalme-se, senhor”, disse Holmes, “e faça-me um relato claro de quem é e do que lhe aconteceu.”

“Os senhores provavelmente me conhecem de nome”, respondeu nosso visitante. “Sou Alexander Holder, da firma bancária Holder & Stevenson, de Threadneedle Street.”

De fato conhecíamos bem aquele nome como pertencente ao sócio principal da segunda maior empresa bancária privada da City de Londres. Que poderia ter acontecido, então, para levar um dos mais famosos cidadãos de Londres àquela deplorável situação? Esperamos, cheios de curiosidade, até que, com mais um esforço, ele se armou de coragem para contar sua história.

“Sinto que o tempo é valioso”, disse, “foi por isso que me apressei em vir aqui quando o inspetor de polícia sugeriu que deveria obter sua cooperação. Vim a Baker Street pelo metrô e corri de lá até aqui a pé, porque os carros de aluguel avançam devagar por essa neve. Foi por isso que fiquei tão ofegante, porque sou um homem que se exercita muito pouco. Sinto-me melhor agora, e exporei os fatos de maneira tão breve e ao mesmo tempo tão clara quanto possa.

“O senhor sabe, é claro, que o sucesso de negócios bancários depende tanto de nossa capacidade de encontrar investimentos lucrativos para nossos fundos, quanto do aumento do nosso número de relações e de depositantes. Um dos meios mais lucrativos que temos de investir dinheiro são empréstimos em que a garantia seja incontestável. Fizemos muito nessa direção nos últimos anos, e são muitas as famílias nobres para as quais adiantamos grandes somas tendo como garantia suas telas, bibliotecas ou baixelas.

“Ontem de manhã eu estava em meu escritório no banco quando um dos funcionários me levou um cartão. Espantei-me ao ver o nome, pois era ninguém menos que… bem, talvez mesmo para o senhor eu deva dizer apenas que era um nome conhecido em todo o planeta… um dos nomes mais ilustres, nobres, excelsos da Inglaterra. Fiquei desvanecido pela honra e, quando ele entrou, tentei dizer-lhe isso, mas ele mergulhou imediatamente nos negócios com o ar de um homem aflito por se livrar rapidamente de uma tarefa desagradável.

“‘Mr. Holder’, disse, ‘fui informado de que o senhor costuma emprestar dinheiro.’

“‘A firma faz isso quando a garantia é boa’, respondi.

“‘É absolutamente essencial para mim’, disse ele, ‘dispor de cinquenta mil libras já. Eu poderia, é claro, tomar dez vezes mais que uma soma tão insignificante emprestada de meus amigos, mas prefiro de longe resolver isto como um negócio e levá-lo a cabo eu mesmo. O senhor pode compreender facilmente que é imprudente para uma pessoa na minha posição ficar

devendo obrigações.’

“‘Posso lhe perguntar por quanto tempo deseja essa soma?’

“‘Uma grande quantia deverá me ser paga segunda-feira, e então certamente lhe devolverei o que me adiantar, com qualquer juro que lhe pareça correto cobrar. Mas é de todo essencial para mim que o dinheiro me seja entregue imediatamente.’

“‘Eu ficaria feliz em lhe adiantar essa soma sem mais delongas de meu próprio bolso’, disse eu, ‘se tivesse condições de arcar com isso. Por outro lado, se lhe fizer o empréstimo em nome da firma, é meu dever de justiça para com meu sócio insistir que, mesmo no seu caso, todas as precauções de praxe nesses negócios sejam tomadas.’

“‘E realmente prefiro que seja assim’, disse ele, pegando um estojo quadrado de marroquim que pousara ao lado de sua cadeira. ‘Sem dúvida já ouviu falar do Diadema de Berilos, não?’

“‘Um dos mais valiosos bens públicos do Império’, disse eu. “‘Precisamente.’ Abriu o estojo e ali, embutida em macio veludo cor de carne, estava a magnífica peça de joalheria que ele nomeara. ‘São trinta e nove enormes berilos’, disse ele, ‘e o preço do engaste de ouro é incalculável. Segundo a estimativa mais baixa, valeria duas vezes mais do que a soma que pedi. Estou disposto a deixá-lo com o senhor como minha garantia.’

“Tomei o precioso estojo em minhas mãos e olhei com alguma perplexidade para meu ilustre cliente.



“Tomei o precioso estojo em minhas mãos.”

[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“‘Duvida de seu valor?’ perguntou ele.

“‘Em absoluto. Duvido apenas…’

“‘Duvida que eu esteja agindo corretamente. Quanto a isso, pode ficar tranquilo. Eu não sonharia em fazer isso se não tivesse plena certeza de que terei condições de reavê-lo em quatro dias. É uma questão puramente formal. A garantia é suficiente?’

“‘Amplamente.’

“‘Entenda, Mr. Holder, que estou lhe dando uma forte prova da confiança que tenho no senhor, fundada em tudo que ouvi a seu respeito. Confio não apenas que será discreto e se absterá de todo e qualquer comentário sobre o assunto mas, acima de tudo, que preservará este diadema com todas as precauções possíveis, pois não preciso dizer que um grande escândalo público seria gerado se lhe ocorresse algum dano. Qualquer estrago que ele sofresse seria quase tão grave quanto sua perda completa, pois não existem no mundo berilos comparáveis a estes e seria impossível substituí-los. Deixo-o com o senhor, no entanto, em toda confiança, e virei buscá-lo em pessoa segunda-feira de manhã.’

“Vendo que meu cliente estava ansioso por partir, não disse mais nada; chamei meu caixa e ordenei-lhe que lhe entregasse cinquenta notas de mil libras. Ao ficar sozinho novamente, contudo, tendo diante de mim, sobre a mesa, o estojo, não pude deixar de pensar com algum temor na imensa responsabilidade que recaíra sobre mim. Não podia haver nenhuma dúvida de que, sendo a joia um bem nacional, um escândalo horrível se produziria se algum infortúnio lhe ocorresse. Já lamentava ter consentido em guardá-la. Mas agora era tarde demais para mudar as coisas; assim, tranquei-a em meu cofre privado e voltei a trabalhar.

“Quando a noite chegou, pareceu-me que seria imprudência sair e deixar algo tão precioso no escritório. Cofres de banqueiros já haviam sido arrombados antes, por que o meu não poderia ser? Decidi, portanto, que por alguns dias, até segunda-feira, eu levaria o estojo para cá e para lá comigo, de modo que ele nunca ficasse fora do meu alcance. Com essa intenção, chamei um carro de aluguel e fui para minha casa em Streatham, levando a joia comigo. Não respirei livremente até levá-la ao segundo andar e trancá-la na secretária de meu quarto de vestir.

“Agora uma palavra sobre os que vivem em minha casa, Mr. Holmes, pois desejo que entenda perfeitamente a situação. Meu cavalariço e meu mensageiro dormem fora da casa e podem ser completamente descartados. Tenho três criadas que estão comigo há vários anos e cuja absoluta confiabilidade está acima de qualquer suspeita. Uma outra, Lucy Parr, a segunda camareira, só está a meu serviço há alguns meses. Parece um excelente caráter, porém, e sempre me deu satisfação. É uma moça muito bonita e atraiu admiradores que ocasionalmente rondaram minha casa. Esse é o único inconveniente que vejo nela, mas acreditamos que seja uma boa moça em todos os aspectos.

“Sobre minha criadagem, isto é tudo. Minha família é tão pequena que não precisarei de muito tempo para descrevê-la. Sou viúvo e tenho um único filho, Arthur. Ele foi uma decepção para mim, Mr. Holmes… uma dolorosa decepção. Não tenho dúvida de que sou eu mesmo o culpado. As pessoas dizem que o estraguei. Muito provavelmente eu o fiz. Quando minha querida mulher morreu, senti que só tinha a ele para amar. Não suportava ver o sorriso desaparecer de seu rosto nem por um instante. Nunca deixei de satisfazer um só desejo seu. Talvez tivesse sido melhor para nós dois se eu tivesse sido mais severo, mas tudo que fiz foi com a melhor das intenções.

“Naturalmente eu desejava que me sucedesse nos negócios, mas ele não tinha queda para isso. Era rebelde, caprichoso, e, para falar a verdade, eu não poderia lhe confiar o manuseio de grandes somas de dinheiro. Quando jovem, tornou-se membro de um clube aristocrático, e ali, tendo maneiras encantadoras, logo se tornou íntimo de vários rapazes de bolsa forrada e hábitos dispendiosos. Aprendeu a apostar muito dinheiro nas cartas e a esbanjar dinheiro no turfe, até ter de vir a mim, muitas e muitas vezes, para implorar que eu lhe desse um adiantamento sobre sua mesada para que pudesse saldar suas dívidas de honra. Ele tentou mais de uma vez afastar-se das companhias perigosas com que andava, mas sempre a influência de seu amigo Sir George Burnwell foi suficiente para atraí-lo de volta.

“Na verdade, não me espanta que um homem como Sir George Burnwell adquirisse influência sobre meu filho, pois ele o levou várias vezes à minha casa e eu mesmo senti que era difícil resistir ao fascínio de suas maneiras. É mais velho que Arthur, um homem do mundo até as pontas das unhas, que esteve em toda parte, viu tudo, um brilhante *causeur* e homem de grande beleza pessoal. Apesar disso, quando penso nele com sangue-frio, bem longe do encanto de sua presença, sua conversa cínica e o olhar que

captei em seus olhos me convencem de que não merece a menor confiança. É assim que eu penso, e assim também que pensa minha pequena Mary, que tem a intuição rápida de uma mulher.

"Agora só resta ela a descrever. É minha sobrinha, mas quando meu irmão morreu cinco anos atrás e a deixou sozinha no mundo eu a adotei, e tenho cuidado dela desde então como minha filha. Ela é um raio de sol em minha casa… doce, afetuosa, bonita, uma maravilhosa administradora e dona de casa, ao mesmo tempo em que é tão terna e meiga quanto uma mulher pode ser. É meu braço direito, não sei o que faria sem ela. Até hoje, só contrariou meus desejos em relação a um assunto. Duas vezes meu filho a pediu em casamento, porque a ama com devoção, e duas vezes ela o recusou. Penso que se alguém tivesse sido capaz de levá-lo para o bom caminho, teria sido ela, e que esse casamento teria transformado por completo a vida dele; mas agora, lamentavelmente, é tarde demais… para sempre!

"Agora que conhece as pessoas que vivem sob o meu teto, Mr. Holmes, vou continuar minha infeliz história.

"Naquela noite, depois do jantar, quando tomávamos café na sala de estar, contei minha experiência a Arthur e Mary, e falei do precioso tesouro que tínhamos sob nosso teto, suprimindo apenas o nome de meu cliente. Lucy Parr, que trouxera o café, já saíra da sala, tenho certeza; mas não posso jurar que a porta estivesse fechada. Mary e Arthur ficaram muito interessados e desejaram ver o famoso diadema. Pareceu-me mais conveniente, porém, não mexer com ele.

"'Onde o guardou?' perguntou Arthur.

"'Em minha secretária.'

"'Bem, só espero que a casa não seja assaltada durante a noite', disse ele.

"'Ela está trancada', respondi.

"'Oh, qualquer chave velha servirá naquela secretária. Quando era menino, eu mesmo a abri com a chave do guarda-louça da despensa.'

"Frequentemente ele falava por falar, e não dei importância ao que disse. Mas naquela noite ele me seguiu até meu quarto com uma fisionomia muito séria.



“Oh, qualquer chave velha servirá naquela secretária.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“‘Ouça, papai’, disse, com os olhos baixos, ‘pode me emprestar duzentas libras?’

“‘Não, não posso!’ respondi asperamente. ‘Tenho sido excessivamente generoso com você em matéria de dinheiro.’

“‘Tem sido muito bondoso’, disse ele; ‘mas preciso desse dinheiro, ou nunca mais poderei aparecer no clube.’

“‘O que aliás seria ótimo!’ exclamei.

“‘Sim, mas o senhor não gostaria que eu o deixasse como um homem desonrado’, ele respondeu. ‘Eu não poderia suportar a vergonha. Preciso conseguir o dinheiro de alguma maneira, e se o senhor não pode me fazer esse empréstimo tenho de tentar outros meios.’

“Fiquei muito irritado, porque esse era o terceiro pedido naquele mês. ‘De mim você não arrancará um tostão’, exclamei, diante do quê ele se curvou e saiu do quarto sem mais uma palavra.

“Depois que ele se fora, destranquei minha secretária, certifiquei-me de que meu tesouro estava seguro e tranquei-a de novo. Depois comecei a fazer a ronda da casa para ver se tudo estava bem fechado… uma tarefa que geralmente deixo para Mary, mas que naquela noite me pareceu conveniente fazer eu mesmo. Quando desci a escada, vi a própria Mary na janela lateral do salão; quando me aproximei, ela a fechou e trancou.

“‘Diga-me, papai’, disse ela, dando-me a impressão de estar um pouco perturbada, ‘o senhor deu licença a Lucy, a criada, para sair esta noite?’

“‘De maneira alguma.’

“‘Ela acaba de entrar pela porta dos fundos. Não tenho dúvida alguma de que foi apenas até o portão lateral para se encontrar com alguém, mas isso não me parece seguro e é preciso lhe dizer que não o repita.’

“‘Você deve falar com ela de manhã, ou eu mesmo falarei, se você preferir. Tem certeza de que está tudo bem fechado?’

“‘Absoluta, papai.’

“‘Então, boa noite.’ Beijei-a e voltei para o meu quarto, onde logo adormeci.

“Estou me esforçando por lhe contar tudo que possa ter alguma relação com o caso, Mr. Holmes, mas peço-lhe que me faça perguntas sobre qualquer ponto que fique obscuro.”

“Ao contrário, seu relato é singularmente claro.”

“Estou chegando agora a uma parte de minha história em que gostaria de ser particularmente claro. Não tenho o sono muito pesado e minha ansiedade tendia, sem dúvida, a torná-lo ainda mais leve que de costume. Assim, por volta das duas horas da madrugada, fui despertado por um som na casa. Antes que eu acordasse por completo ele cessou, mas a impressão que me deixou foi a de que uma janela havia sido delicadamente fechada em algum lugar. Continuei deitado, todo ouvidos. De repente, para meu horror, ouvi o som nítido de alguém se movendo pé ante pé no quarto ao lado. Esgueirei-me da cama, tomado por frêmitos de medo, e espiei pelo canto da porta de meu quarto de vestir.

“‘Arthur!’ berrei. ‘Seu canalha! Seu ladrão! Como ousa tocar nesse diadema?’

“À luz acesa em ponto baixo, como eu mesmo a deixara, lá estava meu pobre menino, em mangas de camisa, junto da lamparina, com o diadema nas mãos. Parecia estar torcendo-o, ou curvando-o com toda a força. Ao meu grito ele o deixou cair e ficou pálido como a morte. Apanhei a joia e examinei-a. Faltava uma das pontas de ouro, em que havia três berilos.

“‘Seu patife!’ gritei, fora de mim de raiva. ‘Você o destruiu! Você me desonrou para sempre! Onde estão as pedras que roubou?’

“‘Roubou?’ gritou ele.

“‘Sim, ladrão!’ rosnei, sacudindo-o pelos ombros.

“‘Não falta nenhuma. Não pode estar faltando nenhuma’, disse ele.

“‘Faltam três pedras. E você sabe onde estão. Terei de chamá-lo de

mentiroso, além de ladrão? Acaso não o vi tentando arrancar outro pedaço?’

“‘O senhor já me insultou o bastante’, disse ele. ‘Não vou tolerar mais isso. Não direi nem mais uma palavra sobre este assunto, já que resolveu me insultar. Deixarei sua casa de manhã e tratarei de ganhar eu mesmo a minha vida.’



“Ao meu grito ele o deixou cair.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“‘Você a deixará nas mãos da polícia!’ gritei, quase enlouquecido de desgosto e raiva. ‘Quero uma investigação completa deste assunto.’

“‘De mim, não obterá nenhuma informação’, disse ele, com uma paixão de que eu não o teria julgado capaz. ‘Se prefere chamar a polícia, que a polícia descubra o que puder.’

“Nessa altura a casa inteira estava de pé, porque eu elevara a minha voz na minha raiva. Mary foi a primeira a correr ao meu quarto; ao ver o diadema e o semblante de Arthur, compreendeu a história toda e, com um grito, caiu sem sentidos no chão. Mandei a criada chamar a polícia e pus a investigação nas mãos dela imediatamente. Quando o inspetor e um policial entraram na casa, Arthur, que se mantivera taciturno, de braços cruzados, perguntou-me se era minha intenção acusá-lo de roubo. Respondi que aquele deixara de ser um assunto privado, tornara-se uma questão pública, porque o diadema era

um bem nacional. Eu desejava que a lei fosse cumprida em todos os aspectos.

"'Pelo menos', disse ele, 'evite que me prendam imediatamente. Seria vantajoso para o senhor, tanto quanto para mim, se eu pudesse deixar a casa por cinco minutos.'

"'Para você fugir ou talvez esconder o que roubou?' respondi. E então, dando-me conta da horrível situação em que fora colocado, implorei-lhe que lembrasse que não somente a minha honra, mas a de alguém muito mais importante que eu, estava em jogo; e que ele estava prestes a suscitar um escândalo que convulsionaria a nação. Poderia evitá-lo se me dissesse o que fizera das três pedras que faltavam.

"'Encare a situação de frente', disse eu; 'você foi pego em flagrante e nenhuma confissão poderia tornar sua culpa menos hedionda. Mas basta que faça a reparação que está em seu poder fazer, e nos diga onde estão os berilos, e tudo será esquecido e perdoado.'

"'Guarde o seu perdão para os que o pedirem', respondeu, desviando o rosto de mim com um sorriso de escárnio. Vi que estava inflexível demais para que alguma palavra minha pudesse influenciá-lo. Só havia uma coisa a fazer. Chamei o inspetor e mandei que ele fosse detido. Uma busca foi feita imediatamente não só em sua pessoa mas em seu quarto, e em cada canto da casa em que lhe teria sido possível esconder as pedras; mas não se conseguiu encontrar nenhum vestígio delas, nem o pobre rapaz se dispôs a abrir a boca a despeito de todas as nossas palavras de persuasão ou de ameaça. Esta manhã ele foi removido para uma cela, e eu, após cumprir todas as formalidades policiais, vim direto para cá, implorar-lhe que use sua competência no desvendamento do assunto. Os policiais confessaram-me abertamente que por enquanto não têm ideia do que se passou. O senhor pode fazer qualquer despesa que considere necessária. Já ofereci uma recompensa de mil libras. Meu Deus, que fazer! Numa noite perdi minha honra, minhas gemas e meu filho. Oh, que fazer?!"

Segurou a cabeça com as duas mãos e balançou para frente e para trás, engrolando alguma coisa como uma criança cuja dor é grande demais para ser posta em palavras.

Sherlock Holmes permaneceu quieto alguns minutos, as sobrancelhas franzidas e os olhos fixos no fogo.

"O senhor recebe muitas visitas?" perguntou.

"Nenhuma, a não ser meu sócio, com sua família, e algum amigo

ocasional de Arthur. Sir George Burnwell esteve várias vezes em minha casa nos últimos tempos. Ninguém mais, creio."

"Sai muito?"

"Arthur sai. Mary e eu ficamos em casa. Nenhum de nós gosta muito de vida social."

"Isso é incomum numa jovenzinha."

"Ela tem um temperamento sossegado. Além disso, não é tão jovenzinha. Tem vinte e quatro anos."

"Essa questão, pelo que o senhor diz, parece ter sido um choque para ela também."

"Terrível! Ela está até mais afetada que eu."

"Nenhum dos dois teve qualquer dúvida quanto à culpa de seu filho?"

"Como poderíamos ter, quando eu o vi com meus próprios olhos com o diadema nas mãos?"

"Esta não me parece ser propriamente uma prova conclusiva. O resto do diadema apresentava algum estrago?"

"Sim, estava torcido."

"Nesse caso, não lhe passa pela cabeça que seu filho poderia estar tentando endireitá-lo?"

"Que Deus o abençoe! Está fazendo o que pode por ele e por mim. Mas é uma tarefa muito difícil. Afinal, que estava ele fazendo lá? Se sua intenção era inocente, por que não disse isso?"

"Precisamente. E se era culpado, por que não inventou uma desculpa? O silêncio dele parece-me ambíguo. Há vários pontos singulares no caso. Que disse a polícia sobre o ruído que o despertou?"

"Pensam que poderia ter sido feito por Arthur, ao fechar a porta de seu quarto."

"Uma história provável! Como se um homem prestes a cometer um crime fosse bater sua porta para acordar a casa inteira. E que dizem eles do desaparecimento daquelas pedras?"

"Ainda estão investigando as tábuas do assoalho e vasculhando os móveis na esperança de encontrá-las."

"Pensaram em dar uma olhada no lado de fora da casa?"

"Sim, deram mostra de extraordinária energia. Todo o jardim já foi

minuciosamente examinado.”

“Diga-me, meu caro Mr. Holder”, disse Holmes, “não lhe parece óbvio agora que esse assunto é muito mais profundo do que tanto o senhor quanto a polícia se inclinaram a pensar? Ele lhe pareceu ser um caso simples; para mim, parece extremamente complexo. Considere o que está envolvido pela sua teoria. O senhor supõe que seu filho saiu da cama, dirigiu-se, correndo grande risco, ao seu quarto de vestir, abriu sua escrivaninha, tirou seu diadema, quebrou à força um pedaço dele, foi para algum outro lugar, escondeu três das trinta e nove pedras com tal habilidade que ninguém as consegue encontrar e depois retornou com as outras trinta e seis para o quarto em que mais correria o risco de ser descoberto. Agora eu lhe pergunto: uma teoria como esta é defensável?”

“Mas que outra existe?” gritou o banqueiro com um gesto de desespero. “Se os motivos dele eram inocentes, por que não os explica?”

“Cabe a nós descobrir isso”, respondeu Holmes; “agora, portanto, se concorda, Mr. Holder, iremos juntos a Streatham e dedicaremos uma hora a um exame um pouco mais atento dos detalhes.”

Meu amigo insistiu em que eu os acompanhasse nessa expedição, o que estava bastante desejoso de fazer, porque a história que ouvíramos despertara em mim grande curiosidade e compaixão. Confesso que a culpa do filho do banqueiro parecia-me tão óbvia quanto para aquele infeliz pai, mas eu tinha tal fé no julgamento de Holmes que senti que, se ele se mostrava insatisfeito com a explicação proposta, era possível alimentar alguma esperança. Ele praticamente não disse uma palavra no caminho para o subúrbio ao sul da cidade; ficou sentado com o queixo enfiado no peito, o chapéu puxado sobre os olhos, imerso nos mais profundos pensamentos. Nosso cliente parecia ter ganhado alma nova ao pequeno lampejo de esperança que lhe fora apresentado e chegou mesmo a conversar comigo de maneira desconexa sobre seus negócios. Uma curta viagem de trem e uma caminhada ainda mais curta levaram-nos a Fairbank, a modesta residência do grande financista.

Fairbank, uma casa quadrada de pedras brancas, de bom tamanho, ficava um pouco recuada em relação à rua. Uma entrada para carros em forma de ferradura e um gramado forrado de neve estendiam-se diante dos dois grandes portões de ferro que fechavam a dupla entrada. Do lado direito havia um portãozinho que dava para um caminho estreito que se estendia, entre duas sebes bem-podadas, da rua até a porta da cozinha; era por ali que

entravam os entregadores. À esquerda corria uma ruela que conduzia às estrebarias; não era em absoluto parte do terreno e sim uma via pública, embora pouco usada. Holmes deixou-nos parados junto à porta e rodeou lentamente toda a casa, andou pela frente, percorreu a entrada dos entregadores e passou pelo quintal atrás e pela ruela da estrebaria. Demorou tanto que Mr. Holder e eu entramos na sala de jantar e ficamos esperando pela sua volta junto ao fogo. Estávamos ali sentados em silêncio quando a porta se abriu e uma jovem entrou. Tinha mais que a altura mediana e era magra; seus cabelos e olhos escuros talvez parecessem mais escuros em contraste com a alvura absoluta da pele. Tenho a impressão de que nunca vi palidez tão mortal num rosto de mulher. Os lábios também eram exangues; os olhos, porém, estavam inchados de tanto chorar. Ao entrar silenciosamente na sala, ela me pareceu estar tomada por um pesar maior que o do banqueiro naquela manhã, o que era mais impressionante porque era evidentemente uma mulher de caráter forte, com imensa capacidade de autocontrole. Ignorando minha presença, dirigiu-se diretamente ao tio e passou-lhe a mão na cabeça numa carícia doce e feminina.

"Deu ordem para que Arthur fosse libertado, não deu, papai?"

"Não, não, minha filha, esse assunto tem de ser investigado até o fim."

"Mas tenho tanta certeza de que ele é inocente. O senhor sabe como são os instintos de uma mulher. Sei que ele não fez nada de errado, e que o senhor se arrependerá por ter agido tão severamente."

"Mas se ele é inocente, por que se cala?"

"Quem pode saber? Pode ser que esteja muito zangado com o senhor, por ter suspeitado dele."

"Como eu poderia não suspeitar dele quando realmente o vi com o diadema na mão?"

"Oh, mas ele só o pegara para olhá-lo. Por favor, por favor, acredite no que estou lhe dizendo, ele é inocente. Dê esse assunto por encerrado e não diga mais nada. É tão terrível pensar que nosso querido Arthur está na cadeia!"

"Não darei o caso por encerrado até que as pedras sejam encontradas… nunca, Mary! Sua afeição por Arthur a deixa cega para as horríveis consequências que isso terá para mim. Longe de pôr uma pedra sobre o assunto, trouxe um cavalheiro de Londres para investigá-lo mais profundamente."

“Este cavalheiro?” perguntou ela, virando-se para mim.

“Não, um amigo dele. Quis que o deixássemos sozinho. Está na ruela da estrebaria agora.”

“A ruela da estrebaria?” Ela levantou as sobrancelhas escuras. “Que pode esperar encontrar ali? Ah! Parece que aí vem ele. Confio, senhor, que conseguirá provar o que tenho certeza ser a verdade, que meu primo Arthur é inocente desse crime.”

“Estou de pleno acordo, e confio, como a senhorita, que poderemos provar isso”, respondeu Holmes, voltando ao capacho para sacudir a neve dos sapatos. “Acredito que tenho a honra de falar com Miss Mary Holder. Poderia lhe fazer uma ou duas perguntinhas?”

“Tenha a bondade, senhor, se isso puder ajudar a elucidar esse terrível caso.”

“A senhorita não ouviu nada na última noite?”

“Nada, até meu tio começar a falar alto. Ouvi sua voz e desci.”

“A senhorita fechou as janelas e as portas ontem à noite. Trancou todas as janelas?”

“Tranquei.”

“Estavam todas trancadas hoje de manhã?”

“Estavam.”

“Uma de suas criadas tem um namorado? Parece-me que a senhorita observou para seu tio ontem à noite que ela havia saído para vê-lo, não foi?”

“Sim, e foi ela que nos serviu na sala de estar e que pode ter ouvido o comentário sobre o diadema.”

“Entendo. Infere que ela pode ter saído para contar isso ao namorado, e que os dois podem ter planejado o roubo.”

“De que adiantam todas essas teorias vagas”, exclamou o banqueiro com impaciência, “quando eu lhe disse que vi Arthur com o diadema nas mãos?”

“Espere um pouco, Mr. Holder. Voltaremos a isso. Sobre a moça, Miss Holder, suponho que a viu voltar pela porta da cozinha, estou certo?”

“Sim; quando fui ver se a porta estava trancada para a noite, dei com ela entrando furtivamente. Vi o homem também, na semiobscuridade.”

“Conhece-o?”

“Ah, sim; é o verdureiro que traz nossas hortaliças. Chama-se Francis

Prosper.”

“Ele estava postado”, disse Holmes, “à esquerda da porta… isto é, avançara mais no caminho do que o necessário para chegar à porta?”

“Sim, isso mesmo.”

“Tem uma perna de pau?”

Algo semelhante a medo brotou nos expressivos olhos pretos da jovem. “Mas o senhor parece um mágico”, disse. “Como sabe isso?” Ela sorriu, mas o rosto fino e ansioso de Holmes não lhe sorriu de volta.

“Agora gostaria muito de ir ao segundo andar”, disse ele. “Provavelmente vou querer examinar o exterior da casa novamente. Talvez seja melhor dar uma olhada nas janelas aqui do térreo antes de subir.”



“Algo semelhante a medo brotou nos olhos da jovem.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

Passou rapidamente de uma para a outra, parando somente na janela larga do salão que dava para a ruela da estrebaria. Esta, ele abriu e fez um cuidadoso exame do parapeito com sua poderosa lente de aumento. “Agora vamos subir”, disse finalmente.

O quarto de vestir do banqueiro era um cômodo pequeno e mobiliado com simplicidade, com um tapete cinza, uma grande secretária e um espelho alto. Holmes foi primeiro à secretária e examinou bem a fechadura.

“Que chave foi usada para abri-la?” perguntou ele.

“A que meu filho indicou ele mesmo… a do guarda-louça da despensa.”

“O senhor está com ela aqui?”

“Aí está, sobre a penteadeira.”

“É uma fechadura silenciosa”, disse. “Não espanta que não o tenha acordado. Este estojo, presumo, contém o diadema. Devemos dar uma olhada nele.” Abriu o estojo e, tirando a joia, depositou-a sobre a mesa. Era um espécime magnífico da arte da joalheria, e as trinta e seis pedras eram as mais belas que já vi. Num lado do diadema havia uma aresta torta e quebrada, de onde uma ponta com três pedras fora arrancada.

“Cá está, Mr. Holder”, disse Holmes, “a ponta que corresponde àquela que foi tão lamentavelmente perdida. Faça-me o favor de arrancá-la fora.”

O banqueiro recuou, horrorizado. “Eu nem sonharia em tentar”, disse.

“Então eu o farei.” Holmes aplicou de repente toda a sua força sobre ela, sem resultado. “Sinto que cedeu um pouco”, disse; “mas, embora tenha dedos excepcionalmente fortes, eu levaria um tempo enorme para quebrar essa ponta. Um homem comum não conseguiria. Mas que pensa que aconteceria se eu a quebrasse, Mr. Holder? Haveria um barulho como o de um tiro de pistola. O senhor me diz que tudo isso aconteceu a poucos metros de sua cama e não ouviu nada?”

“Não sei o que pensar. Está tudo muito confuso para mim.”

“Mas talvez possa ficar mais claro à medida que avançarmos. Que pensa, Miss Holder?”

“Confesso que partilho a perplexidade de meu tio.”

“Seu filho não usava sapatos nem chinelos quando o viu?”

“Não usava nada além da calça e da camisa.”

“Muito obrigado. Fomos favorecidos por uma sorte extraordinária durante esta inquirição, e se não conseguirmos elucidar a questão terá sido inteiramente por nossa culpa. Com sua permissão, Mr. Holder, continuarei agora minha investigação do lado de fora.”

Foi sozinho, a pedido próprio, pois explicou que qualquer pegada desnecessária poderia tornar sua tarefa mais difícil. Trabalhou durante uma hora ou mais, retornando finalmente com os pés carregados de neve e o semblante tão inescrutável como sempre.

“Creio que agora vi tudo que havia para ver, Mr. Holder”, declarou. “Posso servi-lo melhor retornando a meus próprios aposentos.”

“Mas e as pedras, Mr. Holmes. Onde estão?”

“Não sei dizer.”

O banqueiro torceu as mãos. “Nunca mais as verei de novo! E meu filho? O senhor me deu esperanças.”

“Minha opinião não se alterou em nada.”

“Então, pelo amor de Deus, que coisa estranha foi essa que aconteceu em minha casa ontem à noite?”

“Se o senhor puder me visitar em meus aposentos em Baker Street amanhã de manhã, entre nove e dez horas, ficarei feliz em fazer o possível para torná-la mais clara. Pelo que entendi, o senhor me dá carta branca para agir em seu nome, contanto que eu consiga as pedras de volta, e não impõe nenhum limite à soma que posso usar.”

“Daria a minha fortuna para tê-las de volta.”

“Muito bem. Examinarei a questão até lá. Boa tarde; é possível que eu tenha de voltar aqui antes da noite.”

Era óbvio para mim que meu companheiro já chegara a uma conclusão sobre o caso, embora eu não tivesse a mais pálida ideia de que conclusão poderia ser essa. Durante nossa viagem de volta para casa, tentei sondá-lo várias vezes acerca disso, mas ele sempre desconversava, até que finalmente perdi a esperança e desisti. Ainda não eram três horas quando nos vimos novamente em nossa sala. Ele correu para o seu quarto; minutos depois desceu, vestido como um vagabundo comum. Com seu colarinho virado para cima, paletó lustroso e puído, cachecol vermelho e botas surradas, era um exemplar perfeito da classe.

“Acho que isto vai funcionar”, disse ele, olhando-se no espelho que ficava sobre a lareira. “Gostaria muito que fosse comigo, Watson, mas temo que não seja possível. Pode ser que eu esteja na pista certa neste assunto, pode ser que esteja seguindo uma quimera, logo tirarei a limpo. Espero poder estar de volta dentro de algumas horas.” Cortou uma fatia da carne que estava sobre o aparador, pegou dois pedaços de pão e fez um sanduíche; em seguida, enfiando esta rude refeição no bolso, partiu para sua expedição.

Eu acabara de terminar meu chá quando ele voltou, evidentemente de ótimo humor, balançando uma velha botina fechada com elástico na mão.

Jogou-a num canto e serviu uma xícara de chá para si.

“Estou de passagem”, disse ele. “Vou sair de novo agora mesmo.”

“Aonde vai?”

“Oh, para o outro lado do West End. Pode ser que demore um pouco a voltar. Não espere por mim caso fique tarde.”

“Como está se saindo?”

“Ah, mais ou menos. Não tenho do que me queixar. Estive em Streatham depois que nos separamos, mas não entrei na casa. É um probleminha delicioso e eu não o teria perdido por nada. Mas não posso ficar aqui conversando fiado; tenho de tirar estas roupas indecorosas e recobrar minha respeitabilíssima personalidade.”

Eu podia ver por suas maneiras que ele tinha mais razões para estar satisfeito do que suas palavras indicavam. Seus olhos brilhavam e havia até um toque de cor em suas faces amareladas. Subiu rapidamente ao segundo andar e minutos depois ouvi a porta do vestíbulo bater, o que me informou que ele se lançara mais uma vez à sua agradável caça.

Esperei até meia-noite, mas como não houve sinal dele, retirei-me para o meu quarto. Não era incomum que ele se ausentasse por dias e noites a fio quando estava farejando alguma coisa, e a demora não me causou nenhuma surpresa. Não sei a que horas chegou, mas quando desci para o desjejum, de manhã, lá estava ele com uma xícara de café numa das mãos e um jornal na outra, tão bem-disposto quanto possível.

“Perdoe-me por ter começado sem você, Watson”, disse ele, “mas lembre-se que nosso cliente deverá estar aqui bastante cedo esta manhã.”

“Ora, já passa das nove”, respondi. “Não ficaria surpreso se fosse ele. Tenho a impressão de que ouvi a campainha.”

Era realmente nosso amigo, o financista. Fiquei chocado com a transformação que se operara nele. Seu rosto, naturalmente largo e cheio, estava agora mais fino e caído, ao passo que seu cabelo parecia um pouco mais branco. Entrou na sala num estado de cansaço e letargia ainda mais penoso que sua violência da manhã anterior e caiu pesadamente na poltrona que empurrei em sua direção.

“Não sei o que fiz para ser tão severamente posto à prova”, disse. “Apenas dois dias atrás eu era um homem feliz e próspero, sem uma preocupação no mundo. Agora só me resta uma velhice solitária e desonrada.

Uma dor vem atrás da outra. Minha sobrinha Mary me abandonou.”

“Abandonou-o?”

“Sim. Hoje de manhã sua cama estava intacta, seu quarto vazio, e havia um bilhete para mim sobre a mesa do salão. Eu lhe dissera ontem à noite, movido pela dor e não pela raiva, que, se ela tivesse se casado com meu filho, tudo poderia estar bem com ele. Talvez tenha sido leviandade de minha parte dizer-lhe isso. É a essa observação que ela se refere neste bilhete:

> MEU QUERIDO TIO,
>
> Sinto que provoquei seu infortúnio, e que se tivesse agido de maneira diferente essa terrível desgraça poderia nunca ter acontecido. Com este pensamento em mente, jamais poderei voltar a ser feliz sob seu teto, e sinto que devo deixá-lo para sempre. Não se preocupe com meu futuro, porque minha subsistência está assegurada; e, sobretudo, não procure por mim, porque seria uma procura inútil e prejudicial para mim. Amando-o sempre, na vida ou na morte,
>
> Sua,
> MARY

Que poderia ela estar querendo dizer com este bilhete, Mr. Holmes? O senhor acha que ele é indício de suicídio?”

“Não, nada disso. Esta talvez seja a melhor solução possível. Acredito, Mr. Holder, que seus infortúnios estão chegando ao fim.”

“Ah! Acha mesmo? Ouviu alguma coisa, Mr. Holmes, ou apurou alguma coisa? Onde estão as pedras?”

“O senhor consideraria mil libras por uma pedra um preço excessivo?”

“Eu pagaria dez.”

“Não há necessidade disso. Três mil resolverão a questão. E há uma pequena recompensa, se não me engano. Está com seu talão de cheques? Aqui tem uma caneta. Melhor fazer um cheque de quatro mil libras.”

Com uma expressão embasbacada o banqueiro preencheu o cheque solicitado. Holmes foi até sua escrivaninha, pegou um pequeno triângulo de ouro com três pedras incrustadas, e jogou-o sobre a mesa.

Nosso cliente agarrou-o com um grito de alegria.

“O senhor conseguiu!” disse, ofegante. “Estou salvo! Estou salvo!”

A reação de alegria foi tão apaixonada quanto o fora a de pesar, e ele aconchegou ao peito as pedras recobradas.

“O senhor tem mais uma dívida, Mr. Holder”, disse Sherlock Holmes com bastante severidade.

“Pronto!” Pegou a caneta. “Diga a soma e pagarei.”

“Não, a dívida não é para comigo. O senhor deve um pedido de perdão muito humilde a esse nobre rapaz, seu filho, que se conduziu como eu ficaria orgulhoso de ver meu próprio filho se conduzir, se um dia viesse a ter um.”

“Então não foi Arthur quem pegou as pedras?”

“Eu lhe disse ontem, e repito hoje, que não.”

“Tem certeza? Então vamos correndo lhe contar que sabemos a verdade.”

“Ele já sabe. Depois de ter esclarecido tudo, tive uma conversa com ele, e, constatando que não me contaria a história, eu a contei para ele, e diante disso teve de confessar que eu estava certo, e acrescentar alguns poucos detalhes que não estavam inteiramente claros para mim. A notícia que o senhor tem a dar sobre o acontecimento desta manhã, porém, talvez lhe abra os lábios.”

“Pelo amor de Deus, conte-me, então, que mistério extraordinário é esse.”

“Vou contar, e vou lhe mostrar os passos pelos quais cheguei a ele. Mas deixe-me dizer-lhe, em primeiro lugar, o que será mais difícil para mim dizer e para o senhor ouvir. Houve um entendimento entre Sir George Burnwell e sua sobrinha Mary. Eles fugiram juntos.”

“Minha Mary? Impossível!”

“Infelizmente é mais que possível; é certo. Nem o senhor nem o seu filho conheciam o verdadeiro caráter desse homem quando o admitiram em seu círculo familiar. É um dos homens mais perigosos da Inglaterra… um jogador arruinado, um patife absolutamente desesperado; um homem sem coração nem consciência. Sua sobrinha nada sabia sobre homens dessa espécie; quando ele lhe soprava suas promessas, como fez centenas de vezes, ficava lisonjeada por ser a única a lhe tocar o coração. Só o diabo sabe o que ele lhe dizia, mas finalmente ela se tornou um instrumento dele e adquiriu o hábito de vê-lo quase todas as noites.”

“Não posso e não vou acreditar nisso!” gritou o banqueiro, lívido.

“Vou lhe contar, então, o que aconteceu na sua casa na noite passada. Quando achou que o senhor fora para o seu quarto, sua sobrinha desceu sorrateiramente e foi conversar com o namorado pela janela que dá para a ruela da estrebaria. Ele ficou tanto tempo ali que suas pegadas ficaram marcadas na terra, sob a neve. Ela lhe falou do diadema. A avidez depravada por ouro do rapaz inflamou-se com a notícia e ele lhe impôs sua vontade. Não tenho dúvida de que ela o amava, mas há mulheres em quem o amor de um amante extingue todos os outros; acho que sua sobrinha era assim. Ela mal ouvira as instruções dele quando viu o senhor descendo a escada; fechou então rapidamente a janela e falou-lhe sobre uma escapada de uma das criadas com seu namorado perneta, o que era perfeitamente verdadeiro.

“Seu filho, Arthur, foi dormir após a conversa que teve com o senhor, mas dormiu mal por causa de sua inquietação com as dívidas que tem no clube. No meio da noite, ouviu passos leves pela porta do quarto dele; levantou-se e, ao olhar para fora, teve a surpresa de ver a prima andando muito furtivamente pelo corredor até desaparecer no seu quarto de vestir. Petrificado pelo espanto, o rapaz vestiu alguma coisa e ficou esperando ali no escuro para ver qual seria o desfecho daquele estranho incidente. Logo depois ela saiu do quarto e, à luz da lâmpada do corredor, seu filho viu que tinha o precioso diadema nas mãos. Ela desceu a escada e ele, palpitando de horror, correu e foi se esconder atrás da cortina perto da sua porta, de onde podia ver o que se passava no salão, embaixo. Viu-a abrir sub-repticiamente a janela, entregar o diadema para uma pessoa no escuro e, depois de fechá-la, correr de volta para o quarto dela, passando muito perto do lugar em que ele se escondia.

“Enquanto ela estava em cena, ele nada pôde fazer sem expor horrivelmente a mulher que amava. Assim que ela saiu, porém, compreendeu que terrível desgraça aquilo representaria para o senhor e a importância de corrigi-lo. Desceu correndo como estava, descalço, abriu a janela, pulou na neve e correu pela ruela, onde conseguiu divisar uma figura escura à luz da lua. Sir George Burnwell tentou escapar, mas Arthur agarrou-o e os dois se engalfinharam, cada um puxando uma ponta do diadema. Na briga, seu filho acertou um murro em Sir George e cortou-lhe o supercílio. De repente houve um estalo, e seu filho, vendo que tinha o diadema nas mãos, correu para casa, fechou a janela, subiu ao seu quarto e havia acabado de notar que o diadema fora torcido na luta, e tentava endireitá-lo, quando o senhor apareceu.”

“Será possível!” disse o banqueiro, arquejante.

“Em seguida o senhor o enraiveceu, insultando-o num momento em que se sentia merecedor do seu mais caloroso agradecimento. Não podia explicar o verdadeiro estado de coisas sem trair uma pessoa que certamente merecia bem pouca consideração de sua parte. Mas ele adotou a atitude mais cavalheiresca e preservou o segredo dela.”

“Foi por isso que ela gritou e desmaiou ao ver o diadema”, exclamou Mr. Holder. “Oh, meu Deus! Como fui tolo e cego. E ele me pedindo que eu o deixasse ir lá fora por cinco minutos! O meu pobre rapaz queria ver se o pedaço que faltava estava no local da luta. Como fui injusto com ele!”

“Quando cheguei à casa”, continuou Holmes, “contornei-a imediatamente, observando com muito cuidado se havia algum vestígio na neve que pudesse me ajudar. Sabia que não nevara desde a noite anterior, e também que a forte geada que caíra preservaria as impressões. Percorri o caminho dos entregadores, mas estava todo pisoteado e indistinguível. Logo além dele, porém, do lado de lá da porta da cozinha, estivera uma mulher conversando com um homem, cujas pegadas redondas de um lado mostraram-me que tinha uma perna de pau. Eu poderia até dizer que algo os perturbara, porque a mulher correu de volta para a porta rapidamente, como mostravam as marcas profundas das pontas dos pés e as marcas leves dos calcanhares, enquanto Perneta esperara um pouco e depois fora embora. Pensei na hora que essas marcas podiam ser da criada e do namorado, de que o senhor já me falara, e a investigação o confirmou. Andei pelo jardim sem ver nada além de pegadas aleatórias, que atribuí à polícia; ao chegar à ruela da estrebaria, porém, deparei com uma longa e complexa história escrita na neve.

“Havia uma linha dupla de pegadas de um homem de botinas, e uma segunda linha dupla que constatei, encantado, pertencer a um homem descalço. Convenci-me de imediato, pelo que o senhor me havia contado, que estas últimas pegadas eram de seu filho. O primeiro havia andado nos dois sentidos, mas o outro correra rapidamente, e, como em alguns lugares suas pegadas estavam impressas sobre a depressão da botina, era óbvio que passara depois do outro. Segui esses vestígios e vi que levavam à janela do salão, onde Botinas havia feito a neve derreter enquanto esperava. Depois andei até a outra extremidade, que ficava uns cem metros ou mais adiante, na ruela. Vi onde Botinas dera meia-volta, onde a neve estava esmigalhada

como se tivesse havido uma briga, e, por fim, o lugar onde algumas gotas de sangue haviam caído, mostrando-me que eu não me enganava. Depois Botinas correra ruela abaixo, e mais uma pequena mancha de sangue mostrou-me que ele é que fora ferido. Ao chegar à via principal, na outra extremidade, vi que a calçada fora limpa e que aquela pista terminara.

"Ao entrar na casa, porém, examinei, como o senhor se lembra, o parapeito e a esquadria da janela do salão com minha lente, e pude ver imediatamente o que se passara. Pude distinguir uma marca que era o contorno de um pé molhado entrando. Nessa altura eu estava começando a ser capaz de formar uma opinião quanto ao que ocorrera. Um homem ficara esperando do lado de fora da janela, alguém lhe levara as pedras; o ato fora presenciado por seu filho, ele perseguira o ladrão, lutara com ele, os dois haviam puxado o diadema, e suas forças unidas haviam causado à peça danos de que nenhum dos dois teria sido capaz sozinho. Ele retornara com o prêmio, mas deixara um fragmento em poder do adversário. Até aí tudo estava claro. A grande dúvida passava a ser: quem era esse homem, e quem levara o diadema para ele?

"Segundo uma velha máxima minha, depois que se excluiu o impossível, o que sobra, por mais improvável que seja, deve ser a verdade. Ora, como eu sabia que não fora o senhor que levara o diadema até a janela, só restavam sua sobrinha e as criadas. Mas se tivesse sido uma das criadas, por que seu filho toleraria ser acusado em seu lugar? Não havia razão possível. Como ele amava a prima, no entanto, havia uma excelente explicação para o fato de ter guardado o segredo dela — tanto mais que era um segredo vergonhoso. Quando lembrei que o senhor a vira à janela, e como ela desmaiara ao ver o diadema, minha conjectura se transformou em certeza.

"Mas quem poderia ser seu cúmplice? Um namorado, evidentemente, pois quem mais poderia sobrepujar o amor e a gratidão que ela devia sentir pelo senhor? Eu sabia que o senhor e ela saíam pouco, que seu círculo de amigos era muito restrito. Entre eles, porém, estava Sir George Burnwell. Eu ouvira falar dele antes como um homem de má reputação entre as mulheres. Devia ter sido ele que usara aquelas botinas e ficara com as pedras desaparecidas. Mesmo tendo sido desmascarado por Arthur, talvez ainda se julgasse seguro, porque o rapaz não poderia dizer uma palavra contra ele sem comprometer a própria família.

"Bem, seu próprio bom-senso vai ditar minhas próximas medidas. Fui à

casa de Sir George sob o disfarce de um vagabundo, consegui travar conhecimento com o criado dele, fiquei sabendo que seu patrão sofrera um corte no rosto na véspera, e, finalmente, mediante o gasto de seis xelins, certifiquei-me de tudo comprando um par de botinas que ele mandara jogar fora. Voltei a Streatham com elas e verifiquei que correspondiam exatamente às pegadas."

"Vi um vagabundo malvestido na ruela ontem à noite", disse Mr. Holder.

"Exatamente. Era eu. Tendo verificado que encontrara meu homem, vim para casa e troquei de roupa. Foi um papel delicado o que tive de encenar então, porque via que era preciso evitar um processo, que ocasionaria um escândalo, e sabia que um patife tão astuto perceberia que estávamos de mãos atadas na questão. Fui à sua casa e falei com ele. A princípio, é claro, negou tudo. Mas quando lhe dei todos os detalhes do que acontecera, tentou bancar o valentão e pegou uma arma.



"Meti-lhe uma pistola na cabeça."
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

Mas eu sabia com quem estava lidando e, antes que pudesse me golpear, meti-lhe uma pistola na cabeça. Depois disso ele se tornou um pouco mais cordato. Disse-lhe que pagaria pelas pedras que ele tinha em seu poder — mil libras por pedra. Isso provocou sua primeira manifestação de arrependimento. 'Com os diabos! Vendi as três por seiscentos!' Logo, prometendo-lhe que

nenhuma ação seria movida contra ele, consegui obter o endereço do receptador que as comprara. Corri ao homem e, depois de muito pechinchar, comprei as pedras por mil libras cada. Fui então ter com seu filho, contei-lhe que estava tudo certo e acabei caindo na cama por volta das duas da madrugada, depois do que posso realmente chamar de um duro dia de trabalho."

"Um dia que salvou a Inglaterra de um grande escândalo público", disse o banqueiro, levantando-se. "Senhor, não tenho palavras para lhe agradecer, mas encontrarei alguma outra maneira de provar minha gratidão. Seu talento ultrapassou de fato tudo que me haviam dito dele. Agora devo ir correndo ao encontro de meu querido rapaz, para lhe pedir desculpas pela injustiça que lhe fiz. Quanto ao que o senhor me diz de minha pobre Mary, estou com o coração partido. Nem sua competência poderia me dizer onde ela está agora."

"Creio que podemos dizer com segurança", respondeu Holmes, "que ela está onde quer que Sir George Burnwell esteja. É igualmente certo, também, que, quaisquer que sejam os pecados de Mary, os dois logo receberão um castigo mais que suficiente."

AS FAIAS ACOBREADAS

"PARA O HOMEM QUE APRECIA A ARTE pela arte", observou Sherlock Holmes jogando de lado a folha de anúncios do *Daily Telegraph*, "são muitas vezes suas manifestações menos importantes e mais modestas que podem proporcionar o mais intenso prazer. É agradável para mim observar, Watson, que você está tão imbuído desta verdade que, nesses pequenos registros de nossos casos que teve a bondade de redigir — embelezando-os aqui e ali, sou obrigado a dizer —, deu destaque não tanto às muitas *causes célèbres* e aos julgamentos sensacionais em que figurei, mas àqueles incidentes que podem ter sido triviais em si mesmos, mas deram lugar àquelas faculdades de dedução e de síntese lógica que transformei em meu domínio especial."

"Apesar disso", respondi, sorrindo, "não posso me considerar inteiramente inocente da acusação de sensacionalismo que foi lançada contra meus registros."

"Você errou, talvez", ele observou, pegando uma brasa incandescente com as tenazes e acendendo com ela o comprido cachimbo de cerejeira que costumava substituir o de barro quando estava mais propenso a discutir que a meditar…, "você errou talvez ao tentar dar cor e vida a cada uma de suas frases, em vez de se ater à tarefa de registrar aquele raciocínio severo de causa para efeito que é realmente a única característica notável da coisa."



“Pegando uma brasa incandescente com as tenazes.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Tenho a impressão de que lhe fiz plena justiça nessa matéria”, observei com certa frieza, porque me desagradava a egolatria que mais de uma vez notara ser um forte componente do singular caráter de meu amigo.

“Não, não é egoísmo ou presunção”, disse ele, respondendo, como de costume, mais aos meus pensamentos que às minhas palavras. “Se reivindico plena justiça para minha arte, é porque ela é algo de impessoal… algo além de mim mesmo. O crime é comum. A lógica é rara. Por isso mesmo, é sobre a lógica, não sobre o crime, que você deveria se alongar. Você amesquinhou o que deveria ter sido uma série de conferências num punhado de histórias.”

Era uma manhã fria no início da primavera e estávamos à mesa do desjejum, cada um de um lado de um fogo aconchegante na velha sala de Baker Street. Um nevoeiro espesso corria entre as fileiras de casas pardacentas e as janelas fronteiras assomavam como borrões escuros, sem forma, através das pesadas espirais amarelas. Nossa luz a gás estava acesa e brilhava sobre a toalha branca, a porcelana e os talheres, porque a mesa ainda não fora tirada. Sherlock Holmes passara toda a manhã em silêncio, folheando sem parar as colunas de anúncios de uma sucessão de jornais, até que por fim, tendo aparentemente desistido de sua busca, emergira num estado de ânimo não muito jovial para me censurar por minhas insuficiências literárias.

“Ao mesmo tempo”, observou ele depois de uma pausa, durante a qual

ficara quieto, tirando baforadas de seu comprido cachimbo e contemplando o fogo, “dificilmente se poderia tachá-lo de sensacionalista, porque entre os casos pelos quais teve a bondade de se interessar, uma boa proporção não trata absolutamente de crimes, no sentido legal. O pequeno problema em que me esforcei por ajudar o rei da Boêmia, a singular experiência de Miss Mary Sutherland, a questão associada ao homem da boca torta e o incidente do nobre solteirão, todas estas foram questões que escapam ao âmbito da lei. Mas, ao evitar o sensacional, receio que você possa ter tocado as raias do trivial.”

“O fim pode ter sido trivial”, respondi, “mas sustento que os métodos foram inovadores e de interesse.”

“Ora, meu caro amigo, que importância dá o público, que mal sabe identificar um tecelão pelo dente ou um tipógrafo pelo polegar, às nuances mais finas da análise e da dedução! Mas na realidade, se você é trivial, não posso culpá-lo por isso, porque o tempo dos grandes casos passou. O homem, ou pelo menos o criminoso, perdeu toda a sua iniciativa e originalidade. Quanto à minha própria atividade, isto aqui parece estar se degenerando numa agência para a recuperação de lápis perdidos e de aconselhamento para mocinhas egressas de internatos. Creio, porém, que finalmente cheguei ao fundo do poço. Suponho que este bilhete que recebi esta manhã assinale meu ponto zero. Leia!” Jogou-me uma carta amassada. Fora escrita na noite anterior, em Montague Place, e dizia:

CARO MR. HOLMES,

Estou extremamente desejosa de consultá-lo quanto à conveniência de aceitar ou não um emprego de governanta que me foi oferecido. Irei vê-lo amanhã às dez e meia, se isso não o incomodar…

Atenciosamente,
VIOLET HUNTER

“Conhece essa jovem?” perguntei.

“Em absoluto.”

“São dez e meia agora.”

“São, e não tenho dúvida de que é ela que está tocando a campainha.”

“Isso pode acabar se revelando mais interessante do que você pensa.

Lembra-se do caso do Carbúnculo Azul? No início pareceu-me simples extravagância, mas transformou-se numa investigação séria. Pode acontecer o mesmo neste caso."

"Bem, esperemos que sim! Mas nossas dúvidas logo serão dissipadas, pois, ou muito me engano, ou cá está a pessoa em questão."

Enquanto ele falava, a porta se abriu e uma jovem entrou na sala. Estava vestida com simplicidade, mas corretamente, tinha um rosto vivo, esperto, todo sardento, e maneiras despachadas de uma mulher que tivera de garantir o próprio sustento.

"O senhor me perdoará o incômodo, tenho certeza", disse ela quando meu companheiro se levantou para cumprimentá-la, "mas tive uma experiência muito estranha, e como não tenho parentes nem relações de nenhum tipo com quem me aconselhar, pensei que talvez o senhor pudesse ter a bondade de me dizer o que devo fazer."

"Por favor, sente-se, Miss Hunter. Ficarei feliz em lhe ser útil como quer que seja."

Pude ver que Holmes estava favoravelmente impressionado com as maneiras e o modo de falar de sua nova cliente. Examinou-a à sua maneira inquisitiva e em seguida preparou-se, com as pálpebras baixas e as pontas dos dedos unidas, para ouvir sua história.

"Fui governanta durante cinco anos", contou ela, "na família do coronel Spence Munro. Dois meses atrás, porém, o coronel foi transferido para Halifax, na Nova Escócia, e levou os filhos consigo para a América; vi-me então desempregada. Publiquei um anúncio e respondi anúncios, mas sem sucesso. Por fim o pouco dinheiro que havia economizado começou a acabar e eu já estava ficando desesperada.

"Há uma agência para governantas muito conhecida no West End, chama-se Westaway's, e eu costumava ir lá mais ou menos uma vez por semana para ver se aparecera alguma coisa que pudesse me servir. Westaway era o nome do fundador do negócio, mas quem realmente o administra é Miss Stoper. Ela fica em seu pequeno escritório e as senhoras que estão à procura de emprego esperam na antessala; são então chamadas uma a uma, Miss Stoper consulta seus livros e vê se há alguma coisa que lhes poderia convir.

"Pois bem, quando estive lá na semana passada, fui introduzida no pequeno escritório como de costume, mas vi que Miss Stoper não estava sozinha. Ao lado dela estava sentado um homem prodigiosamente gordo,

com um rosto muito sorridente e um enorme e pesado queixo que lhe caía, camada após camada, pelo pescoço abaixo. Com um par de óculos no nariz, o homem olhava muito seriamente para as senhoras que entravam. Quando entrei ele deu um pulo na cadeira e se virou rapidamente para Miss Stoper.

"'Esta servirá!' disse. 'Eu não poderia querer nada melhor. Excelente! Excelente!' Parecia muito entusiasmado e esfregava as mãos de satisfação. Era um homem que parecia tão contente de si que era um prazer olhar para ele.

"'Está procurando um emprego, senhorita?'

"'Sim, senhor.'

"'Como governanta?'

"'Sim, senhor.'

"'E quanto deseja ganhar?'

"'Ganhava quatro libras por mês em meu último emprego com o coronel Spence Munro.'

"'Ora, mas como? Exploração… exploração!' exclamou jogando as mãos gordas para cima, arrebatado. 'Como poderia alguém oferecer uma soma tão desprezível para uma senhorita com tais atrativos e prendas?'

"'Minhas prendas, senhor, talvez sejam menores do que imagina', disse eu. 'Um pouco de francês, um pouco de alemão, música e desenho…'

"'Ora, ora!' exclamou. 'Nada disso interessa. O que importa é, tem ou não tem a senhorita o porte e as maneiras de uma dama? Em síntese, é só isto. Se não tem, não está apta para educar uma criança que pode vir um dia a desempenhar um papel considerável na história do país. Mas se tem, como pode um cavalheiro pedir-lhe que se digne a aceitar alguma coisa abaixo de três algarismos? Seu salário comigo, minha jovem, seria de cem libras por ano, para começar.'

"O senhor pode imaginar, Mr. Holmes, que para mim, pobre como sou, uma oferta como essa pareceu quase boa demais para ser verdade. O cavalheiro, no entanto, vendo talvez o olhar de incredulidade em meu rosto, abriu uma carteira e tirou uma nota.

"'É também um hábito meu', disse ele, sorrindo da maneira mais benévola, até seus olhos parecerem duas risquinhas brilhantes em meio às pregas brancas de seu rosto, 'pagar às minhas jovens metade de seu salário antecipadamente, para que possam fazer face a quaisquer pequenas despesas

com a viagem ou com seu guarda-roupa.’

“Pareceu-me que nunca tinha conhecido um homem tão fascinante e tão atencioso. Como eu já estava devendo a comerciantes, o adiantamento me era muito conveniente; ao mesmo tempo, havia em toda aquela transação algo de esquisito que me fez desejar saber um pouco mais antes de me comprometer por completo.

“‘Posso lhe perguntar onde mora, senhor?’ disse eu.

“‘Hampshire. Uma aprazível propriedade rural. As Faias Acobreadas, oito quilômetros depois de Winchester. É uma linda região, minha cara senhorita, e a mais encantadora e antiga casa de campo.’

“‘E minhas obrigações, senhor? Gostaria de saber quais seriam.’

“‘Uma criança… um adorável traquinas de apenas seis anos. Ah, se pudesse vê-lo matando baratas com um chinelo! Pá! Pá! Pá! Três baratas mortas num piscar de olhos.’ Recostou-se na cadeira e caiu de novo na gargalhada.

“Eu estava um pouco assustada com a natureza do divertimento da criança, mas o riso do pai me fez pensar que talvez estivesse brincando.

“‘Minhas únicas obrigações, portanto’, perguntei, ‘seriam cuidar de uma só criança?’

“‘Não, não, não as únicas, não as únicas, minha cara jovem’, ele exclamou. ‘Seu dever seria, como estou certo de que seu bom-senso lhe sugeriria, obedecer a quaisquer pequenas ordens que minha mulher possa lhe dar, sempre contanto que sejam ordens a que uma dama possa obedecer com decoro. Não vê dificuldade nisso, não é?’

“‘Eu teria prazer em ser útil.’

“‘Naturalmente. Em matéria de roupas, por exemplo! Somos uma gente cheia de caprichos — cheia de caprichos, mas de bom coração. Se lhe pedíssemos para usar um vestido que lhe déssemos, a senhorita não faria objeção a nosso pequeno capricho, faria?’

“‘Não’, disse eu, espantadíssima com suas palavras.

“‘Ou para se sentar aqui ou ali; isso seria ofensivo para a senhorita?’

“‘Claro que não.’

“‘Ou para cortar seu cabelo bem curto antes de ir ter conosco?’

“Eu mal podia acreditar nos meus ouvidos. Como o senhor pode

observar, Mr. Holmes, meu cabelo é um tanto luxuriante e de um castanho bastante peculiar. Já o consideraram artístico. Eu não podia nem sonhar com a ideia de sacrificá-lo dessa maneira extemporânea.

"'Temo que isso seja absolutamente impossível', respondi. Ele me fitava ansiosamente com seus olhinhos e pude ver uma sombra perpassar seu semblante quando falei.

"'Temo que isso seja absolutamente essencial', retrucou ele. 'É um pequeno capricho de minha mulher, e caprichos de uma dama, a senhorita bem sabe, os caprichos de uma dama devem ser consultados. Então não cortaria o cabelo?'

"'Não, senhor, realmente não poderia', respondi com firmeza.

"'Ah, muito bem; isso é decisivo. É uma pena, porque sob outros aspectos a senhorita realmente nos conviria muito bem. Nesse caso, Miss Stoper, prefiro inspecionar mais algumas de suas jovens.'

"Nesse momento, a gerente, que passara todo aquele tempo ocupada com seus papéis, sem uma palavra para nenhum de nós, fitou-me com uma expressão de tamanha irritação que não pude deixar de suspeitar que ela havia perdido uma bela comissão com minha recusa.

"'Deseja que seu nome seja mantido em nossos livros?' perguntou.

"'Sim, por favor, Miss Stoper.'

"'Bem, mas na verdade parece inútil, já que a senhorita recusa as mais esplêndidas ofertas dessa maneira', disse ela rudemente. 'Não espere que nos esforcemos para encontrar uma outra oportunidade como esta para lhe oferecer. Tenha um bom dia, Miss Hunter.' Bateu num gongo sobre a mesa e o criado levou-me até a porta.

"Bem, Mr. Holmes, quando cheguei em casa e encontrei pouca comida no armário e duas ou três contas sobre a mesa, comecei a perguntar a mim mesma se não havia cometido uma grande tolice. Afinal de contas, se aquelas pessoas tinham estranhas manias, e esperavam obediência nos assuntos mais extraordinários, pelo menos estavam dispostas a pagar por sua excentricidade. Muito poucas governantas na Inglaterra ganham cem libras por ano. Além disso, que utilidade tem meu cabelo para mim? Muitas pessoas ficam melhor de cabelo curto, e talvez eu fosse uma delas. No dia seguinte eu já me inclinava a pensar que cometera um erro; dois dias depois, tinha certeza disso. Havia quase conseguido superar meu orgulho, para admitir voltar à agência e indagar se o emprego ainda estava disponível, quando recebi uma

carta do próprio cavalheiro. Tenho-a aqui e vou lê-la para o senhor.

> As Faias Acobreadas, perto de Winchester
>
> CARA MISS HUNTER,
>
> Miss Stoper teve a gentileza de me dar seu endereço e escrevo-lhe daqui para lhe perguntar se reconsiderou sua decisão. Minha mulher está muito desejosa de que venha, porque a descrição que fiz da senhorita agradou-lhe muito. Estamos dispostos a pagar-lhe trinta libras por trimestre, ou cento e vinte libras por ano, de modo a recompensá-la por qualquer pequeno inconveniente que nossos caprichos possam lhe ocasionar. No final das contas, não somos muitos exigentes. Minha mulher gosta muito de um tom particular de azul-elétrico, e gostaria que a senhorita usasse um vestido dessa cor de manhã. A senhorita não precisa, contudo, fazer a despesa de comprá-lo, porque temos um pertencente à minha querida filha Alice (agora na Filadélfia) que, penso eu, lhe serviria muito bem. Depois, quanto a se sentar aqui ou ali, ou a se entreter da maneira indicada, isso não precisa lhe ocasionar nenhum estorvo. Quanto a seu cabelo, é sem dúvida uma pena, em especial porque não pude deixar de notar a beleza dele durante nossa breve entrevista, mas temo que deva permanecer firme nesse ponto, e só espero que um salário maior possa recompensá-la por essa perda. Suas obrigações, no que diz respeito à criança, são muito leves. Agora, por favor, procure vir. Irei buscá-la com o *dog-cart* em Winchester. Comunique-me por que trem virá.
>
> Atenciosamente,
> JEPHRO RUCASTLE

"Esta é a carta que acabo de receber, Mr. Holmes, e estou decidida a aceitar a proposta. Achei porém que, antes de dar o último passo, seria bom submeter todo o assunto à sua consideração."

"Bem, Miss Hunter, se já se decidiu, não há mais o que conversar", disse Holmes, sorrindo.

"Mas o senhor não me aconselharia a recusar?"

"Confesso que não é o emprego para o qual gostaria de ver uma irmã se candidatar."

"Qual será o sentido de tudo isso, Mr. Holmes?"

“Ah, não tenho dados. Não sei. Talvez a senhorita já tenha formado uma opinião?”

“Bem, só me parece haver uma solução possível. Mr. Rucastle deu-me a impressão de ser um homem muito bondoso e afável. Não seria possível que sua mulher seja uma lunática, que ele deseje manter isso em segredo para evitar que a levem para um asilo, e que atenda aos caprichos dela de todas as maneiras para evitar um acesso?”

“Esta é uma solução possível… de fato, tal como as coisas se apresentam, é a mais provável. Mas, seja como for, essa não parece ser uma casa adequada para uma jovem.”

“Mas o dinheiro, Mr. Holmes, o dinheiro!”

“Bem, sim, claro que o pagamento é bom… bom demais. É isso que me deixa inquieto. Por que haveriam eles de lhe pagar cento e vinte libras por ano quando poderiam ter a melhor das governantas por quarenta? Deve haver uma forte razão por trás disso.”

“Pensei que ao lhe contar as circunstâncias o senhor compreenderia melhor as coisas se, mais tarde, eu quisesse a sua ajuda. Eu me sentiria muito mais fortalecida se sentisse que tenho o seu respaldo.”

“Oh, pode partir com a certeza disso. Eu lhe asseguro que seu probleminha promete ser o mais interessante com que me deparo há alguns meses. Há algo de nitidamente original em algumas de suas características. Se a senhorita se vir em dúvida ou em perigo…”

“Perigo! Que perigo o senhor prevê?”

Holmes sacudiu gravemente a cabeça. “Se eu pudesse defini-lo, deixaria de ser um perigo”, disse. “Mas a qualquer hora do dia ou da noite um telegrama me fará acorrer em sua ajuda.”

“Isto basta.” Miss Hunter levantou-se num movimento decidido, sem mais um traço de ansiedade no rosto. “Partirei para Hampshire tranquila agora. Escreverei de imediato a Mr. Rucastle, sacrificarei meu pobre cabelo esta noite e tomarei o trem para Winchester amanhã.” Com algumas palavras de gratidão para Holmes, deu-nos boa-noite a ambos e saiu rapidamente.



“Holmes sacudiu gravemente a cabeça.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Pelo menos”, disse eu, quando ouvimos seus passos ligeiros e firmes descendo a escada, “ela parece ser uma jovem capaz de tomar conta de si mesma.”

“E vai precisar disso”, disse Holmes gravemente. “Ou muito me engano, ou não se passarão muitos dias antes que ouçamos falar dela.”

A previsão de meu amigo cumpriu-se. Passaram-se duas semanas, durante as quais meus pensamentos voltaram-se muitas vezes na direção dela, conjecturando em que estranho desvio da experiência humana essa mulher solitária se extraviara. O salário incomum, as condições curiosas, as obrigações leves, tudo apontava para algo anormal, embora estivesse inteiramente acima de meus poderes determinar se aquilo era excentricidade ou conspiração, ou se o homem era um filantropo ou um canalha. Quanto a Holmes, eu observava que ele ficara sentado por uma boa meia hora, as sobrancelhas franzidas e um ar distraído; quando eu mencionava o assunto, porém, ele o repelia, sacudindo a mão. “Dados! Dados! Dados!” exclamava com impaciência. “Não posso fazer tijolos sem barro.” Mesmo assim, acabava sempre murmurando que nenhuma irmã dele jamais teria aceitado um emprego como aquele.

O telegrama que finalmente recebemos chegou tarde da noite, exatamente quando eu pensava em ir para a cama e Holmes se preparava para uma daquelas noites dedicadas a investigações químicas a que frequentemente se entregava, quando eu o deixava inclinado sobre uma retorta e um tubo de ensaio à noite e o encontrava na mesma posição ao

descer de manhã para o desjejum. Ele abriu o envelope amarelo e, depois de ter passado os olhos pela mensagem, jogou-a para mim.

"Dê uma olhada nos trens no Bradshaw", e voltou a seus estudos químicos.

Tratava-se de um apelo breve e urgente.

> Por favor, esteja no Black Swan Hotel em Winchester amanhã ao meio-dia. Venha! Estou desesperada.
>
> HUNTER

"Irá comigo?" perguntou Holmes, levantando os olhos.

"Gostaria muito."

"Então veja os horários."

"Há um trem às nove e meia", disse eu, passando os olhos em meu Bradshaw. "Deve chegar a Winchester às onze e meia."

"Esse nos servirá muito bem. Nesse caso, talvez seja melhor eu adiar minha análise das acetonas, já que posso precisar estar na minha melhor forma de manhã."

Às onze horas do dia seguinte estávamos próximos da velha capital inglesa. Holmes estivera absorto nos jornais da manhã durante todo o trajeto, mas depois que deixamos para trás a fronteira de Hampshire ele os jogou no chão e começou a admirar a paisagem. Era um dia ideal de primavera, um leve céu azul, pontilhado de nuvenzinhas brancas como flocos de algodão que se moviam de oeste para leste. O sol brilhava intensamente, mas havia no ar um frio revigorante que levantava o ânimo de um homem. Por toda a região rural, até os morros ondulados em torno de Aldershot, os telhadinhos vermelho e cinza das granjas despontavam em meio ao verde-claro da folhagem nova.

"Não são claras e bonitas?!" exclamei com todo o entusiasmo de um homem recém-saído dos nevoeiros de Baker Street.

Mas Holmes sacudiu a cabeça gravemente.

"Sabe, Watson, uma das maldições de ter um cérebro como o meu é que estou condenado a ver todas as coisas referindo-as à minha própria especialidade. Você contempla essas casinhas espalhadas e fica

impressionado com sua beleza. Eu olho para elas e o único pensamento que me ocorre é um senso de seu isolamento e da impunidade com que o crime poderia ser cometido aí."

"Meu Deus!" exclamei. "Quem associaria crime com essas lindas casas de fazenda antigas?"

"Elas sempre me enchem de certo horror. É minha crença, Watson, fundada na minha experiência, que os mais humildes e sórdidos becos de Londres não apresentam um histórico de pecados mais pavoroso que o da mais sorridente e bela região rural."

"Você me horroriza!"

"Mas as razões são óbvias. Na cidade, a pressão da opinião pública é capaz de fazer o que a lei não consegue. Não há ruela tão vil que o grito de uma criança torturada, ou o ruído surdo da queda do bêbado, não gere comiseração e indignação entre os vizinhos, e toda a maquinaria da justiça está sempre tão próxima que uma palavra de queixa pode pô-la em movimento, e só um degrau separa o crime do banco dos réus. Mas olhe essas casas isoladas, cada uma em seus próprios campos, cheias em sua maior parte de gente pobre e ignorante que pouco conhece das leis. Pense nos atos de crueldade diabólica, na perversidade oculta que pode prosseguir ano após ano em lugares como esses, sem que ninguém saiba. Se essa jovem que pede nosso socorro tivesse ido morar em Winchester, eu nunca teria me preocupado com ela. São os oito quilômetros de campo que fazem o perigo. Ainda assim, é claro que ela não está pessoalmente ameaçada."

"Não. Se pode ir nos encontrar em Winchester, pode sair."

"É claro. Tem liberdade."

"Nesse caso, qual pode ser o problema? Consegue sugerir uma explicação?"

"Imaginei sete explicações diferentes. Todas dariam conta dos fatos até onde os conhecemos; qual é a correta, porém, só poderá ser determinado pela nova informação que sem dúvida estará à nossa espera. Bem, ali está a torre da catedral, logo saberemos tudo que Miss Hunter tem a contar."

O Black Swan era uma hospedaria de bom nome na High Street, a pouca distância da estação, e lá encontramos a moça à nossa espera. Alugara uma sala e nosso almoço nos esperava sobre a mesa.

"Estou tão feliz que tenham vindo", disse com sinceridade. "Foi muita

gentileza de ambos; mas realmente não sei o que fazer. O conselho dos senhores será absolutamente inestimável para mim.”

“Por favor, conte-nos o que lhe aconteceu.”

“Vou contar, e devo ser rápida, porque prometi a Mr. Rucastle estar de volta antes das três. Ele me deu licença para vir à cidade esta manhã, embora nem imagine para que fim.”

“Relate-nos tudo na devida ordem.” Holmes esticou as pernas magras e compridas na direção do fogo e preparou-se para ouvir.

“Em primeiro lugar, devo dizer que, em geral, não fui maltratada por Mr. e Mrs. Rucastle. É meu dever de justiça para com eles dizer isto. Mas não consigo entendê-los e não estou tranquila a respeito deles.”

“Não consegue entender o quê?”

“As razões de suas condutas. Mas vou lhes contar tudo exatamente como aconteceu. Quando vim, Mr. Rucastle veio me buscar aqui e levou-me em seu *dog-cart* para As Faias Acobreadas. A casa, como ele disse, fica situada numa bonita região, mas ela mesma não é bonita, consistindo em um grande bloco quadrado; é caiada, mas toda manchada e raiada pela umidade e o mau tempo. Há terrenos em volta dela, bosques de três lados, mas no quarto há um campo em declive que vai até a estrada de Southampton, cujas curvas passam a cerca de cem metros da porta da frente. Esse terreno da frente pertence à casa, mas os bosques que a cercam são parte das reservas de Lord Southerton. Um arvoredo de faias acobreadas bem em frente à porta do vestíbulo deu nome ao lugar.

“Fui conduzida por meu patrão, que estava amável como sempre, e naquela noite ele me apresentou à sua mulher e à criança. A conjectura que nos pareceu provável em seu apartamento de Baker Street nada tem de verdade, Mr. Holmes. Mrs. Rucastle não é louca. O que encontrei foi uma mulher silenciosa, pálida, muito mais jovem que o marido; não lhe daria mais de trinta anos, ao passo que ele dificilmente poderia ter menos que quarenta e cinco. Da conversa deles, entendi que estão casados há cerca de sete anos, que ele era viúvo e só teve com a primeira mulher a filha que foi para Filadélfia. Mr. Rucastle disse-me privadamente que o motivo que a levou a partir foi a aversão irracional que sentia pela madrasta. Como a filha não podia ter menos de vinte anos, imagino perfeitamente que devesse se sentir pouco confortável em relação à jovem mulher de seu pai.

“Mrs. Rucastle pareceu-me sem graça tanto mental quanto fisicamente.

Não me impressionou nem bem nem mal. É um zero à esquerda. Pode-se ver facilmente que é devotada de corpo e alma tanto ao marido quanto ao filhinho. Seus olhos cinza-claros passavam continuamente de um para o outro, observando cada pequena necessidade e satisfazendo-a se possível. Ele também é bondoso com ela à sua maneira brusca e exuberante, e parecem em geral ser um casal feliz. Apesar disso, ela tem alguma dor secreta, essa mulher. Muitas vezes parece profundamente mergulhada em pensamentos, com a mais triste expressão no rosto. Mais de uma vez eu a surpreendi em lágrimas. Cheguei a pensar que era a índole do filho que a afligia, pois nunca vi uma criaturinha tão estragada com mimos e tão geniosa. Ele é pequeno para sua idade, com uma cabeça desproporcionalmente grande. Parece passar toda a sua vida numa alternância de ataques furiosos de mau gênio e intervalos sombrios de melancolia. Provocar dor em qualquer criatura mais fraca que ele parece ser sua única ideia de diversão, mostrando notável talento em planejar a captura de camundongos, passarinhos e insetos. Mas eu preferiria não falar sobre o menino, Mr. Holmes, e na verdade ele pouco tem a ver com a minha história."

"Aprecio todos os detalhes", lembrou meu amigo, "quer lhe pareçam ou não relevantes."

"Tentarei não omitir nada de importante. A única coisa desagradável na casa, que me chamou a atenção, é a aparência e o comportamento dos criados. São dois, um homem e sua mulher. Toller, como ele se chama, é um homem grosseiro, abrutalhado, com cabelos e suíças grisalhos e um perpétuo cheiro de bebida. Desde que estou com eles, ficou inteiramente bêbado duas vezes, sem que Mr. Rucastle parecesse notar. Sua esposa é uma mulher muito alta e forte, com uma cara rabugenta, tão silenciosa quanto Mrs. Rucastle e muito menos amistosa. Formam um casal extremamente desagradável, mas felizmente passo a maior parte do meu tempo no quarto da criança e no meu, que ficam próximos um do outro num canto da casa.

"Depois que cheguei a Faias Acobreadas, levei durante dois dias uma vida muito sossegada; no terceiro, Mrs. Rucastle desceu quase na hora do desjejum e sussurrou alguma coisa no ouvido do marido.

"'Ah sim', disse ele, virando-se para mim; "nós lhe estamos muito agradecidos, Miss Hunter, por atender a nossos caprichos a ponto de cortar seu cabelo. Asseguro-lhe que isso não prejudicou em absolutamente nada sua aparência. Vejamos agora como o vestido azul-elétrico lhe assenta. A

senhorita o encontrará estendido sobre a cama do seu quarto; se puder fazer a gentileza de vesti-lo nós dois lhe ficaríamos extremamente gratos.’

“Encontrei à minha espera um vestido de um tom peculiar de azul. Era feito de um tecido excelente, uma espécie de beige, mas apresentava sinais inequívocos de já ter sido usado antes. Se tivesse sido feito para mim sob medida, não me teria servido melhor. Mr. e Mrs. Rucastle mostraram-se ambos encantados ao vê-lo, com demonstrações cuja veemência pareceu-me bastante exagerada. Estavam à minha espera na sala de estar, que é muito grande, estendendo-se por toda a frente da casa, com três amplas janelas que descem até o assoalho. Uma cadeira fora posta perto da janela central, de costas para ela. Pediram-me que me sentasse nela, e em seguida Mr. Rucastle, andando para cá e para lá no outro lado da sala, começou a me contar uma série das histórias mais engraçadas que já ouvi. Não pode imaginar como ele era cômico, e eu ri até ficar exausta. Mrs. Rucastle, no entanto, que evidentemente não tem nenhum senso de humor, sequer esboçou um sorriso; ficou lá sentada com as mãos no colo e uma expressão triste e ansiosa no rosto. Depois de cerca de uma hora, Mr. Rucastle observou de repente que estava na hora de retomar os serviços do dia; disse que eu podia trocar o vestido e voltar para o quarto do pequeno Edward.

“Dois dias depois a mesma cena se repetiu em circunstâncias exatamente iguais. De novo troquei de vestido, de novo sentei-me junto à janela, e de novo ri às gargalhadas das histórias engraçadas de que meu patrão tinha um imenso *repertoire* e sabia contar como ninguém. Depois ele me deu um romance de capa amarela e, empurrando minha cadeira um pouco para o lado para que minha própria sombra não caísse sobre a página, pediu-me que lesse em voz alta para ele. Li durante cerca de dez minutos, começando no meio de um capítulo; depois, subitamente, no meio de uma frase, ele me ordenou que parasse e fosse trocar o vestido.

“Pode imaginar facilmente, Mr. Holmes, como fui ficando curiosa quanto ao sentido daquela encenação extraordinária. Eles tinham sempre muito cuidado, eu observei, em desviar meu rosto da janela, de tal modo que passei a arder de desejo de ver o que se passava às minhas costas. De início pareceu impossível, mas logo descobri uma maneira. Meu espelho de mão se quebrara, e isso me deu a feliz ideia de esconder um fragmento dele em meu lenço. Na ocasião seguinte, no meio de minhas gargalhadas, levei o lenço aos olhos e com um pouco de jeito consegui ver tudo que havia atrás de mim. Confesso que fiquei desapontada. Não havia nada. Pelo menos essa foi minha

primeira impressão. Ao olhar pela segunda vez, porém, percebi que havia um homem postado em Southampton Road, um homenzinho barbado metido num terno cinza, que parecia estar olhando na minha direção. A estrada é uma via importante, e costuma haver pessoas ali. Esse homem, no entanto, estava apoiado na cerca que contornava nosso terreno, olhando fixamente para cima. Baixei o lenço e, ao lançar os olhos sobre Mrs. Rucastle, vi que me observava muito atentamente. Ela não disse nada, mas estou convencida de que adivinhou que eu tinha um espelho na mão e vira o que havia atrás de mim. Levantou-se imediatamente.

"'Jephro', disse, 'há um sujeito atrevido na estrada, olhando para Miss Hunter.'

"'Não seria um amigo seu, Miss Hunter?' perguntou ele.

"'Não, não conheço ninguém por aqui.'

"'Vejam só que impertinência! Por favor, vire-se e faça-lhe um sinal para ir embora.'

"'Não seria melhor ignorá-lo?'

"'Não, não, nós o teríamos flanando por aqui a toda hora. Por gentileza, vire-se e faça-lhe um aceno com a mão, assim.'

"'Fiz o que ele mandava e, no mesmo instante, Mrs. Rucastle baixou a veneziana. Isso foi há uma semana, e desde então não me sentei mais à janela, não usei o vestido azul nem vi o homem na estrada."

"Por favor, continue", disse Holmes. "Sua narrativa promete ser muito interessante."

"Receio que ela lhe pareça muito desconexa, e talvez haja pouca ligação entre os diferentes incidentes de que falo. Logo no primeiro dia que passei nas Faias Acobreadas, Mr. Rucastle me levou a um pequeno barracão, próximo da porta da cozinha. Ao nos aproximarmos, ouvi o ruído de uma corrente e um som que parecia ser o de um animal grande se movendo.

"'Espie aqui!' disse Mr. Rucastle mostrando-me uma fenda entre duas tábuas. 'Ele não é uma beleza?'

"Olhei e percebi dois olhos esbraseados e uma figura vaga encolhida na escuridão.

"'Não se assuste', disse meu patrão, rindo do meu sobressalto. 'É só Carlo, meu mastim. Digo que é meu, mas na verdade o velho Toller, meu cavalariço, é a única pessoa capaz de lidar com ele. Nós o alimentamos uma

vez por dia, e só um pouco, de modo que está sempre faminto. Toller o solta toda noite, e coitado daquele em que fincar seus caninos. Pelo amor de Deus, nunca, sob nenhum pretexto, ponha o pé fora da porta à noite, ou sua vida estará liquidada.'

"O aviso não foi inútil, porque duas noites depois olhei por acaso pela janela de meu quarto por volta das duas horas da madrugada. Era uma bonita noite de lua, e o gramado em frente à casa estava prateado e quase tão claro como de dia. Eu estava de pé, enlevada pela plácida beleza da cena, quando percebi que alguma coisa se mexia sob a sombra das faias. Quando aquilo emergiu na luz, vi o que era. Um cão gigantesco, do tamanho de um bezerro, de um amarelo-acastanhado, de queixada pendente, focinho preto e enormes ossos salientes. Andou devagar pelo gramado e desapareceu na sombra do outro lado. Aquela medonha sentinela gelou-me o sangue nas veias como penso que nenhum ladrão teria feito.

"Agora, tenho uma experiência muito estranha para lhes contar. Como sabem, eu havia cortado o meu cabelo em Londres; depois, guardara-o num grande cacho no fundo de meu baú. Uma noite, depois que a criança estava na cama, comecei a me divertir examinando a mobília de meu quarto e arrumando meus poucos pertences. Havia no quarto uma velha cômoda com duas gavetas vazias e abertas e uma terceira trancada. Eu enchera as duas primeiras com minha roupa branca e, como ainda tinha muita coisa para guardar, fiquei naturalmente aborrecida por não poder usar a terceira gaveta. Ocorreu-me então que ela poderia ter sido fechada por mero descuido; assim, peguei minha penca de chaves e tentei abri-la. Logo a primeira chave serviu perfeitamente e abri a gaveta. Havia uma única coisa nela, mas tenho certeza de que os senhores jamais adivinhariam o que era. Era meu cacho de cabelo.

"Peguei-o e examinei-o. Era da mesma cor peculiar e da mesma espessura que o meu. Mas então a impossibilidade daquilo se impôs a mim. Como podia meu cabelo ter sido trancado naquela gaveta? Com mãos trêmulas, desfiz meu baú, tirei tudo que estava nele e puxei do fundo meu próprio cabelo. Pus as duas tranças lado a lado, e asseguro-lhes que eram idênticas. Não era extraordinário? Fiquei perplexa e inteiramente incapaz de imaginar o que tudo aquilo podia significar. Pus o estranho cabelo de volta na gaveta e não disse uma palavra sobre o assunto aos Rucastle, pois me pareceu que cometera um erro ao abrir uma gaveta que eles haviam trancado.

"Sou naturalmente observadora, como talvez tenha notado, Mr. Holmes,

e logo tinha uma planta bastante boa da casa toda em minha cabeça. Havia uma ala, contudo, que parecia não ser habitada em absoluto. Uma porta fronteira àquela que levava aos aposentos dos Toller dava para esses cômodos, mas estava invariavelmente fechada. Um dia, porém, quando eu descia a escada, dei com Mr. Rucastle saindo por essa porta; tinha suas chaves na mão e, no rosto, uma expressão que o tornava muito diferente do gorducho bonachão a que eu estava acostumada. Suas bochechas estavam vermelhas, a testa vincada e as veias das têmporas saltadas de raiva. Trancou a porta e passou por mim às pressas sem uma palavra ou olhar.

"Isso despertou minha curiosidade. Assim, quando saí para um passeio no terreno da casa com a criança, caminhei até o lado de onde se podiam ver as janelas dessa parte da casa. Elas eram quatro, numa fileira; três estavam simplesmente sujas mas a quarta estava bloqueada. Evidentemente estavam todas fora de uso. Enquanto eu passeava para cá e para lá, olhando vez por outra para elas, Mr. Rucastle saiu à minha procura, parecendo tão alegre e jovial como sempre.

"'Ah!' disse ele, 'não me julgue rude se passei pela senhorita sem uma palavra, minha cara jovem. Estava preocupado com assuntos de negócios.'

"Assegurei-lhe que não estava ofendida. 'Por sinal', disse eu, 'o senhor parece ter toda uma sequência de cômodos vagos ali, e um deles está vedado com tábuas.'

"Ele ficou surpreso e, pareceu-me, um pouco assustado com minha observação.

"'A fotografia é um dos meus hobbies', respondeu. 'Fiz minha câmara escura ali em cima. Mas valha-me Deus! Que mocinha mais observadora esta! Quem teria acreditado? Quem jamais teria acreditado?' Falava em tom brincalhão, mas não havia brincadeira em seus olhos quando me fitou. Li neles desconfiança e irritação, não brincadeira.

"Bem, Mr. Holmes, a partir do momento em que compreendi que havia alguma coisa ligada àquela série de cômodos que eu não devia saber, ardi de desejo de ir lá. Não era mera curiosidade, embora eu tenha minha cota dela. Era mais um sentimento de dever — um sentimento de que, se eu fosse àquele lugar, algum bem poderia advir disso. Falam de instinto feminino; talvez fosse o instinto feminino que me inspirasse esse sentimento. Seja como for, eu estava tomada por ele e espreitando avidamente qualquer possibilidade de transpor a porta proibida.

“Foi só ontem que a chance chegou. Posso lhe dizer que, além de Mr. Rucastle, tanto Toller quanto sua mulher acham alguma coisa para fazer naqueles cômodos abandonados, e uma vez eu o vi passar pela porta carregando um grande saco de pano preto. Ultimamente ele vinha bebendo muito; ontem à noite estava bastante embriagado e, quando vim ao segundo andar, vi a chave na porta. Não tive nenhuma dúvida de que ele a deixara ali. Como Mr. e Mrs. Rucastle encontravam-se ambos no térreo e a criança estava com eles, eu tinha uma oportunidade admirável. Girei a chave suavemente na fechadura, abri a porta e entrei sorrateiramente.

“Havia um pequeno corredor diante de mim, sem papel nas paredes nem tapete, que virava em ângulo reto na outra extremidade. Viam-se então três portas uma depois da outra, a primeira e a terceira das quais estavam abertas. Ambas davam para dois quartos vazios, empoeirados e sombrios, com duas janelas em um e uma no outro, tão empoeiradas que a luz da tarde mal as penetrava. A porta do meio estava fechada, e do lado de fora dela estava pregada uma das barras largas de uma cama de metal. Uma das pontas da barra estava presa com um cadeado a um anel na parede e a outra amarrada com uma corda resistente. A porta propriamente dita estava trancada também, e a chave não estava lá. A porta protegida com essa barricada correspondia à janela vedada pelo lado de fora, mas eu podia ver pela fresta iluminada sob ela que o quarto não estava na escuridão. Evidentemente havia uma claraboia que deixava a luz entrar de cima. Quando eu estava naquele corredor, contemplando aquela porta sinistra e perguntando a mim mesma que segredo ela poderia guardar, ouvi de repente um som de passos dentro do quarto e vi uma sombra passar para trás e para frente contra a pequena e pálida fresta de luz que brilhava debaixo da porta. Um terror louco, irracional, tomou conta de mim ao ver aquilo, Mr. Holmes. Meus nervos já muito tensos falharam-me de repente e eu me virei e corri… corri como se houvesse uma mão horrível atrás de mim, agarrando a barra de meu vestido. Corri pelo corredor, passei pela porta e caí direto nos braços de Mr. Rucastle, que esperava lá fora.

“‘Então era a senhorita’, disse ele sorrindo. ‘Pensei que devia ser, quando vi a porta aberta.’

“‘Oh, estou tão assustada!’ disse eu, arfando.

“‘Minha cara jovem! Minha cara jovem!’ — o senhor não imagina como suas maneiras eram doces e tranquilizadoras. ‘E o que foi que a assustou, minha cara jovem?’



“‘Oh, estou tão assustada!’ disse eu, arfando.”
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

“Mas a voz dele parecia um pouco melíflua demais. Ele exagerou. Senti que devia me defender com todas as forças.

“‘Cometi a tolice de entrar na ala vazia’, respondi. “Mas é tudo tão deserto e lúgubre a essa luz pálida que fiquei assustada e corri para fora. Oh, é tão aflitivamente quieto lá!’

“‘É só isso?’ perguntou ele, olhando-me intensamente.

“‘Ora, por que pergunta?’ perguntei.

“‘Por que acha que tranco esta porta?’

“‘Realmente não sei, senhor.’

“‘Para manter do lado de fora quem nada tem para fazer lá dentro. Entende?’ Continuava sorrindo da maneira mais amável.

“‘Certamente, se eu soubesse…’

“‘Pois bem, agora sabe. E se algum dia puser seu pé do outro lado desta soleira…’ Nessa altura, por um instante, o sorriso se endureceu num esgar de raiva e ele me fitou com o semblante de um demônio… ‘Eu a jogo para o mastim.’

“Fiquei tão aterrada que não sei o que fiz. Suponho que saí correndo para o meu quarto. Não me lembro de nada até que me vi deitada em minha cama, tremendo toda. Então pensei no senhor, Mr. Holmes. Não poderia

continuar vivendo lá sem alguma orientação. Estava com medo da casa, do homem, da mulher, dos criados, até da criança. Todos me pareciam horríveis. Se o senhor pudesse vir, tudo ficaria bem. É claro que eu podia ter fugido da casa, mas minha curiosidade era quase tão forte quanto meus temores. Não demorei a tomar uma decisão. Iria lhe mandar um telegrama. Pus minha capa e meu chapéu, fui até a agência, que fica a uns oitocentos metros de casa e voltei, sentido-me muito mais tranquila. Quando me aproximei da porta, fui assaltada por uma horrível dúvida: estaria o cão solto? Mas lembrei-me de que Toller bebera até perder os sentidos aquela noite, e sabia que ele era o único na casa com alguma influência sobre a selvagem criatura, ou que se arriscaria a soltá-la. Entrei furtivamente e passei metade da noite acordada em minha alegria por saber que o veria. Não tive dificuldade em obter permissão para vir a Winchester esta manhã, mas preciso estar de volta antes das três; Mr. e Mrs. Rucastle estarão fora esta noite, fazendo uma visita, de modo que tenho de tomar conta da criança. Já lhe contei todas as minhas aventuras, Mr. Holmes, e ficaria muito feliz se pudesse me dizer o que significa tudo isso e, sobretudo, o que devo fazer."

Holmes e eu ouvíramos encantados essa história extraordinária. Nesse momento meu amigo levantou-se e começou a andar pela sala, as mãos nos bolsos e uma expressão da mais profunda gravidade no rosto.

"Toller ainda está bêbado?" perguntou.

"Está. Ouvi a mulher dele dizer a Mrs. Rucastle que não consegue acordá-lo."

"Isso é bom. E os Rucastle vão sair esta noite?"

"Vão."

"Há um porão lá com uma fechadura forte?"

"Há, a adega."

"Parece-me que se comportou em todo este assunto como uma moça corajosa e sensata, Miss Hunter. Acha que poderia fazer mais uma proeza? Não lhe pediria isso se não a julgasse uma mulher verdadeiramente excepcional."

"Tentarei. Do que se trata?"

"Estaremos nas Faias Acobreadas às sete horas, meu amigo e eu. Os Rucastle terão saído nessa altura e Toller ainda estará, esperemos, incapaz. Restará apenas Mrs. Toller, que poderia dar o alarme. Se a senhorita pudesse

mandá-la fazer alguma coisa na adega e depois trancá-la lá, facilitaria imensamente as coisas.”

“Farei isso.”

“Excelente! Em seguida examinaremos todo esse caso. É claro que só há uma explicação possível. A senhorita foi levada para lá para personificar alguém, e a verdadeira pessoa está presa naquele quarto. Isso é óbvio. Quanto a quem é o prisioneiro, não tenho a menor dúvida de que é a filha, Miss Alice Rucastle, se me lembro bem, que, segundo consta, estaria na América. A senhorita foi escolhida certamente por se parecer com ela na altura, no talhe e na cor do cabelo. O dela foi cortado, muito possivelmente durante alguma doença que a afetou, e por isso, é claro, o seu deveria ser sacrificado também. Por um curioso acaso a senhorita topou com as tranças dela. O homem na estrada era sem dúvida algum amigo dela… possivelmente o noivo dela… e sem dúvida, como a senhorita usava o vestido da moça, e era tão parecida com ela, ele se convenceu por suas risadas, e mais tarde por seu gesto, que Miss Rucastle estava perfeitamente feliz e não mais desejava suas atenções. O cão é solto à noite para evitar que ele tente se comunicar com ela. Até aí tudo é muito claro. O problema mais sério no caso é a índole da criança.”

“Que diabos isso tem a ver com o resto?” exclamei.

“Meu caro Watson, você, como médico que é, está sempre compreendendo as tendências de uma criança através do estudo dos pais. Não vê que o contrário é igualmente válido? Muitas vezes consegui pela primeira vez compreender realmente alguma coisa do caráter dos pais estudando seus filhos. A índole dessa criança é anormalmente cruel, de uma crueldade gratuita, e quer derive isso de seu sorridente pai ou, como eu suspeitaria, de sua mãe, trata-se de um mau presságio no que toca à situação da pobre moça que está em poder deles.”

“Tenho certeza de que tem razão, Mr. Holmes”, exclamou nossa cliente. “Começo a me lembrar de mil coisas que me dão a certeza de que o senhor acertou em cheio. Oh, não podemos perder um instante, temos de socorrer já aquela pobre criatura.”

“Precisamos ser prudentes, porque estamos lidando com um homem muito ardiloso. Não podemos fazer nada antes das sete horas. Nessa hora estaremos com a senhorita, e não demoraremos muito a desvendar o mistério.”

Cumprimos nossa palavra e exatamente às sete horas chegamos às Faias

Acobreadas, tendo deixado nossa charrete num pub à beira da estrada. O grupo de árvores, com suas folhas escuras brilhando como metal polido à luz do sol poente, teria sido suficiente para assinalar a casa, mesmo que Miss Hunter não estivesse na porta, sorrindo.

“Conseguiu?” perguntou Holmes.

Um barulho alto de pancadas vinha de algum lugar no porão. “É Mrs. Toller na adega”, disse ela. “O marido está roncando, deitado no tapetinho da cozinha. Aqui estão as chaves dele, que são duplicatas das de Mr. Rucastle.”

“Realmente a senhorita fez um bom trabalho!” exclamou Holmes com entusiasmo. “Agora, mostre-nos o caminho, logo tiraremos a limpo todo este lúgubre negócio.”

Subimos a escada, destrancamos a porta, seguimos por um corredor e vimo-nos em frente à barricada que Miss Hunter descrevera. Holmes cortou a corda e removeu a barra atravessada. Depois tentou várias chaves na fechadura, mas sem sucesso. Nenhum som vinha de dentro, e o semblante de Holmes anuviou-se diante desse silêncio.

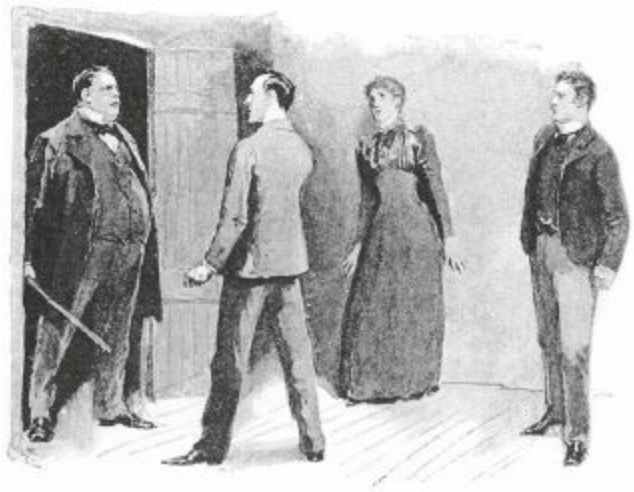
“Espero que não tenhamos vindo tarde demais”, disse. “Penso, Miss Hunter, que seria melhor entrarmos sem a senhorita. Agora, Watson, experimente forçá-la com os ombros, e vejamos se conseguimos entrar.”

A porta, velha e frágil, cedeu imediatamente à nossa força combinada. Entramos juntos no quarto. Estava vazio. Não havia nenhum móvel, exceto uma pequena enxerga, uma mesinha e uma cesta de roupa branca. A claraboia estava aberta e o prisioneiro se fora.

“Houve alguma ardileza aqui”, disse Holmes; “o patife adivinhou as intenções de Miss Hunter e levou a vítima embora.”

“Mas como?”

“Pela claraboia. Logo veremos como conseguiu.” Pendurou-se nas bordas da claraboia e subiu no telhado. “Ah, sim”, gritou. “Aqui está a extremidade de uma comprida escada, apoiada no beiral. Foi assim que a levou.”



"Patife! Onde está sua filha?"
[Sidney Paget, *Strand Magazine*, 1892]

"Mas é impossível", disse Miss Hunter, "essa escada não estava aí quando os Rucastle foram embora."

"Ele voltou e fez isso. Não lhe disse que é um homem esperto e perigoso? Não ficaria muito surpreso se fossem dele os passos que estou ouvindo na escada. Creio, Watson, que seria melhor você engatilhar a sua pistola."

Mal ele dissera isto, um homem apareceu à porta do quarto, um homem muito gordo e troncudo, empunhando um pesado cacete. Ao vê-lo, Miss Hunter deu um grito e encolheu-se contra a parede, mas Sherlock Holmes deu um salto à frente e enfrentou-o.

"Patife! Onde está sua filha?"

O homem gordo olhou em volta e depois para cima, na direção da claraboia aberta.

"Sou eu que devo lhe fazer essa pergunta", gritou, "ladrões! Espiões e ladrões! Peguei-os, não foi? Vocês estão em meu poder, vou cuidar de vocês!" Virou-se e desceu a escada com estardalhaço, tão depressa quanto pôde.

"Foi pegar o cão!" exclamou Miss Hunter.

"Tenho meu revólver", disse eu.

"É melhor fechar a porta da frente", exclamou Holmes, e apressamo-nos todos em descer a escada. Mal havíamos chegado no vestíbulo quando

ouvimos o latido de um cão de caça e em seguida um grito de agonia e um ruído horrível e aflitivo de dentes rasgando. Um homem idoso com a cara vermelha e membros trêmulos apareceu cambaleando numa porta lateral.

"Meu Deus!" gritou. "Alguém soltou o cão. Ele não come há dois dias. Rápido, rápido, ou será tarde demais!"

Holmes e eu saímos correndo e dobramos o canto da casa, com Toller seguindo-nos o mais depressa que podia. Lá estava a besta-fera esfaimada, o focinho preto enterrado no pescoço de Rucastle, que se retorcia e berrava no chão. Avançando rapidamente, estourei os miolos do cão e ele caiu, com seus dentes brancos afiados ainda cerrados nas grandes pregas do pescoço da vítima. Com muito trabalho, separamos os dois e carregamos o homem, vivo mas horrivelmente lacerado, para dentro de casa. Depois de deitá-lo no sofá da sala e de despachar o agora sóbrio Toller para dar a notícia a Mrs. Toller, fiz o que podia para aliviar-lhe as dores. Estávamos todos reunidos à volta dele quando a porta se abriu e uma mulher alta e macilenta entrou na sala.

"Mrs. Toller!" exclamou Miss Hunter.

"Sim, Miss Hunter. Mr. Rucastle soltou-me ao chegar, antes de subir para encontrar os senhores. Ah, senhorita, é uma pena que não me tenha contado o que estava planejando, porque eu lhe teria dito que seus esforços eram inúteis."

"Ah!" disse Holmes, olhando-a intensamente. "Está claro que Mrs. Toller sabe mais sobre o assunto que qualquer outra pessoa."

"É verdade, senhor, e estou pronta para lhes contar tudo que sei."

"Então, por favor, sente-se e fale, porque há vários pontos que confesso ainda não estar entendendo."

"Logo lhe explicarei tudo", disse ela; "teria feito isso antes, se tivesse conseguido escapar da adega. Se houver inquérito policial sobre isto, não se esqueçam de que fui eu que fiquei do seu lado, e era amiga de Miss Alice também.

"Ela nunca foi feliz nesta casa, a menina, desde o dia em que o pai casou de novo. Deixaram ela de lado, não ouviam ela para nada. Mas foi depois que Miss Alice conheceu Mr. Fowler na casa de uma amiga que as coisas ficaram realmente ruins para ela. Pelo que ouvi falar, ela tinha seus direitos por herança, mas era tão calma e paciente que nunca abriu a boca para reclamar, deixava tudo nas mãos de Mr. Rucastle. Ele sabia que não ia ter problemas com ela; mas quando surgiu uma oportunidade de aparecer um marido, que ia

exigir tudo que a lei pudesse dar pra ele, o pai achou que estava na hora de pôr um paradeiro naquilo. Quis que ela assinasse um papel; assim, casada ou não, ele ia poder usar o dinheiro dela. Quando ela se recusou, ele ficou atormentando-a até ela pegar febre cerebral, e passou seis semanas à beira da morte. Depois ela finalmente ficou boa, se bem que mais parecendo um esqueleto e com seu lindo cabelo cortado. Mas isso não mudou nada para o moço, ele permaneceu fiel como um homem de verdade."

"Ah", disse Holmes, "penso que isto que teve a bondade de nos contar esclarece bastante a questão, e que posso deduzir o resto. Mr. Rucastle recorreu então, presumo, a esse sistema de encarceramento?"

"Sim, senhor."

"E trouxe Miss Hunter de Londres para se livrar da desagradável persistência de Mr. Fowler."

"Foi isso mesmo, senhor."

"Mas Mr. Fowler, sendo um homem perseverante, como compete a um bom marinheiro, cercou a casa, e, encontrando a senhora, conseguiu, com certos argumentos, metálicos ou não, convencê-la de que os interesses dele e os seus eram os mesmos."

"Mr. Fowler era um homem muito amável, muito generoso", disse Mrs. Toller, sem se deixar perturbar.

"E dessa maneira ele conseguiu assegurar que não faltasse bebida a seu bom homem, e que uma escada estivesse sempre pronta para ele assim que seu patrão saía."

"Foi isso mesmo, senhor."

"Não há dúvida de que lhe devemos um pedido de desculpas, Mrs. Toller", disse Holmes, "porque a senhora certamente elucidou tudo que nos intrigava. Tenho a impressão de que aí vêm o médico rural e Mrs. Rucastle; assim, Watson, penso que o melhor a fazer é levar Miss Hunter de volta a Winchester, porque me parece que nosso *locus standi* agora é bastante questionável.

E assim foi decifrado o mistério da casa sinistra com faias acobreadas à porta. Mr. Rucastle sobreviveu, mas foi sempre um homem alquebrado, que só se mantinha vivo graças aos cuidados de sua devotada mulher. Vivem até hoje com seus velhos criados, que provavelmente sabem tanto sobre a vida pregressa de Rucastle que este tem dificuldade em se separar deles. Mr.

Fowler e Miss Rucastle casaram-se em Southampton no dia seguinte à sua fuga, com uma licença especial, e agora ele ocupa um cargo governamental nas ilhas Maurício. Quanto a Miss Hunter, meu amigo Holmes, para minha grande decepção, não manifestou mais nenhum interesse por ela a partir do instante em que deixou de ser o centro de um de seus problemas; atualmente ela é diretora de uma escola privada em Walsall, onde creio que alcançou considerável sucesso.

Fonte

Todos os contos foram traduzidos a partir das versões definitivas publicadas mensalmente entre julho de 1891 e junho de 1892 na *Strand Magazine*, periódico britânico que levou os casos e a figura de Sherlock Holmes ao conhecimento do grande público.

Sobre o autor

Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930) foi médico e escritor. Sua obra contempla gêneros tão diversos quanto ficção científica, romances históricos, poesia e não ficção, mas seu maior renome se deve sem dúvida às histórias do detetive Sherlock Holmes, que incluem contos e romances.

Copyright desta edição © 2012:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99, 1º andar | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br |www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Tamara Sender, Clara Diament
Capa: Rafael Nobre
Imagem da capa: © Andrew Ward/Life File/Getty Images

Edição digital: Setembro 2011

ISBN: 978-85-378-0783-5

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**